

O CULTO DAS Bruxas NA EUROPA OCIDENTAL

Um marco no ressurgimento da bruxaria foi o lançamento da tese da dra. Margaret Murray: *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*. A Madras Editora tem a satisfação de trazer em primeira mão para o público de língua portuguesa este livro de vital importância ao estudioso de esoterismo, ocultismo, bruxaria e wicca.

Todo o movimento pagão, wicca e da bruxaria na atualidade é advindo, em grande parte, deste livro. Em *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* a autora relata a sobrevivência de um culto marginal vulgarmente conhecido como bruxaria. Este culto teve uma existência paralela aos cultos greco-romanos e mesmo ao cristianismo, as religiões do Estado.

Murray foi uma importante egiptóloga, e usa a sua experiência para desvendar o passado mítico dos cultos da fertilidade e do paganismo, que tiveram sua apoteose no Sabbath barroco.

A autora se vale dos arquivos do Santo Ofício, a Inquisição, e dos Autos de Fé, bem como de registros oficiais sobre os julgamentos das bruxas e da sobrevivência de lendas e sincretismos relativos ao culto da bruxaria. Todas as palavras que sejam ditas a respeito deste livro nunca farão jus à sua real importância na revitalização da bruxaria, que hoje em dia tem o *status* de religião. Seus adeptos não precisam mais temer o fogo nem o ódio de pessoas como Tomás de Torquemada.

Um livro de leitura imprescindível para todo bruxo, wicca e pagão. Nos dias de hoje esta obra é rara, mesmo em língua inglesa.

Temos a convicção de estarmos editando uma obra ímpar, magnífica e que, sem sombra de dúvida, enriquecerá seus conhecimentos.



Margaret Alice Murray

O CULTO DAS BRUXAS NA EUROPA OCIDENTAL

O CULTO DAS Bruxas NA EUROPA OCIDENTAL



Margaret Murray

Margaret Alice Murray nasceu em 1863. Literata e especialista britânica em hieróglifos egípcios, tornou-se arqueóloga indiretamente, pois na sua época era difícil para uma mulher obter um mestrado em arqueologia. Ela obteve, em vez disso, uma graduação em lingüística. A Lingüística conduziu-a a estudos dos hieróglifos egípcios e da egiptologia.

O sr. Flinders Petrie, da Universidade de Londres (*University College of London*), permitiu a Margaret Murray unir-se a eles em escavações em Abydos, no Egito, no final de 1890. Graças ao seu trabalho, ela tornou-se apta a juntar-se à equipe da Universidade, a qual lhe permitiu posteriormente palestrar por todo o país.

Ela também foi uma ardente feminista. Em 1921, publicou *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental (The Witch-Cult in Western Europe)*, no qual protestou que a



Margaret Murray

O CULTO DAS BRUXAS NA EUROPA OCIDENTAL

Tradução:

Getúlio Elias Schanoski Júnior



MADRAS

Traduzido originalmente do inglês sob o título
The Witch-Cult in Western Europe
© 2003, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Ilustração da Capa:
Tela de Francisco Goya

Tradução:
Getúlio Elias Schanoski Júnior

Revisão:
Evany Leal de Castro
Miriam Rachel A. R. Terayana
Gerson Cotrim

Tiragem:
3 mil exemplares

ISBN 85-7374-636-X

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.
Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana
02403-020 – São Paulo – SP
Caixa Postal 12299 – CEP 02013-970 – SP
Tel.: (0__11) 6959.1127 – Fax: (0__11) 6959.3090
www.madras.com.br



Índice

Introdução da Edição Brasileira	9
Prefácio	13
Introdução	15
I. Continuidade da Religião	23
II. O Deus	31
1. Como Deus	31
2. Como um Ser Humano	34
a. Homem	34
b. Mulher	43
3. Identificação	46
4. Como um Animal	56
III. Cerimônias de Admissão	65
1. Geral	65
2. A Apresentação	70
3. A Renúncia e os Juramentos	70
4. O Pacto	72
5. O Batismo	75
6. A Marca	77
IV. As Assembléias	87
1. O Sabbath	87
2. O Esbat	99
V. Os Ritos	109
1. Geral	109
2. Homenagem	111
3. As Danças	114
4. A Música	119
5. A Festa	121
6. Velas	126
7. O Sacramento	129
8. Sacrifícios	132

9. As Palavras Mágicas	141
VI. Rituais de Fertilidade e Invocação de Chuva	147
1. Geral	147
2. A Invocação de Chuva	149
3. Fertilidade	151
VII. A Organização	161
1. O Oficial	161
2. Os Covens	165
3. Tarefas	168
4. Disciplina	170
VIII. Os Familiares e as Transformações	177
1. O Familiar da Revelação	177
2. O Familiar Doméstico	180
3. Métodos para se Conseguir Familiares	191
4. As Transformações em Animais	198
Apêndice I	
Fadas e Bruxas	205
Apêndice II	
O Julgamento de Silvain Nevillon e Gentien Le Clerc em Orleans, 1614-15	215
Apêndice III	
A. Os Nomes das Bruxas em seus Covens	219
1. 1440. Machecoul	219
2. 1582. Essex. St. Osyth	219
3. 1590. Bervick do Norte	220
4. 1597. Aberdeen	221
5. 1613. Lancashire	222
6. 1617. Guernsey	223
7. 1644. Queensferry	223
8. 1649. Herts. St. Albans	223
9. 1658. Alloa	224
10. 1661. Forfar	224
11. 1662. Auldearne	225
12. 1662. Kinross-shire. Crook of Devon	226
13. 1662. Heartford, Conn	226
14. 1662. Bute	226
15. 1664. Somerset	227
16. 1673. Northumberland	228
17. 1697. Renfrewshire. Bargarran	229

B. Os Nomes das Bruxas	229
Apêndice IV	
Joana d'Arc e Gilles de Rais	247
1. Joana d'Arc	248
2. Gilles de Rais	252
Adendo	255
Bibliografia	257

Nota do Editor

A presente tradução do livro *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* manteve-se fiel ao original em inglês. Este, por sua vez, tem em seu corpo inúmeras citações dos julgamentos das bruxas, que foram mantidas em seus idiomas originais.

Desta forma, o leitor vai se deparar com passagens dos textos que estão em francês, alemão, formas arcaicas destas línguas e outras línguas.

Tratando-se em sua origem de um livro acadêmico, tal expediente é amplamente utilizado. De qualquer forma, tanto leitor leigo quanto o praticante de bruxaria encontram muitos elementos sobre a origem da bruxaria e a era das fogueiras.

Introdução da Edição Brasileira

O livro *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* foi a pedra fundamental no surgimento da bruxaria moderna. Murray, neste livro, expõe suas teorias sobre a bruxaria, tomando como base as confissões e os registros da Inquisição, bem como lendas locais.

Margaret Murray lança a tese de que a bruxaria era um culto marginal presente no Ocidente desde o período Paleolítico. Este culto marginal se manteve vivo e atuante, paralelo aos cultos oficiais, seja o paganismo Greco-romano ou o cristianismo. Tinha como divindade principal o deus de chifres, conhecido como Cernunnus, Pã ou Dianus, sendo um deus da fertilidade, muito similar ao Shiva de Mohenjo Dhara, senhor dos animais.

Esta tese de Murray ganhou uma legião de adeptos e, posteriormente, uma de críticos. Por sua vez, Francis King afirma que as teorias de Murray haviam sido retiradas da obra de Hargrave Jennings, um escritor Rosacruziano. E não apenas isso, mas que em 1915, Crowley havia escrito ao Frater Achad, Charles Stansfeld Jones, sobre a necessidade da criação de um culto pagão. A descrição do referido culto em muito lembraria a bruxaria Gardeneriana,* que surgiria algumas décadas depois. A primeira tradição da bruxaria (*Wica*, e mais tarde *Wicca*) a vir a público foi obra de Gerald Gardner, criada sob grande influência de Murray e Crowley.

Hoje em dia se convencionou entre os acadêmicos refutar a tese de Margaret Murray como infundada. Apesar disso, encontraremos inúmeros cultos na história da humanidade que se assemelham à bruxaria.

Na escultura do período paleolítico, a mulher era um tema recorrente (Vênus de Willendorf, Laussel, etc.), representadas com seios fartos, quadris largos e a vagina bem delineada; eram a materialização da “Grande Mãe”. Há indicações de que além da feitura dessas esculturas como objeto de culto, havia concomitante mistérios femininos. A mulher representava a imortalidade, os mistérios da geração da vida e o poder Mágicko.

* Para saber mais sobre esta forma de bruxaria, leia *Bruxaria Hoje* de Gerald Gardner, Madras Editora.

Um culto deste período nos chama a atenção, é o da “senhora dos mamutes” – estatuetas femininas que se relacionavam com a caça e o mistério dos grandes paquidermes. Uma dessas estatuetas foi encontrada cercada por crânios de mamutes e marfins adornados. Qual seria a relação entre a mulher e os mamutes? É sabido que a manada de elefantes é comandada por uma matriarca, e, talvez entre os mamutes assim também o fosse.

Os símbolos femininos dessas épocas ancestrais mantiveram-se presentes até a antiguidade clássica e, de certa forma, até os dias de hoje.

Vale salientar, ainda, que grande parte dos elementos atribuídos à bruxaria eram advindos de criações da igreja católica, com o intuito de unir as bruxas aos judeus, e desta forma contrapor a qualquer desvio herético, como, por exemplo, o de Lutero.

É importante ressaltar que nessa época a Europa passava por grandes convulsões sociais, com o fim do feudalismo. Com isso, a Igreja via ameaçada a sua hegemonia. Desta forma, o Santo Ofício (Inquisição) tinha como meta resguardar a fé, ou melhor, o domínio da Igreja. A sociedade voltava a ser urbana, uma mudança radical, já que, com o fim do Império Romano, ela era rural e feudal.

Pagão (do Latim *paganus*) refere-se a morador do campo, termo usado pelos romanos “cultos” convertidos ao cristianismo e que residiam nas cidades. Deste modo, pagão seria equivalente a “caipira”, alguém com crenças “atrasadas”, ou seja, os antigos deuses. Muitas das práticas pagãs eram vistas como crendices, ou adoração ao demônio.

O povo, curiosamente, não conhecia as bases doutrinárias e teológicas do cristianismo. Assim sendo, havia uma enorme separação entre o oficial e o real. O real estava repleto de elementos originados no paganismo e no sincretismo deste com o catolicismo, bem como da interpretação dos fiéis.

Esta face se fez ver na atuação da Inquisição no Brasil, com a erradicação de costumes populares, oriundos do sincretismo indígena e negro com o catolicismo, e também de benzedeiras, curandeiros e especialistas em ervas.

A era das fogueiras delineia-se a partir do século XV, sobre grande influência alemã, onde mais tarde surgiria Lutero e o protestantismo. Nessa época, o Papa Inocêncio VIII criou a Bula *Summis Desiderantes Affectibus*, o documento que dá o aval para a matança que se seguiria, dando corpo ao Santo Ofício. Este evento motivou o *Malleus Maleficarum*, obra dos dominicanos alemães Heinrich Kraemer e Jacob Sprenger, um manual de caça às bruxas.

Salta aos olhos que o mais importante aliado do Papa Inocêncio VIII havia sido Lorenzo de Medici, tanto foi assim, que o filho do Papa Franceschetto Cybo casa-se com a filha de Lorenzo Madalena. O Papa atacou o trabalho de Pico della Mirandolla, um dos protegidos de Lorenzo. Mirandolla foi um importante humanista, neo-platônico e cabalista.

Os Medici foram uma poderosa e importante família da renascença italiana da cidade de Florença. Responsáveis pela tradução do *Corpus Hermeticum* (Marcilio Ficino, tradutor), pela fundação da academia Platônica (Cosimo Medici), bem como da tradução e do estudo dos clássicos gregos, romanos e dos neo-platônicos. Medicina, filosofia, direito, história, matemática, poesia e retórica estavam na ordem do dia.

Eis uma visão humanista e antropocêntrica, na qual o homem era a “pérola” da criação, e não mais apenas um desgraçado pecador. Isso se contrapunha diretamente à Igreja e o pensamento medieval. A vida era vivida em torno do ser humano, e não apenas da religião.

A partir do Renascimento há todo um florescimento intelectual na Europa, vencendo as fronteiras da Itália.

A título de ilustração, fizeram parte da corte dos Medici ou foram influenciados pela Renascença italiana pessoas como Michelangelo, Botticelli, Leonardo da Vinci, Donatello, Maquiavel, Boccaccio, William Shakespeare, Luiz de Camões, Rabelais, dentre outros.

As descobertas da Renascença abalavam os dogmas da igreja e descortinavam uma nova era para a humanidade. A arte Medieval retratava as desgraças do mundo e, conseqüentemente, as maravilhas do reino de Deus. A arte da Renascença mostra o homem feliz, agora, e a volta dos deuses romanos e gregos.

Maquiavel havia escrito nesta época o *Príncipe*, livro importantíssimo para se entender os meandros do poder e da política. Uma passagem desse compêndio é importante para esta nossa introdução. Maquiavel demonstra ser a Igreja o grande problema da Itália: “O Papa indo para a Suíça em duas gerações, ela será tão pobre quanto a Itália”.

Os Medici são os únicos capazes aos olhos de Maquiavel de erradicar este problema e os bárbaros (estrangeiros, espanhóis, franceses). O livro é dedicado a Lorenzo Medici, Duque de Urbino e pai de Catarina de Medici, rainha da França, que foi protetora de Nostradamus e, por sua vez, também é associada a Magia Negra.

A bruxaria e a *Wicca* são uma realidade nos dias de hoje, com inúmeros seguidores espalhados pelo mundo, divididas em centenas de tradições formadas pelos mais variados elementos.

Se, de fato, a bruxaria é uma religião paleolítica ou uma releitura de cultos arcaicos, o fato é que ela desempenha um importante papel no resgate da Magia feminina e no culto à Natureza. E, sem dúvida, em muito ela tem contribuído para o ressurgimento da Magia.

Marcos Torrigo

Prefácio

A quantidade de material existente sobre este assunto é tão extensa que eu não me arrisquei a fazer pesquisas nesta vasta área da “Bruxaria” européia, porém, limitei-me a um estudo intensivo sobre o culto das bruxas na Grã-Bretanha. A fim de obter uma melhor compreensão do ritual e das crenças, busquei fontes francesas e flamengas, uma vez que o conceito de bruxaria parece ser o mesmo em toda a Europa Ocidental. Infelizmente, os registros da Nova Inglaterra não foram publicados *in extenso*; um fato lamentável, pois os fragmentos ocasionalmente levados ao público podem inspirar algumas das práticas inglesas. Estas são mais difíceis de serem traçadas do que as práticas escocesas ou francesas, porque na Inglaterra a bruxaria já se encontrava numa condição decadente no momento da elaboração dos registros e, portanto, quando encontrados numa colônia inglesa pura, poderiam provavelmente despertar muito interesse.

As fontes para a obtenção de informação são os registros judiciais e as crônicas contemporâneas. No caso das crônicas, dediquei-me aos fatos e não às suas opiniões e obtive também o acesso a julgamentos não publicados entre os Registros da Corte de Justiça de Edinburgh e Guemsey Greffe.

Os artigos seguintes já apareceram em alguns jornais a cujos editores sou eternamente grata pela permissão de republicar as matérias: “Organização das Sociedades das Bruxas” e “Bruxas e o Número Treze” no Folk Lore; “O Deus das Bruxas” no Journal da Sociedade Oriental de Manchester; “Sacrifício Infantil”, “Familiariedades das Bruxas”, “A marca do Demônio”, “Os Oficiais do Demônio”, “Bruxas – Ritos de Fertilidade”, “Transformações das Bruxas”, em Man; e “O Demônio de Berwick do Norte”, na *Scottish Historical Review* (Revista Histórica Escocesa).

Meus agradecimentos vão para Georgiana Aitken, W. Bonser e Mary Slater pelo grande apoio e também agradeço ao professor C. G. Seligman pelas sugestões e conselhos valiosos, bem como pelas fontes de pesquisa.

Introdução

Os assuntos ligados a Bruxas e Bruxaria sempre sofreram opiniões preconceituosas dos comentaristas, tanto dos contemporâneos quanto dos antigos. De um lado estão os escritores que, ao ouvirem o depoimento em primeira mão, acreditam absolutamente nos fatos e reafirmam a construção não justificada de que eles se referem aos poderes sobrenaturais; do outro lado estão os escritores que encaram tais depoimentos como boatos e desacreditam das conclusões estabelecidas por seus oponentes, negando, conseqüentemente, os fatos *in totum*. Ambos os partidos crêem com igual segurança na existência de um Demônio e ambos apoiam suas argumentações em passagens bíblicas. No entanto, pelo fato de os crentes conseguirem mais textos do que os outros e por terem em mãos um argumento ainda não respondido na *Witch of Endor* (Bruxa de Endor), os descrentes que se atreveram a não contradizer a Palavra Divina foram forçados a recorrer à teoria de que as bruxas sofriam de alucinações, histeria e, para utilizar uma palavra moderna, “auto-sugestão”. Estas duas classes ainda existem, embora haja o predomínio dos céticos. Entre aqueles que acreditam em tudo e aqueles que em nada crêem, não há uma avaliação crítica das evidências que apresentam um campo de pesquisa novo e intocado para o aluno de religião similar.

Para aqueles que acreditam em bruxaria, tudo aquilo que não pode ser explicado por meio do conhecimento é considerado força sobrenatural, e, como tudo o que é incompreensível acredita-se emanar do mal, as bruxas eram consideradas detentoras das artes diabólicas. Pelo fato de cada não-cristão ser considerado o oponente do Deus cristão, pensava-se que as bruxas adoravam o Inimigo da Salvação, ou seja, o Demônio. Entretanto, a maioria desses escritores tinham os depoimentos à mão, o que deveria ser aceito ainda que as afirmações não revelassem as conclusões por eles estabelecidas. Somente por uma comparação detalhada com a antropologia é que os fatos podiam ser esclarecidos e, a partir daí, surgir uma religião.

As crenças comuns e os poderes das bruxas são devidos, em grande parte, aos comentaristas de credo contemporâneo que não compreendiam tais depoimentos e acabavam por exagerar em alguns fatos, a fim de adaptar suas idéias preconcebidas com relação aos poderes sobrenaturais

das bruxas e, assim, expunham-se ao ridículo perante seus oponentes; ainda que o ridículo não fosse totalmente merecido, pois os fatos estavam lá, embora suas explicações estivessem erradas. Havia ainda duas questões consideradas provas definitivas do absurdo e da incredibilidade de todo o sistema – voar num cabo de vassoura para fora de uma janela ou sobre chaminés e a transformação em animais – , capazes de ganhar uma explicação. A primeira, trata-se de quando uma forma antiga de habitação passa a ser considerada e quando lembramos que entre as tribos selvagens existem, na maioria das vezes, tabus relacionados à porta, quer dizer, ao Deus de duas faces como sendo uma divindade da porta. Podemos considerar também os ritos de fertilidade ligados à vassoura. A segunda questão pode ser comparada a fatos semelhantes de transformações em animais entre os cultos das outras nações. Os comentários do Sr. A. B. Cook dizem que os rituais gregos se referem muito bem aos rituais da Europa ocidental e oriental: “Podemos arriscar a afirmação de que dentro dos limites da mitologia helênica *a metamorfose animal segue normalmente a um culto de animal precedente.*”¹

É interessante observarmos o nível de raciocínio dos escritores contemporâneos que acreditavam na realidade dos fatos confessados nos julgamentos comparados àqueles que desacreditavam. Observa-se que as mentes mais brilhantes, os intelectuais mais sábios e os grandiosos investigadores encontravam-se dentre os crentes: Bodin, Lord Bacon, Raleigh, Boyle, Cudworth, Selden, Henry More, Sir Thomas Browne, Matthew Hale, Sir George Mackenzie e muitos outros, os quais tinham os depoimentos à mão. Dentre os cétricos estavam Weyer, aluno do oculista Cornelius Agrippa; Reginal Scot, um cavaleiro indiano; Filmer, cujo nome refere-se a um fanatismo político; Wagstaffe, que adoeceu por causa da bebida; e Webster, um orador fanático.² Os cétricos, com exceção de Weyer, parecem ter pouca ou nenhuma evidência; sua única arma era um apelo ao senso comum e aos sentimentos partilhados; seu único método referia-se a uma negação vazia de cada afirmação que aparecia sobre os poderes sobrenaturais. Eles não podiam desvendar todas as afirmações e muito menos explicá-las sem se oporem às crenças religiosas estabelecidas na época, fazendo com que enfraquecessem suas causas e ficassem expostos às sérias cobranças do ateísmo, que, conseqüentemente, resultaram no fracasso do depoimento que, no caso de qualquer outra acusação, teria sido aceita como prova.

As evidências que eu agora trago à tona foram extraídas de fontes totalmente contemporâneas, como por exemplo registros legais dos julgamentos, panfletos contendo considerações individuais das bruxas e traba-

1. Jornal dos Estudos Helênicos, 1894, p.160. Os itálicos encontram-se no original.

2. Observar a Introdução de James Crossley em *Discoverie of Witchcraft* de Pott, Chetham Society, pp. v-xii.

lhos dos Inquisidores e outros escritores. Por meio da omissão das opiniões dos autores, examinei somente os fatos registrados sem ao menos incluir histórias de fantasmas e outros fenômenos “ocultos”, os quais confundiam os comentaristas. Pela razão anteriormente citada, omiti toda a referência aos encantos e magias quando realizados por uma única bruxa e concentrei-me somente na ilustração das crenças, organização e rituais de um culto até então desconhecido.

A fim de esclarecer os fundamentos, criei uma detalhada distinção entre a Bruxaria Ativa e a Bruxaria Cerimonial. Na Bruxaria Ativa, classifiquei todos os encantos e magias, fossem eles utilizados por uma bruxa ou um cristão, para o bem ou para o mal, para a cura ou para a morte. Os encantos e as magias são comuns em todos os países e nações e são praticados por padres e pessoas de todas as religiões. Eles são parte da herança comum da raça humana e, portanto, sem valor prático no estudo de qualquer culto em particular.

Bruxaria Cerimonial – ou, como eu sugiro, o Culto Diânico,³ que acolhe as crenças religiosas e os rituais das pessoas conhecidas na época medieval como “Bruxas”. As evidências mostram que abaixo da religião cristã havia um culto praticado por muitas classes da comunidade, principalmente pelos mais ignorantes ou aqueles das partes menos populosas do país, que pode ser considerado uma antiga religião da Europa Ocidental na época pré-cristã. O deus, antropomórfico ou teriomórfico, era venerado em ritos bem-definidos; a organização era altamente desenvolvida e o ritual análogo, comparado aos muitos outros velhos rituais. As datas dos principais festivais sugeriam que a religião pertencia a uma raça que não tinha alcançado um determinado estágio da agricultura; e as evidências mostram que várias modificações foram introduzidas, provavelmente pelos povos invasores que traziam suas próprias crenças. Embora não tenha tentado desvendar os cultos, fico satisfeita em saber que havia uma determinada religião com suas crenças, rituais e uma organização tão desenvolvida quanto qualquer outro culto no mundo.

A divindade deste culto era encarnada em um homem, uma mulher ou um animal; a forma animal, aparentemente anterior à humana, era freqüentemente tida pelo deus como uma utilização da pele ou atributos de um animal. Ao mesmo tempo, entretanto, havia um outro deus em forma humana com duas faces. Ele era encontrado na Itália (onde se chamava Janus ou Dianus), no sul da França e no centro da Inglaterra. A forma feminina do nome Diana é encontrada na Europa Ocidental como nome da divindade feminina ou líder das tão conhecidas Bruxas, razão pela qual denominei esta religião antiga de Culto Diânico. A distribuição geográfica do deus de duas faces determinava a raça ou as raças que realizavam o

3. Culto à Deusa Diana.

culto, ou as pessoas saíam do país e que entravam, ou então muitos dos lugares em que eles e suas religiões se encontravam estavam carregados de invasores subseqüentes.

As datas dos dois principais festivais, às vésperas de maio e novembro, indicam a utilização de um calendário geralmente conhecido como o da pré-agricultura e anterior ao eclipse solar de cada ano. Os rituais de fertilidade do culto demonstram esta indicação, uma vez que tinham o intuito de promover o aumento do número de animais e raramente beneficiavam as colheitas. Os dias 2 de fevereiro e 1º de agosto, que também eram dias festivos, foram provavelmente fixados mais tarde, mas, apesar de serem classificados como grandes festivais, não tinham tanta importância quanto as vésperas de fevereiro e novembro. No dia 2 de fevereiro, dia de Candlemas, celebrava-se o encanto do sol da roda de fogo, formada por dançarinos, cada um carregando uma tocha acesa; contudo, nenhuma cerimônia especial é atribuída a 1º de agosto, dia de Lammastide, um fato sugestivo para uma introdução oficial deste festival posteriormente.

A organização da hierarquia era a mesma em toda a Europa ocidental, com algumas pequenas diferenças locais que sempre ocorriam em qualquer organização. A mesma organização, quando chegou à América, fez com que Cotton Mather dissesse: "As bruxas estão organizadas como as Igrejas Congregacionais". Isso nos dá uma dica: cada Igreja Congregacional possui um grupo de senhores que administram os afazeres da Igreja, e o ministro, que conduz os serviços religiosos e que é responsável pelas práticas religiosas. Também deve sempre haver uma pessoa indicada para conduzir os serviços do ministro em sua ausência. Cada Igreja é uma entidade independente e não estão necessariamente ligadas umas às outras. A mesma coisa acontecia com as bruxas; um grupo de pessoas, os Covens, administrava os afazeres locais do culto, e um homem, exatamente como o ministro que ocupava o lugar superior, ainda que como o lugar de Deus, era infinitamente mais alto no ponto de vista da congregação do que de qualquer outro mero ser humano; em algumas das grandes congregações havia uma pessoa, inferior à principal, que assumia o cargo em sua ausência. No sul da França, entretanto, havia um Grande Mestre, o qual detinha supremacia em diversos distritos.

A posição da mulher-chefe no culto ainda é algo obscuro. O professor Pearson observou nas mulheres a Deusa-Mãe venerada, principalmente pelas próprias mulheres, embora fosse muito provável que, quando o culto era registrado, a adoração pela divindade masculina parecia sobressair à feminina e, somente em ocasiões raras, é que Deus aparecia sob a forma feminina para receber as homenagens dos fiéis. Como regra geral, a posição da mulher, quando divina, era a de um familiar, ou substituída pelo deus masculino. Permanece, entretanto, o fato curioso de que a mulher-chefe era freqüentemente identificada como a Rainha das Fadas, ou Rainha dos Elfos, uma outra forma que usavam para referir-se a ela.

Esta ligação das bruxas e das fadas abre um campo muito amplo; a identidade das duas era mais especulada na época, embora houvesse uma promessa de que a teoria podia ser provada mais tarde, quando o assunto estivesse completamente explorado. Atualmente, trata-se de um campo comum da Antropologia em que os contos de fadas e os duendes preservam a tradição de uma raça anã que habitava o norte da Europa Ocidental. Invasões sucessivas conduziram-nos às partes menos férteis de seus países, alguns foram para o norte ou para as montanhas, lugares considerados inabitáveis, e outros permaneceram em áreas abertas, vivendo como os habitantes das montanhas, aventurando-se principalmente à noite e deparando-se com raças dominantes em algumas ocasiões raras. Como o conquistador sempre considera a religião do já conquistado superior à dele próprio nas artes do mal, a raça anã obtinha a reputação dos magos e bruxos e seu deus era identificado pelos conquistadores com o Princípio do Mal. O reconhecimento das bruxas com os anões ou fadas nos proporciona um conceito claro sobre a antiga civilização européia, especialmente em relação a suas idéias religiosas.

Os ritos religiosos variavam de acordo com as circunstâncias e exigências dos povos. A maioria das cerimônias tinha o propósito de afirmar a fertilidade. Os rituais sexuais tinham importância preponderante e quase sempre não eram justificados nos julgamentos, pois tornaram-se uma obsessão para juizes cristãos e registradores que buscavam investigar os mínimos detalhes do rito. Embora exemplos posteriores mostrassem que a cerimônia havia possivelmente se degenerado em uma orgia bacanal, existem depoimentos que provam que, como nos outros países, existia uma magia cerimonial para assegurar a fertilidade. No momento não há nada que mostre o quanto os Rituais das Bruxas (onde o pão, o vinho e as velas eram pretas) derivaram dos rituais cristãos e até que ponto pertenciam ao Culto Diânico; porém, é possível que os serviços das bruxas tenham sido os mais primitivos e causadores de influências nos cristãos. As cerimônias de admissão eram freqüentemente elaboradas e por meio delas podíamos notar mais claramente as mudanças na religião. Algumas delas eram apresentadas quando um outro culto era introduzido, alcançando supremacia, tal como a renúncia específica a uma religião anterior que era obrigatória a todos os aspirantes novos e o pagamento ao membro que trazia o novo recruta para a congregação. Os outros ritos, os banquetes e as festas mostravam que se tratava de uma religião alegre e incompreendida pelos inquisidores e reformistas melancólicos que a reprimiam.

Os escritos céticos sempre enfatizaram bastante o fato incontestado de que em muitos casos as bruxas confundiam os sonhos com a realidade e acreditavam ter estado no Sabbath quando testemunhas crédulas podiam provar que dormiam em suas camas o tempo todo. Estas visões também eram conhecidas em outras religiões; os cristãos encontravam seu Deus em seus sonhos noturnos e responsabilizavam os santos pelos aconteci-

mentos; Maomé, embora não libertado do seu corpo, tinha entrevistas com Alá; Moisés falava com Deus; os faraós egípcios passavam por experiências semelhantes. Para o adepto de um determinado temperamento, tais visões ocorriam e esperava-se que em cada caso a visão tomasse a forma exigida pela religião do fiel. A partir daí, o cristão vê Cristo e alcança os céus; Maomé atinge o paraíso dos verdadeiros crentes; o antropomórfico Jeová permite uma retomada a seu voto; os faraós egípcios observam seus deuses vivos e movimentam-se na terra. As bruxas também encontram seus deuses no verdadeiro Sabbath e novamente em seus sonhos, pois para elas o Sabbath era o paraíso onde havia mais prazer do que podiam expressar e acreditavam que a felicidade que adquiriam era um prelúdio para uma glória ainda maior, em que seu deus nada mais deixaria permanecer em seus corações. Desta forma, as bruxas sempre iam às estacas para glorificar seu deus e entregar suas almas, crentes de que a morte era somente a entrada para uma vida eterna, da qual elas jamais partiriam. Fanáticas e visionárias como muitas delas eram, assemelhavam-se aos mártires cristãos que os perseguidores das bruxas freqüentemente mantinham em posição de grande honra.

Outra objeção é que, como os depoimentos das bruxas nos julgamentos eram mais ou menos uniformes em seu caráter, eles deviam ser atribuídos aos inquisidores pela publicação de um questionário para a utilização de todos os juízes nos julgamentos, uma vez que o depoimento não tem valor quando é fornecido como resposta em questões decisivas. Os oponentes não ofereciam explicações de como os inquisidores chegaram ao questionário, nem considerações para o mandato que os inquisidores reuniam com todos os detalhes de qualquer heresia que eram encarregados de erradicar; eles tinham que conseguir informações daqueles que a retratavam e utilizavam contra o acusado, instruindo outros juízes sobre a crença e o ritual da heresia, a fim de que eles a reconhecessem e agissem de maneira apropriada. Os oponentes também dominavam o fato de que quando a fé dos crentes de qualquer religião era avaliada, eles mostravam uma semelhança em seus cultos, normalmente com algumas diferenças locais. Por outro lado, o testemunho das bruxas e suas crenças variavam bastante, ainda que guardassem um depoimento *prima facie* de que não havia nenhuma religião bem definida abaixo dos seus rituais, embora a verdadeira uniformidade das suas confissões apontasse para a realidade do fato.

Há ainda uma outra objeção, de que os depoimentos sempre foram dados sob tortura e que as vítimas, exaustas, faziam afirmações e asserções inconscientes. Na maioria dos julgamentos ingleses e em muitos dos escoceses a tortura legal não era aplicada; somente no século XVII é que marcas no corpo, a fome e o impedimento do sono passaram a ser utilizados. Assim, havia muitas confissões voluntárias realizadas por aqueles que, como os antigos mártires cristãos, apressavam-se em seus destinos, determinados a morrer por sua fé e seu deus.

Ainda que algumas das evidências fossem dadas sob tortura como respostas a questões decisivas, havia alguns detalhes que não podiam ser explicados. Dentre outros, estavam as ligações próximas entre as bruxas e as fadas, a persistência do número treze nos Covens, a estreita variação geográfica dos familiares domésticos, a prevenção de determinadas formas nas transformações animais, o número limitado de nomes pessoais entre as bruxas-mulheres e a sobrevivência dos nomes de alguns deuses antigos.

Na Inglaterra, o método legal de execução de uma bruxa era por meio da forca; após a morte, o corpo era queimado e as cinzas espalhadas. Na Escócia, a bruxa era estrangulada em uma estaca e o corpo queimado, embora houvesse diversos registros do culpado sendo condenado a ser queimado vivo. Na França, queimar os culpados ainda vivos era a punição aplicada.

Em casos em que a fúria popular incontrollada pela lei agia com sua própria vingança sobre os indivíduos, cenas horríveis ocorriam; contudo, estes casos eram exceções e, ao examinarmos somente o aspecto legal do assunto, descobrimos que as bruxas tinham um julgamento justo, de acordo com os métodos da época, e suas punições eram de acordo com a lei. Havia, entretanto, um método popular de lidar com uma pessoa acusada de bruxaria, o qual era interessante, pois retratava a sobrevivência de um processo legal, obsoleto como a própria lei, mas remanescente em sua força perante as pessoas. Tratava-se da provação pela água. Nas leis Athelstan havia a revelação de todos os detalhes: depois que a pessoa passava pela prova e era preparada por meio da oração e do jejum, era amarrada com o polegar direito ao dedão do pé direito e o polegar esquerdo ao dedão do pé esquerdo, posteriormente era arremessada à água com os dizeres apropriados para que o Todo-Poderoso declarasse seu direito; se a pessoa afundasse era considerada inocente, mas se flutuasse era culpada. Com as bruxas o procedimento era o mesmo, exceto que elas eram amarradas "cruzadas", ou seja, o polegar direito no pé esquerdo e o polegar esquerdo no pé direito. A crença nesta prova era tão grande que muitas mulheres acusadas de bruxaria insistiam em passar pelo teste, o qual era sempre conduzido com solenidade e decência sob o patrocínio do ministro da paróquia e outras pessoas importantes. A menos que houvesse um forte sentimento contra a mulher por outros motivos, o simples fato de ela flutuar não exaltava a população e ela simplesmente voltava para casa. A viúva Coman, por exemplo, foi atirada à água três vezes distintas por sua própria vontade.

Os teólogos dos séculos XVI e XVII foram muito exercitados pelas evidências conclusivas que provavam que as pessoas conhecidas como devotas e cristãs professantes tinham estado no Sabbath, participando das cerimônias e adorando o deus das bruxas. Os inquisidores reconheciam o fato e destinaram muitas páginas dos seus livros à discussão do curso a ser seguido no caso dos padres cristãos, chegando finalmente à conclusão de que se um padre fosse ao Sabbath, mas não em posição oficial, seu caráter

sagrado o preservaria do mal. Os teólogos das Igrejas Reformistas que não podiam aceitar a santidade do clero com a mesma facilidade e eram desejosos de encontrar algum meio de contar com a presença do estado secular devoto, desenvolveram, com ousadia, a teoria de que o Demônio podia assumir a forma de bons cristãos para seus próprios propósitos, a fim de desencaminhar as bruxas. Por este pretexto, o acusado freqüentemente conseguia escapar quando os examinadores eram ministros religiosos, embora não houvesse valor para eles, porque quando o julgamento era num tribunal, o fato de sua presença numa assembléia ilegal seria provado. A definição de bruxa de Lord Coke retratou a lei neste assunto: "Bruxa é uma pessoa que se encontra com o Demônio para consultá-lo ou fazer alguma ação, e qualquer pessoa capaz de provar este encontro era convicta de uma ofensa capital e, conseqüentemente, condenada. Isto se refere ao fato comentado por todos os alunos dos julgamentos das bruxas, de que uma bruxa era freqüentemente condenada, ainda que ela utilizasse sua habilidade constante para o bem e não para o mal, para a cura dos doentes e não para espalhar as doenças. Se fosse provado que ela adquiria seus conhecimentos com o "Demônio," estava violando a lei e era, portanto, levada à morte.

I. Continuidade da Religião

Existem poucos registros escritos da antiga religião da Grã-Bretanha pré-cristã, porém eles são contrários a toda experiência de um culto que deve ser extinguido e apagado imediatamente na introdução de uma nova religião. A chamada conversão da Grã-Bretanha significava simplesmente a conversão daqueles que ditavam as regras; grande parte da população continuou seguindo seus velhos costumes e crenças, ainda que existisse uma fachada de ritos cristãos. Os séculos trouxeram uma maior profundidade à cristandade, que, introduzida por cima, penetrou gradualmente para baixo, atingindo uma classe de cada vez. Durante este processo, as leis contra a prática de determinados ritos tornavam-se mais rígidas, conforme a cristandade se fortalecia. A Igreja lutou contra as "bruxas" em posições altas e foi vitoriosa. Assim, a guerra do século XV foi declarada contra os remanescentes do paganismo na famosa Bula de Inocência VIII.

Este paganismo era praticado somente em determinados lugares e entre classes específicas da comunidade. Em outros lugares, o ritual antigo era adotado ou tolerado pela Igreja e as danças Maypole e outras festividades rústicas permaneceram como sobreviventes dos ritos do culto anterior.

Se a religião que sobreviveu como o Culto das Bruxas era a mesma religião dos druidas, ou se ainda pertencia a estrato social antigo, não se sabe. Embora as descrições dos autores clássicos sejam bastante vagas e escassas demais para esclarecer a questão, elas foram suficientes para mostrar que o culto da fertilidade não existia naquelas ilhas de maneira similar aos cultos do mundo antigo. Estes ritos não eram reprimidos pelas tribos que se estabeleceram na Grã-Bretanha após a retirada dos romanos, e a continuação do culto poderia, portanto, ser esperada entre as pessoas cujos missionários cristãos se esforçavam para converter.

Como os antigos registros históricos destas ilhas eram elaborados pelos eclesiásticos cristãos, devemos fazer concessões por causa das tendências religiosas dos escritores, os quais fizeram com que o Cristianismo

aparecesse como a única religião existente na época. Mesmo que os registros históricos sejam silenciosos com relação a este assunto, as leis e os decretos das comunidades eram diferentes, ainda que leigos ou eclesiásticos, retendo uma evidência clara da continuação dos cultos anteriores.

Nesta conexão, as datas das conversões inglesas são informativas. A lista a seguir apresenta as principais datas:

- 597-604 – A missão de Augustine. Londres ainda pagã. Conversão de Ethelbert, Rei de Kent. Após sua morte, o Cristianismo retrocedeu;
- 604 – Conversão do Rei dos Saxões do Leste, cujo sucessor foi deposto;
- 627 – Conversão do Rei da Northumbria;
- 628 – Conversão do Rei da Anglia do Leste;
- 631-651 – As missões de Aidan;
- 635 – Conversão do Rei de Wessex;
- 653 – Conversão do Rei de Mercia;
- 654 – Reconversão dos Reis dos Saxões do Leste;
- 681 – Conversão do Rei dos Saxões do Sul;

Um influxo do paganismo ocorreu em duas ocasiões posteriores: no século XIX, quando houve uma invasão sob Guthrum, comandada pelo pagão Danes, e no século XI, quando o rei pagão Cnut conduziu suas hordas à vitória. No caso dos Reis Saxões do século XVII, Guthrum e Cnut foram convertidos e suas tribos seguiram os exemplos dos seus líderes, professando o Cristianismo após serem batizados.

Contudo, não se podia imaginar que estas conversões em massa fossem, na maioria das vezes, mais do que simbólicas, embora a religião do rei fosse exterior à religião da tribo. Se o rei, conforme ocorria entre os Saxões do Leste, abandonasse seus deuses antigos, retornasse a eles novamente e depois os abandonassem todos juntos, a tribo seguiria seus passos, e, em público, adorariam Cristo, Odin, ou qualquer outra divindade que o rei preferisse no momento. No entanto, não era necessário duvidar que, em particular, as pessoas mantinham a antiga religião à qual estavam acostumadas. Esta conversão tribal é claramente observada quando o rei pagão casava-se com uma rainha cristã ou vice-versa, podendo-se notar também que o rei nunca mudava sua religião sem fazer uma consulta detalhada ao seu líder principal.⁴ Um exemplo das duas religiões existentes lado a lado é encontrado no relato de Redwald, Rei dos Saxões do Leste, “no qual havia no mesmo templo um altar para sacrifício a Cristo e outro para oferecer as vítimas ao Demônio”.⁵

4. Hunt, vol. I.

5. Bede, Bk. II, ch.xv.

A continuidade da religião antiga é provada pelas referências citadas pelos autores clássicos, pelas leis eclesiásticas e outros registros históricos legais.

Século I. Strabo, 63 a. C. — 23 d. C.

“Em uma ilha próxima à Grã-Bretanha, Demeter e Persephone eram adorados com ritos semelhantes às orgias de Samothrace.”⁶

Século IV. Dionysius dizia que nas ilhas próximas a Jersey e Guernsey os ritos de Baco eram realizados pelas mulheres coroadas com folhas; elas dançavam e realizavam uma gritaria ainda maior que as mulheres da Trácia.⁷

Século VII. Theodore, Arcebispo de Canterbury, 668 — 690.

Os Liber Poenitentialis⁸ de Theodore continham as primeiras leis eclesiásticas da Inglaterra. Elas se constituíam numa lista de ofensas e penalidades previstas para cada uma delas; a sessão toda era ocupada com os detalhes da religião anterior e seus ritos, que eram:

– Sacrifício aos demônios.

– Comer e beber num templo pagão, a) por ignorância, b) após ouvir o padre cristão dizer que se tratava de sacrilégio e coisa do demônio, c) como uma forma de culto a ídolos ou em honra a ídolos.

“Não se trata somente de celebrar festas e oferecer alimentos nos lugares detestáveis pelos pagãos, mas também de consumi-los. Servindo a esta idolatria oculta após renunciar a Cristo.

Se alguém, no mês de janeiro, cuidasse de um veado ou de um touro, ou seja, transformasse-se em um animal selvagem e vestisse a pele e as cabeças desses animais, sofreria uma penalidade de três anos, pois tal transformação era considerada diabólica.”

As Leis de Wihtraed, Rei de Kent,⁹ 690.

Multas impostas para aqueles que se ofereciam aos demônios.

Século VIII. O Confessionale e Poenitiale de Ecgbeth, o primeiro Arcebispo de York,¹⁰ 734-766.

Proibição das ofertas aos demônios; a bruxaria; os agouros, de acordo com os métodos pagãos. As promessas feitas, perdidas ou confirmadas nos poços, pedras ou árvores e a coleta de ervas com qualquer encanto, exceto com relação às orações cristãs.

A Lei dos padres Northumbriam.¹¹

“Se naquela época alguém fosse considerado praticante de qualquer tipo de paganismo, por meio de sacrifício ou *fyrt*, de qualquer bruxaria ou adoração de imagens e se fosse um cavaleiro do rei, pagaria com X meta-

6. Strabo, Geografia, Bk. IV, c. iv, 6.

7. Dionysius, Periegetes, II. 1120-5.

8. Thorpe, ii, pp. 32-4]

9. Thorpe, i, p.41.

10. Id., ii, p.157 seq.

11. Id., ii, pp. 299, 303.

des da importância; metade para os cristãos e metade ao rei. Todos nós adoramos e veneramos um Deus e seguimos o Cristianismo renunciando totalmente ao paganismo.”

Século IX. Decreto atribuído ao Conselho Geral de Ancyra.¹²

“Algumas mulheres maldosas, que se voltavam para Satã e eram seduzidas por ilusões e fantasmas dos demônios, acreditavam e professavam que elas andavam à noite com Diana e algumas feras, juntamente com uma multidão de mulheres, percorrendo longas distâncias e obedecendo aos comandos de sua mestra, que as chamavam em determinadas noites.”

Século X. As Leis de Edward e Guthrum.¹³ Após 901.

“Se alguém violasse o cristianismo ou venerasse o paganismo por meio de palavras ou obras, pagaria como *wer*, ou *wite* ou *lah-slit*, de acordo com o contrato.”

Leis do Rei Athelstan,¹⁴ 924-940.

Ordenamos as respectivas bruxarias, *lyblacs* e *morthdaeds*: se alguém tivesse que ser morto sem poder negar, seria então libertado em vida. Porém, caso negasse seria condenado culpado três vezes mais e passaria X dias na prisão.”

Cânones Eclesiásticos do Rei Edgar,¹⁵ 959.

Impunha-se que cada padre promovesse o Cristianismo zelosamente e extinguisse os pagãos, proibindo as venerações, necromancias, pressentimentos, encantos, venerações aos homens e a diversas práticas que eram conduzidas com magias e *frithsplots*,¹⁶ com pessoas de idade, árvores, pedras e muitas ilusões indevidas. Era imposto aos cristãos o ensinamento do Cristianismo às crianças junto com o Pai-Nosso e o Credo e exigia-se que nos dias de festivais as canções pagãs e os jogos do demônio fossem evitados.”

Leis do Rei Ethelred,¹⁷ 978-1016.

“Deixe que o homem Cristão faça o que julgue necessário; permita-o manter estritamente sua Cristandade. Autorize-nos a venerar zelosamente por ela e desprezar qualquer ato pagão.”

Século XI. Leis do Rei Cnut,¹⁸ 1017-1035.

“Proibimos seriamente o paganismo; isto é, a veneração de ídolos; deuses pagãos, o sol ou a lua, o fogo ou os rios, poços d’água, pedras ou florestas em geral, ou o amor à bruxaria, ou a promoção *morth-work*.”

Século XIII. A bruxaria era realizada numa seita e a heresia era realizada pela Igreja. O padre de Inverkeithing apresentou o bispo em 1282 a fim de conduzir a dança da fertilidade na Páscoa em torno da figura de um

12. Scot, p.66. — Lea, iii, p. 493.

13. Thorpe, i, p.169.

14. Id., i, p. 203.

15. Id., ii, p. 249.]

16. *Frith* = matagal = terreno; algumas vezes usado como “*splotch, splash*.”

17. Thorpe, i, pp. 311, 323, 351.

18. Id., i, p. 379.

deus fálico; recebendo a permissão de guardar as possessões da Igreja.

Século XIV. Em 1303, o Bispo de Coventry foi acusado diante do Papa por realizar homenagens ao Demônio.¹⁹

Julgamento de Dame Alice Kyteler, 1324. Julgada por praticar bruxaria cerimonial e ritual e condenada culpada.

Formicarius de Nider, 1337. Um relatório detalhado das bruxas e seus procedimentos em Berne, lugar que esteve infestado por elas por mais de 60 anos.²⁰

Século XV. Joana d’Arc é queimada como bruxa, 1431. Gilles de Rais é executado como bruxo, 1440.

Bernardo di Bosco, 1457.

Enviado pelo Papa Calixto para conter as bruxas na Brescia e em suas redondezas.

A Bula do Papa Inocêncio VIII, 1481.

“Chegou aos nossos ouvidos que as multidões de todos os sexos não evitaram as relações sexuais com os demônios, *Incubi* e *Succubi*; e por meio de seus feitiços, encantos, magias e truques sufocavam, extinguíam, causavam a morte de muitas mulheres e animais e danificavam o milho do solo, as uvas dos vinhedos, as frutas das árvores, bem como os homens, as mulheres, os rebanhos e manadas e outros tipos de animais, vinhas e macieiras, a grama, o milho e outras frutas da terra; a fim de que homens, mulheres, rebanhos, manadas e outros animais sofressem e fossem atormentados tanto interior como exteriormente, para que os homens não gerassem e as mulheres não concebessem; e impediam a ação conjugal de homens e mulheres.”

Seria visto pelos precedentes que longe da Bula do Papa Inocêncio VIII sendo o início da “epidemia de bruxaria”, como muitos escritores modernos consideravam, tratava-se simplesmente de uma das muitas ordenanças contra as práticas de um culto anterior. Não há considerações relevantes do efeito destas práticas na moral das pessoas que acreditavam nelas, porém, criavam uma tensão nos poderes da fertilidade; a fertilidade dos seres humanos, animais e colheitas, tornando-se exatamente o pronunciamento que se esperava de um cristão contra uma forma pagã de religião em que a adoração de um deus da fertilidade era a idéia principal; portanto, acreditava-se que as bruxas lidavam unicamente com a fertilidade.

Se analisarmos o aspecto do culto à fertilidade, o ritual das bruxas torna-se compreensível. Originariamente, para a promoção da fertilidade, era necessária a degradação num método de maldição para que as bruxas que já tivessem levado a prosperidade às pessoas e à terra por meio de influências do mal fossem consideradas, com o passar do tempo, as próprias influências más e, posteriormente, aterrorizadas de acordo com seus atos.

19. Crônicas de Lanercost, p. 109, ed. Stevenson.

20. Rymer, ii, 934.

Os verdadeiros sentimentos das bruxas com relação à religião foram registrados em poucos casos, porém, podem ser concluídos pelos limitados registros ainda remanescentes. O exemplo mais antigo é o de Lorraine, em 1408, “*lequel méfait les susdites dames disoient et confessoient avoir enduré à leur contentement et saulement de plaisir que n’avoient eu onc de leur vie en tel pourchas*”.²¹ De Lancre obteve uma série de problemas a fim de conseguir as opiniões das bruxas e ficou, obviamente, escandalizado.²²

As meninas da Madame de Bourignon, em Lille (1661), não tinham a pretensão de mudanças, de abandonar estes prazeres abomináveis, como uma delas com vinte e dois anos me confessou um dia. “Não”, ela disse, “eu não serei outra pessoa; estou muito contente com minha condição”.²³ Embora as opiniões das bruxas inglesas e escocesas não fossem registradas, as evidências deixam claro que elas eram como as de Basses-Pyrénées, não somente por fazerem o que gostavam, como também por não parecer haver necessidade de persuasão. Em muitos julgamentos, quando as bruxas admitiam o pedido de se tornarem membros da sociedade, surgia uma expressão do tipo, “somos livres e carinhosamente aceitadas e, além disso, privilegiadas”; e mantinham seu deus tão firmemente como aqueles que De Lancre levou à morte, é evidente no ponto de vista das bruxas de Berwick do Norte, de Rebecca West e Rose Hallybread, que morreram obstinadas e

21. “*Une sorciere entre autres fort insigne nous dict qu’elle auoit tousiours creu, que la sorcelerie estoit la meilleure religion. — Iee Dibasson agee de vingt neuf ans nous dict que le sabbat estoit le vray Paradis, où il y a beaucoup plus de plaisir qu’on ne peut exprimer. Que ceux qui y vont trouuent le temps si court à force de plaisir & de contentement {n} t, qu’ils n’en peuuent sortir sans vu merueilleux regret, de maniere qu’il leur tarde infiniment qu’ils n’y reuiennent. — Marie de la Ralde, aagee de vingt huit ans, tres belle femme, depose que’elle auoit un singulier plaisir d’aller au sabbat, si bien que quand on la venoit semondre d’y aller elle y alloit comme à nopces: non pas tant pour la liberté & licence qu’on a de s’acointer ensemble (ce que par modestie elle dict n’auoir iamais fait nu veu faire) mais parce que le Diable tenoit tellement liés leurs coeurs & leurs volontez qu’à peine y laissoit il entrer nul autre desir...An reste elle dict qu’elle ne croyoit faire aucun mal d’aller au sabbat, & qu’elle y auoit beaucoup plus de plaisir & contentement que d’aller à la Messe, parce que le Diable leur faisoit à croire qu’il estoit de vray Dieu, & que la ioye que les sorciers prenoient au sabbat n’estoit qu’un commencement d’une beaucoup plus grand glorie. — Elles disoient franchement, qu’elles y alloient & voyoient toutes ces execrations avec une volupté admirable, & un desir enranger d’y aller & d’y estre, trouua {n} t les iours trop reculez de la nuit pour faire le voyage si désiré, & le poinct ou les heures pour y aller trop lentes, & y estant, trop, courtes pour vn si agreable seiour & delicieux amusement. — En fin il a le faux martyre: & se trouue des Sorciers si acharnez à son seruice endiable, qu’il n’y a torture ny supplice qui les estonne, & diriez qu’ils vont au vray martyre & à la mort pour l’amour de luy, aussi gayement que s’ils alloient à vn festin de plaisir & reioüyssance publique. — Quand elles sont preuennes de la Iustice, elles ne pleurent & ne iettent une seule larme, voire leur faux martyre soit de la torture, soit du gibet leur est si plaisant, qu’il tarde à plusieurs qu’elles ne soiët executees à mort, & soufrees {n} t fort ioyusement qu’on leur face le proces, procez, tant il leur tarde qu’elles ne soient avec le Diable. Et ne s’impatiente de vien tant en leur prison, que dece qu’elles ne lui peuuent tesmoigner co{m} bien {n}: elles soufrent & desirent souffrir pour luy”.*

22. De Lancre, Tableau, pp. 124, 125, 126, 135, 208, 458.

23. Bourignon, Parole, p. 87.—Hale, p. 27. Julgamentos Completos das Bruxas de Má Reputações, p.8.

refratadas, sem qualquer remorso ou peso na consciência, pela sua abominável bruxaria;²⁴ Major Weir, o qual “nunca havia rezado ou chamado por Deus, ou pedido perdão por suas ofensas a Deus e ao mundo, nem nos momentos de perigo e desespero, morreu;” Elinor Shaw e Mary Phillips, em suas execuções “desejaram dizer suas orações e ambas caíram num riso muito alto, pedindo a presença do Demônio para ajudá-las naquela maneira blasfêmica a qual não vale a pena ser mencionada; ao observar seus atos de impenitência, o xerife as executou com toda sua eficácia; mesmo quando praguejavam e deliravam, pois quando os agentes verdadeiros dos demônios fossem reunidos elas morreriam resolutamente a seu serviço e o resto dos Covens morreria também sem qualquer confissão ou contrição.”²⁵

24. Registros do Tribunal de Justiça de Edinburg, ii, p. 14. — Arnot, p. 359.

25. Bruxas de Northhamtonshire, p.8.

II. O Deus

1. Como Deus

É impossível entender o culto das bruxas sem entender primeiro a posição do personagem principal daquele culto. Ele era conhecido dos juízes contemporâneos cristãos e considerado o Demônio, também chamado Satã, Lúcifer, Belzebu, “Coisa Ruim”, o Inimigo da Salvação, e nomes similares relativos ao Princípio do Mal, o Demônio da Sagrada Escritura, com o qual ele era mais identificado.

Este conceito estava distante da visão das próprias bruxas. Para elas, este que era chamado de Demônio era Deus, manifestado e encarnado; veneravam-no de joelhos, e suas orações eram endereçadas a ele, a quem eram gratas pelos alimentos e pelo suprimento das necessidades da vida. Seus filhos também eram dedicados a ele e havia indicações de que, como muitos outros deuses, ele se sacrificava para o bem do seu povo.

Escritores contemporâneos afirmam, em muitas palavras, que as bruxas acreditavam na divindade de seu Mestre. Os registros de Danaeus, 1575, revelavam: “O duelo entre eles era que deviam reconhecê-lo como seu Deus, chamá-lo, orar por ele e nele confiar. E, posteriormente, as outras bruxas repetiam que o adoravam e consideravam-no seu Deus.”²⁶ Gaule, em 1646, aproximadamente um século mais tarde, disse que os votos das bruxas o consideravam seu Deus (o Demônio) e veneravam-no, invocavam-no e obedeciam-no.²⁷

As bruxas eram ainda mais explícitas e suas evidências revelavam a crença de que seu mestre era seu deus. A acusação contra Elizabeth Vlamynx de Alost, 1595, era que “*vous n'avez pas eu honte de vous agenouiller devant votre Belzebuth, que vous avez adoré*”.²⁸ A mesma acusação era feita contra Marion Grant de Aberdeen, 1596, de que “O duelo daqueles que chamavam seu deus fazia com que o adorassem de joelhos.”²⁹

26. Danaeus, E 1, ch. iv.

27. Gaule, p. 62.

28. Canaert, p. 45.

29. Clube Spalding Misc.; i, pp. 171, 172.

De Lancre (1609) registrou os feitos de todos os inquisidores por meio das palavras verdadeiras das bruxas; quando elas apresentavam uma nova criança, elas se ajoelhavam e diziam: “Grande Senhor, o qual eu adoro” e quando a criança já tinha idade suficiente para juntar-se à sociedade, seu voto era feito pelas palavras: “Je me remets de tout point en ton pouvoir & entre tes mains, ne reconnois autre Dieu: si bien que tu es mon Dieu.”³⁰ Silvain Nevillon disse em Orleans, 1614: “*On dit au Diable nous vous reconnoissons pour nostre maistre, nostre Dieu, nostre Createur.*”³¹ A bruxa de Lancashire, Margaret Johnson, disse em 1633: “Aparece dentro dela um espírito ou demônio do tamanho e da proporção de um homem. E acrescentou que o espírito ou o demônio pedia que ela o chamasse de Mamillion, meu deus.”³² De acordo com Madame Bourignon, 1661, “As pessoas que eram ligadas ao Demônio por um contrato preciso não aceitariam nenhum outro deus a não ser ele.”³³ Isobel Gowdie confessou que “Ele nos fazia acreditar que não havia outro deus além dele – nós adquirimos tanta força dele que, quando o buscamos, nós o chamamos de ‘nosso senhor’. Toda vez que encontrávamos com ele nós nos curvávamos e dizíamos: ‘Bem-vindo, nosso Senhor’ e ‘Como estás, meu Senhor’.”³⁴ A bruxa de Yorkshire, Alice Huson, 1664, afirmou que “o Demônio aparecia sob a forma de um homem negro montado num cavalo preto e tinha os pés separados; era então que eu me abaixava e adorava-o de joelhos.”³⁵ Ann Armstrong, em Northumberland, 1673, forneceu muitas informações a respeito de suas amigas bruxas: “Elas haviam dito a Ann Baites que tinham dançado diversas vezes com o demônio em vários lugares e o chamavam de seu protetor e, em algumas vezes, seu salvador.

“Elas observavam Forster, Dryden, Thompson, os demais e seu protetor, que denominavam seu deus, o qual sentava na ponta da mesa. Quando este delator utilizava-se de meios para evitar sua companhia, eles a ameaçavam e se elas não se voltassem para o deus deles, seu próximo movimento seria o último.”³⁶ Em Crighton, 1978, o próprio Demônio pregava às bruxas e “mais irreverentemente eram gozadas, caso oferecessem votos a Deus, aquele que as deixou de maneira miserável no mundo e que com Jesus Cristo não apareceu para elas quando foram invocados, pois sabiam quem nunca as passariam para trás.”³⁷ Até mesmo na América em 1692, Mary Osgood, esposa do Capitão Osgood, declarou que “O Demônio lhe disse que era seu Deus e que ela deveria servi-lo e adorá-lo.”³⁸

30. De Lancre, *Tableau*, pp. 398, 399.

31. Id., *L'Incredulité*, p.80.

32. Baines, i, p. 607 nota. Para o nome Mamillion ver Brut de Layamon, p. 155, Biblioteca Everyman.

33. Bourignon, *Vie*, p. 222. —Hale, p. 37.

34. Pitcairn, iii, pp. 605, 607, 613.

35. Hale, p. 58.]

36. Soc. Surtees, xl, pp. 191-193.

37. Fountainhall, i. 15.

38. Owell, vi, 660. — J. Hutchinson, ii, p.31.

Orações eram endereçadas ao Mestre por intermédio de seus seguidores e, em alguns casos, eram ensinadas por ele. A própria Alice Gooderidge de Stapenhill, em Derbyshire, 1597, bruxa e filha de bruxa, foi acusada pelo senhor Humphrey Ferrers de praticar bruxaria com uma vaca de Michael: “a vaca tinha quebrado muitas coisas e eles a amarraram; a vaca correu para a casa de Alice Gooderidge debatendo-se contra os muros e janelas a fim de conseguir entrar; sua mãe, Elizabeth Wright, correu para ajudar pedindo auxílio ao seu deus e seguiu até a casa do homem com a vaca amarrada pela cabeça e com sua oração a deus para que a vaca amansasse.”³⁹ Antide Colas, 1598, confessou que “*Satan luy comma {n} da de le prier soir & matin, auant qu'elle s'addonnat à faire autre oeuvre.*”⁴⁰ Elizabeth Sawyer, a bruxa de Edmonton, 1621, aprendeu com o Demônio que “Ele me perguntou para quem eu rezava e respondi que era para Jesus Cristo, e ele me obrigou a rezar não mais por Jesus Cristo, e sim por ele e me ensinou esta oração: ‘*Sanctibecetur nomen tuum, Amém.*’”⁴¹ Parte dos argumentos contra Jonet Rendales, uma bruxa de Orkney, 1629, era que o demônio aparecia para ela e ela o chamava de Walliman. Jonet foi acusada pela sua própria confissão após tê-lo encontrado na montanha; “fomos até a casa de Williame Rendalls, que prometeu abençoá-lo se ele pudesse lhe dar uma retribuição em troca de seu trabalho e, ao receber a prata, abençoou o cavalo invocando seu Walliman, da mesma forma que confessamos que ele não era nem um homem nem uma fera ferida não abençoada pela mão de Deus, mas que era capaz de curar e rezar pelo seu Walliman, e que ninguém sobreviveria no mar ou na terra sem rezar pelo Walliman.”⁴² As bruxas de Anglia do Leste, 1645, também rezavam: “Ellen, esposa de Nicholas Greenleife de Barton em Sufolke, confessou que, quando rezava, ela invocava ao Demônio e não a Deus. Rebecca West confessou que sua mãe constantemente rezava (e, como todo mundo, pensava muito seriamente), porém dizia que era para o demônio, usando as seguintes palavras: ‘Oh, meu Deus, meu Deus’, referindo-se a ele e não ao SENHOR.”⁴³

Um bom exemplo da mudança da palavra “Deus”, quando usada por uma bruxa, para a palavra “demônio”, quando registrada por um escritor cristão é encontrada em Bute, 1662: “Jonet Stewart declarou que quando Alester McNivan estava doente e Jonet Morison e NcWilliam estavam em sua casa, Jonet pediu que NcWilliam fosse ver Alester e NcWilliam, levantando sua mão, disse: “demônio, não o deixe ser visto até que eu o veja e nunca o deixe levantar”... Pediram a NcWilliam que no caso de ela levantar sua mão quando Jonet Morison lhe pedisse para ver Alester McNivan, ela dissesse: “Deus não permita que ele se levante até que eu vá vê-lo.”⁴⁴

39. Also Gooderidge, pp. 9, 10.

40. Boguet, p. 54.

41. *Descobertas Fantásticas* de Elizabeth Sawyer, C 4, ver.]

42. *Folclore do Condado*, iii, Orkney, pp. 103, 107-8.

43. Stearne, pp. 28, 38.

44. *Highland Papers*, iii, pp. 16, 17.

2. Como um Ser Humano

a. Homem

O depoimento das bruxas deixa claro que o chamado Demônio era um ser humano, geralmente um homem e raramente uma mulher. No grande Sabbath ele aparecia disfarçado, sem possibilidade de reconhecimento; nos pequenos encontros, visitando seus fiéis ou quando induzia uma possível conversão para juntar as pessoas da sociedade das bruxas, ele aparecia em sua própria pessoa, normalmente vestindo claramente um traje da época. Quando vestia roupas comuns ele não se destacava entre os outros homens de mesma posição e idade, porém, a evidência mostrava que ele se tornava conhecido por algum gesto manual, de uma senha ou por uma marca carregada em sua pessoa. A marca parecia estar registrada no pé, talvez por uma bota ou sapato especial, ou por uma meia.⁴⁵

Além do próprio Grande Mestre, havia freqüentemente um segundo "Demônio", mais jovem que o principal. Não há indícios do método usado para indicar o cabeça da comunidade das bruxas, porém, é provável que com a morte do "Demônio" principal, o jovem sucessor assumisse o cargo e outro sucessor seria apontado entre os oficiais (ver cap. VII). Esta sugestão, entretanto, não parecia boa quando o principal era uma mulher, pois seu sucessor seria sempre um homem e freqüentemente mais velho que ela. Os homens idosos pareciam sempre ter barbas grisalhas.

Em 1575, Danaeus resumiu as evidências e a respeito do Demônio disse: "Ele apareceu diante dela na forma de um homem, o que aconteceu várias vezes no meio de muitos homens, o Bruxo somente conhecia o Satã que estava presente, enquanto os outros não o conheciam, embora pudessem ver o homem ainda desconhecido."⁴⁶ De Lancre disse: "*On a observé de tout temps que lors qu'il veut recevoir quelcun à faire pacte avec luy, il se presente tousiours en homme.*"⁴⁷ Cooper afirmou que "As bruxas e feiticeiras se encontravam em hora e local determinados, onde o demônio aparecia para elas em forma humana."⁴⁸ Até mesmo um escritor contemporâneo, após estudar as evidências, reconhece que as bruxas "parecem definitivamente ser vítimas de atos inescrupulosos e projetados que personificavam Satã."⁴⁹

As bruxas não só descreviam a aparência do Demônio, como também forneciam detalhes de suas roupas; sutilezas que eram na maioria das vezes mais claras para as mulheres do que para os homens.

45. Era possível que o sapato tivesse uma fenda como um sapato "higiênico" contemporâneo. Este sapato é descrito no famoso Clober de Canterbury, em 1608, como parte de um traje feminino.

46. Danaeus, ch. iv.

47. De Lancre, Tableau, p. 69.

48. Cooper, Pleasant Treatise, p. 2.

49. Burns Begg, p. 217.

"Suas mangas eram azuis, e o cadarço para trás,
As fivelas prateadas estavam dobradas, eu acho;
E sapatos femininos bifurcados na frente."

Inglaterra. Em 1566, John Walsh de Dorsetshire descreveu o Demônio que ele chamava de seu familiar, pois "algumas vezes tinha forma de um homem em todas as suas proporções, salvo seus pés separados."⁵⁰ A Bruxa de Lancashire, Anna Chattox, disse em 1613, que algo como um homem cristão veio até este Examinador várias vezes e pediu a ele que lhe desse a alma dela, até que finalmente após receber sua alma ela permaneceu sozinha em sua casa, na Floresta de Pendle, onde o Demônio tomou a forma humana e disse ao Examinador: "Você nada irá desejar."

Elizabeth Southern, também participante do mesmo Coven, disse que "ali ela encontrou esse Examinador, um espírito ou demônio na forma de um menino, com um casaco metade preto e metade marrom."⁵¹ Margaret Johnson, uma das últimas bruxas de Lancashire, presenciou em 1633 "um espírito ou demônio na forma de um homem vestido num terno escuro preso com alguns botões prateados."⁵² Em 1644, a Bruxa de Yarmouth revelou que "quando ela estava de cama, ouviu alguém bater em sua porta e ao se aproximar da janela viu, através da luz da lua, um homem negro alto lá fora."⁵³ Em 1645, as bruxas de Essex acreditavam bastante na descrição do homem que viria em direção a elas; de acordo com Elizabeth Clarke, ele aparecia "sob a forma de um belo cavalheiro, com um faixa rendada e com as mesmas proporções de um homem... ele batia freqüentemente em sua porta durante a noite e ela não a abria para ele entrar; Rebecca Weste deu o depoimento de que "o Demônio aparecia como um jovem qualquer" e Rebecca Jones acrescentou que o Demônio "era um jovem muito bonito que chegava até a porta e perguntava como ela estava"; em outra ocasião, ela o encontrou "quando ia a St. Osyth para vender manteiga, ele apareceu na forma de um homem vestindo um terno esfarrapado."⁵⁴ Existem dois relatos sobre o depoimento dado pela Bruxa de Huntingdonshire, Joan Wallis de Keiston, 1646. Stearne disse que ela "confessou encontrar o Demônio com a aparência de um homem vestido num traje escuro e com os pés separados." Já o registro de Davenport é bastante diferente: "Um homem negro foi até ela há um ano, aparentando uma certa idade, vestindo roupas escuras e com os pés feios e descalços."⁵⁵ O depoimento das bruxas de Suffolk, 1645-6, é parecido; Thomazine Ratcliffe de Shellie confessou que "ele parece um homem". Uma Richmond, uma mulher que vivia em

50. Exame de John Walsh.

51. Potts, D3, B2.

52. Baines, i, p. 607 nota.

53. Hale, p.46.

54. Howell, iv, 833, 836, 840, 854-5.

55. Stearne, p. 13. — Davenport, p. 13.

Brampford, relatou que o Demônio apareceu para ela na forma de um homem chamado Daniel, o Profeta. Bush de Barton, viúva, disse que o Demônio apareceu para ela na forma de um jovem homem negro.⁵⁶ Todos os Covens de Somerset, 1664, eram, evidentemente, subordinados a um principal; ele apareceu para Elizabeth Style como “um homem atraente”; para Anne Bishop, Alice Duke e Mary Penny ele era “um homem com roupas pretas e uma pequena faixa”; para Christian Green tinha “a forma de um homem com roupas escuras”; e para Mary e Catherine Green como “um jovem homem com roupas pretas e uma faixa pequena”.⁵⁷ Para a bruxa de Yorkshire, Alice Huson, 1664, ele aparecia “como um homem negro montado num cavalo amarrado e novamente como um homem negro num cavalo preto, com os pés separados”.⁵⁸ Abre Grinset de Dunwich, em Suffolk, 1665, disse: “ele aparecia na forma de um jovem bonito e atraente”.⁵⁹ Em Northumberland, 1673, Ann Armstrong disse que “viu Ann Foster com outras doze e um homem negro alto galopando, o qual ela acreditava ser seu protetor”.⁶⁰ A bruxa de Devonshire, Susanna Edwards, 1682, entrou em alguns detalhes: Ela encontrava um cavalheiro num campo chamado Parsonage Close, na cidade de Biddiford. E acrescentou que sua aparência era toda escura e que ela esperava que ele lhe desse um pouco de dinheiro. Com isso, o cavalheiro se aproximando desse Examinador, ela fez uma cortesia a ele, da mesma forma que ela costumava fazer para os demais cavalheiros. Ao perguntar a ela sobre quem ou o que o cavalheiro representava, o Examinador respondeu que ele era o Demônio.⁶¹ Em Northamptonshire, 1705, ele apareceu para Mary Phillips e Elinor Shaw como “um homem alto negro”.⁶²

Escócia. A descrição mais antiga encontra-se no julgamento de Bessie.

Dunlop de Lyne, em Ayrshire, 1576, é um dos mais detalhados. Bessie nunca falou sobre a pessoa que aparecia para ela como o “Demônio” e que ela sempre chamava de Thom Reid; porém, ele se encontrava com ela da mesma forma que o Demônio se encontrava com as bruxas e, como o Demônio, ele exigia que ela acreditasse nele. Ela o descreveu como “um homem honesto e idoso com barba grisalha e casaco cinza com as mangas Lumbart que seguiam a moda antiga, com calças cinza e bastantes largas acima do joelho; uma boina preta em sua cabeça presa atrás com uma faixa de seda que caía até a altura dos seus lábios e uma varinha em sua mão.”⁶³

56. Stearne, pp. 22, 29, 30.

57. Glanvil, pt. li, pp. 136, 137, 147, 149, 156, 161-5.

58. Hale, p. 58.

59. Petto, p. 18.

60. Denham Tracts, ii, p. 301.

61. Howell, viii, 1035.

62. Elinor Shaw e Mary Phillips, p. 6.]

63. Ver página 32

63. Pitcairn, i, pt. li, pp. 51-6.

Alison Peirson, 1588, deve ter reconhecido o homem que aparecia para ela, pois, para ela “era comum fazer-se uso da Magia e da Bruxaria com a invocação dos espíritos do Demônio, principalmente sob a visão e forma do Sr. William Sympsoune, que era seu primo, filho do irmão de sua mãe, que ela dizia ser um médico.”⁶⁴ Ainda que o Demônio de Berwick do Norte, 1590, aparecesse disfarçado, não era certo que ele era um homem, pois sua identidade podia ser determinada. Barbara Napier depôs que “o demônio estava com elas na forma de um homem negro...o demônio começou a agir no púlpito na forma de um homem negro com uma barba escura que parecia a de um bode, vestindo uma túnica preta e uma boina em sua cabeça; segurando um livro preto em sua mão.” A descrição de Agnes Sampson no registro oficial era muito breve: “Ele estava vestido com uma túnica e um chapéu, ambos eram pretos.”⁶⁵ Mas Melville, que provavelmente ouviu seu depoimento, foi mais dramático: “O demônio estava vestido com uma túnica e um chapéu preto em sua cabeça (...), seu rosto era horrível, seu nariz parecia o bico de uma águia, com grandes olhos profundos, seus braços e pernas eram pesados, com garras em suas mãos como um grifo.”⁶⁶ John Fian mencionou simplesmente que a primeira vez que o Demônio apareceu ele usava um traje branco.⁶⁷ O depoimento de Aberdeen, 1596-7, apontava para a existência de dois chefes, um velho e um jovem. Ellen Gray confessou que “O Demônio, seu mestre, aparecia para eles na forma de um homem idoso com barba, vestindo uma túnica e um chapéu peludo. Andro Man “confessou que Crystsunday veio até ele na forma de um anjo vestindo roupas claras.” Christen Mitchell afirmou que “O Satã aparecia na forma de um homem aleijado;” e Marion Grant deu o depoimento de que “O Demônio, a quem ela chamava de Deus, aparecia na forma de um homem em traje branco de seda com uma vela nas mãos.”⁶⁸ Isobel Haldane de Perth, 1607, foi conduzida para uma montanha onde permaneceu por três dias, de quinta-feira a domingo, até as seis horas. Ela encontrou um homem com barba grisalha que a trouxe de volta. Este homem chegou até ela na mesma relação que Thom Reid chegou à Bessie Dunlop ou como o Demônio chegou às bruxas.⁶⁹ Jonet Rendall de Orkney, 1629, viu-o “vestido em roupas claras, com os cabelos brancos e a barba grisalha.”⁷⁰ Em Lothian do Leste, 1630, Alexander Hamilton encontrou o Demônio na forma de um homem negro.⁷¹ Em Eymouth, 1634, Bessie Bathgate foi vista por dois homens jovens à meia-noite (enquanto todas as

64. Id., i, pt. li, p. 162.

65. Id., i, pt. li, pp. 245-6, 239. Ortografia corrigida.

66. Melville, pp. 395-6.

67. Pitcairn, i, pt. li, p. 210.

68. Clube Spalding Misc.; i, pp. 124, 127; 164, 172.

69. Pitcairn, ii, p. 537.

70. Folclore do Condado, iii, p. 103. Orkney.

71. Do registro do julgamento do Tribunal de Justiça de Edinburgh.

peças estavam dormindo em suas camas) em pé com as pernas de fora no fundo do seu quintal, conversando com o demônio que vestia roupas verdes.⁷² Manie Haliburton de Dirlton, 1649, confessou que, quando sua filha estava doente, “ele apareceu em sua casa na forma de um homem, dizendo ser um médico.”⁷³ Ele também apareceu como “médico” para Sandie Hunter, em Lothian do Leste, em 1649.⁷⁴ No mesmo ano ele apareceu como um homem negro para Robert Grieve, “um eminente bruxo em Lauder”.⁷⁵ Ainda no mesmo ano, “Janet Brown foi acusada de se encontrar com o Demônio na forma de um homem, no fundo das Broomhills.”⁷⁶ Dentre as bruxas de Alloa, 1658, Margret Duchall “confessou livremente seu pacto com o demônio; como ele apareceu para ela na primeira vez sob a forma de um homem com roupas marrom e um chapéu preto”; enquanto isso, Kathren Renny disse que “ele apareceu pela primeira vez na forma de um homem com roupas cinza e um boné azul.”⁷⁷ Os anos de 1661 e 1662 são considerados notáveis na bruxaria escocesa pelo grande número de julgamentos e depoimentos, incluindo muitas descrições do Grão-Mestre. Em Forfar, 1661, Helen Guthrie disse que o demônio estava presente em diversas reuniões “na forma de um homem com uma armadura preta”; Katherine Porter “viu o demônio e ele carregava uma manta”; quando Issobell Smyth estava sozinha, “ele apareceu para ela como um cavalheiro corajoso”; e em outra ocasião “como um cavalheiro leviano”.⁷⁸ Jonet Watson de Dalkeith, também em 1661, disse que o Demônio aparecia para ela na forma de um jovem atraente, vestindo roupas verdes (...) Shoe estava numa reunião em Newtown-dein com o Demônio que usava roupas verdes e um chapéu preto em sua cabeça”.⁷⁹ No mesmo ano, foi a vez de um Coven de Edinburgh: Jonet Ker foi acusada de voltar de Edr ao parque em que se encontrava com o demônio na forma de um homem negro e corajoso. Helene Casso “encontrou-se com o demônio vestindo roupas verdes em Dudingstone, enquanto recolhia gravetos dentre os animais”; Isobel Ramsay encontrou o demônio na forma de um jovem agradável que dizia deixar sua dona de casa com o ministro e lhe deu seis centavos dizendo que Deus lhe havia pedido que comprasse sua comida. Assim, como em qualquer outro encontro com o demônio em sua própria casa, na forma de seu próprio marido que estava deitado na cama no momento em que exigiu que fosse sua serva. Jonet Millar “não se encontrou com o demônio na forma de um homem jovem na casa ao lado da sua”.⁸⁰ Os julgamentos das bruxas de Auldearne

72. Spoltiswode Misc.; ii, p.65.

73. Pitcairn, iii, p. 599.

74. Sinclair, p. 122.

75. Id., p. 47.

76. Arnot, p. 358.

77. Antiquário Escocês, ix, pp, 50, 51.

78. Kinloch, pp. 114, 128, 132.

79. Pitcairn, iii, p. 601.

80. Dos registros do Tribunal de Justiça de Edinburgh.

em 1662 foram registrados por completo, porque tratava-se de questões que interessavam ao registrador; infelizmente, a aparição do Demônio não estava em nenhum deles, portanto, a descrição de Isobel Gowdie foi abreviada para o seguinte: “Ele era um homem negro. Algumas vezes ele usava botas e outras vezes usava sapatos; porém, ainda tinha seus pés tortos e separados.”⁸¹ Em Crook of Devon, Kinross-shire, no mesmo ano, nove bruxas descreveram o homem que viram e, evidentemente, havia dois “Demônios” naquele distrito; Isobel Rutherford disse que “O Satã aparecia na forma de um homem com roupas cinzas, uma boina azul e usava barba.” Segundo Bessie Henderson, “o Demônio aparecia na forma de um jovem rapaz com uma boina azul”; Robert Wilson, “o Demônio andava a cavalo com roupas largas e uma capa espanhola”; Bessie Neil, “o Satã apareceu para ela com roupas coloridas”; Margaret Litster, “o Satã vestia roupas cinzas”. Agnes Brugh, “o Demônio aparecia no crepúsculo como um amigo de longa data, vestindo um casaco colorido”; Margaret Huggon, “ele era um homem desajeitado com roupas pretas e um capuz em sua cabeça;” Janet Paton, “o Satã usava roupas escuras e uma boina azul como qualquer outro homem”; Christian Grieve, “o Satã apareceu primeiramente como um homem baixo, com uma boina azul em sua cabeça e vestindo roupas cinzas”.⁸² Marie Lamont de Innerkip, também em 1662, disse que “o demônio tinha a forma de um homem negro e cantava e dançava para eles”; e ele apareceu novamente “na forma de um homem negro com os pés separados”.⁸³ Em Paisley, 1678, a jovem bruxa Annabil Stuart relatou que “o Demônio tinha a forma de um homem negro e visitava a casa de sua mãe”; seu irmão John foi mais detalhista em sua descrição: ele observou que “um dos pés do homem negro era separado e o traje do homem negro era escuro; ele acrescentou também que tinha uma faixa e os punhos da roupa azulados e que tinha meias⁸⁴ em suas pernas sem sapatos”; Margaret Jackson, do mesmo Coven, confirmou a descrição: “as roupas do homem negro eram pretas e os punhos brancos”.⁸⁵ O depoimento mais claro é de um julgamento não publicado de 1678, dentre os registros do Tribunal de Justiça de Edinburgh:

“Margaret Lowis declarou que há, aproximadamente, onze anos um homem que ela acreditava ser um inglês chamado Webb, que curava doenças no interior, apareceu para ela em sua casa, oferecendo-lhe uma bebida e dizendo que ela daria à luz a uma criança após ingerir aquela bebida. Ela acrescentou que ele a fez renunciar a seu batismo... e declarou que ela pensava que o homem que a fez realizar estas coisas fosse o demônio e que

81. Pitcairn, iii, p. 603.

82. Burns Begg, pp. 221-39.

83. Sharpe, pp. 131, 134.

84. Horges, meia grossa sem o pé.

85. Glanvil, pt. li, pp. 291-5, 297.

se encontrava com ele após descobrir sua identidade. Margaret Smaill, presa por praticar o crime da bruxaria, depôs que, ao entrar na casa de Jannet Borthvick em Crighoun, viu um cavalheiro sentado com ela e ambos pediram que se sentasse próximo e o cavalheiro lhe pediu para aceitar uma bebida; mais tarde Jannet Borthvick lhe disse que o cavalheiro era o demônio e que ele queria que ela renunciasse ao seu batismo e se entregasse a ele.”

Em Borrowstowness, 1679, Annaple Thomson “encontrou-se com o demônio em seu caminho entre Linlithgow e Borrowstownes, onde o demônio, na figura de um homem negro, disse que tinha um pobre corpo enlameado... e acrescentou que Annaple teve outro encontro com ele, onde foi convidada a segui-lo e aceitar uma bebida”. O mesmo demônio se encontrou com Margaret Hamilton e “conversaram num vilarejo de Borrowstownes, muitas vezes em sua própria casa, onde beberam diversas canecas de cerveja”.⁸⁶ Os julgamentos de Renfrewshire de 1696 mostraram que todos os netos da Sra. Fulton haviam visto o mesmo personagem; Elizabeth Anderson, de sete anos, “viu um homem negro ir à casa de sua avó; James Lindsay, de quatorze anos, encontrou sua avó com um homem negro; e o pequeno Thomas Lindsay foi acordado por sua avó numa noite e expulso de sua cama para que ele desse sua mão ao Cavalheiro Negro (como ela o chamava)”.⁸⁷ Em Pittenweem, 1704, “esta jovem mulher, Isobel Adams, reconheceu seu pacto com o Demônio, o qual ela dizia ter executado a seu modo, viz. Na Casa de Beatie Laing havia um homem na ponta da mesa e ela propôs a Isobel que como ela não iriam discutir entre si, mas sim com o homem na ponta da mesa. Isobel concordou com isso e falou com o homem naquele momento em termos gerais. Oito dias depois, a mesma pessoa apareceu diante dela dizendo que era o Demônio.”⁸⁸ O último exemplo foi em Thurso, em 1719, onde o Demônio encontrou Margaret Nin-Gilbert “na forma de um homem e convidou-a para segui-lo e ela aceitou; ela relatou saber que se tratava do demônio e eles partiram.”⁸⁹

Na Irlanda, um dos mais antigos e conhecidos julgamentos da bruxaria ritual ocorreu em 1324, com a acusação da Sra. Alice Kyteler. Diziam que ela se encontrava com o Demônio que era chamado de Robin, filho de Artis, “*in specie cuiusdam aethiopsis cum duobus sociis ipso maioribus et longioribus.*”⁹⁰

Na França também havia diversas evidências. O exemplo mais antigo foi o de 1430, quando Pierronne, uma seguidora de Joana d’Arc, foi morta e queimada como bruxa. Ela persistia na conclusão de sua afirmação, na qual fez um juramento de que Deus aparecia para ela em forma humana e

86. Revista *Scots*, 1814, p. 200.

87. Narrativa dos Sofrimentos de uma Jovem Garota, pp. Xxxix-xli — Sadd. Debell., pp.38-40.]

88. *A true and full Relation of the Witches of Pittenweem* (Um Relato Completo e Verdadeiro sobre as Bruxas de Pittenweem), p. 10, — Sinclair, p. lxxxix.

89. Sharpe, p. 191.

90. Camden Society, (Sociedade de Camden), Senhora Alice Kyteler, p.3.

falava como um amigo, e que na última vez que o viu ele vestia um boné escarlata e um roupão branco.⁹¹ Estebene de Cambrue, da paróquia de Amou, em 1567, disse que as bruxas dançavam ao redor de uma pedra grande “*sur laquelle est assis un grand homme noir, qu’elles appellent Monsieur.*”⁹² Jeanne Herviller de Verberie que residia próximo a Compiègne, em 1578, filha de uma bruxa que tinha sido condenada e queimada, confessa que “*à l’age de douze ans as mere la presenta au diable, en forme d’un grand homme noir, & vestu de noir, botté, esperonné, avec une espée au costé, & un cheual noir à la porte.*”⁹³ Françoise Secretain de Saint Claud, 1598, afirmou “*qu’elle s’estoit donnée au Diable, lequel avoit lors la semblance d’un grand homme noir*”; Thievenne Paget, do mesmo distrito, “*racontoit que le Diable s’apparut à elle la premiere fois en plein midy, en forme d’un grand homme noir*”; e Antide Colas “*disoit que Satan s’apparut à elle en forme d’un homme, de grande stature, ayant as barbe & ses habilemens noirs.*”⁹⁴ Jeanne d’Abadle, em Basses- Pyrénées, 1609, “*dit qu’elle y vid le Diable en forme d’homme noir & hideux, avec six cornes en la teste, parfois huit.*”⁹⁵ Silvain Nevillon, em Orleans, 1614, “*dit que le Sabbat se tenoit dans vne maison, où il vit à la cheminée com {m} e ledit Sabbat se faisoit, vn homme noir, duquel on ne voyoit point la teste. Vit aussi un grand homme noir à l’opposite de celui de la cheminée. Dit que les deux Diables Qui estoient au Sabbat, l’un s’appelloit l’Orthon, & l’autre Traisnesac.*”⁹⁶ E duas irmãs em 1652: uma “*dict avoir trouvé ung diable en ghuise d’ung home à pied*”; a outra disse que “*il entra dans as chambre en forme d’ung chat par une fenestre et se changea en la posture dun home vestu de rouge.*”⁹⁷

Na Bélgica, Digna Robert, 1565, encontrou “*un beau jeune homme vêtu d’une casaque noire, qui était le diable, et se nommait Barrebon... À la Noël passé, un autre diable, nommé Crebas, est venu près d’elle.*” Elizabeth Vlamynx de Ninove no Pays d’Alost, 1595, foi acusada “*que vous avez, avant comme après le repas, vous septième ou huitième, dansé sous les arbres en compagnie de votre Belzebuth et d’un autre démon, tous deux en pourpoint blanc à la mode française.*” Josine Labyns, quarenta anos de idade, em 1664: “*passé dix-neuf ans le diable s’est offert à vous yeux, derrière votre habitation, sous la figure d’un grand seigneur, vêtu en noir et portant des plumes sur son chapeau.*”⁹⁸

91. Journal d’un bourgeois de Paris, p. 687.

92. De Lancre, Tableau, p. 123.

93. De Lancre, Tableau, p. 130.

94. Id., L’Incredulité, pp. 799, 800. O segundo demônio é chamado Tramesabot na p. 802.

95. Van Elven, La Tradition, v (1891), p. 215. Nem os nomes das bruxas, nem o local são fornecidos.

96. Canaert, pp. 44, 53-4, 60.

97. Fountainhall, i, p. 14.

98. Horneck, Pt. li, p. 316.

Nas minas de cobre da Suécia, 1670, o Demônio aparecia como um ministro. Na província de Elfdale, no mesmo ano, sua túnica não era mais aquela preta: “Ele costumava aparecer vestindo batas diferentes; porém a maior parte das vezes ele vestia um casaco cinza e meias azuis e vermelhas; ele tinha barba vermelha, um chapéu alto com fitas de várias cores e ligas longas sobre suas meias”. Isto não é diferente do que foi descrito sobre Thom Reid, mais de um século atrás, por Bessie Dunlop.

Na América, a mesma evidência é encontrada. Em Hartford, 1662, Robert Sterne testemunhou o seguinte: “Eu vi esta senhora Seager, dona de casa, na floresta com mais três mulheres e com elas observei duas criaturas negras, como dois índios, mas mais altos.” E Hugh Crosia disse “que o demônio abriu a porta da sua casa fazendo-a voar e depois perguntou como ele estava; ele acrescentou que o demônio tinha a forma de um menino que se dizia capaz de fazê-lo voar e que correu sem deixar sinal.”⁹⁹ Elizabeth Knap em Groton, 1671: “Estava com sua empregada em sua casa quando ambas viram a imagem da cabeça e ombros de um homem com um cachecol branco olhando da janela, o qual ela confessou ser o Demônio vindo até ela; um dia, quando ela estava sozinha em casa, olhou para fora da janela e viu o demônio na forma de um homem idoso andando pelos prados.”¹⁰⁰ Em 1692, Mary Osgood o encontrou como um homem negro que lhe ofereceu um livro; Mary Lacey o descreveu como um homem negro vestindo um chapéu em forma de coroa.¹⁰¹

O depoimento sugeria que parte do traje do Demônio cobria a cabeça, o qual ele parecia usar tanto dentro quanto fora de um ambiente. Ainda que o fato não seja tão importante, ele pode auxiliar a clarear alguns aspectos importantes do culto.

Em 1576, Bessie Dunlop se encontrou com Thom Reid, que era evidentemente o próprio Demônio; ele era “um velho honesto com barbas grisalhas e um casaco cinza com mangas Lumbart seguindo a moda antiga; calças largas na cor cinza, acima dos joelhos, e uma boina preta em sua cabeça, presa com fitas de seda que caíam até a altura dos seus lábios.”¹⁰² Em Berwick do Norte, 1590, “o demônio vestia uma túnica e um chapéu, ambos pretos.”¹⁰³ Uma outra descrição da mesma época mostrava que “o Demônio iniciava-se pelo púlpito, na forma de um homem negro vestindo uma túnica preta e uma boina em sua cabeça.”¹⁰⁴ Em Aberdeen, 1597, Ellen Gray descreveu que o Demônio era “um homem velho, com barbas, que vestia uma túnica e um chapéu.”¹⁰⁵ “Em 1609, em Basses-Pyrénées, quan-

99. Taylor, pp. 81, 118.

100. Green, pp. 9, 14.

101. Howell, vi, 660, 664; J. Hutchinson, ii, pp. 31, 37.

102. Pitcaim, i, pt. II, p. 51.

103. Melville, p. 395.

104. Pitcaim, i, pt. II, p. 246. Ortografia corrigida.

105. Clube Spalding Misc.; i, p. 127.

do o Demônio apareceu como um bode: “*on luy voit aussi quelque espece de bonet ou chapeau au dessus de ses cornes.*”¹⁰⁶ A Coven Alloa, em 1658, falou de “um homem vestido em roupas marrom e chapéu preto”; e em outras duas ocasiões de “um homem jovem com roupas cinza e um boné azul.”¹⁰⁷ Em 1661, Janet Watson de Dalkeith “encontrou-se com o Demônio em Newtoun-dein e ele vestia roupas verdes e um chapéu preto em sua cabeça.” Cinco membros do Coven em Crook of Devon falaram em 1662 do Demônio: “O Satã tinha a forma de um homem com roupas cinzas e uma boina azul e usava barba./ Uma senhora com uma boina azul./ Um homem com roupas pretas e um capuz em sua cabeça./ O Satã vestia roupas pretas e uma boina azul na maioria das vezes. Um homem jovem com uma boina azul em sua cabeça e vestindo roupas cinzas”. Em 1662, em Connecticut, Robert Sterne viu “duas criaturas negras como dois índios, só que mais altos”. Acredita-se que, por estar um pouco distante das criaturas, Robert possa ter confundido a túnica com a pele dos índios. Na Bélgica, em 1664, Josine Labyns encontrou o demônio vestindo um chapéu emplumado.¹⁰⁸ Em Somerset, 1665, Mary Green disse que ele se encontrava com as bruxas na forma de “um homem baixo que pôs sua mão no chapéu, que perguntou como estava e que falou baixo, mas bastante”.¹⁰⁹ Em Torryburn Liliás, Adie disse que a luz era suficiente para “enxergar o demônio que vestia uma capa que cobria seu pescoço”.¹¹⁰ Na Suécia, em 1670, o Demônio apareceu “vestido num casaco cinza, com meias azuis e vermelhas, com uma barba vermelha e um chapéu emplumado com faixas de diversas cores e ligas longas em suas meias”.¹¹¹ Em Pittenweem, 1670, a jovem Isobel Adams viu o Demônio como “um homem vestido em roupas pretas e com um chapéu em sua cabeça, sentado na mesa da casa de Beatty Lains”.

b. Mulher

A Rainha dos Elfos ou Elfhame é, algumas vezes, denominada de Demônio e é impossível distinguir ela do Demônio quando eles aparecem na forma de uma mulher. Embora fosse a mesma da Rainha Francesa do Sabbath, ainda é igualmente impossível identificá-la. A maior parte dos depoimentos relacionados à mulher-demônio está na Escócia.

Em 1576, o depoimento de Bessie Dunlop mostrou que Thom Reid, que era para ela o que o Demônio era para as bruxas, era o subordinado da Rainha de Elfhame:

106. De Lancre, Tableau, p. 68.

107. Antiquário Escocês, ix, pp. 50, 51.

108. Canaert, p. 60.

109. Glanvil, pt. II, p. 164.

110. Chambers, iii, p. 298.

111. Glanvil, pt. II, p. 316

*Interrogat, Gif sche neur askit the questioun at him, Quhairfoir he com to hir mair [than] ane vthir bodye? Ansuert, Remembering hir, quhen sche was lyand in childbed-lair, with ane of her laiddis, that ane stout woman com in to hir, and sat down on the forme besyde hir, and askit ane drink at her, and sche gaif hir, quha alsua tauld hir, that that barne wald de, and that hir husband suld mend of his seiknes. The said Bessie ansuert, that sche remembrit wele thairof; and Thom said, That was the Quene of Elfame his maistres, quha had commandit him to wait vpoun hir, and to do hir gude. Confessit and fylit.*¹¹²

Em 1588, Alison Peirson “was conuict for hanting and repairing with the gude nyctbouris and Quene of Elfame, thir diuers 3eiris bypast, as cho had confest be hir depositionis, declaring that scho could nocht say reddelie how lang scho wes with thame; and that scho had freindis in that court quhilk wes of hir awin blude, quha had gude acquentence of the Quene of Elphane. And that scho saw nocht the Quene thir seuin 3eir.”¹¹³ Em 1597, em Aberdden, Andro Man foi acusado de “*thriescoir yeris sensyne or thairby, the Devill, thy maister, come to thy motheris hous, in the likness and scheap of a woman, quhom thow callis the Quene of Elphen, and was delyverit of a barne, as apperit to the their, thow confessis that be the space of threttie two yeris sensyn or thairby, thow begud to have carnall deall with that devillische spreit, the Quene of Elphen, on quhom thow begat dyveris bairns, quhom thow hes sene sensyn... Thow confessis that the Devill, thy maister, quhom thow termes Christsonday, and supponis to be ane engell, and Goddis godso he craft, bot Christsonday is the gudeman, and hes all power vnder God... Vpon the Ruidday in harvest, in this present yeir, quhilk fell on a Wedinsday, thow confessis and affermis, thow saw Christsonday cum out of the snaw in liknes of a staig, and that the Quene of Elphen was their, and vtheris with hir, rydand on quhyt haikneyes, and that that com to the Binhill and the Binlocht, quhair thay vse commonlie to convene, and that that quha convenis with thame kassis Christsonday and the Quene of Elphenis airss. Thow affermis that the quene is verray plesand, and wilbe auld and young quhen scho pleissis; scho mackis any kyng quhom scho pleisis, and lysis with ne, albeit he hes a thraw by God, and swyis [balanço] to the Quene of Elphen, is rasit be the speaking of the word Benedicite... Sichyk, thow affermis that the Quene of Elphen hes a grip of all t any scho lykis.*”¹¹⁴

Uma outra bruxa de Aberdeen, Marion Grant, foi acusada no mesmo ano e confessou, “*that the Devill, thy maister, quhome thow termes Christsonday, causit the dans sindrie tymes with him and with Our Ladye, quha, as thow sayes, was a fine woman, cled in a quhyt walicot.*”¹¹⁵ Em

112. Pitcairn, i. pt. li, p. 56.

113. Id., i. pt. li, p. 163.

114. Clube Spalding Misc., pp. 119—21.

115. Id., i, p. 171.

Ayrshire, 1605, Patrick Lowrie e Jonet Hunter foram acusados de que eles “*att Hallel-evin assemblit thame selffis vpon Lowdon-hill, quhair thair appeirit to thame ane devillische Spreit, in liknes of ane woman, and callit hir selff Helen Mcbrune.*”¹¹⁶ Em Basses-Pyrénées, 1609, alguém podia “*en chasque village trouuer vne Royne du Sabbat, que Sathan tenoit en delices com{m}e vne espouse priuilegiée*”.¹¹⁷ E nos cultos, os veneradores “*luy baisent la main gauche, tremblans avec mille angoisses, & luy offrent du pain, des oeufs, & de l'argent: & la Royne du Sabbat les reçoit, laquelle est assise à son costé gauche, & en as main gauche elle tient vne paix ou platine, dans laquelle est grauée l'effigie de Lucifer, laquelle on ne baise qu'après l'auoir premièrement baisée à elle.*”¹¹⁸

Em 1613, a Bruxa de Lancashire, Anne Chattox, fez uma declaração confusa com relação ao sexo dos chamados espíritos; era bem provável que a confusão fosse devida ao registrador, que estava acostumado a considerar que todos os demônios eram do sexo masculino: “Após comerem, o Demônio chamou Fancie e outro espírito chamado Tibbe e disse, em seu Banquete, que os espíritos o forneciam a luz para enxergarem o que faziam e que elas eram ambas espíritos e Demônios”.¹¹⁹ Em 1618, em Leicester, Joan Willimott disse que “*tinha um espírito que se chamava Pretty, o qual ela recebeu de William Berry de Langholme na Rutlandshire, com quem esteve por três anos; ela acrescentou que seu Mestre, ao entregar-lhe o espírito, pediu que abrisse sua boca para que ele pudesse soprar para dentro dela uma Fada que lhe traria o bem; então, ela abriu sua boca e ele soprou; no mesmo instante saiu um espírito da sua boca que se colocou no chão na forma de uma Mulher. O espírito pediu a ela sua Alma e ela prometeu entregar-se a seu Mestre.*”¹²⁰ William Barton revelou em Edinburgh em 1655:

“Um dia, quando ia de sua casa em Kirkliston à Queens Ferry, encontrou em Dalmeny Muire uma jovem Dama com uma aparência bela e graciosa. Eu me aproximei dela, porém ela evitou minha companhia, e, quando insisti, ela irritou-se, apesar de toda sua beleza. Disse que como íamos no mesmo caminho, ficaria satisfeito se aceitasse minha companhia. Finalmente, após muita insistência, ela me pareceu mais natural e, com detalhes familiares, fez com que a involvesse e fizesse aquilo que os ouvidos cristãos não desejam ouvir. Naquele momento, notei sua alegria. Na noite seguinte ela apareceu para ele no mesmo local e, por não saber seu nome, ele caiu em si e percebeu que ela era o Demônio. Ele renunciou ao seu Batismo e desistiu de seu serviço e ela o chamou de seu amado, nomeando-o John Baptist, recebendo uma marca.”¹²¹

116. Pitcairn, ii, p. 478.

117. De Lancre, L'Incredulité, p. 36.

118. Id., Tableau, p. 401.

119. Potts, B4.

120. Wonderful Discovery of Margaret and Phillip Flower (A Incrível Descoberta de Margaret e Phillip Flower), p. 117.

121. Sinclair, p. 160.

Em Forfar, 1662, Marjorie Ritchie “declarou que o demônio apareceu para ela três vezes distintas na forma de uma mulher; na primeira vez na casa de Jonet Barrie, na segunda vez, quando estava na companhia de Jonet, o demônio a pegou pela mão e prometeu que ela nunca desejaria dinheiro e, mais tarde, o demônio apareceu-lhe em Neutoune de Airly, onde e quando ela renunciou ao seu batismo.”¹²² Em 1670 Jean Weir, irmã do notório Major Weir, relatou como permaneceu a serviço do Demônio; a cerimônia se iniciou da seguinte maneira: “Quando ela trabalhava numa escola em Dalkeith e ensinava algumas crianças, uma mulher alta apareceu na sala quando as crianças ainda estavam lá; ela trazia uma criança em suas costas e uma ou duas a seus pés; ela queria ser contratada para auxiliar a Rainha de Faire e lutar em nome dela (estas foram suas próprias palavras).”¹²³ Dentre as bruxas de Salem, em 1692, esta Rampant Hag, Martha Carrier, era a pessoa das Confissões das Bruxas e de suas próprias crianças, a qual concordava que o Demônio lhe havia prometido que seria a Rainha do Inferno.¹²⁴

3. Identificação

Era certo que o chamado “Demônio” era um ser humano algumas vezes disfarçado, outras vezes não, e os depoimentos das pessoas são dignos de investigação. Na maioria dos casos, eles eram homens e seus nomes eram geralmente fornecidos; contudo, somente no caso do Demônio de Berwick do Norte era que o homem em questão tratava-se de uma importante figura histórica; os outros eram simplesmente indivíduos particulares de pouca ou nenhuma observação.

Elizabeth Stile de Windsor, 1579, deu uma descrição das mudanças na forma do Pai Rosimond, que era apontado como o chefe entre as bruxas de Windsor: “Ela confessou que se encontrou diversas vezes com Pai Rosimond em sua casa, onde ela o via sentado num tronco, embaixo de uma árvore, algumas vezes na forma de um macaco e outras vezes na forma de um cavalo.”¹²⁵ Durante o reinado de Elizabeth, em 1584, havia uma lista de oitenta e sete pessoas suspeitas e dentre elas estavam os nomes de Ould Birtles, o grande demônio, Roger Birtles e sua esposa Anne Birtles, Darnally, o Satã, a velha bruxa de Ramsbury, Maud Twogood Enchantress, mãe da bruxa Gillian e outras “bruxas velhas”.¹²⁶ O depoimento de John Stearne, em 1645, indicou que uma das professoras de Fenny Drayton era

122. Kinloch, p. 144.

123. Law (Lei), p. 27 nota.

124. Cotton Mather, p. 159.

125. Rehearsall both straung and true, par. 24.

126. Calendar of State Papers. Domestic, 1584, p.220.

o Demônio local: “Alguns diriam que seria estranho se soubessem onde seriam procurados caso tornassem-se particulares. Nunca permaneceram tão particulares, como se fossem comuns, tão comuns como qualquer outra coisa, conforme eles mesmos confessaram: para isso, Fenny Drayton, em Cambridgeshire, fez várias confissões importantes, inclusive a de que o demônio viria até a cidade.”¹²⁷ Um dos casos mais claros, entretanto, era o de Marsh de Dunstable em 1649, onde “Palmer confessou ser o cabeça da Faculdade das Bruxas: Palmer havia sido uma bruxa durante sessenta anos (por meio de sua própria confissão) e teve tempo suficiente para conhecer e esclarecer toda a conclave de súplicas, junto com a Sociedade das Bruxas na Inglaterra.”¹²⁸

Na Escócia, também podia-se obter um certo número de identificações. Alison Peirson, em 1588, aprendeu todos os seus encantos e adquiriu todo seu conhecimento por intermédio do Demônio que apareceu para ela na forma do Sr. William Sympson, o filho do irmão de sua mãe, o qual era um ótimo aluno e médico em Edinburgh.¹²⁹ Jonet Stewart, em 1597, “aprendeu os encantos por intermédio de Michael Clark, em Laswaid, e do italiano John Damiet, um famoso Encantador e Feiticeiro”.¹³⁰ No julgamento de Marion Pardon, em Hillswick, em 1644, “foi dado o depoimento de que um homem falava como o demônio na casa de Marion Pardon, era ele o marido da enfermeira ou o padoastro”.¹³¹ Em um caso julgado em 1649, havia um indício de que uma das professoras era a chefe das bruxas; Robert Grieve acusou uma determinada mulher numa sessão secreta do julgamento, “porém o Demônio apareceu para ela na mesma noite e disse-lhe que Hob Grieve suspeitava que ela fosse uma bruxa”.¹³² Isobel Ramsay, em 1661, foi acusada por “ter um encontro com o demônio em sua própria casa e na forma do seu próprio marido, que estava deitado na cama no momento em que lhe exigiu que fosse seu servo e aceitasse um dólar dele”.¹³³ Quando um homem tinha conhecimentos especiais e sabia quais mulheres eram bruxas, era sugerido que ele se tornasse o próprio Demônio; como no caso do Rev. Allan Logan, “que sabia, particularmente, detectar as bruxas”. Na administração da comunhão, ele fechava seus olhos e dizia: “Você, sua bruxa, saia da mesa do Senhor”, quando alguma pobre criatura levantava e saía”.¹³⁴

127. Stearne, p.45.

128. Gerish, *The Divell's Delusions* (As Ilusões do Demônio), p. 11.

129. Piteairn, i, pt. li, pp. 161-4.

130. Id., ii, pp. 26-7.

131. Hibbert, p. 578.

132. Sinclair, p.48.

133. Do registro do Escritório de Justiça de Edinburgh.

134. Chambers, iii, p. 299.

Parecia provável que o infame Abade Guibourg fosse o comandante das bruxas parisienses, pois era ele quem comemorava a “multidão negra” e realizava o sacrifício de uma criança, o que era tarefa do “Demônio”.¹³⁵

Em Salem, os relatos das bruxas sobre o Rev. George Burroughs indicam que ele trabalhava como ajudante do “Demônio” e que era o ator principal em alguns dos seus Hellish Rendezvouses e que tinha a promessa de se tornar Rei no reino de Satã... Ele era a pessoa responsável por seduzir e convencer as pessoas por meio de armadilhas da Bruxaria.¹³⁶ Não havia argumentos que provassem que Burroughs não fosse um homem religioso, e nem mesmo o próprio “Demônio” de Salem podia fazer isto: longe do famoso fato psicológico de que um determinado sentimento religioso pudesse existir junto com a propensão à prática de indulgências sexuais, havia uma prova de que muitas das bruxas eram religiosas de acordo com os princípios do Cristianismo. Muitos padres cristãos também eram seguidores da religião das bruxas e os inquisidores do século XVI foram muito instruídos sobre como lidar com os ofensores. Antide Colas confessou que freqüentava a missa da meia-noite nas vésperas de Natal e depois ia para um encontro de bruxas, retornando à igreja a tempo de assistir a missa da madrugada na manhã de Natal.¹³⁷ Em Ipswich, 1645: “A mãe Lakeland foi uma professora de Religião, uma constante condutora da palavra por muitos anos e também uma bruxa (conforme ela própria confessou) durante vinte anos”.¹³⁸ O caso mais conhecido foi o do Major Weir em Edinburgh, 1670, cuja aparência externa confere com as descrições comuns do Demônio e cuja conduta era aplicada somente pela suposição de que ele era, na verdade, o mandante das bruxas: “Sua vestimenta era um manto de cor escura e ele nunca saía sem sua varinha. Era um homem alto e negro, e sempre olhava para baixo com uma fisionomia impiedosa e um nariz grande”.¹³⁹ Sua reputação pela piedade era tanta que uma mulher, a qual o viu cometer uma ofensa contra a lei criminal, foi chicoteada por mencionar o fato e difamar o homem cuja piedade era extrema e bem demonstrada. Ele foi julgado como bruxo e queimado com sua varinha em seu próprio confessionário, morrendo de forma “impiedosa” e renunciando a toda esperança do paraíso cristão. Historicamente, o caso mais interessante, entretanto, era o do Demônio das bruxas de Berwick do Norte (1590). Trinta e nove pessoas estiveram envolvidas, incluindo três Covens; no entanto, ainda que os nomes deles fossem todos conhecidos, somente quatro foram considerados. Os registros receberam um detalhe considerável e a identificação do chefe tornou-se possível.

135. Ravaisson, 1676, pp. 334-6.

136. Mather, pp. 120, 125; J. Hutchinson, História, ii, pp. 37 seq.

137. Boguet, p. 125.

138. Leis contra Bruxas e a Conivração, p. 7.

139. Wilson, ii, p. 158.

O caráter do acusado tornou-se muito importante neste caso, quando o depoimento passou a ser estudado. Nada que fosse diferente das idéias convencionais das bruxas podia ser mais bem-imaginado do que a de um homem e uma mulher que foram acusados naquela ocasião por Agnes Sampson, a sábia esposa de Keith, que era “uma mulher que não era do tipo de Bruxas humildes e ignorantes, mas sim uma senhora séria e firme em suas respostas as quais tinham todas o mesmo propósito”. John Fian ou Cunynghame era um diretor de escola e também um professor; Effie McCalyan, filha de Lord Cliftonhall, era uma mulher de família e posição; Barbara Napier também era de boa família. Estes eram evidentemente os espíritos que moviam o grupo e todos eles eram pessoas capazes de compreender o significado e o resultado de suas ações.¹⁴⁰

A acusação contra as bruxas era de que elas se encontravam para tramar o assassinato do Rei e da Rainha por meio da bruxaria. O julgamento, portanto, teve uma acusação reforçada e a bruxaria e a alta deslealdade tiveram de ser comprovadas. Considerando a definição de Lord Coke, de que uma bruxa “era uma pessoa que se encontrava com o Demônio para se aconselhar ou fazer alguma ação”, tornava-se claro o fato da presença corporal do Demônio nas reuniões, as quais tinham que ser provadas primeiramente, seguindo o fato da “conferência” e finalmente as tentativas de assassinato. Os registros dos julgamentos não diferenciavam estas questões, e as pretensões religiosas dos registradores não revelam qualquer consideração. Era necessário estudar os fatos sem o preconceito natural dos juízes cristãos e dos escritores. Os registros mostram em detalhes as conclusões de diversas reuniões em que a morte do Rei e da Rainha foram discutidas e as instruções eram fornecidas e consideradas para efetuar o propósito. A cada reunião, eram realizadas determinadas cerimônias apropriadas com a presença do Grão-Mestre, porém o objetivo real da reunião nunca era esquecido ou obscurecido.

As verdadeiras evidências do caso foram dadas por Agnes Sampson (também chamada Anny Simpson ou Thompson), John Fian, Euphemia ou Effie McCalyan e Barbara Napier. Como se tratava de um caso de grande deslealdade, os dois líderes, Sampson e Fian, foram torturados para forçá-los a divulgarem o nome do primeiro ofensor. Os dois, junto com Effie McCalyan, foram condenados e executados; Barbara Napier, igualmente culpada de acordo com o julgamento, teve mais sorte com os jurados e foi libertada. A mesma ação condenou posteriormente os próprios jurados.

Ainda que os meios utilizados pelas bruxas pudessem parecer ridículos, a intenção de assassinato era muito evidente. Primeiramente, eles realizaram alguns encantos para que uma forte tempestade desabasse e fizesse com que o navio da Rainha naufragasse em seu destino à Escócia, e a tempestade ficou muito próxima de atingir seu propósito. Ao fracassarem,

140. Os julgamentos foram publicados por Pitcairn, i, pt. ii.

eles recorreram ao método de derreter a imagem de cera e também se prepararam para utilizar um tipo de veneno, o qual acreditavam ser o mais virulento.

Eu organizei os depoimentos para que se tornassem uma narrativa consecutiva das ocorrências.

John Fian, julgado em 26 de dezembro de 1590. Os primeiros itens estão relacionados com seus encontros com o Demônio e seus trabalhos de bruxaria.

Sétimo Item, acusado pela formação de ventos fortes na viagem do rei para a Dinamarca, e por enviar uma carta para Marioun Linkup em Leyth com o intuito de convidá-la para se encontrar com ele e os demais no mar num prazo de cinco dias, onde Satã entregou-lhe um gato de suas próprias mãos para Robert Grierson com as palavras "Jogue-o ao mar agora!" E assim, subindo em um navio, bebeu com os demais e disse a todos. "Nós temos de afundar este navio", e faremos com que pensem que foi um acidente.

Oitavo Item, acusado de se encontrar com Satã, durante o retorno do Rei para a Dinamarca, quando Satã lhe prometeu criar uma situação para fazer com que o rei fosse para a Inglaterra.

Agnes Sampson, julgada em 27 de janeiro de 1591. A primeira parte do seu julgamento foi ocupada pelos seus relatos com o demônio e a cura dos doentes por meio de seus conselhos. Quadragésimo Item, acusada e condenada por ter entregado uma carta na qual John Fian, por intermédio de seu criado George Mutis na casa de Pannis, acompanhada da dona da casa, Gellis Duncan e outras oito, que juntas formaram uma tempestade para causar problemas na viagem da Rainha que estava voltando para a Escócia; depois da consulta, Gelie Duncan ou Bessie Thomson foi forçada a levar a carta; e decidiu enviar Gelie para entregar a carta para Marioun Lenchop em Leith. O efeito foi o seguinte: "Marioun Lenchop, nós temos de prevenir as demais irmãs para que provoquem os ventos nos céus neste dia, às onze horas, para impedirmos a chegada da Rainha à Escócia". Da mesma forma elas foram convidadas para ir até Pannis e prestar seus serviços e encontrar os que estavam em Pannis; em seu encontro deveriam fazer com que a tempestade atingisse todo o lugar. Posteriormente, seguiu-se a realização deste método pelo lançamento de um gato.

De Newes da Escócia. Agnis Tompson (Sampson) confessou que o Demônio esteve em Barrick Kirke do Norte e participou de um encontro na forma de um homem e, após fazer exortações ímpias contra o Rei da Escócia, recebeu juramentos pelo verdadeiro serviço do bem e partiu, retornando ao mar e depois novamente para sua casa. Naquela época, as bruxas o questionaram sobre o porquê do ódio com relação ao Rei e ele respondeu que o Rei era seu maior inimigo no mundo. Todas as suas confissões e relatos ainda encontram-se registrados.

Barbara Napier, julgada em 8 de maio de 1591. Solta. Assisors, julgado em 7 de Junho e absolvido. Barbara foi acusada de ter estado presente durante os atos diabólicos da Convenção, em que ela e seus cúmplices se reuniram em nome do Demônio; ali nove chefes estavam reunidos à espera de Agnes Sampson, Jonett Stratton, Ewfame McCalyeane, ela própria, John Fian, Robert Grierson, a esposa de George Moitis em Prestoune, Margrett Thomsoune e Donald Robesoune; formando um total de nove com o Demônio que estava reunido com eles na forma de um homem negro, que os convidou para sentarem-se junto a ele em sua companhia; e eles todos juntos com a esposa de Saltoune e os demais inferiores;¹⁴¹ Agnes Sampson proponit the distructione of his hienes persoune, saying to the Dewill, "We haif ane turne ado, and we would fain be att itt gif we could, and thairfore help ws to itt." *The Dewill ansuerit, he sould do quhat he could, bott it wald be lang to, because it wald be thoirterit [thwarted], and he promiseit to hir and thame ane pictour of walx, and ordenit hir and thame to hing, roist, and drop ane taid, and to lay the droppis of the taid [misturado supostamente com outro veneno virulento], in his hienes way, quhair his Maiestie wald gang inowre or outowre, or in ony passage quhair itt mycht drop vpoun his hienes heid or body, for his hienes disttuctione, that ane vther mycht haifrewlit in his Maiesties place, and the ward [governo] mycht haifgane to the Dewill. Att the quhilk conventioun, his hienes name wes pronunceit in Latine; and Agnes Sampson wes appointit to mak the pictour and to gif it to the Dewill to be inchantit, quhilk scho maid in deid, and gaif itt to him; and he promiseit to giff it to the said Barbara and to Effie McCalyan, att the nixt meting to be roistit. Margarett Thomsoune was appointit to dropp the taid. There wes ane appointit to seik sum of his hienes linning claites, to do the turne with.*

Agnes Sampson prosseguiu. Anny Sampson declarou que ela, junto com outras nove bruxas, estavam reunidas à noite em Prestounpannes, estando o demônio seu mestre presente em pé no meio delas; havia ali um corpo feito de cera com a forma de Anny Sampson, envolto em um pano de linho que foi, primeiramente, levado até às mãos do demônio que após pronunciar algumas palavras, entregou a figura a Anny Sampson, e ela fez o mesmo para quem estava a seu lado e todos diziam: "Este é o Rei James, ordenado para ser consumido a exemplo do nobre Francis Erle Bodowell!"¹⁴² *Efterwart again, at ther meting be nycht at the kirk of Northberick, wher the deuell, cled in a black gown with a blak hat vpon his head, preachit vnto a gret number of them out of them out of the pulpit, having lyk leicht candles rond about him. The effect of his langague was till knaw, what skaith they had done, whow many they*

141. Estavam presentes nesta ocasião trinta e nove pessoas ou três Covens. Ver cap. VII na Organização.

142. Reg. Mag. Sig. Scot; nº 565, 7 de fevereiro. 1550/1.

had won to ther pooinion sem their last meting, what succes the melting of the pictour had tane, and sic vain toyes. And because ane auld sely pure plowman, callit Grey Meill, chancit to say that "nathing ailit the King yet, Gob be thankit" the deuell gaif him a gret blaw. Then dyuers amang them enterit in a raisonyng, maruelling that all ther deuelleric culd do na harm to the King, as it did till others dyuers. The deuell aswerit, "Il est un home de Dieu".

Euphemia McCalyan, julgada em 9 de junho de 1591, executada (queimada viva) em 25 de junho de 1591. O primeiro depoimento revelou que ela praticava bruxaria e se encontrava com as bruxas. *Item, indyttit and accusit, of the conventicle had at North Berwick Kirk, tuentie dayes before Michelmas, 1590; and thair inquiring for the Kings pictour, gewin by Anny Sampson to the Dewill, to be inchantit, for the tressonabill distructioun of the King. Item, indyitt and accusit, for being att ane Conventioun haldin at the New Heaven callit the Fayrie-hoillis, att Lambmes last wes, to the effect immediatlie aboue writtin. Item, indyttit and accusit, for ane Convention haldin by yow and utheris notorious Wichis, youre associattis, att the Brwme-hoillis, quhair yow and thay tuik the sea, Robert Grierson being your admerell and Maistermanne. [Depois se iniciava um recital de magia praticado para cair uma tempestade], quhairby the Quene wes putt back be storme. Item, Indytit, for consulting with the said Anny Sampson, Robert Grierson, and diuers vtheris Wichis, for the tressonabill staying of the Quene's hame-cuming, be storme and wind; and rasing of storme, to that effect; or ellis to haif drownit hir Majestie and hir cumpany, be coniuring of cattis and casting of thame in the sea, at Leith, at the bak of Robert Griersonis hous.*

Barbara Napier prosseguiu, *and siclyke, the said Barbara was accusit, that sche gaif hir bodelie presens vpoun Alhallow-ewin last was, 1590 yeiris, to the frequent conuentioun haldin att the Kirk of North Berwick, quhair sche dancit endlang the Kirk-yaird, and Gelie Duncan playit on ane trump, Johnne Fiene missellit [abafado] led the ring; Agnes Sampson and hir dochteris and all the rest following the said Barbara, to the nowmer of sevin scoir of persounes... And the Devill start vp in the pulpett, lyke ane mekill blak man, haifand ane blak buik in his hand, callit on ewerie ane of thame, desyring thame all to be guid serwandis to him, and he sould be ane guid maister to thame. Robert Grierson and Johnne Fian stuid on his left hand; and the said Robert ffind grit fault with the Dewill, and cryit out, that all quhilkis wer besyd mycht heir, becaus his hienes pictour was nocht gewin thame, as wes promesit; the said Effie McCalyan remembrand and bid [d] and the said Robert Grierson to speir for the pictour, meaning his Maiesties pictour, quhilk sould have been roistit. Robert Grierson said thir wordis, "Quhair is the thing ye promiseit? Meaning the pictour of walx, dewysit for roisting and vndoing his hienes persoune, quhilk Agnes Sampson gaif to him; and Robert cryit to "haif the turne done"; yit his*

hienes name was nocht nameit, quhil thay that wer wernen nameit him; craifand in playne termes his hienes pictour. Bot he ansuerit, "It sould be gottin the nixt meitting; and he wald hald the nixt assemblie for that caus the soner: It was nocht reddie at that tyme. "Robert Grierson ansuerit, "Ye promiseit twyis and begylit ws". And four honest-like wemene wer very ernist and instant to haifitt. And the said Barbara and Effie McCalyan gatt than ane promeis of the Dewill, that his hienes pictour sould be gottin to thame twa, and that rycht sone: And this matter of hienes pictour was the caus of that assemblie."

Este fato encerra as evidências das bruxas; a questão que ainda faltava ser provada era a identidade do homem em quem elas acreditavam e obedeciam como a encarnação de Deus.

Em todos os casos de assassinato ou tentativa de assassinato, é necessário encontrar a pessoa beneficiada, pois aquele difere do homicídio involuntário, uma vez que o assassinato é planejado anteriormente e realizado com alguma intenção. No caso das bruxas de Berwick do Norte, o homem que conduzia os encontros e que era considerado o principal suspeito era Francis Stewart, Earl de Bothwell. Sua posição estava ligada tanto ao Rei quanto às bruxas e devia ser, portanto, investigada.

Francis, ou Earl de Bothwell conforme foi posteriormente chamado, era o filho mais velho de John Stewart e Jane Hepburn, irmã de Earl de Bothwell com quem Mary, Rainha dos escoceses, havia se casado. Francis seguiu os passos do seu tio materno tanto em títulos como em propriedades. Seu pai, o Sr. John Stewart, era filho ilegítimo de James V, o Papa, entretanto, legitimou todos os filhos naturais de James V e Mary, após sua ascensão, e concedeu as cartas de legitimidade¹⁴³ a seus dois meio-irmãos, John e James Stewart, depois considerado o Regente Moray. John era o mais velho dos dois e por ser o filho legítimo era o herdeiro com a exclusão de Mary. O Regente Moray teve somente filhas, porém, John Stewart teve muitos filhos, dos quais Francis era o mais velho. Francis seria o próximo herdeiro masculino do trono escocês e possivelmente inglês, pois James VI morreu sem deixar filhos. A própria opinião de James é mostrada em seu discurso ao Parlamento em 1592, quando ele denunciou Bothwell como sendo um aspirante ao trono, ainda que ele fosse um "bastardo e não pudesse ser coroado! No entanto, Bothwell não era bastardo como seu pai. O significado das tentativas das bruxas e a identidade da personagem principal dos seus encontros foi conferido ao depoimento de Barbara Napier em razão da tentativa de assassinar o Rei, "em que uma outra pessoa podia governar no lugar da Majestade e o governo podia cair nas mãos do Demônio."

143. Clube Bannatyne, Melville, Memoirs, p. 395. Melville acrescentou que "And certainly he is a man of God, and dois na wrang wittingly, bot is inclynit to all godlynes, justice and virtue; therefore God hes preserued him in the midis of many dangers."

Ao trocar o título de “Demônio”, que era conhecido pelas bruxas, pelo título “Earl de Bothwell”, que era conhecido pela comunidade, ele tornou-se digno de um manifesto. Esta hipótese foi levantada por meio de relatos contemporâneos.

O julgamento das bruxas criou uma grande movimentação e o nome de Bothwell era livremente relacionado às bruxas. Ele negou qualquer cumplicidade, como se fosse uma coincidência, uma vez que a confissão podia significar uma forte deslealdade. No entanto, seus seguidores o traíram. Os dois líderes, Agnes Sampson e John Fian, foram torturados. Sampson admitiu que a imagem de cera tinha sido criada no caso de Francis, Earl de Bothwell; uma admissão suficientemente amaldiçoada, embora ele nada dissesse a respeito. O principal perigo para Bothwell era Fian. Ao ser torturado ele fez confissões na presença do Rei e foi confinado à vigília num quarto sozinho, onde abandonou suas malvadezas relatando sua vida ímpia. Ele mostrou que havia caído nas seduções e tentações de Satã, mas que já tinha esclarecido suas questões a respeito da bruxaria, dos encantos e do demônio e que já tinha renunciado ao Demônio e a todos os seus trabalhos do mal, a fim de seguir a vida de um cristão, uma vez que já tinha se convertido a Deus. Na manhã seguinte, após sua conferência, ele relatou que o Demônio havia aparecido para ele na noite anterior vestindo roupas pretas e segurando uma varinha em sua mão; acrescentou que o Demônio exigiu que “ele continuasse seu trabalho de fé, de acordo com seu primeiro juramento e promessa realizados”. Whome (conforme ele disse) renunciou completamente a aparição e lhe disse: “Vá embora, Satã, e desapareça! Eu ouvi muito o que você disse, mas agora quero que você desapareça”. O Demônio respondeu que “uma vez feito o juramento, ou ele morria ou se entregava”. Após dizer isto, o Demônio quebrou sua varinha branca e desapareceu imediatamente. Embora ele não tivesse morrido, o Dr. Fian continuou muito solitário e parecia cuidar de sua própria alma chamando por Deus e monstrosando-se arrependido de tanta malvadeza; no entanto, naquela mesma noite, ele encontrou um homem do qual roubou as chaves da porta da prisão em que estava e fugiu para Salt pans, local onde morava. Após sua fuga, apesar de o Rei Majestie ter a informação, na mesma hora ele apresentou questões diligentes relacionadas à sua apreensão e, para uma melhor compreensão de todos, realizou proclamações públicas em todas as partes da cidade. Contudo, foi capturado por uma dura perseguição e foi levado novamente à prisão; ao ser anunciado antes do Rei Highnes, Fian foi julgado mais um vez. Sem saber do resultado de sua própria confissão, registrou suas conclusões a respeito dos artigos do Conselho com sua própria caligrafia, na presença do Rei Majestie, o qual, posteriormente, negou completamente o fato. O Rei Majestie, ao perceber suas confusões, concebeu e imaginou que em sua ausência ele pudesse se encontrar com o Demônio seu mestre. Fian relatou, mais tarde, as torturas que sofreu. “E apesar de todas fortes dores e os cruéis tormentos, ele não confes-

saria nada. O Diabo tinha entrado em seu coração tão profundamente, que ele negara absolutamente tudo que antes tinha sustentado; e não falaria nada também, mas isto (o que ele tinha feito e dito antes) foi somente dito e feito, devido ao mundo das dores que ele havia suportado”.¹⁴⁴

Ele continuou firme e foi executado na Montanha do Castelo. O caráter de Fian foi perfeitamente coerente. Sob tortura ele fez uma confissão, a qual implicou Bothwell (o Demônio); e ele ou um dos seus emissários teve acesso ao prisioneiro e armaram sua fuga. O miserável Fian deparou-se com a morte em todos os lados; se ele não confessasse, morreria como um criminoso nas mãos da lei, se ele se entregasse, morreria como um traidor nas mãos dos seus camaradas. Não havia escolha. Todos os dias ele “continuava muito solitário”, chamando por Deus, exceto na noite em que fez sua escolha e fugiu. Aparentemente, foi uma fuga sem grandes dificuldades. A história de que ele roubou as chaves da sua própria cela e da porta da prisão era absurda; a fuga foi, obviamente, realizada por conveniência, logo após a própria fuga de Bothwell. Fian retornou à sua própria casa onde, de acordo com a conjectura de James, tinha uma entrevista com o Demônio e ali permaneceu até que os oficiais da lei chegassem e o recapturassem. Esta obediência não corresponde ao resto de sua personalidade. Um homem com coragem e recursos suficientes para sair de uma prisão de segurança máxima fugiu com facilidade; tratava-se de uma questão simples naquela época turbulenta. Fian foi recapturado porque devia ser isso que ele queria. Com medo de ser torturado e na esperança do perdão, ele fez sua primeira confissão implicando o “Demônio”, embora fosse, mais tarde, sofrer as agonias da tortura com a certeza da morte. A hipótese de James era, provavelmente, mais que uma mera suposição, era um encaixe dos fatos. Fian teve uma entrevista com seu Mestre, que ele acreditava ser Deus encarnado e, como um mártir cristão, foi traído em sua coragem por um tormento cruel que o levou à morte.

Ao ler os relatos é possível supor que todos, incluindo James, suspeitavam de Bothwell. Ainda que eles não conhecessem sua divindade, temiam os poderes mágicos que, como Mandante das Bruxas, era capaz de exercer. É impossível estudarmos os detalhes daquela época sem notarmos o medo extraordinário que James tinha do seu primo; era um medo sobreposto ao horror, completamente diferente dos seus sentimentos com relação a outros assuntos turbulentos. Quando Bothwell, ao procurar perdão, foi levado ao Palácio Holyrood pela Senhora Athol na manhã de 24 de julho de 1593, ele entrou no quarto do Rei. James, sempre sem qualquer dignidade, foi pego em seu próprio banheiro pela manhã; tentou correr para o quarto da Rainha, mas foi barrado pelos amigos de Bothwell que trancaram a porta. “O rei, não encontrando outra saída, perguntou qual era a intenção deles. Estavam eles ameaçando sua vida? Deixe-os que a levem — pois não atingirão sua alma.”¹⁴⁵ Esta consideração, feita na urgência e en-

144. *Newes da Escócia*. Citada em Pitcairn, i, pt. li, pp. 213-23.

145. É provável que a confissão de John Fian e os julgamentos de Barbara Napier e Bothwell tenham desaparecido dos Registros da Justiça.

tusiasmo do momento, foi altamente significativa. Se Bothwell fosse um assassino, exatamente como muitos amigos de James, ele não teria referido a sua alma. Contudo, Bothwell, como o Demônio das bruxas, tinha o direito de exigir a retenção de sua alma e James estava consciente disso.

O nascimento do filho de James fez com que Bothwell perdesse as esperanças de sucesso; a força da organização das bruxas, da qual ele era o Chefe, foi reduzida com a morte de seu líder. Ele havia feito uma forte oferta para o fortalecimento da organização; no entanto, fracassou, abandonou o país e, finalmente, morreu na pobreza em Naples; lá, o viajante Sandys contou: “Um certo Calabrian chegou até mim sabendo que eu era inglês e me persuadiu dizendo que eu podia fazer mágica: Earle Bothel foi meu herói, que viveu em Naples e tornou-se famoso por suspeitar da verdade.”¹⁴⁶

O “Demônio” era um ser humano, a carta da introdução recebida de um partidário era bastante crédula para ele. Ela dizia:

“Monseigneur, d'autant qu'il me fait retirer de la Religion des Chrestiens, afin que ie multiplie vostre party, duquel estant, il est raisonnable que ie vous glorifie et assemble tant de gens que ie porray, ie vous enuoye ce porteur pour estre du nombre: c'est pourquoy ie vous prie de l'aider en ses amours.”

A resposta de Satã mostrava o temperamento de um humano distinto:

“Vous autres Chrestiens vous estes perfides et obstinez. Quand vous auez quelque violent desir, vous vous departez de vostre maistre, et auez recours à moy: mais quand vostre desir est accompli, vous me tournez le dos comme à vn ennemi, et vous en retournez à vostre Dieu, lequel estant benin et clement, vous pardonne et reçoit volontiers. Mais fay moy vne promesse escrite et signee de ta main, par laquelle tu renonces volontairement ton Christ et ton Baptesme, et me promets que tu adhereras et seras auec moy iusqu'au iour du iugement; et apres iceluy tu te delecteras encore auec moy de souffrir les peines eternelles, et i'accompliray ton desir.”

4. Como um Animal

Em muitas religiões, o disfarce da personagem principal, fosse ele um deus ou um padre, era muito comum. O costume é muito antigo, pois seres humanos disfarçados eram encontrados em desenhos da era paleolítica na França e até mesmo na palheta pertencente ao período da pré-dinastia egípcia em que houve a representação de um homem disfarçado de um chacal num pinheiro.¹⁴⁷ O disfarce de um animal era especialmente conde-

146. Burton, V, p.283.

147. Sandys, p.250.

nado como sendo coisa do demônio no *Liber Poenitentialis* de Theodore, escrito no século XVII relatando sua força após a conversão inglesa com o aparecimento do Cristianismo. Por meio da analogia com outras religiões, em que o disfarce era permitido, pode-se concluir que se tratava de um ritual para o aumento da fertilidade, uma vez que o animal representava tanto um animal sagrado da tribo quanto a criatura mais utilizada como alimento.

A sugestão de que o Demônio era um homem que vestia a pele de um animal ou uma máscara do formato da cabeça de uma fera como um disfarce ritual refere-se a nada mais do que os depoimentos das bruxas que relatavam sua aparência e as modificações de suas formas. Havia uma confusão, entretanto, pois as bruxas e também os registradores geralmente falavam de seus familiares com o Demônio; porém, em quase todos os casos o homem disfarçado podia, no dia do depoimento, ser distinguido dos animais.

As formas animais que o Demônio mais utilizava eram as de touro, gato, cachorro, bode, cavalo e carneiro. Poucos fatos curiosos apareciam na hora de classificar estas formas. Por exemplo, o Demônio aparecia como um bode ou um carneiro somente na França; ele nunca era visto em outros países como uma lebre, ainda que fosse a forma tradicional assumida por uma bruxa; também não o encontravam como um sapo, embora fosse comum para as famílias; a raposa e o burro também eram formas desconhecidas. Na Europa Ocidental, o porco era um animal praticamente ausente em todos os ritos e cerimônias, bem como nos disfarces do Demônio.

As bruxas nunca admitiram com todas as letras que o Demônio era um homem disfarçado, porém, seus depoimentos apontavam para o fato. Em alguns casos, o corpo todo do homem era disfarçado e em outros ele usava uma máscara sobre seu rosto. O uso da máscara indicava de um lado as descrições de sua aparência e do outro a descrição da sua voz. As bruxas de Lorraine disseram, em 1589 que o Demônio “*Können nimmermehr die Menschliche Stimme so aussdrücklich nachreden, dass man nicht leicht daran mercke, dass es eine gemachte falsche Stimme sey. Nicolaea Ganatia, und fast alle andere sagen, dass sie eine Stimme von sich geben, gleich denen, so den Kopff in ein Fass oder zerbrochenen Hafen stecken und daraus reden. Auch geben sie etwann eine kleine leise Stimme von sich.*”¹⁴⁸ O Demônio de Berwick do Norte, 1590, era disfarçado totalmente e não havia possibilidade de reconhecimento: “O Demônio iniciava no púlpito, como um homem negro com barba preta que parecia a barba de um bode; ele tinha um nariz com nervuras que parecia o bico de uma águia e um rabo longo.”¹⁴⁹ Este foi o relato de Barbara Napier; Agnes Sampson descreveu a mesma personagem: “O Demônio pedia que as pessoas se aproximassem e beijassem suas orelhas, as quais diziam ser frias como o gelo; seu corpo,

148. De Lancre, Tableau, pp. 176, 177.

149. Melville, p. 395.

quando tocado, era duro como um rocha; seu rosto era horrível e seu nariz parecia o bico de uma águia; suas mãos e seus pés eram pesados e tinham pêlos como um grifo e sua voz era abafada.”¹⁵⁰ Bogueu afirma que “*on demanda à George Gandillon, si lors qu’il fut sollicité par Sata {n} de se bailler à luy, Satan parloit distinctement. Il respondit que non, & qu’à peine pouuoit il comprendre ce qu’il disoit.*”¹⁵¹ O depoimento das bruxas em Basses-Pyrénées deixa claro que ele vestia um disfarce e que a máscara era usada tanto na nuca quanto nas costas, explicando parte do depoimento de Agnes Sampson feito acima. O efeito da máscara em sua nuca era para causar a impressão do homem de duas faces, “*comme le dieu Janus*”. Em outro caso, “*le diable estoit en forme de bouc, avant vne queue, & au-dessous un visage d’homme noir & n’a parole par ce visage de derriere. — une grande queue au derriere, & une forme de visage au dessous: duquel visage il ne profere aucune parole, ains luy sert pour donner à baiser à ceux Qui bom luy semble. — Marie d’Aspilecute dit qu’elle le baisa à ce visage de derriere au dessous d’une grande queue; qu’elle l’y a baisé par trois fois, & qu’il auoit ce visage faict comme le museau d’un bouc. — Bertrand de Handuch, aagee de dix ans, confessa que le cul du grad maistre auoit un visage derriere, & c’estoit le visage de derriere qu’on baisoit, & non le cul.*”¹⁵² O Demônio de Basses-Pyrénées usava uma máscara sobre seu rosto, pois ele tinha “*la voix effroyable & san ton, quand il parle on diroit que cest vn mullet qui se met à braire, il a la voix casse, la parole malarticulee, & peu intelligible, parcequ’il a tousiours la voix triste & enrouée.*” Também em outras ocasiões, “*il quitoit la forme de Bouc, & prenoit celle d’homme*”. Em 1614, Orleans, Silvain Nevillon disse “*qu’il vit à la cheminée un homme noir duquel on ne voyoit pas la teste. Vit aussi un grand homme noir a l’opposite de celuy de la cheminée, & que ledit hom {m} e noir parloit comme si la voix fut sortie d’un poinson. Dit: que le Diable dit le Sermo {n} au Sabbath, mais qu’on n’entend ce qu’il dit, parce qu’il parle com {m} e en gro {n} dant.*”¹⁵³ O Demônio que apareceu para Joan Wallis, uma bruxa de Huntingdonshire, em 1649, tinha a forma de um homem vestido de preto, mas “que não era como seu marido, que falava com ela como um homem, ainda que estivesse distante dela, mesmo estando a seu lado.”¹⁵⁴ Thomazine Ratcliffe, uma bruxa de Sulffok, disse que o Demônio “falava com uma voz aguda e abafada.”¹⁵⁵ De acordo com Mary Green, (1665) o Demônio de Somerset, que era um homem jovem, “pôs sua mão em seu chapéu, perguntou como ela estava e falou em tom alto.”¹⁵⁶

150. Quibell, pl. xviii. A mesma palheta encontra-se atualmente no museu Ashmolean, Oxford.

151. Bogueu, p. 56.

152. De Lancre, Tableau, pp. 68, 73, 126.

153. Id., L’Incredulité, pp. 799-801.

154. Stearne, p. 13.

155. Id., p. 22.

156. Glanvil, pt. II, p. 164.

No mesmo ano, Abre Grinset, outra bruxa de Sulffok, confessou que se encontrou com o Demônio e ele tinha a forma de “Um homem jovem e atraente, que lhe falou com uma voz solene e abafada.” John Stuart, em Paisley (1678) disse que o Demônio apareceu para ele como um homem negro e acrescentou que sua aparência era escura e sua voz rouca.¹⁵⁷

A frieza do demônio, que era assegurada por diversas bruxas, sugere que o disfarce ritual não significava simplesmente uma máscara em seu rosto, mas uma cobertura, possivelmente de couro ou outro material duro e frio, sobre seu corpo e suas mãos. Este disfarce não era aparentemente muito usado, pois, na maioria dos casos, não havia registro da temperatura do Demônio, exceto nos rituais sexuais, e até mesmo as bruxas não podiam dizer se ao tocá-lo ele era quente ou não. Em 1565, uma bruxa belga, Digna Robert, disse que o Demônio “*était froid dans tous ses membres*”.¹⁵⁸ Em 1590, em Berwick do Norte, “ele fazia com que todas as pessoas se aproximassem e beijassem suas orelhas”.

Elas relataram que ele era frio como gelo; seu corpo era duro como uma rocha e ele não podia ser levado a lugar algum.¹⁵⁹ Em 1598, Pierre Burgot, cuja afirmação foi citada por vários autores, “*a confessé, que le Diable luy donna à baiser as main senestre, qui estoit noire, comme morte, & toute froide.*”¹⁶⁰ Em 1609, em Basses-Pyrénées, Isaac de Queyran, de 25 anos, disse que ele, junto com outros, “*le baisèrent à une fesse qui estoit blanche & rouge, & auoit la forme d’une grande cuisse d’un homme, & estoit veleu.*”¹⁶¹ Isto mostrava o disfarce da pessoa e sugeria o uso do couro de um animal com seus pêlos ainda presos. Em 1645, uma bruxa de Essex, Rebecca West, disse que “ela o beijou e ele era frio como argila.”¹⁶² Em Salisbury, 1653, quando a bruxa Anne Bodenham persuadiu Anne Styles a juntar-se à comunidade, “apareceram dois espíritos na forma de dois jovens de cabelos escuros longos e pesados, que permaneceram ao seu lado, observando pelos seus ombros, quando a Bruxa pegou seu dedo indicador da mão direita e a furou com um pino para que o sangue saísse. Colocou-o numa caneta e entregou para ela exigindo que escrevesse um grande livro. Neste momento, um dos espíritos segurou sua mão enquanto ela escrevia; a mão do espírito não era fria nem quando ele a tocava nem quando sua mão e a mão da bruxa escreviam juntas.”¹⁶³ Em Forfar, 1661, três bruxas concordaram com a frieza do Demônio; Elspet Alexander confessou que o demônio lhe havia beijado naquela noite e que ele tinha um beijo frio; Katheren Porter confessou que o demônio pegou em sua mão e

157. Glanvil, pt. II, pp. 294-5.

158. Cannart, p. 54.

159. Melville, Memoirs, p. 395.

160. Bogueu, pp. 53-4.

161. De Lancre, Tableau, p. 148.

162. Howell, iv, 842.

163. More, pp. 196-7.

disse que a mão dele era gelada; Isobell Smith relatou que ele a beijou e sua boca e sua respiração eram frias. Em 1662, as bruxas de Crook de Devon também concordaram. Isabel Rutherford “confessou que estava numa reunião em Turfshills, onde Satã a pegou pela mão e disse: “Bem-vinda, Isabel”, e ela acrescentou que sua mão era gelada. Margaret Litster confessou que o Satã a pegou pela mão e permaneceu a seu lado num intervalo de meia hora. Ele vestia roupas cinzas e suas mãos eram frias. Janet Paton relatou que o Satã lhe havia pedido para ser sua serva e a pegou pela mão, a qual também era fria. Por outro lado, Agnes Murie “não sabia se seu corpo era quente ou frio.” De acordo com Isobel Gowdie, em Auldearne, 1662, “ele era um homem negro, duro e frio”;¹⁶⁴ Em Torryburn, Liliás Adie notou que sua pele era fria;¹⁶⁵ e as bruxas de Crighton disseram em 1678 que “ele era gelado e sua respiração era como um ar úmido.”¹⁶⁶ Em 1697, o pequeno Thomas Lindsay declarou que “Jean Fulton, sua avó, o acordou numa noite levando-o para fora de sua cama e entregou sua mão para um Cavalheiro Negro (maneira pela qual ela o chamava) e ele parecia gelado.”¹⁶⁷

O depoimento das formas assumidas pelo Demônio é classificado aqui por cada animal, e as sessões estão organizadas na ordem cronológica.

1. Touro – Em Angers, 1593, “*Michel des Rousseaux, âgé de 50 ans, dict que ledict homme noir appelé lupin se transforma aussitot en Bouc... et apres leur auoir baillé des boüetes de poudre, il se tra{ñ}forma en Bouvard.*”¹⁶⁸ Em Aberdeen, 1597, Marion Grant confessou que “o Demônio aparecia algumas vezes na forma de um animal e outras vezes na forma humana.” Jonet Lucas, do mesmo Coven, disse que o Demônio apareceu para ela “curvando-se na forma de uma fera”. Agnes Wobster, também do mesmo Coven, reconheceu que Satã apareceu para ela na forma de um bezerro e lhe falou de maneira suave, exigindo que ela se tornasse sua serva.¹⁶⁹ Em 1608, Gabriel Pellé confessou que esteve no Sabbath com um amigo onde “*le Diable estoit en vache noire, & que cette vache noire luy fit renoncer Dieu.*”¹⁷⁰ De Lancre disse que em Tournelle o Demônio apareceu “*parfois comme un grand Boeuf d'airain couché à terre, comme un Boeuf naturel Qui se repose.*” Em Lille, 1661, as bruxas “adoravam uma fera e por meio dela realizavam atos infames.”¹⁷¹

De acordo com Isobel Gowdie, em 1662, o Demônio de Auldearne modificava sua forma ou disfarce constantemente, “às vezes ele se asse-

164. Pitcairn, iii, p. 603.

165. Chambers, iii, 298.

166. Fountainhall, i, p. 14.

167. *Narrative of the Sufferings of a Young Girl* (Narrativa dos Sofrimentos de uma Jovem Menina), p. xli; Sadd. Debell., p.40.

168. De Lancre, *L'Incredulité*, p. 769.

169. Clube Spalding Misc.; i, p.129.

170. De Lancre, *L'Incredulité*, p. 794.

171. Bourignon, *Parole*, p. 87; Hale, p. 26.]

melhava a um touro, um veado, um gato ou um cachorro”.¹⁷² Mencionei, anteriormente, a palavra “fera” num sentido geral de um animal de uma espécie, contudo, era bastante possível que a fera de Lille, besta, tivesse sido, originariamente, um bode e não um touro. É provável que seu sacrifício se realizava pelo fogo, como em outros lugares onde o Demônio vestia um disfarce de bode.

2. Gato – O exemplo mais antigo de um gato como um disfarce foi no julgamento das bruxas de Guernsey em 1563, quando Martin Tulouff confessou:

“*Q il y a viron ung quartier d'na passez q il soy trouva avecqs de la Vieillesse aultreme{ñ}t dit Collenette Gascoing, en la rue fosse au Couilly, là ou l y avoet chinq ou vi chatz, dou il y en avoet ung qui estoet noir, qui menoit la dance, et danssoiet et luy dyst ladte Collenette, q il besait ledt Chat et Dit estoet sur ses pieds plat, et que ladite Collenette le besa p de derriere, et luy p la crysse, et q fra{ñ}coize Lenouff as mère y estoet et Collenette Salmon fae de Collas du port, laqle alloet deva{ñ}t et s'agenouillerent tos devan{ñ}t le Chat et l'adorere{ñ}t en luy bailla{ñ}t leur foy, et luy dist ladite Vieillesse q ledit Chat estoet le diable*”¹⁷³

Françoise Secretain viu o Demônio em 1598 “na forma de um gato”. Rolande de Vernois disse “*Le Diable se presenta pour lors au Sabbath en forme d'un groz chat noir.*”¹⁷⁴ Em 1652, uma outra bruxa francesa confessou que “*il entra dans sa chambre en form d'ung chat et se changea en la posture d'un home vestu de rouge*” que a levava para o Sabbath.¹⁷⁵ As duas bruxas de Devonshire, Mary Trembles e Susanna Edwards, afirmaram em 1682 que viram o Demônio disfarçado de leão, o qual possivelmente imaginaram ser um gato grande.¹⁷⁶ Nesta conexão é válido ressaltar que em Lapland, por volta de 1767, o demônio apareceu “na forma de um gato, tocando-os da cabeça aos pés e contando seus dentes”.¹⁷⁷

3. Cachorro – Em 1556, em Chelmsford, Joan Waterhouse “morreu vendo sua mãe chamando Satã, que apareceu para ela (conforme ela confessou) na forma de um grande cachorro.”¹⁷⁸ Em 1616, Barthélemy Minguet de Brécy, foi julgado por bruxaria. “*Enquis, comme il a aduis quand le Sabbath se doit tenir. Respond, que c'est le Diable qui luy vient dire estant en forme de chien noir, faict comme vn barbet, parle à luy en ceste forme. Enquis, en quelle forme se met le Diable estant au Sabbath. Respond, qu'il ne l'a iamais veu autrement qu'en forme de barbet noir. Enquis, quelles ceremonies ils obserruent estant au Sabbath. Respond, que le Diable estant*

172. Pitcairn, iii, p. 613.

173. De um julgamento em Guernsey Greffe.

174. Bogue, pp. 8, 70, 411.

175. *La Tradition*, v (1891), p. 215.

176. Howell, viii, 1034, 1036.

177. Pinkerton, i, p. 473.

178. Bruxas de Chelmsford, p. 34; Soc.Philobiblon., viii.

en forme de barbet noir (comme dessus est dit) se met tout droit sur les pattes de derriere, les preche”¹⁷⁹, etc. Em Guernsey, 1617, Isabel Becquet foi ao Castelo Rocquaine, o lugar onde o Demônio ficava no Sabbath; e logo que ela chegou o Demônio apareceu na forma de um cachorro com dois chifres grandes, e uma de suas patas (que parecia uma mão, na opinião dela) a pegou pela mão; ele a chamou pelo nome e disse-lhe que era bem-vinda; logo após, ele pediu para que ela se ajoelhasse, enquanto ele permanecia em pé. Depois, o Demônio exigiu que ela expressasse um descontentamento com relação à Eternidade por meio das seguintes palavras: “*I renounce God the Father, God the Son, and God the Holy Ghost*” (Eu renuncio a Deus Pai, Deus Filho e a Deus Espírito Santo); e finalmente fez com que ela o adorasse e o invocasse.¹⁸⁰ A esposa de Barton declarou em 1655, que “numa noite quando ia dançar em Pentland-Hills, ele apareceu diante deles na forma de um cachorro se escondendo num par de Pinheiros, e seu rabo balançava de um lado para o outro.”¹⁸¹ Em 1658, uma bruxa de Alloa chamada Jonet Blak declarou que ele apareceu para ela primeiramente como “um cachorro com uma cabeça enorme”.¹⁸² Em 1661, Jonet Watson de Dalkeith disse que “o Demônio apareceu para ela na forma de um jovem atraente, vestido em roupas verdes, e desapareceu na forma de um cachorro preto”.¹⁸³ De acordo com Marie Lamont de Innerkip, em 1662, “o Demônio na forma de um cachorro marrom” o ajudou a criar uma tempestade. Margaret Hamilton, viúva de James Pullwart de Borrowstones, em 1679, foi acusada de encontrar “o demônio na forma de um homem, que foi embora na forma de um cachorro preto”.¹⁸⁴ As bruxas de Highland viram o demônio “disfarçado de cachorro no século XVIII; disseram que ele era grande, preto e feio. Ele pediu que elas o obedecessem e, reconhecendo sua posição, gruniu, saltou e bateu suas patas”.¹⁸⁵ No caso do disfarce de um cachorro, havia novamente a semelhança com relação às crenças e aos costumes de Lapp, e o aparecimento do Demônio como um cachorro não era raro em Lapland.¹⁸⁶

4. Bode – Uma questão interessante relacionada a esta forma de disfarce era que ela não ocorria na Grã-Bretanha nem na Bélgica. Prevaleceu principalmente na França, de onde todos os meus exemplos foram extraídos. Em Pictiers, 1574, “*trois Sorciers & une Sorciere declarent qu'ils estoient trois fois l'an, à l'assemblée generale, où plusieurs Sorciers se, trouuoient près d'une croix d'un carrefour, qui seruoit d'enseigne. Et là se trouuoit un*

grand bouc noir, qui parloit comme, une personne aux assistans, & dansoyent à l'entour du bouc.”¹⁸⁷ Em Avignon, 1581, “quando ele se tornava adorado ele não aparecia na forma humana, mas como as próprias bruxas relataram, concordavam com o horário que ele estaria no altar (que era uma rocha ou pedra grande) para que elas o venerassem e ele se transformava em um bode preto, ainda que em todas as outras ocasiões ele aparecesse na forma humana.”¹⁸⁸ Em Lorraine, 1589, o Demônio “*sich in einen zottelichten Bock verwandelt hat, und viel stärker reucht und übler stinckt als immer ein Bock im Anfang des Frühlings thun mag*”. Em Puy de Dôme, 1594, o amante de Jane Bosdeau a levou para uma reunião e lá apareceu um bode preto com uma vela grande entre seus Chifres.¹⁸⁹ Em 1598, “*Satan apres auoir prins la figure d'un Bouc, se consume en feu.*” Nos Basses-Pyrénées, 1609: “*le Diable estoit en forme de bouc, ayant vne queue, & audessous vn visage d'homme noir, & n'a parole par ce visage de derriere. Marie d'Aguerre dit qu'il y a une grande cruche au milieu du Sabbat, d'où sort le Diable en forme de bouc. – D'autres disent qu'il est comme vn grand bouc, ayant deux cornes devant & deux en derriere; que celles de devant se rebrassent en haut comme la perrque d'une femme. Mais le commun est qu'il a seulement trois cornes, & qu'il a quelque espece de lumiere en celle du milieu. On luy voit aussi quelque espece de bonet ou chapeau au dessus de ces cornes. On a obserué de tout temps que lorsqu'il veut receuoir quelcun à faire pacte avec luy, il se present tousiours en homme, pour ne l'effaroucher ou effraier: car faire pacte avec vn Bouc ouuertement, tiendrait plus de la beste que de la creature raisonnable. Mais le pacte paict, lors qu'il veut receuoir quelqu'un A l'adoration, communement il se represent en Bouc.*”¹⁹⁰

Sivain Nevillon confessou em Orleans em 1614 “*qu'il a veu le Diable en plusieurs façons, tantost comme un bouc, ayant un visage deuant & vn autre derriere.*”¹⁹¹

5. Cavalo – Citarei somente as referências do Demônio realmente disfarçado de um cavalo; no entanto, há um número muito grande de casos em que ele apareceu andando a cavalo. Estes casos eram tantos que é possível dizer que o cavalo era parte do ritual, especialmente quando o Demônio cavalgava sobre ele em lugares onde o disfarce de um animal não era utilizado, como por exemplo: em 1598, em Aberdeen, Andro Man confessou que “Crystsunday cavalgava o tempo todo e era seu companheiro”.¹⁹² O verdadeiro disfarce de um cavalo não era muito comum. Elizabeth Stile

179. De Lancre, *L'Incredulité* p. 805.

180. Goldsmid, p. 12.

181. Sinclair, p. 163.

182. *Scottish Antiquary* (Antiquário Escocês), ix, 51.

183. Pitcairn, iii, p.601.

184. *Revista Scots*, 1814, p. 201. Ortografia corrigida.

185. Stewart, p. 175. A narrativa toda é contada através do estilo cômico do autor.

186. Pinkerton, i, p. 473.

187. Bodin, p. 187.

188. Michaelis, Discourse p. 148.

189. F. Hutchinson, Historical Essay (Narrativa Histórica), p. 42.

190. De Lancre, Tableau, pp. 67, 68, 69, 126.

191. Id., *L'Incredulité*, p. 800.

192. Clube Spalding Misc.; i, p. 125. Cp. Elworthy num Cavalo de Passeio como o Demônio, Horns of Honour, p. 140.

de Windsor, em 1579, “confessou que ela esteve várias vezes na casa do Pai Rosimond onde ela o encontrou sentado num tronco, não muito longe da cerca, sob uma árvore, e que em algumas vezes ele tinha a forma de um macaco e em outras a forma de um cavalo”.¹⁹³ Helen Guthrie afirmou em 1661 que quando as bruxas de Forfar tentaram afundar o navio, “o demônio estava lá presente com elas, na forma de um cavalo. Elas retornaram à mesma forma de antes, exceto o Demônio, que assumiu a forma de um homem”.¹⁹⁴ Mary Lacey de Salem, disse em 1692 que ele apareceu na forma de um cavalo, “Eu estava na cama e o demônio veio até mim e exigiu que eu o obedecesse.”

6. Carneiro – O disfarce de carneiro, que tinha provavelmente a forma de um bode, era geralmente encontrado na França. Em 1453, “*Guillaume Edeline, docteur en théologie, prieur de S. Germain en Laye, et auparavant Augustin, et religieux de certaines aultres ordres... confessa, de as bonne et franche volonté, avoir fait hommage audit ennemy en espèce et semblance d’ung mountoun*”.¹⁹⁵ Iaquema Paget e Antoine Gandillon disse-ram em 1598 que “*il prenoit la figure d’un mouton noir, portant des cornes*”.¹⁹⁶ Em 1614, Silvain Nevillon, em Orleans, foi induzida a revelar tudo o que sabia: “*dit qu’il a veu le Diable en plusieurs façons, tantost comme un bouc, ores comme un gros mouton*”.¹⁹⁷

Os disfarces de animais mais raros eram o de veado e o de urso. O de veado era encontrado em Aberdeen, em 1597, Andro Man “confessou e afirmou que viu Christsonday aparecer na forma de um veado”.¹⁹⁸ Em 1662, Auldearne, “ele apareceu como um touro, um veado e um cachorro”;¹⁹⁹ em Hartford, Connecticut, 1662, Rebecca Greensmith disse que “o Demônio primeiramente apareceu para ela na forma de um veado ou cervo”.²⁰⁰ O urso era ainda mais raro, uma vez que eu encontrei somente duas vezes em Lorraine e uma vez em Lancashire. Em 1589, “*es haben die Geister auch etwann Lust sich in Gestalt eines Bären zu erzeugen*”.²⁰¹ Em 1613, Anne Chattox declarou que o Demônio “apareceu à noite na forma de um urso, abrindo sua boca de uma forma que a preocupou. E a segunda vez que ela o viu era uma quinta-feira, véspera do início do verão; era noite e ele, na forma de urso, não disse nada, somente a puxou.”²⁰²

193. Reehearsall both Straung and True, par. 24.

194. Kinloch, pp. 122-3.

195. Chartier, iii, 44-5.

196. Boguet, p.70.

197. De Lancre, *L'Incredulité*, p. 800.

198. Clube Spalding Misc.; i, p. 121.

199. Pitcairn, iii, p.613.

200. Taylor, p. 98.

201. Remingius, p.98.

202. Potts, E 3

III. Cerimônias de Admissão

1. Geral

Nas cerimônias de admissão, como em todas as outras cerimônias do culto, a essência era a mesma em todas as comunidades e países, ainda que alguns detalhes as diferenciasssem. As duas questões consideradas como a essência da cerimônia eram invariáveis: a primeira era que os candidatos deveriam participar de livre e espontânea vontade, sem qualquer compulsão; a segunda, era que eles fossem devotos, de corpo e alma, ao Mestre e seu serviço.

As cerimônias de admissão se diferenciavam de acordo com a idade do candidato. O mais completo registro de admissão de crianças era de Basses-Pyrénées em 1609:

“*Les Sorcieres luy offre {n}t des petits enfants le genoüil en terre, lui disant avec vue soumission, Grand seigneur, lequel i’adore, ie vous ameine ce nouveau seruiteur, lequel estre perpetuellement vostre esclave: Et le Diable en signe de remerciement & gratification leur respond, Approchez vous de moy: à quoy obeissant, elles en se trainant à genouil, le luy presentent, & luy receuant l’enfant entre ses bras, le rend a la Sorciere, la remercie, & puis luy recommande d’en auoir soing, leur disant par ce moyen as troupe s’augmentera. Que si les enfants ayans attainct l’aagee de neuf ans, par malheur se voüent au Diable sans estre forcez ny violentez d’aucun Sorcier, ils se prosternent par terre deuant Satan: lequel iettant du feu par les yeux, leur dit, Que demandez vous, voulez vous estre à moy? Ils respondent qu’ouy, il leur dict, Venez vous de vostre bonne volonté? Ils respondent qu’ouy, Faictes donc ce que ie veux, & ce que ie fay. Et alors la grande maistresse & Royne du Sabbat qui leur sert de pedagogue, dict à ce nouveau qui se presente, qu’il die à haute voix, Je renie Dieu premierement, puis Iesus Christ son Fils, le S. Esprit, la vierge, les Saints, la Sainte Croix, le Chresme, le Baptesme, & la Foy que ie tiens, mès*

Parrain & Marraine, & mê[s] rements de tout poinct en ton pouuoir & entre tes mains, ne recognis autre Dieu: si bien que tu es mon Dieu & ie suis ton esclau. Après on luy baille vn crapaud habillé avec son capot ou manteau, puis il commande qu'on l'adore; si bien qu'obeyssans & estants mis 'a genouil, ils baisent le Diable au près de oeil gauche, A la poitrine, la fesse, à la cuisse, & aux parties honteuses, puis leuant la queue ils luy baisent le derriere."²⁰³

O noviço era então marcado com um arranhão de um instrumento pontiagudo, mas não era admitido pelos "altos mistérios" até a idade de vinte anos.²⁰⁴ Como outras cerimônias não são mencionadas, pode-se concluir que a iniciação nestes mistérios era realizada em etapas e sem nenhum rito em especial.

Em Lille, em meados do século XVII, Madame Bourignon encontrou um lar para meninas das classes mais baixas, "*pauvres et mal-originées, la plus part si ignorantes au fait de leur salut qu'elles vivoient comme des bêtes.*"²⁰⁵ Após alguns anos, por volta de 1661, ela descobriu que trinta e duas daquelas meninas eram adoradoras do Demônio e freqüentavam os Sabbaths das Bruxas. Todas elas "sofreram esta injúria antes de entrar na Casa."²⁰⁶ Uma das garotas, Bellot, de quinze anos, disse que "sua Mãe lhe havia levado com ela quando ainda era muito jovem e tinha até mesmo lhe carregado em seus braços a caminho do Sabbath." Uma outra menina, com doze anos, também tinha o costume de ir ao Sabbath desde "pequena". Como as meninas pareciam ter gostado da Madame Bourignon, ela era capaz de conseguir muitas informações com elas. Elas lhe disseram que todos aqueles que adoram o Demônio precisam oferecer-lhe seus filhos. Quando as crianças são oferecidas ao demônio pelos pais, tem-se o uso da razão, e mais tarde o demônio exige a alma, fazendo com que Deus seja renunciado juntamente com o Batismo e tudo que está relacionado à fé. Na promessa de honrar o Demônio, como num casamento, em vez da aliança o demônio fornece uma marca feita com ferro quente em alguma parte do corpo.²⁰⁷

Era claro também que Marguerite Montvoisin,²⁰⁸ em Paris, tinha sido instruída por uma bruxa quando ainda era muito jovem; no entanto, como seu julgamento era por tentativa de envenenar o rei e não por praticar bruxaria, não há nenhuma cerimônia de admissão registrada.

Na Grã-Bretanha, as cerimônias de recepção das crianças não eram fornecidas em detalhes, ainda que fossem, na maioria das vezes, conhecidas pelas bruxas, que consagravam seus filhos ao demônio assim que eles

nasciam e, por meio dos seus depoimentos, podemos concluir que em muitos casos elas pertenciam a uma mesma religião durante toda a sua vida. E, algumas vezes, eram encontrados depoimentos suficientes contra uma mulher cuja mãe era bruxa,²⁰⁹ e que provavelmente havia sido criada por algum venerador do demônio.

Os filhos de Anderson, em Renfrewshire, foram todos admitidos para a sociedade desde pequenos.²¹⁰ Elizabeth Anderson tinha somente sete anos quando teve de jurar honra ao "homem negro". James Linday ainda não tinha quatorze anos e seu irmão Thomas era um "bebê" na época do julgamento, quando ele declarou ter sido subornado pela promessa de um casaco vermelho para servir o "Cavaleiro que ele acreditava ser o Demônio".²¹¹ Em Forfar, 1661, Jonet Howat era tão jovem que quando Isabel Syrie "a apresentou para o demônio"; ele disse: "O que farei com alguém tão pequeno?" Ele a aceitou e, no entanto, ela tornou-se a mascote da comunidade, a quem o Demônio chamava de "seu passarinho".²¹² Em Paisley, Annabil Stuart tinha quatorze anos quando, por insistência de sua mãe, fez votos de fidelidade ao Demônio.²¹³

Elizabeth Frances em Chelmsford, 1556, tinha aproximadamente doze anos quando sua avó lhe ensinou a arte da bruxaria.²¹⁴ Elizabeth Demdike, uma bruxa famosa de Lancashire, "educou seus próprios filhos e instruiu suas netas para que se tornassem bruxas".²¹⁵ Uma de suas netas, Jenett Device, tinha nove anos no dia do julgamento.

Na Suécia, as crianças eram levadas, regularmente, às assembleias, e na América também havia registro de uma bruxa criança com o nome de Sarah Carrier, de oito anos, que fez seus votos dois anos antes da instigação de sua mãe.

A cerimônia de admissão dos adultos, que eram convertidos do Cristianismo para a religião das bruxas, seguia as mesmas linhas. Tratava-se do (1) livre consentimento do candidato, (2) da negação explícita e rejeição da antiga religião, (3) da consagração absoluta e inteira de corpo e alma ao serviço e comandos do novo Mestre e Deus.

As cerimônias eram mais surpreendentes e dramáticas para os adultos do que para as crianças. Registrados na Grã-Bretanha e na França com os mesmos detalhes, ainda assim é possível observarmos algumas diferenças locais; embora na Inglaterra as cerimônias tivessem perdido toda a sua significância, comparando-se à Escócia, existem breves registros, provavelmente pelo fato de serem mais reduzidos.

209. Reg. Scot., Bk. II, p. 36 (citado de C. Agrippa.)

210. *Narrative of the Suffering of a Young Girl* (Narrativas dos Sofrimentos de uma Jovem Garota), p. xxxix.

211. *Id.*, pp. Xi, xli.

212. Kinloch, pp. 124, 123.

213. Glanvil, ii, p. 291.

214. Sociedade Philobiblon, viii, p. 24.

215. Potts, B 2.

203. De Lancre, Tableau, p. 398.

204. *Id. ib.*, p. 145.

205. *Id.*, Parole, p. 85; Hale, p. 26.

206. *Id.*, Vie, p. 211; Hale, p. 29.

207. *Id. ib.*, p. 223; Hale, p. 37.

208. Ravaisson (nos anos de 1679-81).

O aspecto legal das cerimônias de admissão foi bem expressado pelo Sr. George Mackenzie, em 1699, na escritura das leis escocesas que relataram a bruxaria no século XVII:

“Como relevância a este crime, o primeiro artigo costumava ser o pacto de servir ao demônio, o qual é certamente relevante, *per se*, sem qualquer adição... O pacto com o demônio é dividido pelos advogados, *in expressum*, & *tacitum*, um pacto expresso e um tácito. O pacto expresso é realizado tanto por uma promessa formal feita ao demônio como por uma súplica a ele ou então, por meio de uma promessa ao Comissário Proxie nomeado pelo demônio para este fim, o qual é usado por aquele que não ousa olhar para si mesmo. A fórmula criada por Delrio era “*I deny God Creator of Heaven and Earth, and I adhere to thee, and believe in thee*” (Eu renuncio o Deus Criador do Céu e da Terra e apego-me à você, e acredito em você). Porém, alguns registros mostram que a forma comum de realizar o pacto de acordo com as testemunhas era a simples promessa de servi-lo. O pacto tácito era feito quando uma pessoa não havia realizado o pacto expresso utilizando as palavras e os sinais usados pelo demônio... A renúncia do batismo era para Delrio um tipo de pacto, ainda que para nós fosse relevante, *per se*... e a solenidade das bruxas era simplesmente colocar uma mão sobre a cabeça e a outra na sola do pé, renunciando seu batismo naquela postura. Delrio acrescentou que o Demônio costumava batizá-los novamente, desconsiderando seu primeiro ato batismal: e as bruxas eram responsáveis pelos nomes novos... A marca usada pelo demônio era um grande artigo; no entanto, não era considerada relevante, exceto se fosse confessada por eles que haviam adquirido a marca pelo seu próprio consentimento, *quo casu*, que era equivalente ao pacto. Esta marca lhes era conferida, como diziam, por um sinal feito em qualquer parte do corpo.”²¹⁶

Reginald Scot²¹⁷ forneceu, anteriormente, considerações semelhantes a respeito das bruxas inglesas, ainda que tenha se expressado por um conjunto de frases não tão lícito:

“O significado de seu pacto ou profissão era duplo; um era solene e público; o outro era secreto e particular. O chamado solene e público era aquele em que as bruxas se reuniam em determinadas assembléias com horários predeterminados e não se encontravam com o demônio somente em forma visível, mas também falavam e aconselhavam-se com ele. Nestas conferências o demônio as exortava e analisava sua fidelidade para com ele, prometendo prosperidade e uma vida mais longa. Depois, as bruxas realizavam as suas assembléias para escolher o novo ministro (o qual chamavam de novato); se o demônio encontrasse uma bruxa jovem que julgasse apta para renunciar à fé cristã e desprezar os sete sacramentos e pisotear cruzeiros esperando pelo dia de sua elevação, quebrar seu jejum em

dias em que este era o costume e jejuar então aos domingos; então o demônio lhes estendia sua mão e de mãos dadas com o novato prometiam observar e seguir todos os mandamentos do demônio. Isso feito, o demônio passava a ser mais exigente com elas, garantindo que nada daquilo seria para servi-lo; e assim exigia delas seu respeito e admiração: sim, ele também dizia a elas que deveriam entregar-se a ele de corpo e alma e que deveriam se entregar para o fogo eterno: ao que elas se entregavam prontamente. Então, ele as encarregava de sair e buscar quantos fosse possível, homens, mulheres e também crianças, para que se unissem à sua sociedade... Às vezes, sua admiração para com seu juramento e pacto era feito por alguns anos e, às vezes, para sempre. Às vezes ele significava a negação de toda sua fé, às vezes somente de parte dela. A primeira acontecia quando a alma era completamente entregue ao demônio e ao inferno: a outra acontecia quando elas observavam em seu pacto o fato de não deixarem de acreditar em determinadas cerimônias e imagens da igreja, como confessar-se, jejuar aos domingos, etc. E isso era feito por juramento, protesto de palavras ou por um ato que mostrava a obrigação por escrito, às vezes selado com cera e às vezes assinado com sangue.”

Forbes disse que: “um *covenant* era encontrado ao lado de uma bruxa e o demônio aparecia numa forma visível. Por meio da renúncia a Deus e ao batismo era possível ligar-se ao demônio e, a partir daí, realizar todos os danos possíveis em qualquer ocasião, entregando o corpo e a alma a ele após a morte. O demônio agia com alguns *Proselytes*, considerando a forma pela qual aparecia para eles nos serviços que eram esperados e o desempenho de alguns encantos ou ritos das cerimônias. Este pacto era feito verbalmente, caso o partido não pudesse escrever. E caso fosse escrito, um *covenant* assinava com seu sangue”²¹⁸

A seqüência geral da cerimônia de admissão podia ser considerada pelos depoimentos dados nos julgamentos, ainda que ninguém fornecesse a seqüência completa nos julgamentos. A cerimônia acontecia de forma particular, num encontro local, ou no Sabbath; a cerimônia era a mesma para qualquer sexo, exceto os homens que nem sempre eram apresentados como as mulheres. Caso houvesse algum tipo de introdução, esta era realizada por alguém que conhecia o candidato; na maioria das vezes era feita pela pessoa que o tinha convidado para juntar-se à sociedade. O candidato aparecia diante do demônio, que lhe perguntava se ele estava disposto a se tornar seu servo de fé e se sua religião anterior seria renunciada a fim de atender a seus serviços. Após a renúncia e os juramentos, o demônio batizava o candidato em seu próprio nome, e junto com as bruxas escocesas davam a ele um novo nome pelo qual seria chamado nos Sabbaths e em outros encontros. A cerimônia finalizava-as com a marca em alguma parte do corpo.

216. Horneck, pt. li., pp. 317-20.

217. Howell, vi, 669; J. Hutchinson, Hist de Massachussetts, ii, p. 44.

218. Mackenzie, Titulo x, pp. 47, 48.

2. A Apresentação

Não temos certeza se a apresentação do candidato pelo membro da sociedade era um detalhe importante para o início ou para o fim da cerimônia. É provável que ela acontecesse no início, quando o apresentante permanecia ao lado do candidato da mesma forma que os cristãos o fazem na hora do batismo. Por outro lado, é compreensível que, quando a religião das bruxas se tornou objeto de perseguição, nenhum membro novo podia ser admitido, a menos que fosse atestado por alguém de confiança. Nos casos em que os primeiros encontros com o demônio foram registrados, os dois sistemas aparecem em questão. Ocasionalmente, entretanto, os relatos mostram uma confusão por parte do registrador. Embora Anne Chattox tenha dito que sua mãe Demdike a apresentou ao demônio em sua própria casa, onde ela lhe entregou sua alma, existem registros que relatam “algo parecido com um homem cristão, durante quatro anos seguidos, apareceu algumas vezes e pediu que entregasse sua alma: e no fim, ela entregou-lhe sua alma e permaneceu sozinha em sua casa na floresta de Pendle”.²¹⁹ As duas afirmações são inconsistentes, se considerarmos que em sua própria casa ela admitiu juntar-se à sociedade e que fez os juramentos na presença de sua mãe. Como via de regra, o homem parecia juntar-se a eles por um convite feito pelo próprio demônio, principalmente se eles eram provenientes de famílias de bruxas.

3. A Renúncia e os Juramentos

A renúncia dos prévios erros da fé e os juramentos de fidelidade à nova crença eram parte da cerimônia de admissão de qualquer candidato a nova religião. A renúncia das bruxas era explícita, porém, os registros são capazes de relatar, em poucas palavras, por exemplo: “Eu neguei meu batismo”, “Eu abandonei Deus e Cristo”, “*Ils renient Dieu, la Vierge, et le reste*”, “*Une renonciation expresse à Iesu-Christ & à la foy*”; no entanto, algumas vezes as palavras eram fornecidas por completo. Mackenzie, ao citar Del Rio, forneceu-nos a fórmula: “Eu renuncio a Deus, Criador do Céu e da Terra, e volto-me a você e acredito em você”.²²⁰ A fórmula verdadeira foi válida ainda no caso do padre Louis Gaufrédy, julgado diante do Parlamento de Aix em 1611:

“Je Louys Gaufrédy renonce à tous les biens tant spirituels que corporels qui me pourroyent estre conferez de la part de Dieu, de la vierge

219. W. Forbes, ii, 33, ed. 1730.

220. Mackenzie, p. 47, ed. 1699.

*Marie & de tous les Saincts de Paradis, pareillement de mon patron S. Iean Baptiste, S. Pierre, S. Paul, & S. François, & de me donner de corps & d'ame à Lucifer icy present avec tous les biens que ie feray à iamais: excepté la valeur du Sacrement pour le regard de ceux qui le recevront: Et ainsi le signe et atteste”*²²¹

Jeannette d'Abadie, dezesseis anos, disse que exigiram dela “*renoncer & reiner son Createur, la sainte Vierge, les Saincts, le Baptesme, pere, mere, parens, le ciel, la terre & tout ce qui est au monde*”.²²² A irrevogabilidade daquela renúncia era imposta às bruxas da Suécia de uma maneira bastante dramática: “O demônio lhes dava uma bolsa onde havia ponteiros de um relógio e uma pedra amarrada a ele, o qual deveria ser atirado à água com as seguintes palavras: ‘Da mesma forma que estes ponteiros nunca mais retornarão ao relógio de que foram tirados, minha alma nunca retornará ao Céu’”.²²³

Os juramentos ao novo Deus eram tão explícitos quanto às renúncias do Deus antigo. Danaeus disse que “Ele exigia que o velho Deus, o Criador, fosse abandonado com seus poderes na promessa de venerá-lo e obedecê-lo”.²²⁴ As bruxas inglesas faziam os votos de adoração e obediência e devotavam-se de corpo e alma a ele; algumas vezes entregavam somente a alma; porém, bruxas e bruxos escoceses colocavam uma mão em suas cabeças e a outra nas solas dos pés e dedicavam tudo o que estava entre as duas mãos ao serviço do Mestre.²²⁵ Havia uma pequena variação desta cerimônia em Dalkeith em 1661, na qual o Demônio colocou sua mão sobre a cabeça de Jonet Watson e pediu “tudo o que estava embaixo de sua mão”, e assim ela o fez.²²⁶

No sul da França, os candidatos, após renunciarem a sua antiga devoção, “*prennent Satan pour leur pere et protecteur, & la Diablesse pour leur mere*”.²²⁷ Em Lille, as crianças realizavam a cerimônia da consagração,²²⁸ mostrando o mesmo ritual ali realizado.

221. De Lancre, Tableau, p. 182.

222. Id. ib., p. 131.

223. Horneck, pt. ii, p. 322.

224. Danaeus, ch. ii, E 1.

225. Lord Fountainhall mencionou um caso em que uma mulher estava grávida, e que o demônio estava muito insatisfeito. Decisões, i, p.14.

226. Pitcairn, iii, p. 601.

227. De Lancre, Tableau, p. 123.

228. Bourinon, Vie, p. 214; Hale, p. 31.

4. O pacto

O pacto não ocorria em todos os casos e era, provavelmente, uma introdução posterior à celebração do rito. Forbes, conforme mencionou anteriormente, mostra-nos o contrato entre o Demônio e seu seguidor e as partes a serem seguidas por cada um. Em Somerset, as bruxas decidiam se elas o escreveriam ou não, e aqueles que não fossem escritos recebiam uma cruz ou um círculo como sua marca.

O livre consentimento dos candidatos era um requisito exigido e, pelas confissões das próprias bruxas, o consentimento não era simplesmente livre, mas sim imposto. Isobell Crawford, do Coven de Irvine, em 1618, foi acusada de que o demônio “apareceu para ela na forma de um homem negro e prometeu que ela conseguiria tudo o que quisesse caso fosse sua serva, e ela concordou.”²²⁹ A pequena Janet Howat disse que o Demônio “fez com que ela renunciasse a Deus e ela acrescentou que iria se casar.”²³⁰ No relato contra Christian Grieve, havia uma afirmação de que “o Satã deseja que você se torne seu servo, ao que de livre e espontânea vontade você deve concordar... E que você deve obedecer ao ministro e aos chefes a serem mencionados especialmente com relação à renúncia de seu batismo e então vimos o Satã aparecer diante de nós e nos perguntar sobre nossa decisão ao que respondemos que aceitávamos tudo.”²³¹ Bessie Henderson e Janet Brugh, do mesmo Coven, reconheceram os mesmos fatos. Para elas, “o Demônio apareceu e perguntou se queriam ser suas servas e elas livremente disseram que sim.”²³² Janet Brugh foi ainda mais enfática: “O Satã desejava que você fosse seu servo e lhe prometeu conceder tudo o que desejasse caso renunciasse o batismo, e assim, todos o concordavam.”²³³

O contrato escrito era muito pesado para as mentes legais dos juízes e magistrados e, portanto, era bastante mencionado. No entanto, não havia registro do acordo de qualquer indivíduo na convenção da Grã-Bretanha; o demônio parecia ter guardado em sua própria custódia qualquer pergaminho, papel ou livro. Na França, entretanto, os contratos caíram ocasionalmente nas mãos das autoridades; o primeiro caso foi em 1453, quando Guillaume Edeline, Superior do Convento de St. Germain-en-Laye, fez um pacto com o demônio, que depois virou contra sua própria pessoa.” A bruxa Stevenote de Audebert, que foi queimada em janeiro de 1619, mostrou a De Lancre que “*le pacte & conuention qu'elle avoit faict avec le Diable, écrite en sang de menstruës, & si horrible qu'on avoit horreur de la regarder.*”

229. Isobel Inch, p.16.

230. Kinloch, p. 125. Ortografia corrigida.

231. Burns Begg, p. 239.

232. Id., pp. 223-4

233. Id., p. 237.

O contrato deveria ser sempre assinado com o sangue da bruxa e aqui deparamos com um mal-entendido entre a marca feita na pessoa e a marca feita pela pessoa. Parece evidente que parte da cerimônia de iniciação era o corte na pele do candidato para a efusão do sangue. Este era o início do rito e parece provável que a partir do momento que o contrato entrou em questão, o sangue tornou-se um líquido de escrita conveniente, que era oferecido ao demônio na forma de uma assinatura. Esta assinatura desempenhou um papel importante nos novos julgamentos ingleses.

O contrato tinha, geralmente, termo ao final da vida da bruxa; porém, as vezes o termo era de anos, um número que variava consideravelmente. Conforme Scot disse, “Algumas vezes sua honra e seus juramentos eram recebidos por um determinado contrato de alguns anos; e algumas vezes para a vida toda.”²³⁴ As crenças populares indicavam um período de sete anos de contrato e quando este chegasse ao fim, o demônio tinha de matar seu seguidor. A tradição parece estar correta, mas há alguns depoimentos que relatam que os seguidores eram libertados e podiam descontinuar ou revisar o contrato ao fim do termo previsto. Tal revisão parece ter sido realizada na consulta de um novo mandante. Na França, Inglaterra e Nova Zelândia a duração do contrato era mencionada, na Escócia ela era mencionada pelas autoridades legais; no entanto, pelo fato de isto não ocorrer nos julgamentos, parece que o contrato das bruxas escocesas era para sempre.

Magdalene de la Croix, abadessa de uma casa religiosa em Cordova em 1545, fez um contrato “com duração de trinta anos”, e ela era uma menina de doze anos.²³⁵ Em Paris, 1571, “*il y eut un advocat lequel confessa qu'il avoit passé l'obligation au Diable renonceant à Dieu, & icelle signee de son propre sang. Encores s'est il verifié par plusieurs procez, que l'obligation reciproque entre le diable, & le sorcier, contient quelquesfois le terme d'un na, deux ans, ou autre temps.*” Em Faversham, 1645, Joan Williford disse que “o demônio prometeu ser seu servo por vinte anos, e o prazo já estava se encerrando.”²³⁶ Em Huntingdonshire, 1646, Elizabeth Weed de Great Catworth confessou que “o demônio havia se oferecido para causar o dano que ela quisesse e pediu que ela se encontrasse com ele para lhe entregar sua alma no período de vinte anos, e assim ela o fez.”²³⁷ Em 1652, Giles Fenderlin de Leaven Heath foi julgado quando ainda era um soldado em Bell, Flanders, por fazer um pacto de cinco anos com um jesuíta; após o vencimento dos cinco anos, em 1643, ele renovou o pacto o qual duraria mais quatorze anos; nesse tempo ele teve dois dedos da sua mão direita furados por uma agulha para que o sangue saísse e ele escrevesse seu nome, com seu próprio sangue, antes de encon-

234. Reg. Scot, Bk. III, p.41.

235. Pleasant Treatise, p. 88.

236. Exame de Joan Williford, p. 4.

237. Davenport, p.1.

trar o demônio. Ele seria protegido durante o período de quatorze anos; porém, quando o tempo encerrasse, ele teria de entregar seu corpo e sua alma ao demônio.”²³⁸ Em Lille, 1661, as meninas de Madame Bourignon indicaram a renovação do contrato: “O demônio lhes fez uma marca, pela qual realizavam novas promessas e faziam também novas marcas como garantia que aquelas pessoas continuariam devotas a ele.”²³⁹ Em Somerset, 1664, Elizabeth Style disse que o demônio “lhe prometeu dinheiro e a certeza de viver bem, desfrutando os prazeres da vida por um período de doze anos, caso ela assinasse o papel com seu sangue, o que significava a entrega da sua alma para ele.” Em Groton na Nova Inglaterra, em 1671, de acordo com Elizabeth Knap, “o período de tempo fornecido por ele era de sete anos; um ano era para ser devoto a seu serviço e os outros seis anos ele a serviria, e torná-la-ia uma bruxa.”²⁴⁰ Em Newcastle-on-Tyne, em 1673; Ann Armstrong “depôs que Ann Drydon tinha um acordo de cinquenta anos com o demônio, dos quais dez já havia passado; Ann Foster tinha um acordo para sua vida de quarenta e sete anos, dos quais ainda faltavam sete. Lucy Thompson tinha um acordo de quarenta e dois anos, dos quais ainda lhe faltavam dois, mas, por estar próximo do fim, ela já o havia persuadido a aumentar o pacto em mais três anos.”²⁴¹ Na Nova Inglaterra, algumas pessoas “aflingidas” disseram que a dona de casa C. “tinha um acordo de se encontrar com o demônio durante dez anos, dos quais seis já havia passado e só lhe restavam quatro.”²⁴² Na França contemporânea, a crença do contrato de anos era registrada, mas não havia nada a respeito da revisão do contrato ou do destino daqueles que o recusavam. No departamento de Entre-Sambre-et-Meuse o método completo para se adquirir um contrato era sabido: “*Si vous voulez venir au bois avec moi, vous verrez un homme venir à vous. C’est le chef. Il vous demandera si vous voulez vous engager dans la société. Si vous acceptez, le terme d’engagement est de sept ans et vous gagnerez une plaquette par jour.*”²⁴³ Dentre os Walloons o neófito o conduzia a uma galinha preta, a qual era comprada pelo demônio e depois o contrato era ratificado, “*le pacte est fait pour une durée de sept ans.*”²⁴⁴

238. Sra. Joan Peterson, p.4.

239. Bourignon, Vie, p. 223; Hale, p. 37.

240. Green, p. 14.

241. Soc. Surtees., xl, p. 196.

242. Increase Mather, p. 205.

243. Lemoine, *La Tradition*, vi (1892), p. 106.

244. Monseur, p.84.

5. O Batismo

Os registros do batismo dos candidatos são raros e o rito era, possivelmente, copiado da cerimônia cristã e, portanto, sua data é mais recente. O batismo não pareceu ter ocorrido na Inglaterra e muito raramente na Escócia. O registro mais antigo é encontrado em Basses-Pyrénées (1609), onde Jeannette d’Abadie afirmou “*qu’elle a veu souvent baptiser des enfants au sabbat, qu’elle nous expliqua estre des enfants des sorcieres & non autres, lesquelles ont accoutumé faire plustost baptiser leurs enfans au sabbat qu’en l’Eglise.*”²⁴⁵ O rito, entretanto, foi realizado em Bute por volta de 1662: Margret McLevine confessou “que ela estava em um quarto pequeno em Balichtarach, quando o demônio chegou até ela na forma de um homem e pediu que o acompanhasse; ela recusou e disse que não iria e mesmo nunca o tendo visto antes, ela sabia que ele era o demônio; após ir embora, ele retornou até ela e pediu que lhe desse sua mão; ela disse não, porém ele a pegou pelo dedo do meio da mão direita e quase a cortou. Seu dedo ficou dolorido por quase um mês e ela relatou que nunca havia sentido tamanha dor, a qual também atingia a perna direita. Em Ardrosidell, o demônio apareceu novamente para ela, numa forma horrível e, desta vez, pediu para que ela fosse com ele; ela recusou e o demônio acrescentou que, ou teria a ela ou a seu coração. Ele curou seu pé inflamado e o dedo da mão direita que ainda estava adormecido. Antes disso, ela se encontrou com ele e prometeu fazer qualquer serviço que ele quisesse. O demônio perguntou o nome dela e ela respondeu que Margret era o nome dado por Deus; então ele a batizou como Jonet.”²⁴⁶

Isobell McNicoll confessou que estava sozinha em sua casa quando o demônio apareceu-lhe na forma de um jovem pedindo que o acompanhasse. Ela confessou ter encontrado com ele quando este prometeu que não iria querer mais dinheiro e ela disse que seria sua serva. Ele a batizou e nomeou-a Caterine. Um mês mais tarde, Caterine saiu de casa pela porta dos fundos numa noite e o encontrou.²⁴⁷ Jonet Nicoll confessou com remorso que em um feriado ela estava na casa de Mary Moore e apareceram para ela dois homens, um com um aspecto rude e o outro um atraente jovem e, então, o homem com aspecto rude a chamou para que o seguisse.

Ela confessou que se encontrou com o Demônio e ele lhe prometeu que não iria mais querer tanto dinheiro e ela disse que seria sua serva, sendo posteriormente batizada como Mary.²⁴⁸ Jonet Morison se encontrou com o demônio em Knockanriouch e como era a segunda vez que os dois

245. De Lancre, Tableau, p.131.

246. Highland Papers, vol. Iii, p.6.

247. *Ib.*, vol. iii, p.12.

248. *Ib.*, vol. iii, p.13.

se encontravam, ela fez um acordo com ele, pelo qual prometeu ser sua serva, etc. Jonet perguntou ao demônio qual era o nome dele e ele respondeu ser Klaresnough, perguntando, logo em seguida, o nome dela. Ela respondeu que Deus lhe havia dado o nome de Jonet Morison e ele pediu para ela não acreditar em Cristo e acreditar somente nele. Jonet foi batizada como Margarat.²⁴⁹ As bruxas Suecas (1669) também eram batizadas, “elas disseram que eram forçadas a ser batizadas pelos padres do demônio e tinham de confirmar o batismo com juramentos e pregações horríveis.²⁵⁰ Curiosamente, o relato mais detalhado foi o da Nova Inglaterra em 1692. Mary Osgood, esposa do Capitão Osgood, caminhou “até um açude de cinco milhas onde foi batizada pelo demônio, que mergulhou seu rosto na água e a fez renunciar seu primeiro batismo, pedindo-lhe que fosse dele para sempre de corpo e alma e acrescentou que deveria servi-lo, e ela concordou. Ela disse que a renúncia do primeiro batismo aconteceu depois que mergulhou seu rosto na água.²⁵¹ O relato da experiência de Goody Lacey foi fornecido na forma de perguntas e respostas:

“P. Goody Lacey! Há quanto tempo foram batizados? R. Acredito que há três ou quatro anos. P. Quem os batizou? R. A velha serpente. P. Como fez isto? R. Ela mergulhou nossas mãos na água dizendo que éramos dela e tinha poderes sobre nós. P. Onde isso aconteceu? R. No Rio Fall. P. Quantas pessoas foram batizadas naquele dia? R. Alguns dos chefes. Acho que eram seis. P. Você sabe os nomes deles? R. Acredito que eram aqueles que tinham mais poderes.”²⁵²

Uma abordagem mais próxima da cerimônia do batismo foi o rito do sangue: “ele expeliu meu sangue e fez uma marca; pôs um pouco em sua mão e passou-a em minha cabeça dizendo: Eu batizo Janet em meu próprio nome.” O demônio marcou Janet Breadhead próximo ao ombro, e chupou meu sangue com sua boca no mesmo lugar; pôs um pouco em sua mão e passou-a em minha cabeça. Ele me batizou em seu nome e me chamou de “Christian”.²⁵³

Embora o batismo fosse raro, a escolha de um nome na admissão era peculiar da Escócia. Os nomes pareciam ser apelidos derivados de diversas fontes; peculiaridades pessoais como por exemplo “*Weill dancing Janet*” ou “*Able and Stout*”; contrações do próprio nome como “*Naip*” para Barbara Napier ou um título como “*Rob the Rowar*” para Robert Grierson que manteve ‘as disputas e títulos’. A maioria dos outros nomes parecia ter vindo de nomes cristãos comuns, ainda que conferidos de forma arbitrária. Não havia nada para esclarecer o motivo da mudança. Em 1590, em Berwick do Norte, os nomes das bruxas eram considerados de grande importância.

249. *Highland Papers*, vol. iii, p. 22.

250. Horneck, pt. ii, p. 321.

251. Howell, vi, 660; J. Hutchinson, ii, p. 31.

252. J. Hutchinson, ii, p. 36.

253. Pitcairn, iii, pp. 603, 617.

“*Robert Grierson being namit, thay ran all hirdie-girdie and wer angrie; for it wes promesit, that he sould be callit. Rot the Comptroller alias Rob the Rowar*” for expreming of his name. – *Effie McCalzane, Robert Grierson, and the said Barbara, hapnit to be namit thair; quhilk offendit all the cumpany: And that they sould nocht haif bene nameit with thair awin names; Robert Grierson, to haif bene callit Rob the rowar; Effie to be callit Cane; and the said Barbara, to be callit Naip.*”²⁵⁴

Posteriormente, as mudanças dos nomes eram de tão pouco valor que em Crook of Devon, diversas bruxas não lembravam o nome pelos quais eram chamadas; Bessie Henderson parecia colecionar nomes, os quais ela recebia após suas confissões. Robert Wilson lembrava o nome do demônio, mas não lembrava o seu próprio nome; Agnes Brugh e Christian Grieve não lembravam nem o nome deles nem o do demônio.²⁵⁵

O tão chamado *christening* ou o ato de dar nomes aos animais, parece ter surgido da palavra “sacrifício” e não do termo *batism*, porque a cerimônia era considerada uma celebração de purificação.

6. A Marca

A marca das bruxas, ou a marca do demônio, como são chamadas de forma indiferente, era uma das considerações mais importantes na identificação de uma bruxa, tanto porque sua colocação era frequentemente no final do rito da cerimônia de admissão. O fato era que quando uma pessoa nascia, a marca tornava-se uma prova inconvertível de que a novata era uma bruxa.

Havia dois tipos de marcas, as quais eram cuidadosamente diferenciadas; uma era perfeitamente natural e a outra, artificial. As duas eram ditas não causadoras de nenhum tipo de dor ou sangramento ao serem perfuradas. De acordo com muitos dos depoimentos, aplicava-se anestesia local no lugar da perfuração e isto indicava que muitas afirmações escondiam um pouco da verdade; no entanto, nada pode ser dito como solução a este problema.

Os escritores sobre bruxaria, especialmente as autoridades legais, reconhecem o valor da marca como prova de bruxaria e alguns diferenciavam bem as duas formas; as próprias bruxas faziam uma distinção entre elas, e a marca natural era considerada inferior à artificial.

Reginald Scot resumiu, em 1584, o depoimento em poucas palavras: “O demônio fazia sua marca tanto com seus dentes quanto com suas garras”. O livro *The Lawes against Witches and Conivration*, publicado “por

254. Id., i, pt. ii, pp. 239, 246.

255. Burns Begg, x, pp. 224, 227, 232, 239.

uma autoridade” em 1645, afirma que “O seu familiar tinha um mamilo grande ou pequeno sobre seu corpo pelo qual ele a sugava, deixando marcas em seu corpo, algumas vezes como uma mancha azul, outras vezes avermelhada, como uma picada de inseto”. O Sr. George Mackenzie, um advogado escôces famoso, descreveu em 1699 o que constituía e o que não constituía legalmente uma bruxa. Ele disse:

“A marca do demônio costumava ser uma grande conquista, porém, não era para ser considerada relevante, exceto se confessado por elas que foi adquirida com seu próprio consentimento; o *quo casu* era equivalente a um pacto. A marca era concedida com um beliscão em qualquer parte do corpo o qual tornava-se azul. Delrio a chamava de *stigma*, ou personalidade, e alegava que algumas vezes parecia o sinal da pata de uma lebre, ou rato, ou aranha.”

As escrituras de Forbes de 1730 revelam:

“O Demônio fixava uma marca em alguma parte secreta dos corpos de maneira proselitista, como um selo de identificação, que parecia tanto uma picada de inseto como uma mancha azul, que algumas vezes assemelhava-se a um mamilo pequeno cuja área era insensível e não sangrava nem ao ser beliscado ou perfurado por um alfinete, sovela ou estilete. No entanto, se o Pactuante fosse de uma posição melhor, o Demônio simplesmente expelia um pouco do seu sangue e o tocava em alguma parte do corpo sem deixar qualquer marca visível.”²⁵⁶

A marca parecia uma mancha colorida ou desenhada na pessoa de acordo com a picada ou o beliscão das garras ou dentes do Demônio. A marca vermelha era descrita como uma picada de inseto, pois era pequena e redonda; a marca azul era maior e mais elaborada e aparentemente parecia ter sido desenhada. Por meio dos depoimentos sabe-se que: (1) a marca era colorida, (2) ela era permanente, (3) era causada por uma picada ou ruptura na pele, (4) o responsável passava sua mão e seus dedos sobre o local e (5) a dor poderia ser forte e permanecer por um tempo determinado. Ao juntar todas as definições, podemos imaginar uma tatuagem.

Dentre as bruxas de Aberdeen em 1597, Andro Man foi acusado de que “Christunday [o Demônio] fez uma marca no terceiro dedo de sua mão direita;” e Christen Mitchell também foi acusado de que “o Demônio a beliscou na palma da sua mão direita e deixou uma marca com seu número.”²⁵⁷ De acordo com Boguet, 1398, as bruxas da França oriental eram geralmente marcadas no ombro esquerdo e as marcas tinham a forma das pegadas de uma lebre, embora houvesse alguns casos excepcionais:

“L’epaule gauche est l’endroit, où plus ordinairement il marque les Sorciers. La marque des Sorciers est tantost come vne piste ou pied de lieure, & tantost d’autre façon. On en a veu vne, qui auoit vne figure rapportant en grandeur à vn petit denier, du centre de laquelle s’estendoient

256. Scot, Bk. III, p. 43; ver também Danaeus, ch. iii.

257. Mackenzie, título x, p. 48.

*plusieurs lilamens vers la circonference. La marque de la Belcuenotte, qui a esté brulée à Besançon, estoit au dessus de as nature, vn peu plus bas que le nombril. Celle, dont Guillauma Proby d’Anchay se trouua marquée au col du costé droit, estoit de mesme de la grandeur d’vn petit denier, tirant sur le brun. Jean de Vaux auoit la sieñe na doz, & ressembloit à un petit chien noir.”*²⁵⁸

De Lancre em 1609 disse em Basses-Pyrénées que “*comme le Diable faict as marque, on sent un peu de chaleur, qui penetre plus on moins profondement la chair, que plus ou moins il pince le lieu qu’il touche.*” E a respeito da posição da marca ele revelou:

“*Il les egratigne tons avec le bras gauche, & les ongles de la main senestre. Et tout aussi tost prenant vne espingle d’or faux, il les marque le plus souuent dans le bla{n}c de l’oeil gauche, & leur imprime vne marque Qui semble un petit crapaud”*] [ele também dizia “*une patte de crapaud*”]; “*par fois dans l’epaule & costé gauche, ou dans la cuisse, leur rompant & déchirant la peau & la chair iusques à effusion{n} de sang; si bien que pendant trois mois ils ont de très grandes douleurs.*”²⁵⁹

Isobel Crawford, de Irvine, em 1618 recebeu “a marca do demônio por uma mordida na parte interna de sua mão esquerda.”²⁶⁰ A bruxa de Lancashire, Margaret Johnson, disse em 1633 “que algumas Bruxas tinham ossos pontiagudos, os quais eram dados pelo Demônio para que elas perfurassem os tecidos e ele recebesse o sangue daquela área rasgada com o osso; e estas bruxas eram superiores àquelas que tinham as marcas”.²⁶¹ A bruxa de Yarmouth, julgada em 1644, “viu, através da luz da lua, um homem alto negro parado em sua porta: “ele pediu para que ela olhasse para sua mão; depois ele pegou algo como um canivete e lhe fez um arranhão para que o sangue saísse, e a marca permaneceu para sempre”. Rebecca Jones, uma bruxa de Essex julgada em 1645, confessou que “o demônio apareceu numa manhã e bateu à sua porta; quando ela foi até a porta, viu um jovem atraente; sabia que era o demônio; ele perguntou como ela estava e pediu para ver seu pulso esquerdo; ao mostrar-lhe o pulso ele pegou um alfinete em sua camisa e a cutucou duas vezes para que o sangue saísse; depois ele pôs um pouco de sangue na ponta do seu dedo e partiu”.²⁶² A jovem bruxa Jonet Howat de Forfar, julgada em 1661, disse que o demônio lhe havia beijado e beliscado-a em um dos seus ombros, o qual ficou dolorido por muito tempo; ele retornou a ela mais tarde e chamando-a de seu passarinho a beijou e lhe deu um outro beliscão com sua mão, que fez sua

258. Forbes, ii, p. 33.

259. Clube Spalding Misc., i, pp. 120, 165. Ortografia corrigida. Boguet, pp. 315, 316, 317.

260. Isobel Inch, p. 16.

261. Whitaker, p. 216.

262. Howell, iv, 854-5.

dor sumir. Elspet, do mesmo Coven, também tinha uma marca em seu ombro; quatro semanas mais tarde o “Demônio atingiu seu ombro com os dedos no mesmo local que ela já havia sido beliscada por ele.”²⁶³ As meninas bruxas de Lille, em 1661, afirmaram que “*le Diable leur fait quelque marque comme avec une aleine de fer en quelque partie du corps.*”²⁶⁴ Marie Lamont de Innerkip confessou voluntariamente em 1662 que “o demônio lhe havia beliscado em seu lado direito, o qual doeu por muito tempo e um ano depois ele a tocou com sua mão e curou-a; ela acreditava que este poder era a sua verdadeira marca”.²⁶⁵ Em Bute, 1662, “Margaret McWilliam foi julgada pelas três marcas que possuía, uma em sua perna esquerda feita por um osso afiado, uma outra entre seus ombros e uma terceira abaixo de seu queixo... Kat Moore foi julgada e encontraram sobre seu ombro direito uma marca insensível e branca.”²⁶⁶ As bruxas de Somerset, em 1664, foram marcadas em seus dedos; Elizabeth Style declarou “que o demônio furou seu quarto dedo da mão direita, aquele entre o dedo do meio e o dedinho”; Alice Duke “teve o mesmo dedo da mão direita furado (a marca ainda podia ser vista), e Christian Green “teve o quarto dedo da mão direita furado pelo demônio e a marca ainda podia ser vista”.²⁶⁷ Em Paisley, 1678, Annabil Stuart confessou que “o demônio lhe havia pego pelas mãos e beliscado seu braço, que continuou dolorido por meia hora.”²⁶⁸ Em Borrowstones, o Demônio pegou Margaret Pringle “pela mão direita, a qual passou oito dias muito dolorida; porém ele a saudou mais uma vez curando sua dor”.²⁶⁹ No Coven de Renfrewshire, em 1696, o pequeno Thomas Lindsay recebeu “um beliscão no pescoço, o qual ficou inchado por dez dias; e John Reid teve uma picada ou mordida em seu quadril e ficou dolorido por quinze dias.”²⁷⁰ Em Pittenweem, 1704, a jovem Isobel Adams confessou que o demônio “deixou sua marca em seu rosto, causando-lhe muita dor”.²⁷¹

A outra forma da marca do Demônio era um “mamilo pequeno”. Ele acontecia em várias partes do corpo; e diziam que secretava leite e amamentava tanto crianças como animais; e, às vezes, era cortado por uma bruxa antes mesmo de ser procurada. As descrições do “mamilo” o indicavam como sendo um fenômeno natural. Alguns casos de polimastia – peitos numerosos; e polithelia – mamilos numerosos, eram constantemente registrados pelos observadores médicos da época. “Estas estruturas adicio-

263. Kinloch, pp. 124-6.

264. Bourignon, Vie, p. 223.

265. Sharpe, p. 132.

266. Highland Papers, iii, p. 17.

267. Glanvil, pt. ii, pp. 136, 148, 156.

268. Glanvil, pt. ii, p. 291.

269. Revista Scots, 1814, p. 200.

270. Narrativa dos Sofredores, pp. xli, xlv.

271. Sinclair, p. 259.

nais eram normalmente encontradas na parede do peito, acima do abdômem ou nas axilas; no entanto, podiam ser encontradas nos ombros, nas nádegas, na coxa e em outros lugares extraordinários. Como regra, nenhum deles tinha função específica.” A polithelia ocorria em ambos os sexos; de acordo com Bruce: “De 315 indivíduos analisados, 7,619% apresentavam um mamilo a mais; 9,11% dos 207 homens examinados apresentaram polithelia; e 4,807% das 104 mulheres analisadas.” Ele concluiu que, “de acordo com as observações realizadas, a polithelia acontecia com muito mais frequência nos homens do que nas mulheres”.²⁷² Cameron tabulou as posições da polithelia em 105 casos: 196 foram encontrados no tórax, 5 nas axilas, 2 nas costas, 1 no ombro e 1 na coxa externa”.²⁷³ Todos os escritores do assunto concordam que o fenômeno era mais comum na ocorrência do que na suposição; porém, muitos casos passaram despercebidos a menos que fossem bem-marcados nos homens ou causassem desconforto nas mulheres. Esta visão era apoiada pela idéia de que durante a recente oportunidade da realização de exames médicos num grande número de homens, muitos casos foram publicados no *Jornal Medial Britânico (British Medial Journal)* de 1917, o que ocorreu entre recrutas do exército. A polithelia era sempre menor do que a normal e, como a normal, tratava-se de uma modificação de tecido cutâneo que não era preso ao tecido muscular. Sua remoção era feita por meio de uma operação simples e, de fato, até uma pessoa inexperiente poderia realizá-la com uma faca afiada. Nas mulheres, a polithelia era notada pelo aumento do tempo da menstruação; em alguns casos, muito leite era secretado durante a lactação e não fazia diferença se a criança se alimentava pelos mamilos normais ou pelo mamilo da *polithelia*. Nos casos de polimastia, o peito se desenvolvia e tornava-se notável em algumas ocasiões. A teoria explicava que os dutos condutores das secreções do peito da polimastia ao peito normal tornavam bloqueados e o leite tinha de ser expelido através do poro do peito da polimastia. A mudança no caso citado por Cameron, bem como no caso da bruxa Rose Cullender, parece ter sido causada por uma luxação.

Considerando a linguagem não científica dos registradores dos julgamentos das bruxas, é possível entender que as descrições do “mamilo de bruxa” ou “teta pequena” coincidem exatamente com estes fatos anatômicos. Eu fiz o depoimento dos julgamentos a seguir em ordem cronológica. É possível observar que os casos aconteceram somente na Inglaterra e na Nova Inglaterra. Não existem registros do fenômeno da polimastia e da polithelia ocorridos na França e na Escócia.

Alice Gooderidge e sua mãe, Elizabeth Wright, de Stapenhin, próximo a Burton-on-Trent, foram julgadas em 1597:

272. *Jornal da Anatomia*, xiii, pp. 436, 447.

273. *Id.*, xiii, p. 153.

“Eles desnudaram a velha senhora e encontraram sobre seu ombro direito uma marca exterior que se assemelhava a um mamilo como duas grandes verrugas, uma abaixo de sua axila e a outra sobre seu outro ombro. Ao perguntarem a ela por quanto tempo tinha aquelas marcas, ela respondeu que tinha nascido com elas. Então, eles analisaram Alice Gooderidge, e encontraram em sua barriga um buraco do tamanho de uma moeda que parecia novo e com sangue ressecado que parecia que alguma coisa do tamanho de uma verruga havia sido cortada dali”.²⁷⁴

A bruxa de Edmonton, julgada em 1621: “O Tribunal ordenou que três mulheres analisassem o corpo de Elizabeth Sawyer. As três disseram que um pouco acima do umbigo de Elizabeth Sawyer, elas encontraram algo como um mamilo, da largura de um dedo e do comprimento de meio dedo que era dividido no topo, como uma teta que alguém tinha chupado; suas laterais eram azuladas e a ponta vermelha.”²⁷⁵

O maior número de casos registrados num só lugar foi em Essex, durante os julgamentos anteriores ao Sr. Matthew Hale em 1645: Anne Leach disse que “seus demônios alimentavam-se pelos mamilos encontrados em partes particulares de seu corpo. Duas mulheres analisaram Mary Greenleife e descobriram que Mary tinha tetas grandes em suas partes secretas que não eram nem na frente, nem naqueles lugares que as mulheres estão sempre insatisfeitas. A Examinadora quando perguntada como ela tinha adquirido aquelas tetas, respondeu que havia nascido daquele jeito; contudo, ela não sabia da existência das tetas até aquele momento. Uma mulher tocava Margaret Moone e encontrou três tetas grandes em suas partes secretas, as quais pareciam ter sido chupadas recentemente; estas não eram como saliências, mas ela sabia o que significavam, pois já havia deparado com elas anteriormente. Ao tocar suas filhas, a informante descobriu que duas delas tinham tetas em suas partes particulares como Margaret, sua mãe. Várias mulheres exigiram fazer uma busca em Sarah Hating, esposa de William Hating; Elizabeth Harvey, viúva, e Marian Hocket, também viúva, encontraram algumas marcas ou mamilos que nunca havia encontrado em outras mulheres; Sarah Hating tinha quatro tetas em seu corpo com quase uma polegada de comprimento e da largura do dedinho da informante; Elizabeth Harvey tinha três que eram praticamente do mesmo tamanho. Marian Hocket não tinha nenhuma até buscar nas mesmas partes que as mulheres desonestas procuravam. Sarah Barton, irmã de Marian Hocket (também suspeita de ser bruxa), disse que Marian tinha cortado as suas quando começaram a suspeitar que ela fosse bruxa. “Um outro depoimento revelou que uma vez ela ouviu Margaret Landish dizer que seus demônios chupavam as duas tetas próximas às suas partes particulares”.²⁷⁶

274. Alse Gooderidge, pp. 8, 9.

275. Elizabeth Sawyer, B 3, obv. e rev.

276. Quatro Bruxas Notórias em Worcester, p. 4. O local fornecido está incorreto: deveria ser Essex e não Worcester.

Em Huntingdonshire, 1646, John Clarke Junior, operário, foi julgado por bruxaria; John Browne, alfaiate, depôs que ele encontrou Clarke na estrada e Clarke disse estar com pressa; seu pai e sua mãe eram acusados de bruxaria e, por isso, ele estava sendo procurado: o informante respondeu que também era procurado. Então, Clarke perguntou se alguma coisa havia sido revelada a seu respeito; o informante respondeu que falavam em marcas: Clarke novamente perguntou: “Você não tem mais nada a esconder além de marcas? Eu cortei as minhas três dias antes de ser perseguido”.²⁷⁷ John Palmer de St. Albans (1649) confessou que após fazer um pacto com o demônio ele recebeu uma marca em sua lateral, “a qual alimentava dois familiares.”²⁷⁸ Havia diversos casos em Yorkshire: Em 1649, “eles analisaram o corpo de Mary Sikes e encontraram, em sua lateral, uma saliência avermelhada do tamanho de uma noz, que parecia molhada e expelia um líquido semelhante ao leite quando passavam seus dedos sobre ela. Eles encontraram em seu lado esquerdo, próximo ao braço, um pequeno caroço que parecia uma verruga de aproximadamente meia polegada. Acrescentaram que eles nunca haviam visto nada parecido em outra mulher”.²⁷⁹ Em 1650, Frances Ward “disse que ela era uma das poucas que analisaram Margaret Morton e que ela encontrou duas manchas pretas entre suas coxas; elas pareciam duas verrugas e eram pretas dos dois lados, tinham uma polegada e seu interior era azulado”.²⁸⁰ Em Scarborough, em 1651, “Margery Ffish, viúva, foi escolhida para analisar o corpo de Anne Hunnan, ou Marchant, que era acusada de bruxaria; ela (informante), Elizabeth Jackson e Eliz. Dale concordou em analisar o corpo de Anne Hunnan, ou Marchant, e encontraram uma mancha azul em seu lado esquerdo, onde a informante introduziu um alfinete. Anne Hunnan não se moveu nem pareceu sentir qualquer dor e a mancha cresceu para fora de sua pele num grande comprimento. Elizabeth Dale informou sob juramento que ela, junto com Margery Ffish, analisaram o corpo de Anne Hunnan e encontraram uma mancha azul em sua nádega esquerda, que crescia para fora de sua pele como uma grande verruga.”²⁸¹

A bruxa de Ken, Mary Read de Lenham, 1652, tinha um mamilo visível embaixo de sua língua e a mostrava para muita gente como se fosse, provavelmente, vista por um Observador”.²⁸² No caso da bruxa de Salisbury, Anne Bodenham, 1652, “as mulheres buscaram a bruxa no cárcere e entregaram seus juramentos em seus julgamentos dizendo que encontraram em

277. Davenport, p. 15.

278. Gerish, As Ilusões do Demônio, p. 12.

279. Soc. Surtees, xl p. 30.

280. Id., xl, p. 38.

281. Folclore Country, ii, p. 139.

282. Prod. e Trag. Hist., p. 6.

seu ombro uma certa marca ou teta de tamanho, comprimento e profundidade de um mamilo de uma mulher, com um furo no topo. Indo mais adiante, elas encontraram em seu lugar secreto, uma outra teta, macia, como a antiga que ela tinha em seu ombro.²⁸³ Novamente em Yorkshire, 1654, Katherine Earle foi acusada e “disse que Katherine tinha sido analisada e uma marca havia sido encontrada na forma de um bico.²⁸⁴ Em St. Albans, por volta de 1660, havia um bruxo que tinha um peito em sua lateral”.²⁸⁵ No mesmo ano em Kidderminster, uma viúva, suas duas filhas e um homem foram conduzidos a julgamento; o homem tinha cinco tetas, a mãe tinha três e a filha mais velha tinha uma. Quando eles analisaram a mulher, nenhuma das saliências eram visíveis; no entanto, alguém aconselhou-os que a deitassem de costas e abrissem suas nádegas para que elas aparecessem; assim, os caroços foram realmente vistos”.²⁸⁶ Alice Huson, de Burton Agnes, York, afirmou em 1664: “Eu tenho, confesso, eu tenho um bico de bruxa o qual é sugado por um espírito impuro.”²⁸⁷ Abre Grinset, de Dunwich, Suffolk, disse em 1665 que “O demônio apareceu primeiramente na forma de um jovem bonito e atraente e depois surgiu na forma de um gato cinza escuro que sugava sua teta; que os pesquisadores viram o lugar mencionado por ela”.²⁸⁸ No mesmo ano, também em Suffolk, Rose Cullender foi julgada por bruxaria: as pesquisadoras (seis mulheres) começaram por sua cabeça e deixaram-na pelada; na parte inferior da barriga elas encontraram algo parecido com um mamilo, com uma polegada de comprimento e perguntaram-lhe sobre aquilo, mas ela respondeu que se tratava de uma luxação por carregar água, o que havia causado aquela secreção. No entanto, ao realizar uma busca mais profunda, elas encontraram em suas partes particulares, mais três mamilos, ainda que menores que o primeiro: esta depoente afirmou, mais tarde, que no mamilo maior havia um pequeno furo e ele parecia como se tivesse sido sugado recentemente e, ao tocá-lo, ele expelia algo branco parecido com leite.”²⁸⁹

Temperance Lloyd, uma bruxa de Devon, foi julgada em 1682: “Ao fazer uma análise em seu corpo a informante encontrou, em suas partes secretas, dois mamilos grudados com um pedaço de pele, que uma criança chupava. Cada uma das tetas tinha aproximadamente uma polegada de comprimento.” Bridget Bishop, uma das bruxas da Nova Inglaterra, foi acusada em 1692: um júri de mulheres encontrou um mamilo sobrenatural em seu corpo. Ao realizar uma segunda busca, após três ou quatro horas, não

283. Bower, p. 28.

284. Soc. Surtees., xl, p. 69.

285. Gerish, Relato de Mary Hall, p. 24.

286. Howell, iv, nota 827.

287. Hale, p. 58.

288. Petto, p. 18.

289. Howell, vi, 696.

acharam mais nada”.²⁹⁰ Elizabeth Horner, outra bruxa de Devon, foi acusada em 1696. “Eu tinha algo parecido com um mamilo em meu ombro, o qual as crianças (que fizeram seus depoimentos) disseram ter sido sugado por um sapo.”²⁹¹ A viúva Coman, uma bruxa de Essex, morreu de forma natural em 1699: “Quando ela morreu eu pedi à Beckie, a parteira, para analisar seu corpo na presença de alguma mulher racional, a qual afirmou nunca ter visto nada parecido em sua vida como quando suas nádegas foram abertas como um ninho de ratos onde havia duas tetas grandes que, ao serem pressionadas expeliam sangue; e ela sabia que ambas eram como dois mamilos grandes, pareciam ser freqüentemente sugados.”²⁹² Elinor Shaw e Mary Phillips foram executadas em Northampton em 1704, por bruxaria: “Os Imps do Inferno sugavam a teta grande ou os pedaços de pele vermelha em suas partes particulares todas as noites”.²⁹³

As posições das marcas são dignas de serem observadas. A marca colorida será vista no depoimento fornecido a seguir, onde havia determinadas posições bem-definidas que eram uma forte sugestão do caráter artificial desta marca. Na França, a posição comum era no ombro esquerdo; em Basses-Pyrénées, o olho esquerdo, a lateral esquerda e a coxa eram comumente marcados; as variações dadas por Boguet eram o abdômen, as costas e o lado direito do pescoço. Na Inglaterra, parecia que somente a mão e o pulso eram marcados; em Somerset, a posição exata era entre as juntas superior e mediana do quarto dedo da mão direita, provavelmente o “dedo da aliança”, mas não há registros que revelem se a marca era na superfície interna ou externa. Na Escócia, a posição era muito variada: a mão direita, a lateral direita, o ombro, as costas, o pescoço e a região lombar; em Aberdeen, a posição da mão direita ainda era a mais definida como sendo na parte traseira do terceiro dedo, por exemplo o dedo da aliança.”

Reginald Scot não distingue entre os dois tipos de marcas, pois ele diz que a bruxa “tinha uma marca privada embaixo do braço, embaixo dos cabelos, dos lábios, das nádegas ou em suas áreas particulares: havia presunção suficiente para o juiz prosseguir e dar a sentença de sua morte”.²⁹⁴ Porém, pelas posições que os mamilos da polithelia apareciam, era possível referir-se a uma “teta pequena”, e não a marcas coloridas. Em seis dos trinta e dois casos do mamilo de polithelia, citados anteriormente, o número de mamilos não é fornecido; ainda assim, pelo contexto, podemos concluir que mais de um mamilo era freqüentemente encontrado em cada acusado. Se, portanto, permitíssemos duas aparições para aqueles casos não especificados, haveria sessenta e três mamilos, uma média aproximada de dois

290. Mather, p. 137.

291. F. Hutchinson, *Historical Essay* (Ensaio Histórico), p. 62.

292. Gilbert, p. 6.

293. Bruxas de Northamptonshire, p. 6.

294. R. Scot, Bk, II, ch. 5.

para cada pessoa; o número variava, entretanto, de um a cinco (o último era um homem). A posição do mamilo no corpo era fornecido em quarenta e cinco dos sessenta e três casos: 2 no abdômen, 1 na axila, 1 nas nádegas, 3 no ânus, 2 na virilha, 30 nos órgãos genitais, 3 nos ombros, 3 nas laterais e 1 embaixo da língua. Ao escrever sobre os mamilos e *mammae erraticae*, Williams citou casos registrados por observadores contemporâneos, nos quais o órgão auxiliar ocorria no abdômen, na axila, na região da virilha, do lado externo da coxa, no ombro e no rosto.

IV. As Assembléias

Havia dois tipos de assembléias: uma conhecida como Sabbath, que era o encontro geral de todos os membros da religião; a outra, a qual eu passo a autoridade de Estebène de Cambrue – para o nome de Esbat, que era somente para um número especial e limitado que conduzia os ritos e as práticas do culto, e não para o público em geral.

A derivação da palavra Sabbath nesta conexão é praticamente desconhecida. Ela não está relacionada ao número sete nem ligada a qualquer cerimônia judaica. É possível que seja um derivado de *s'esbattre*, ou seja, brincar; numa alusão a que os encontros eram muito alegres.

1. O Sabbath

Locomoção – A forma de ir aos encontros variava de acordo com a distância a ser percorrida. Na maioria dos casos, os meios de locomoção não são mencionados, e presumimos que as bruxas iam a pé como nas reuniões locais ou nos Esbats, que eram freqüentados por aqueles que moravam nas redondezas. Havia, entretanto, poucas citações de que os devotos caminhavam às reuniões. Boguet (1598), que não revela em suas citações os meios mágicos de se chegar ao Sabbath, disse: “*les Sorciers ne {n}moins vont quelquefois de pied au Sabbat, ce qui leur aduient principalement, lors que le lieu, où ils font leur assemblée, n'est pas guieres eslongné de leur habitation*”, e os ritos dão confirmação do depoimento de George a Antoinette Gandillon e seu pai Pierre, Clauda Iansprost, Clauda Ianguillaume, Iaquema Paget, Gros Iagues, os dois irmãos Claude e Claude Charloz, Pierre Willermoz, l'Aranthon, Pernette Molard, Ianne Platet e Clauda Paget.²⁹⁵ O relato de Iaquema Paget de como ela e Antoine Tornier foram a um encontro no caminho de sua casa, no meio da plantação, provam que eles foram a pé. As bruxas de Lang-Niddry (1608) claramente caminhavam, elas “*convenit thame selffis at Deanefute of Lang-*

295. Boguet, pp. 106-7.

Niddry...thaireffir thay past altogidder to the said Beigis hous in Lang-Nydry [onde elas bebiam]; and thaireffir come with all thair speid to Seatonthorne be north the zet; quhair the Devill callit for the said Christian Tod, and past to Robert Smartis house, and brocht hir out...And thay thaireffir past altogidder, with the Devill, to the irne zet of Seatoun...And thaireffir come all bak agane to the Deane-fute, quhair first thai convenit".²⁹⁶ A distância entre Lang Niddry e o Castelo de Seatoun era menor que uma milha. Isaac de Queryan (1609), um jovem rapaz de vinte e cinco anos disse a De Lancre que aqueles que viviam longe voavam pelo ar e os que moravam perto voltavam a pé.²⁹⁷ Berthélemy Minguet de Brécy, o que foi julgado em 1616, afirmou: "*Enquis, de quelle façon as femme fut au Sabbat la premiere fois. Respond, qu'elle y fut transportée par le Diable, lequel la rapporta apres le Sabbat, & que la seconde fois qu'elle y a esté, elle y fut de son pied avec luy, & s'en retourna de son pied, & qu'elle n'y jamais esté que ces deux fois*".²⁹⁸ Helen Guthrie de Forfar (1661) disse que ela, Issobell Shyrie e Elspet Alexander se encontraram em uma casa da redondeza próxima a Barrie, um pouco antes do sol se pôr; depois de terem ficado na casa por uma hora bebendo cerveja, elas voltaram a caminhar, e que outras três mulheres se encontraram com elas, e o demônio mais tarde se juntou a elas... e eles partiram tão tarde naquela noite que não foram capazes de encontrar alojamentos, mas que tiveram de se deitar em um local ermo por toda a noite".²⁹⁹ Christian Grieve, de Crook of Devon (1662), reconheceu que foram até o encontro combinado logo depois que seu pai e os demais tinham ido se deitar; e que trancaram a porta e colocaram a chave de volta por baixo dela e que ele e Margaret Young, sua vizinha, foram em bastante silêncio até o encontro e que lá ficaram por quase duas horas e voltaram para casa sem chamar a atenção de ninguém, e que depois Margaret Young e ele encontraram a chave da porta no local em que haviam deixado, e declararam que nem seu marido, nem qualquer outra pessoa acordaram ou desconfiaram de alguma coisa, mesmo depois de voltarem para casa.³⁰⁰ Em Lille (1661) a garota Bellot, de quinze anos, disse que "sua mãe lhe havia levado com ela quando ainda era muito jovem e ela era carregada nos braços quando iam para os Sabbaths ou Assembléias das Bruxas."³⁰¹ Em Strathdown (no século XVIII) as bruxas andavam ao longo do rio Avon à Craic-polmain, passeando pelo rio a pé.³⁰²

Nos casos citados acima não havia nada bizarro ou extraordinário; porém, havia outros métodos registrados para chegar às reuniões distantes.

296. Pitcairn, ii, pp. 542-3.

297. De Lancre, Tableau, p. 148.

298. Id., L'Incredulité. P. 808.

299. Kinloch, pp. 122-3.

300. Burns Begg, p. 239.

301. Bourignon, Vie, p. 211; Hale, p. 29.

302. Stewart, p. 174.

Algumas vezes, o óbvio parecia ser a ida a cavalo; algumas vezes, as bruxas eram acusadas de serem possuidoras de poderes capazes de fazê-las voarem pelo ar, de andar pelos ares sobre um cabo de vassoura ou de andar sobre animais e seres humanos, o que foi posteriormente relatado que se tratavam delas mesmas algumas vezes em suas formas naturais, e outras vezes encantadas nas formas de animais.

Os seguintes exemplos eram daqueles que iam e voltavam das reuniões sobre um cavalo. Agnes Sampson, de Berwick do Norte (1590), disse que o demônio apareceu para ela como um homem saindo dos campos de sua própria casa em Keith, entre cinco e seis horas da tarde e, como ela estava sozinha, ele exigiu que ela estivesse em Kirk Berwick do Norte na noite seguinte; e ela foi até lá montada num cavalo, transportada por seu filho chamado John Couper".³⁰³ Boguet (1608) mencionou, em passagens, o fato de que as bruxas às vezes andavam a cavalo.³⁰⁴ As bruxas de Lancashire (1613), após se encontrarem na Torre Malking, "deixavam suas casas em suas próprias formas. E todas elas, à vista de seus escaravelhos, subiam em cavalos como potros, alguns de uma cor só, alguns de várias cores".³⁰⁵ Este era o modo de locomoção mais comum entre as bruxas de Lancashire; para Margaret Johnson (1633) a reunião em Hoarstones "tinha em torno de trinta a quarenta bruxas naquela época, todas as quais cavalgaram para a mesma reunião".³⁰⁶ Isobell Gowdie (1662) disse "eu tinha um cavalo pequeno e velho e dizia: "Horse e Hattie, em nome do Demônio!"

O relato mais detalhado foi o da Suécia (1669): "Um outro menino confessou também que um dia ele foi levado por sua mãe e para percorrerem o caminho ele pegou o cavalo de seu pai do prado onde estava e, ao retornar, ele deixou o cavalo seguir sozinho. Na manhã seguinte, o pai do menino procurou seu cavalo e, não o encontrando, deu-o por perdido; no entanto, o menino lhe contou toda a história e seu pai trouxe o cavalo de volta."³⁰⁷

Nós chegamos agora a um meio de locomoção mágico e maravilhoso. A crença no poder das bruxas de andar no ar era muito antiga e universal na Europa. Elas eram capazes de voar sem qualquer sustentação, sendo simplesmente carregadas pelo demônio ou apoiando-se num cabo de vassoura; às vezes, entretanto, algum animal que elas usavam como sustentação passeava pelo ar. O voo era geralmente precedido por uma unção do corpo todo ou parte dele a um unguento mágico.

O exemplo mais antigo de um voo foi o de Paul Grilland (1537), que relatou a respeito de uma bruxa italiana em 1526, que voou no ar com o auxílio da magia.³⁰⁸

303. Pitcairn, i, pt. ii, p. 239. Ortografia corrigida.

304. Boguet, p. 104.

305. Potts, G 4.

306. Whitaker, p. 216.

307. Pitcairn, iii, p. 604.

308. Horneck, pt. ii, p. 320.

Reginald Scot (1584) disse que o unguento "andando no ar ou na terra" era feito da pele de crianças não batizadas e ele forneceu duas receitas:³⁰⁹ "A gordura de crianças ou de jovens era o líquido que usavam para misturá-los em um recipiente, separando dali a parte mais grossa que ficava no fundo da água fervente, e guardavam essas partes para quando chegasse um momento oportuno para ser usado. Eles então acrescentavam *eleoselinum, aconitum, frondes populaes, e scoote*". *"sium, acarum vulgare, pentaphyllon*, o sangue de um rato que servia como filtro, *solanum somniferum* e óleo. Elas mexiam todos os ingredientes e passavam a mistura por todas as partes de seus corpos com abundância até ficarem vermelhas e se sentirem bastante quentes; então, com os poros começando a se abrir, suas peles começavam a sorver o líquido e ficar mais leve. Elas faziam aquela poção com seus rituais específicos que, como resultado, as faziam, nas noites de luar, serem levadas pelos ares.

Até então, tudo se tratava unicamente de um boato, mas, havia também um determinado número de depoimentos à mão, que afirmavam que as bruxas voavam pelos ares acima do chão.

Em 1598, "*Thieunne Paget racontoit, que le Diable s'apparut à elle la premiere fois en plein midy, en forme d'un grand homme noir, & que comme elle se fut baillée à luy, il l'embrassa & l'esleva en l'air, & transporta en la maison du prel de Longchamois... & puis la rapporta au lieu mesme, où il l'auoit prise. Antide Colas disoit, que le soir, que Satan s'apparut; à elle en forme d'un homme de grande stature, ayant as barbe & ses habillemens noirs, il la transporta au Sabbat, & qu'aux autres fois, il la venoit prendre dans son lict, & l'emportoit comme si c'eust esté vn vent froid, l'empoignant par la teste*".³¹⁰

Isaac de Queyran (1609), cujo depoimento já foi citado, disse que as bruxas que moravam longe voavam para casa pelos ares.³¹¹ Na França, (1652) "*lors qu' elle vouloit aller aux danses, elle se oindoit d'ung oguen qui lui estoit donné par un sorcier envoyé par le Diable. Que lors elle s'n alloit comme ung vent aux dictes danses avecque les aultres*".³¹² Em Crook of Devon (1661), Bessie Henderson confessou que "foi tirada de sua cama e levada voando a uma reunião".³¹³ O relato mais detalhado é de origem inglesa: as bruxas de Somerset (1664) diziam que voavam frequentemente pelos ares por meio de um determinado óleo e por meio de palavras mágicas. Elizabeth Style disse:

309. Scot, pp. 41, 184. Scot é costumeira e extraordinariamente preciso em suas afirmações. Sua fórmula correta, segundo Wierus, será encontrada no Apêndice V, com observações dos ingredientes pelo Pro. A. J. Cark.

310. Boguet, p. 96

311. De Lancre, *Tableau*, p. 148.

312. H. G. van Eleven, *La Tradition*, 1891, p. 215. Infelizmente, nem seu nome nem o local foram fornecidos na transcrição

313. Burns Begg, 223.

"Antes de irem aos encontros, elas untavam suas testas e seus pulsos com um óleo que os espíritos lhe traziam (que tinha cheiro de carne crua) e depois eram carregadas por algum tempo pronunciando as seguintes palavras: "*Thout, tout a tout, tout, thought and about*". E quando elas saíam de suas reuniões, diziam: "*rentum, tormentum...*" e então todas eram levadas de volta para suas casas rapidamente. Alice Duke fez o mesmo depoimento e somente acrescentou que o óleo tinha um tom esverdeado. Anne Bishop, a Oficial dos Covens de Somerset, confessou que quando sua testa foi ungida pela primeira vez com uma pena mergulhada no óleo, ela foi conduzida repentinamente ao lugar do encontro... e após tudo ter chegado ao fim, o homem de preto desapareceu, restando somente o óleo que a levou de volta para casa.³¹⁴

A crença de que as bruxas andavam pelo ar sentadas num objeto concreto, tal como um animal, um ser humano ou um cabo de vassoura é antiga e universal e está refletida nas leis tanto eclesiásticas quanto civis, sendo que a mais antiga trata-se de um decreto do século IX, atribuído ao Conselho de Ancyra. "Certas mulheres más são perseguidas pelas provocações de Satã, sendo seduzidas pela ilusão de demônios, acreditam e professam que durante a noite voam pelos ares, com Diana, a deusa dos pagãos, ou então com Herodis, com uma imensa multidão, sobre certos animais... e fazem tudo o que aquelas fadas e senhoras mandam.³¹⁵ As leis de Lorraine (1329-46) decretavam que "*celui qui fera magie, sortiège, billets de sort, pronostic d'oiseau ou se vanteroit d'avoir chevauché la nurt avec Diane ou telle autre vieille qui se dit magicienne, sera banni et payera dix livres tournois*".³¹⁶

As próprias bruxas confirmaram as afirmações de que haviam andado em alguns animais com destino ao Sabbath. Rolande du Vernier (1598) confessou "*que lors qu' elle y fiat, elle y alla sur un gros mouton noir, qui la portoit si viste en l'air, qu' elle ne se pouvoit reconnoistre*".³¹⁷ De Lancre disse que as bruxas "*se font porter iusqu'audit lieu, sur une beste, qui semble parfois un cheual, & parfois un homme*". Magaret Johnson (1633), disse que "se elas desejassem estar em qualquer lugar em um determinado dia, o seu demônio ou espírito aparecia na forma de um cachorro ou qualquer outra coisa e as levava até lá."³¹⁸ Uma das meninas de Madame Bourignon, de doze anos, declarou que "seu amado veio até ela num cavalo pequeno, pegou-lhe pela mão perguntando-lhe se aceitaria ser sua donzela e, quando ela ameaçou responder, foi levada para o ar juntamente com as outras meninas e eles voaram todos juntos até um grandioso castelo."³¹⁹ As bruxas suecas disseram em 1669: "Ele nos colocou sobre um animal que

314. Glanvil, pt. ii, pp. 139, 141, 148-9, 151.

315. Scot, Bk. iii, p. 66; Lea, iii, p. 493. Escolhi a tradução de Scot por ser melhor expressada.

316. J. Bourmon, p. 19.

317. Boguet, p. 96.

318. De Lancre, *Tableau*, p. 123.

319. Bourignon, Vie, p. 214; Hale, p. 31.

estava com ele e nos conduziu até as igrejas e muralhas... Ele nos entregou um chifre com um líquido dentro, com o qual nós nos unguimos; depois ele nos deu uma sela com um martelo e pregos de madeira para fixá-la. Sempre que chamávamos o demônio éramos conduzidas a uma jornada na qual fazíamos o uso de todos os tipos de instrumentos, bestas, homens, espetos e pilares. O destino do percurso era só Deus quem sabia... Blockula ficava situada no meio de um vasto prado que não parecia ter fim. Elas iam a um pequeno prado, diferente do outro, onde os animais costumavam ir cavalgar. No entanto, o homem responsável pela viagem permaneceu no portão de sua casa, com a postura calma de quem dorme contra a parede”.³²⁰

Sabe-se que seres humanos também eram utilizados como meios de locomoção para levarem outros a determinados lugares. Agnes Sparke, em Forfar, (1661), disse que algumas pessoas que estavam presentes falaram de Isabell Shirie e disseram que ela era o cavalo do demônio e que ele sempre andava sobre ela e esta agia como uma égua ou um cavalo.³²¹ Ann Armstrong, do Coven de Northumbrian (1673), “disse que ela deu informações sobre diversas pessoas que andaram nela por diversos lugares onde eles tinham encontros com o demônio; ela tinha sido cavalgada muitas vezes por Anne Driden e Anne Foster, e que na noite anterior havia sido cavalgada por elas, que a levaram até seu destino... Enquanto ela se encontrava naquela posição [isto é, “de um animal”], que aconteceu numa noite um pouco antes do Natal, na troca da lua, ela disse ter visto Anne Foster vir com umas amarras, que então amarrou-a e nela montou com as pernas cruzadas e cavalgaram até chegarem à presença de suas demais companheiras, no local onde elas normalmente se reuniam; puxou então o cabresto de sua cabeça, que agora tinha a forma da de um cavalo e, quando as amarras foram retiradas, ela se levantou em sua própria forma... E depois de tudo feito, pegaram-na junto com todos os outros animais e voltaram para casa... Então, no dia 10 de fevereiro, as pessoas se encontraram em Allensford, onde ela foi usada como meio de locomoção, por encanto, por Michael Aynsley e Margaret, sua esposa. Com as amarras enfeitiçadas, eles a prenderam pela cabeça e a fizeram parar e assumir sua forma humana. Na última segunda-feira à noite, ela estava na casa de seu pai e viu Jane Baites de Corbridge vir na forma de um gato cinza com umas amarras penduradas em seu pé, e respirou perto dela, colocou sua cabeça em seu colo, amarrou-a e nela cavalgou em nome do demônio em direção ao sul, mas o nome do lugar ela não se lembrava. Jane então soltou-a e puxou-a pela cabeça”.³²²

O método de locomoção que mais impressiona a imaginação popular e que se tornou um provérbio, era o de voar num cabo de vassoura.

320. Horneck, pt. ii, pp. 316, 317, 318, 319, 321.

321. Kinloch, p. 129.

322. Sociedade Surtees, xl, pp. 191-2, 194, 197 Denham Tracts, ii, pp. 299-301, 304, 307.

Deve-se lembrar, entretanto, que um dos registros mais antigos relacionados ao cabo de vassoura não afirmava que a bruxa voava pelo ar. Este foi o caso da senhora Alice Kyteler, em 1324, quando, ao revistarem o armário dela, encontraram um tubo que guardava uma poção, com a qual ela untava um objeto sobre o qual montava e galopava pelos ares, quando e para onde desejasse”.³²³ Embora Holinshed não seja uma autoridade confiável, é válido compararmos este relato com o passeio no cabo da vassoura das bruxas arábicas e o passeio no tronco da árvore dos Covens de Aberdeen.

O número de casos afirmados por pessoas que realizaram ou presenciaram o fato do cabo da vassoura voando pelo ar era muito pequeno. Guillaume Edeline, antecessor de St. Germain-en-Laye (1453), “*se mit en telle servitude de l'ennemy, qu'il luy convenoit estre en certain lieu toutes fois qu'il estoit par ledit ennemy évocqué: ouquel lieu ilz avoient accoustumé faire leur consistoire, et ne luy falloit que monter sur ung balay, qu'aussitost il estoit prestement transporté là où ledit consistoire se faisoit*”.³²⁴ A bruxa de Guernsey, Martin Tulouff (1563), confessou “*q'il soy est trouvé avecq la dite viellesse ou elle chevaucha ung genest et luy ung aultre, et q ladte viellesse monta a mont la chemynee et q il en perdyt la veue et q elle disoet deva{n}t q monter 'Va au nom du diable et luciffer dessq{n} roches et espyñes' q por luy il ne pouvoet ainsy faire, et dt q as mere a chevauche le genest p IV ou V foys et q il l'a veue monter a mont la cheminee*”.³²⁵ Danaeus (IS 75) reuniu as evidências das próprias bruxas: “ele garantiu que as fazia levitar, que elas iriam se sentir tão leves que poderiam flutuar, fosse por meio do uso de uma vassoura ou um cabo de madeira que ele pegou e mostrou a elas e indicou como deveriam usar uma certa poção que ele lhes daria: e às vezes ele também oferecia a elas um cavalo que podiam usar para cavalgar”.³²⁶ A experiência de Boguet (1598) é mais dramática que a de Danaeus: “*Les autres y vont, tantost sur un Bouc, tantost sur un cheual, & tantost sur un ballet, ou ramasse, sortans ces derniers de leurs maisons le plus souuent par le cheminee... Les uns encor se frottent aparauant de certaine graisse, & oignement: les autres ne se frottent en aucune façon*.” Ele também gravou o verdadeiro depoimento das bruxas individuais: Françoise Secretain disse “*qu' elle avoit esté une infinité de fois au Sabbat & assemblée des Sorciers... & qu'elle y alloit sur vn baston blanc, qu' elle mettoit entre ses iambes*”.³²⁷ Claudine Boban, jeune fille confessa, “*qu' elle, & sa mere montoient sur vne ramasse*”,³²⁸ & que sortans le contremont de la cheminée elles alloient par l'air en ceste façon au

323. Holinshed, Irlanda, p. 58.

324. Chartier, iii, p. 45; Lea, iii, p. 536.

325. De um julgamento em Greffe, Guernsey.

326. Danaeus, ch. iv.

327. Id., pp. 9, 104.

328. Uma observação contra a palavra ramasse nos dá “*autrement balait, & en Lyonnois coïue*.”

Sabbat.³²⁹ Na Bélgica, Claire Goessen (1603) confessou “*qu'elle s'est trouvée à diverses assemblées nocturnes tenues par lui, dans lesquelles elle s'est transporter au moyen d' un bâton enduit d' onguent.*”³³⁰ Isobell Gowdie (1662) foi registrada totalmente em relação aos métodos de locomoção utilizados pelas bruxas, ainda que em determinados lugares seu depoimento tenha sido omitido:

“Eu tinha um pequeno cavalo e dizia a ele: ‘Horse e Hattock, em nome do Demônio!’ E então ele voava, por todos os lados. E assim voávamos juntos; e eu continuava dizendo: ‘Horse e Hattok, voe em nome do Demônio!’... Quando nós cavalgávamos, o fazíamos sem ajuda de nada e dizíamos as seguintes palavras:

*‘Horse e Hattok, horse and goe,
Horse and pellattis, ho! Ho!’*

E imediatamente voávamos para onde queríamos... Todos os do Coven voavam com gatos, com exceção de Barbara Ronald, em Brightmanney, e eu, que sempre voávamos em um cavalo”.³³¹

Julian Cox (1664) disse que uma noite ela andava a aproximadamente uma milha de sua casa, quando três pessoas vieram até ela montadas em cabos de vassoura que se distanciavam aproximadamente quatro pés do chão. Dois dos homens ela já conhecia, os quais eram um bruxo e um feitiçeiro... A terceira pessoa ela desconhecia. Ela apareceu na forma de um homem negro.³³² Duas bruxas da Nova Inglaterra (1692) confessaram ter andado numa vara; Mary Osgood, esposa do Capitão Osgood, de Andover, foi conduzida ao ar sobre um açude de cinco milhas, foi transportada de volta pelo ar em companhia das pessoas já mencionadas e, da mesma forma que ela voou, acredita que foi conduzida por uma vara.³³³ O depoimento de Goody Forster foi registrado por dois autores: para um Forster confessou que o demônio a conduzia em uma vara em direção a um encontro de bruxas, mas a vara quebrou e ela segurou no pescoço de Carrier Martha, mas as duas caíram e tiveram alguns arranhões durante a queda, dos quais ainda não tinham se recuperado. O segundo relato era praticamente o mesmo: em particular, Goody F. disse (*Inter alia*) que ela, juntamente com outras duas (sendo que uma delas ela já conhecia) de Rode de Andover, do mesmo vilarejo das reuniões das bruxas, encontraram-se voando numa vara que se quebrou e elas caíram; ela disse que como se tratava de uma queda e de arranhões manipulados por bruxas, ela ainda estava dolorida.³³⁴

329. Boguet, pp. 9, 97, 104.

330. Canaert, p. 49.

331. Pitcairn, iii, pp. 604, 608, 613.

332. Glanvil, pt. ii, p. 194.

333. Howell, vi, 660; J. Hutchinson, História da Baía de Massachusetts, p. 31.

334. Burr, p. 418.

Local – Os encontros do Sabbath pareciam acontecer num lugar determinado. Os acontecimentos eram tantos, que De Lancre disse: “*communement ils l'appellent Aquelarre, qui signifie Lane de Bouc, comme qui diroit la lane ou lãde, où le Bouc conouque ses assemblées. Et de fait les Sorciers qui confessent, nomme{n}t le lieu pour la chose, & la chose ou Assemblée pour le lieu: tellement qu'encore que proprement Lane de Bouc, soit le Sabbath qui se tient és landes, si est-ce qu'ils appellent aussi bien Lane de Bouc, le Sabbath qui se tient és Eglises, & és places des villages, paroisses, maisons, & autres lieux.*”³³⁵ A confusão do trabalho original sobre o Lane de Bouc e o Sabbath ou a Grande Assembléia com reuniões locais ocorriam devido à imprecisão das próprias bruxas e, portanto, não era surpreendente dizer que De Lancre e outros autores também podiam cometer erros ao distingui-las. No entanto, em muitos outros registros existem certas indicações das bruxas que tornavam possíveis o reconhecimento dos lugares onde o verdadeiro Sabbath e o verdadeiro Lane de Bouc aconteciam.

O próprio De Lancre observou que o Sabbath ocorria próximo a um lago, córrego ou qualquer lugar onde água pudesse ser encontrada.³³⁶ No entanto, Bodin forneceu uma explicação melhor: “*Les lieux des assemblées des Sorciers sont notables, & signalez de quelques arbres, ou croix.*”³³⁷ A cruz era claramente um símbolo cristão feito de pedra, o qual era uma característica marcante em muitas descrições do Sabbath; a afirmação de Bodin recorre a uma das leis de Cnut, do século XI: “Nós proibimos qualquer tipo de paganismo; o paganismo ou a veneração de ídolos, isto é, eles veneravam deuses pagãos, as pedras ou as árvores das florestas.”

Estebène de Cambrue (1567) disse: “*Le lieu de ceste grande conuocation s'appelle generalmente par tout le pays la Lanne de Bouc. Où ils se mettent à dancier à l'entour d'une pierre, qui est plantée audit lieu, sur laquelle est assis un grand homme noir.*”³³⁸ Em Poitiers, 1574, quatro bruxas, uma mulher e três homens disseram que estiveram “*trois fois l'an, à l'assemblee generale, où plusieurs Sorciers se trouuoye{n}t près d'un carrefour, qui seruoit d'enseigne.*”³³⁹ Em Aberdeen, 1596, as bruxas reconheceram que elas dançavam ao redor de uma cruz e o ‘*fische croce*’ na véspera do dia das bruxas; e também dançavam ao redor “de uma pedra cinza, nos pés de uma montanha em Craugleach.”³⁴⁰ Margaret Johnson (1663) disse que ela não estava na reunião em Hoarstones, na Floresta de

335. De Lancre, Tableau, p. 65.

336. Id. ib., p. 72.

337. Bodin, Fléau, p. 181.

338. De Lancre, Tableau, p. 123.

339. Bodin, p. 187.

340. Clube Spalding Misc. I, pp. 97-8, 114, 149, 153, 165, 167

Pendle, no Dia de Todos os Santos”.³⁴¹ Embora nenhuma pedra fosse mencionada, o nome sugere que elas existiam ou que ainda existem uma ou mais pedras remanescentes naquele lugar. As bruxas suecas (1669) pareciam ter usado o nome do lugar para os dois tipos de reuniões; Blockula parece ter sido uma construção localizada no prado, cuja entrada era um portão pintado; dentro desta construção havia quartos e um tipo de capela para a realização dos serviços religiosos.³⁴² Os registradores da Nova Inglaterra (1692) não entravam em muitos detalhes; no entanto, era mencionado que dentro, de fato, havia uma Reunião Geral das Bruxas, num campo em um Vilarejo de Salem.³⁴³

Com os tempos modernos, a identificação das pedras ou de determinados lugares em que o demônio e as bruxas se encontravam tornou-se muito notável. Dentre os infinitos exemplos, eu mencionarei somente alguns. Em Guernsey, o Catioloc era sempre identificado como um lugar do Sabbath. Na Bélgica, “à Godarville (Hainaut) se trouve un tunnel hanté par les sorcières; elles y tiennent leur sabbat.”³⁴⁴

“Un bloc de pierre isolé et d’aspect extraordinaire est généralement appelé pierre du diable. Exemples: A) le dolmen détruit près de Namur; B) la grande pierre en forme de table à demi encastrée dans la route qui conduit du village de Sény à celui d’Ellemelle (Candroz); C) le fais du diable, bloc de grès d’environ 800 mètres cubes, isolé dans la bruyère entre Wanne et Grand-Halleux près de Stavelot; D) les murs du diable à Pepinster, &c. — Dans plusieurs cantons, il y a un terrain que l’on appelle tchan de makral ‘champ de sorciers’. C’est le cas près de Remouchamps, près de Tongres, près de la Gileppe et près de Grand-Halleux.”³⁴⁵

Podemos notar também as numerosas pedras existentes em formato circular, como as *Nine Maidens* (Nove Donzelas) e as *Dancing Maidens* (Donzelas Dançantes), as quais estão relacionadas, pela tradição, às mulheres que dançavam no Sabbath.

Data – Podemos notar, pelos depoimentos, que algumas mudanças ocorreram ao longo do tempo com relação à religião e, como era esperado, tais mudanças eram mostradas nos festivais. Os antigos festivais permaneciam e os festivais das novas religiões eram acrescentados. As comemorações originais ocorriam de maio a novembro, uma divisão do tempo que

341. Whitaker, p. 216; Baines, i, p. 607 nota, onde o nome é fornecido como Hartford. A importância da pedra nas cerimônias do Sabbath era muito marcada; no relato de uma reunião em Northumberland (1673), Ann Armstrong declarou que “ela e outras pessoas tinham acertado seus compassos quase no fim da ponte e o demônio colocou uma pedra no meio do compasso, sobre a qual eles se abaixaram e curvaram-se, repetindo a oração do Senhor.” Denham Tracts, ii, p. 307; Soc. Surtees, xl, p. 197.

342. Horneck, pt. ii, pp. 321, 324.

343. Mather, p. 131.

344. Harou, La Tradition, vi (1892), p. 367.

345. Monseur, pp. 2, 88.

não seguia nem os eclipses solares nem a agricultura; pode-se compreender adiante que havia uma razão para acreditar que os festivais estavam ligados às épocas das criações dos rebanhos e das manadas. Os principais festivais eram na primavera, na véspera do mês de maio (30 de abril), denominado *Roodmas* ou Dia de Rood na Grã-Bretanha e *Walpurgis-Nacht*, na Alemanha; no outono,* às vésperas de novembro (31 de outubro) o festival denominado *All Hallow Eve*. Entre estas duas datas, havia no inverno o dia de *Candlemas* (2 de fevereiro) e, no verão, o Gule de Agosto (em 1º de agosto), denominado *Lammas* na Grã-Bretanha. Foram acrescentados a estes os festivais dos eclipses solares, de Beltane, no meio do verão, e de Yule, no meio do inverno; o festival móvel da Páscoa também foi acrescentado; porém, os eclipses nunca foram observados na Grã-Bretanha. Com o advento da Cristandade, os nomes dos festivais foram modificados e a data do *Roodmas* foi alterada para o outono, em 3 de maio. Contudo, as datas eram observadas como anteriormente, ainda que com as comemorações da nova religião. Por conseguinte, Boguet foi justificado quando disse que as bruxas celebravam todos os festivais cristãos. Contudo, as grandes assembléias sempre duravam os quatro dias originais e, com isso, eram fáceis de ser distinguidas entre o Sabbath e o Esbat sempre que as datas eram mencionadas.

De Lancre, generalizando com as evidências, disse: “*Quelquefois il y a des Sabbats & assemblées generales qui se font ordinairement les quatre festes annuelles*”;³⁴⁶ e também forneceu palavras de uma bruxa acusada em 1567: “*Estebène de Cambrue dit que les Sorcieres n’alloient en la grande assemblée & au grand Sabbath que quatre fois l’année*.”³⁴⁷ Os quatro dias originais foram fornecidos, e somente um em julgamento de Issobell Smyth, em Forfar, em 1661. “Por meio destas reuniões ela se encontrava com ele em cada *Candlemas*, dia de Rud, *Lambemas* e *Hallomas*,”³⁴⁸ no entanto, era claro que estes eram os dias regulares, os quais foram mencionados separadamente na Inglaterra e Escócia. Em Berwick do Norte, “Barbara Napier foi acusada de estar presente na convenção às vésperas de *Lammas*, em New Haven; três Covens, ou seja, trinta e nove pessoas estavam reunidas” e Barbara foi acusada de fornecer sua presença corporal a *All Hallow* desde 1590 e de comparecer às freqüentes convenções realizadas em Kirk de Berwick do Norte, onde ela dançava sem parar no jardim de Kirk, enquanto Gelie Ducan brincava com uma trombeta e John Fian conduzia a roda; Agnes Sampson, suas filhas e todas as outras seguiam Barbara em direção “às outras pessoas.”³⁴⁹ Os relatos contra as bruxas de Aberdeen em 1596 mostram que “*wpouns Hallowewin last bypast, att twelff houris at ewin or thairby, thow*

* N. do T.: A autora refere-se ao período das estações no Hemisfério Norte.

346. Id. ib., p. 123.

347. De Lancre, Tableau, p. 64.

348. Kinloch, p. 133.

349. Pitcairn, i, pt. ii, p. 245. Ortografia corrigida.

the said Thomas Leyis...withe ane gryit number of vtheris witchis, come to the mercatt and fische croce of berdene, vnder the conduct and gyding of the Dewill present withe you, all in company, playing befoir yow on his kynd of instrumentis. Ye all dansit about baythe the saidis croces, and the meill mercatt, ane lang space of tyme.”³⁵⁰ Christen Michell e Bessie Thom não só estiveram na reunião da véspera de *Allhallow* com Thomas Leyis, como também participaram de outro encontro antes daquele. “*Thow confessis that, thrie yeris sensyn, upon the Ruidday, airlie in the morning*” [Bessie Thom: “*befoir sone rysing*”] “*thow, accompaniet with...certan vtheris witchis, thy devilische adherentis, convenit vpon Sainct Katherines Hill...and thair, vnder the conduct of Sathan, present with yow, playing befoir yow, efter his forme, ye all dansit a devilische danse, rydand on treis, be a lang space.*”³⁵¹ Em 1597 Issobell Richie, Margrat Og, Helene Rogie, Jonet Lucas, Jonet Davidson, Issobell Oige e Beatrice Robbie foram acusadas de participarem de um encontro em Craigleache, próximo a Aberdeen: “*Thow art indyttit for the being at the twa devylische dances betuixt Lumfannand and Cragleache, with vmquhile Margerat Bane, upon Alhallowewin last, quhair thow conferrit with the Dewill.*”³⁵² Em Ayrshire, 1604, Patrick Lowrie e suas bruxas companheiras foram acusadas de que elas “no dia de *Halloween* no ano de Deus, reuniram-se nas montanhas baixas, onde apareceu para elas um espírito diabólico.”³⁵³ Margaret Johnson, da segunda geração das bruxas de Lancashire disse em 1633 que, “ela não esteve na grande reunião em Hartford, na Floresta do Pendle, no Dia de Todos os Santos.”³⁵⁴ Isobel Gowdie (Auldearne, 1662) não entrou em detalhes, ela simplesmente afirmou que “um grande encontro iria acontecer no final de cada período de quatro meses”.³⁵⁵

Várias citações foram realizadas a respeito dos festivais referentes às religiões posteriores. De Lancre, ao fornecer um relato geral das cerimônias, disse que as bruxas de Basses-Pyrénées iam para suas assembléias na Páscoa e em outros festivais solenes, e acrescentou que seu comandante era aquele de São João, o Batista.³⁵⁶ Jane Bosdeau, da cidade de Puy-de-Dôme (1594), provou que ela se encontrou com o demônio “à meia-noite na véspera de São João.”³⁵⁷ Antide Colas (1598) “*avoit esté au Sabbat à un chacun bom iour de l’an, comme à Noel, à Pasques, à la feste de Dieu.*”³⁵⁸ Ambas as gerações das bruxas de Lancashire (1613 e

1633) guardavam a Sexta-Feira Santa.³⁵⁹ Jonet Watson de Dalkeith (1661) esteve numa reunião “na hora da última noite *Baille-ffyre*”,³⁶⁰ As bruxas de Crook of Devon (1662) se encontraram no dia de Santo André em Yule.³⁶¹ Em Connecticut (1662) a “grande festa” era realizada no Natal.³⁶²

Horário – O verdadeiro horário da realização do Sabbath era especificado em raríssimos casos; os encontros pareciam acontecer à noite, iniciando-se à meia-noite e durando até o início da madrugada ou começo da manhã. “*Le coq s’oyt par fois és sabbats sonnât la retraicte aux Soriers.*”

Em Vosges, 1408, a reunião acontecia “en la minuit et la deuxieme heure.”³⁶³ Em Lorraine, 1589 “Johannes a Villa und Agathina desSchneiders Francisci Weib, sagt, eine oder zwey Stunde vor Mitternacht were die bequemste Zeit darzu.”³⁶⁴ Em Berwick do Norte, 1590, Agnes Sampson chegou ao local marcado “por volta de onze horas da noite”.³⁶⁵ As bruxas de Aberdeen realizavam, em 1597, suas danças na véspera de *Hallowewin*, às doze horas” (mais especificamente) “entre as doze e uma hora da manhã”.³⁶⁶ Em 1598, as bruxas de Lyons Françoise Secretain “*adioustoit qu’elle alloit tousiours au Sabbat enuiron la minuit, & beaucoup d’autres sorciers, que i’ay eu en main, ont dit le mesme.*” Antide Colas, também de Lyon, foi ao encontro na véspera de Natal entre a missa da meia-noite e a missa da madrugada.”

A única reunião realizada à luz do dia, que podia ser identificada como um Sabbath, ocorreu em Aberdeen e foi peculiar tanto pelo local como pelo festival do dia de maio; ou então, ela pode ter sido simplesmente a continuação do festival até o nascer do sol. Christen Mitchell e Bessie Thom foram acusados de “*upon the Ruidday, thrie yeris sensyn bygane, airlie in the morning, befoir sone rysing, thow convenit upon Sanct Katherines Hill, accompaniet with a number of thy delilische factioun and band, the Dewill your maister in cumpanie with yow.*”³⁶⁷

2. O Esbat

Negócios – O Esbat diferenciava-se do Sabbath por se tratar o primeiro principalmente de negócios, enquanto o Sabbath era puramente reli-

350. Clube Spalding Misc., i, pp. 97-8.

351. Ib., i, Christen Michell, p. 165; Bessie Thom, p. 167.

352. Ib., i, Issobell Richie, p. 142; Margrat Og, p. 144; Helene Rogie, p. 147; Jonet Lucas, p. 149; Jonet Davidson, p. 150; Issobell Oige, p. 152; Beatrice Robbie, p. 153.

353. Pitcairn, ii, p. 478.

354. Baines, i, p. 607 nota.

355. Pitcairn, iii, p. 606.

356. De Lancre, Tableau, p. 398.

357. F. Hutchinson, Historical Essay, p. 42.

358. Bogue, p. 125.

359. Sociedade Chetham, vi, p. lxxiii; Whitaker, p. 216.

360. Pitcairn, iii, p. 601.

361. Burns Begg, pp. 219, 226, 237.

362. J. Hutchinson, História da Baía de Massachusetts, ii, p. 17; Taylor, p. 98.

363. De Lancre, Tableau, p. 154.

364. Remigius, pt. i, p. 72.

365. Pitcairn, i, pt. ii, p. 239.

366. Clube Spalding, i, pp. 97, 114, 165, 167.

367. Clube Spalding Misc., pp. 165, 167.

gioso. Em ambos, as comemorações e danças seguiam os mesmos procedimentos. Os negócios conduzidos no Esbat eram geralmente a respeito da prática da magia para o benefício de um cliente ou para o dano de um inimigo. Algumas vezes o demônio aparecia para pedir que seus seguidores executassem alguma ação que impressionasse a imaginação daqueles que acreditavam em seu poder, embora não o adorassem. Muitas vezes, o Esbat era realizado somente por pura diversão, sem qualquer preceito oculto, conforme mostram as seguintes citações:

Estebène de Cambrue (1567) que é a autoridade para o nome Esbat, o qual estava ligado às reuniões locais, disse que *“les petites assemblées qui se font pres des villes ou parroisses, où il n’y a va que ceux du lieu, ils les appellent les esbats: & se font ores en vn lieu de ladicte paroisse, ores en vn autre, où on ne fait que sauter & folastrer, le Diable ny estant avec tout son grand arroy comme aux grandes assemblées.”*³⁶⁸ Alesoun Peirsoun (1588) foi conduzido a um partido de homens e mulheres subordinados a um homem vestido de verde, *“fordir nor scho could tell; and saw with thame pypeing and mirrynes and gude scheir, and wes careit to Lowtheane, and saw wyne punchounis with tassis with them.”*³⁶⁹ Jonet Barker (1643) disse que *“scho and ye said Margaret lauder being with in ye said Jonet Cranstones house tua pyntis of beir war drukkin be thame thre togidder in ye said house at quhilk ye devill appeirit to thame in ye liknes of ane tryme gentill man and drank wt thame all thre and that he Imbracet the said Margaret lauder in his armes at ye drinking of ye beir and put his arm about hir waist.”*³⁷⁰ Isobel Bairdie (1649) foi acusada de se encontrar com o demônio e tomar uma bebida com ele; o demônio bebeu com ela e ela se submeteu a ele, aceitando sua bebida, e ele brindou a ela dizendo: *“Grammercie, você é bem-vinda”*.³⁷¹ Janet Brown (1649) *“foi acusada de se encontrar com o demônio na forma de um homem, nos fundos de Broomhills, onde brincava com Isobel Gairdner, a mais velha, e Janet Thomson.”*³⁷² Em Forfar, Helen Guthrie (1661) confessou que participou de várias reuniões; numa delas, no jardim da igreja, eles dançaram juntos, e o chão abaixo de seus pés parecia pegar fogo. Andrew Watson guardou sua muleta e, embora fosse cego, dançou a noite toda como se nada o impedisse de realizar o que queria, e assim o fez entoando suas antigas baladas, e que também Issobell Shyrie cantou sua canção chamada Tinkletum Tankletum; e nesta ocasião o demônio beijou cada uma das mulheres. Em outra reunião, todos eles dançaram juntos por um tempo, depois foram para a casa de Mary Rynd e sentaram juntos na mesa... e ali regozijaram; e o demônio saudou

368. De Lancre, Tableau, p.123.

369. Pitcairn, i, pt. ii, p. 163.

370. Do registro do Tribunal de Justiça de Edinburgh.

371. Arnot, p. 358.

372. Id., p. 358.

todas elas, mas tratou de forma especial Mary Rynd, e beijou todas elas.”³⁷³ Elspet Bruce, do mesmo Coven, *“by turning the sive and sheires, reased the divell, who being werry hard to be laid againe, ther wes a meiting of witches for laying of him... and at this meiting they had pipe-music and dauncing.”*³⁷⁴ Isobell Gowdie (1662) relatou uma destas assembléias festivas: *“Nós matamos um boi em Burgie no amanhecer do dia e o trouxemos conosco para nossa casa em Aulderne, e todos nós o comemos num banquete em uma comemoração em Aulderne.”*³⁷⁵ Marie Lamont (1662) também participou dos encontros; o primeiro a que ela estava presente foi na casa de Kettie Scott, onde o demônio cantou e dançou para elas; ele ofereceu vinho para que elas bebessem e pão para comerem, e todos ficaram satisfeitos. Ela confessou que naquela reunião Kettie Scott teve seu primeiro encontro com o demônio, que a fez beber com ele e pegou em suas mãos. Ela estava com Katie Scot e outras pessoas numa reunião em Kepoch, na qual dançaram e o demônio as beijou quando foram embora.³⁷⁶ Annaple Thomson e outras bruxas de Borrowstowness (1679) *“tiveram diversos encontros com o demônio nas redondezas de Borrowstones e na casa de Bessie Vickar, onde elas beberam e comeram com o demônio e com as bruxas durante a noite; e o demônio junto com Wm Craw, trouxe cerveja para beber e beberam aproximadamente sete latinhas na casa de Elizabeth Hamilton; e Annaple teve um outro encontro com o demônio cinco semanas antes, quando ela ia para o Vale do Grange e ele a convidou para acompanhá-lo e beber com ele... E então Margret Hamilton se tornou sua serva pelos próximos oito ou nove anos e ele aparecia e conversava com ela na cidade de Borrowstones, e algumas vezes em sua casa e eles bebiam canecas de cerveja juntos.”*

As cerimônias mágicas realizadas pelas bruxas com o auxílio do demônio tinham o intuito de destruir ou prejudicar o inimigo. Algumas vezes, porém, os encantos eram realizados para a promoção da fertilidade, ainda que fossem mal-entendidos pelos registradores e provavelmente pelas próprias bruxas. Alexia Violaeva (1589) disse que *“nachdem sie were mitihren Gespielen umb und umb gelauffen eine ziemliche gut Weie, habe sie pflegen in die Höhe über sich zu werffen ein reines subtiles Pulverlein, welches ihr derTeuffel darzu gegeben habe, darvon Raupen, Käffern, Heuschrecken, und dergleichen andere Beschädigung mehr, so Hauffenweise wüchsen, dass die Acker darmit in einem Augenblick überall beschmeist würden.”*³⁷⁷ O encanto mágico de Isobel Gowdie (1662) chegou à seguinte categoria: *“We went be-east Kinlosse, and ther we yoaked*

373. Kinloch, pp. 120, 121.

374. Id., p. 122.

375. Pitcairn, iii, p. 613.

376. Sharpe, pp. 131, 134.377. Remigius pt. i, p. 91.

377. Remigius pt. i, p. 97.

*an plewgh of paddokis. The Devill held the plewgh, and Johne Yownge in Mebestone, our Officer, did drywe the plewgh. Paddokis did draw the plewgh, as oxen; qwickens wer sowmes, a riglen's horne was a cowter; and an piece of an riglen's horne wes an sok. We went two seuerall tymes abowt; and all we of the Coven went still wp and downe with the plewgh, prayeing to the Divell for the fruit of that land".*³⁷⁸

Grande parte dos encontros eram ocupados com negócios de caráter mágico que tinham a intenção de prejudicar algumas pessoas específicas; embora qualquer outro tipo de negócio também fosse tratado. As bruxas de Berwick do Norte abriam os túmulos que eram indicados pelo demônio a fim de obter meios de realizar encantos com os ossos dos homens mortos; em outras ocasiões, elas tentavam naufragar navios com mágicas.³⁷⁹ As bruxas de Lang Niddry (1608) foram até a casa de Beigis Tod, onde beberam e batizaram um gato.³⁸⁰ As bruxas de Lancashire (1613) se encontravam na Torre de Malking por dois motivos: o primeiro era nomear os familiares de Alison Device que não podiam estar lá por estarem na prisão, e o segundo era criar um esquema ou uma conspiração para a libertação da Mãe Demdike, a principal bruxa da comunidade, que era uma prisioneira do Castelo de Lancaster; a trama envolvia o assassinato do carcereiro e do governador, além da explosão do castelo.³⁸¹ Em 1630, Alexander Hamilton foi julgado em Edinburgh, "*the said Alexr Hamiltoun haifing concaivet ane deidlie haitrent agains umqle Elizabeth Lausone Lady Ormestoun younger becaus the said Alexr being at her zet asking for almous she choisit him therfra saying to him 'away custroun carle ye will get nothing heir'. The said Alexr thrupon in revenge therof accompaniet wt tua wemen mentionet in his depostiones come to Saltoun woid quhair he raisit the devill and quha appeirit to him and his associattis in the liknes of ane man cled in gray and the said Alexr and his associattis haifing chawin to him the caus of thair coming desyring him to schaw to thame be quhat meanes that nicht be revendget upon the said Lady."*

Margaret Johnson (1633) depôs que "ela não estava presente na grande reunião das bruxas no Dia de Todos os Santos, mas participou de uma reunião menor realizada no domingo seguinte, em que haviam de trinta a quarenta bruxas que foram ao encontro, cujo objetivo era o de serem aconselhadas a respeito da morte e dos danos feitos aos homens e aos animais.³⁸² As bruxas de Forfar (1661) afirmavam ter naufragado um navio.³⁸³ Isobel Gowdie (1662) é, como sempre, muito dramática em seu relato; numa ocasião as bruxas se encontram para fazer um feitiço contra o ministro de Auldearne, o

378. Pitcairn, iii, p. 603; ver abaixo, p. 171.

379. Id. pt. ii, pp. 210-11, 217, 239.

380. Id., ii, pp. 542-3.

381. Potts, C3, G3, 12, 13.

382. Whitaker, p. 216.

383. Kinlock, p. 122.

Sr. Harie Forber: "Satã estava conosco e nos ensinou que palavras devíamos proferir para alcançarmos nosso objetivo. Depois de aprendermos as tais palavras caímos todos de joelhos diante do demônio, com nossos olhos e orelhas baixados próximos a nossos ombros e com nossas mãos erguidas, e então fixamos nossos olhares no demônio e dissemos as palavras que tínhamos aprendido". Quando criaram uma imagem, somente as bruxas estavam presentes com o demônio.³⁸⁴ Marie Lamont (1662) afirmou que seu Coven criou tempestades em duas ocasiões; numa terceira, elas tomaram formas de gatos, e o demônio de um homem de pés separados, e fizeram um feitiço com areia molhada contra Blackhall e o Sr. John Hamilton.³⁸⁵ Dentre os relatos mais detalhados das imagens de cera ou argila e o ritual do assassinato da pessoa representada na imagem, estão aqueles das bruxas de Somerset.³⁸⁶ (1664) O batismo da figura é uma questão interessante. As bruxas de Paisley (1678) tinham um encontro em que faziam uma figura de argila com a intenção de matar um inimigo da bruxa em cuja casa era realizada a reunião.³⁸⁷ Em Borrowstones, parte da acusação era que "*ye and ilk ane of vow was at ane metting with the devill and other witches at the croce of Murestane, upon the threttein of October last, where you all danced and the devill acted the pyper, and where yow indewored to have destroyed Andrew Mitchell.*"³⁸⁸ Na Nova Inglaterra, as bruxas acusaram George Burroughs "de trazer bonecas para elas e espinhos para espetar naquelas bonecas."³⁸⁹

Também é evidente que, durante os Esbats, o demônio desejava manter uma aparência de poderes miraculosos não somente perante o mundo a fora como também sob os olhares das bruxas. Este se referia às reuniões realizadas à beira-mar no meio das tempestades, quando os navios estavam propensos a naufragar, e há muitas indicações de que a destruição do inimigo era realizada por meios mais seguros que a construção e perfuração das figuras de cera ou argila que eram utilizadas após as imagens estarem prontas. Alguns métodos para manter este prestígio eram simples; outros, eram observados sem qualquer explicação: "*Satan faict en ce lieu [le Sabbat] tant de choses estrâges & nouvelles que leur simplicité & abus prend cela pour quelques miracles.*"³⁹⁰ Em Forfar (1661), os meios de atingir o resultado eram aparentes; durante a grande tempestade, o demônio e as bruxas destruíram a ponte de Cortaquhie, que foi muito bem planejada para parecer que o acontecimento tinha sido realizado por poderes mágicos; no entanto, Helen Guthrie confessou que eles foram até a ponte de Cortaquhie com a intenção de destruí-la e, por este motivo, ela, Jonet Stout

384. Pitcairn, iii, pp. 609, 613.

385. Sharpe, pp. 132-4.

386. Glanvil, pt. ii, pp. 137-8, 164.

387. Id., pt. ii, p. 294.

388. Revista Scots, 1814, p. 201.

389. Mather, p. 125.

390. De Lancre, Tableau, p. 135.

e outras inclinaram seus ombros em direção à ponte, e que o demônio estava no meio delas fazendo sua parte”. Issobell Smyth, que também participou da ocasião, disse: “Nós todas nos lembramos daquele encontro porque acabamos nos ferindo naquele dia”.³⁹¹ Ainda mais simples foi o método de destruição da colheita de um campo em Crook of Devon, em que Bessie Henderson “confessou e declarou que Janet Paton estava com ela numa reunião quando elas encontraram Thos. O centeio de White no início da plantação, 1661, estava em ordem e era melhor que qualquer centeio de outra plantação”.³⁹² O demônio de Mohra na Suécia só se preocupava em impressionar seus seguidores: quando o muro que eles estavam construindo desabou, “algumas das bruxas tiveram alguns ferimentos e ele riu, mas apresentou-lhes a cura novamente.”³⁹³

Local – Em alguns lugares, o Esbat acontecia em locais determinados e, em outros locais, eles variavam de semana a semana. Em ambos os casos, a localização era próxima aos vilarejos cujos habitantes freqüentavam a reunião.

“*Pour le ordinaire c'est és carrefours, com{m}e disoit Isaac de Queyran, qui deposoit y auoir esté au carrefour du Palays Galienne, près la ville de Bourdeaux; ou aux places des paroisses au deuant des Eglises, & le plus souuent au droict de la grand porte, si l'iglise est plantée au milieu de la place comme elle est souuent, afin que le Diable plante as chaire tout vis à vis du grand autel où on met le Sainct sacrement: comme il est en place d'Ascain, où tous les tesmoins du lieu, nous ont dict que le Sabbat se faisoit. Il a aussi accoustumé les tenir en quelque lieu desert, & sauvage, comme au milieu d'une lande; & encore en lieu du tout hors de passage, de voisinage, d'habitation, & de rencontre: Et communement ils s'appellent Aquelarre* ³⁹³ *qui signifie Lane de Bouc, comme qui diroit la lane ou lâde, où le Bouc conuoque ses assemblées.*”³⁹⁴

Danaeus enfatiza a variação dos lugares e datas: “Eles se encontravam em determinados lugares apontados, nem todos juntos nem todos de uma vez; contudo, alguns deles faziam questão de chamar; então ele mostrava-lhes onde deveriam se encontrar e a que hora do dia ou da noite”.³⁹⁵ As bruxas de Windsor, entretanto, costumavam se encontrar com ele nos fundos do Maister Dodges nos Pittes.³⁹⁶ O depoimento de Boguet também aponta para a existência de um local já estabelecido para o Esbat em cada vilarejo: “*Les Sorciers du costé de Longchamois s'assembloient en un pré, qui est sur le grand chemin tirant à S. Claude, où l'on voit les ruines d'une*

391. Kinloch, pp. 122, 133.

2. Burns Begg, p. 224.

392. Horneck, pt. ii, p. 323.

393. O nome completo é Aquelarre de verros, prado del Cabron.

394. De Lancre, Tableau, pp. 64-5.

395. Danaeus, ch. iv.

396. Rehearsall, p. 7.

maison. Ceux du costé de Coirieres tenoient leur Sabbat, sous le village de Coirieres proche l'eau, en un lieu appellé és Combes, qui est du tout sans chemin. [Autres] se retrouuoient en vn lieu dict és Fontenelles, sous le village de Nezan, Qui est un lieu assez descouuert... le Sabbat des Sorciers de la Moüille se tenoit en la Cour du Prioré du mesme lieu.”³⁹⁷

Jane Bosdeau (1594) ia duas vezes por semana ao “Rendezvous de mais de sessenta bruxas em Puy de Dome”.³⁹⁸ E as bruxas suecas iam sempre a um lugar onde havia uma construção especial para a realização dos seus ritos: todas elas confessaram que Blockula se situava num vasto prado delicado que parecia não ter fim. O lugar ou a casa onde elas se encontravam tinha um portão na frente pintado em diversas cores; confessaram ainda que este portão levasse a um pequeno prado, diferente do outro... Num quarto espaçoso desta casa havia uma mesa grande onde as bruxas se sentavam: além deste quarto, havia um outro com camas delicadas e encantadoras.”³⁹⁹

Em geral, o peso do depoimento na Inglaterra e na Escócia era a favor da declaração de Danaeus de que não havia um local determinado; no entanto, isso pode ser considerado como referência somente para as reuniões locais e não para as Grandes Assembléias. Em Forfar, os julgamentos das bruxas fornecem muitas informações. Helen Guthrie estava numa reunião no jardim da igreja de Forfar em Holfe... Ela esteve numa outra reunião em *Pavilione hollis*... neste mesmo ano entre o *oatseid* e o *bearseid*, ela esteve numa terceira reunião no jardim da igreja de Forfar em Holfe e provavelmente no mesmo horário das outras reuniões [antigas], por volta da meia-noite. Aproximadamente do início ao último horário do *oatseid*.

Isabell Syrie a levou Jonet Howat ao *Insch* próximo ao lago de Forfar e ela viu, naquela hora, cerca de treze bruxas com o demônio, e eles dançavam juntos... Aproximadamente quatro semanas mais tarde, numa reunião em *Insch*, Isabell Syrie a levou para um outro encontro em *MuryKnowes*. Três anos e meio mais tarde, ela, *Elspet Alexander*, esteve num encontro com o demônio em *Peterden*, entre *Forfar* e *Dondie*... e aproximadamente quatro semanas após esta reunião em *Petterden*, ela foi para um segundo encontro em *Muryknowes* e esteve presente num terceiro encontro próximo a *Kerymure*.⁴⁰⁰

O depoimento de Isobel Gowdie é detalhado como todos os outros: “Na última vez que nosso Coven se encontrou, nós e o outro Coven dançamos na Montanha de *Earlseat* e, antes disso, entre *Moynes* e *Bowgholl*; e antes ainda fomos além de *Meikleburne* e de outro Coven em *Downie-hillis*; então fomos de *Meikleburne* até eles e de lá fomos

397. Boguet, pp. 126-7.

398. F. Hutchinson, Ensaio Histórico, p. 43.

399. Horneck, pt. ii, p. 321.

400. Kinloch, pp. 120 seq.

para Wood-end de Inshoch... Antes do Candlemas fomos para o leste de Kinlosse”.⁴⁰¹ Os mesmos fatos foram obtidos com as bruxas de Kinrossshire; Robert Wilson “confessou que se encontrou com o demônio em Stanriegate, ao oeste de Crook of Devon... O demônio sugeriu que se encontrassem em Bents de Balruddrie. Margaret Huggon confessou que ela foi a um encontro com Satã em Stanriegate, ao oeste de Devon... e acrescentou que teve um outro encontro com Satã em Heathrie Knowe, ao leste de Crook of Devon, onde os Gallons realizaram uma reunião nos fundos de Knocktinnie, em Gaitside, e outra nas redondezas de Newbiggin. Janet Brugh “confessou que ela teve um encontro em Stanriegate... e acrescentou que se encontrou com Satã em Turfhillis... Ela relatou que esteve em Bents de Balruddrie e Gibson Craig, onde Satã também esteve. Christian Grieve confessou livremente que teve um encontro com o Satã nos fundos da casa de Andrew Dowie.”⁴⁰² As bruxas de Somerset (1664) variavam sobre esta questão. Aquelas de Wincanton se encontravam em lugares diferentes: Elizabeth Style “participou de diversas reuniões gerais a noite em High Common, que era próximo à Motcombe, que também era próximo à Marnhull e outros lugares”. Alice Duke participou de diversos encontros em Lie Common e em outros lugares durante à noite. No entanto, o Coven Brewhan parecia se encontrar costumeiramente em Hussey Knap, na Floresta de Brewham.⁴⁰³

Ocasionalmente, uma razão é fornecida para a troca do local: “Parfois un Sabbat finy à un coin de paroisse, on s’en va le tenir à une autre, où le Diable mene les memes personnes: mais là, on y en rencontrer duautres.”⁴⁰⁴ Algumas vezes, dúvidas surgem nestes encontros, explicando o fato que em muitos casos as bruxas diziam que não conheciam todas as pessoas presentes em uma determinada reunião: “Antoine Tornier, Et Iaquema Paget ont confessé, que comme elles retournoient à certain iour par ensemble de glanner, passans au long du pré de Longchamois, elles apperçurent que l’ont y tenoit le Sabbat; Surquoy elles poserent bas leurs fardeaux, & allerent au lieu predict, où elles firent comme les autres, & puis se retirement chacune en leurs maisons, apres auoir reprins leurs fardeaux.”⁴⁰⁵

As Bruxas de Salem (1692) encontravam-se num local plano e gramado, onde havia um caminho cheio de areia no qual as marcas das patas dos cavalos eram encontradas.⁴⁰⁶

Data e Horário – Não havia um dia ou horário determinado para o Esbat, e nisso ele se diferenciava do Sabbath, que acontecia sempre à noi-

401. Pitcairn, iii, p. 603.

402. Burns Begg, pp. 226 seq.

403. Glanvil, pt. ii, pp. 140, 148, 156, 161.

404. De Lanere, Tableau, p. 64.

405. Boguet, p. 102.

406. Burr, p. 418.

te. O demônio revelava o horário para seus seguidores indo até eles ou enviando-lhes uma mensagem por intermédio de um oficial. A mensagem podia ser tanto uma palavra pronunciada como um sinal compreendido pelo iniciante.

Ainda que não houvesse um dia específico para o Esbat, é provável que em cada dia da semana ele fosse realizado em uma localidade diferente.

Danaeus, em sua pesquisa geral do culto em 1575, expõe: “Ele dizia onde eles deviam se encontrar e a que hora do dia ou da noite; porém eles não tinham certeza de nada. Estes encontros não eram nem semanais, nem mensais, nem anuais, e sim quando e com a frequência desejada por seu mestre. Muitas vezes ele próprio os alertava para os encontros ou então apontava outros para alertá-los em seu lugar. No entanto, quando ele mesmo o fazia, ele aparecia na forma de um homem”.⁴⁰⁷ De Lancre disse que em Basses-Pyrenées “le lieu où on le trouue ordinairement s’appelle Lanne de bouc, & en Basque Aquelarre de verros, prado del Cabron, & là les Sorciers le vont adorer trois nuicts durant, celle du Lundy, du Mercredy, & du Vendredy. Les iours ordinaires de la conuocation du Sabbat, ou pour mieux dire les nuicts, sont celles du Mercredy venant au leudy, & du Vendredy venant au Samedy. – Catherine de Naguille le la paroisse d’Vstarits, aagee de onze ans, & as compagne, nous ont assureé qu’elles auoie{n}t esté au Sabbat en plein midy.” Jane Bosdeau (1594), a “todas quartas e sextas-feiras aproximadamente sessenta bruxas se encontravam em Puy de dome”.⁴⁰⁸ Boguet afirma que o dia do Sabbath variava, geralmente na quinta-feira à noite,⁴⁰⁹ enquanto, de acordo com Bodin, o horário mais frequente era “entre a noite de segunda e terça-feira”.⁴¹⁰ Boguet acrescenta “Le Sabbat ne se tient pas tousiours de nuict, ains que les Sorciers y vont aussi quelquefois de iour, selon que firent Antoine Tornier, & Iaquema Paget, & plusieurs autres de leur secte le confessant”.⁴¹¹ As bruxas de Lorraine também tinham o mesmo costume: “Alle zugleich, so viel ihrer bishier in Lotharingen peinlich sind verhoret worden, bekandten, dass solche Versammlung in keiner andern Nacht, als welche zu nechst vor dem Donnerstag oder Sambstag hergeheth, gehalten werden. – Johannes a Villa und Agathina des Schneiders Francisci weib, sagt, eine oder zwey Stunde vor Mitternacht, were die bequemste Zeit darzu, und zwar nicht allein zu diesen Gespensten, sondern auch sonst zu allerhand Gespensten, Bollergeisten, Irrgeistern, &c. Aber die Stunde nach Mitternacht diene nicht darzu.”⁴¹²

407. Danaeus, ch, iv.

408. F. Hutchinson, p. 43.

409. Boguet, p. 124.

410. Bodin, Fléau, p. 182.

411. Boguet, p. 123.

412. Remigius, pp. 71, 72.

Os depoimentos ingleses e alemães são os mesmos. As bruxas “são retratadas como tendo cada uma delas um espírito ou diabrete atribuídos à ela... Estes dão percepções para as bruxas estarem prontas para todos os encontros e reuniões solenes que aconteciam geralmente às terças ou quartas à noite”.⁴¹³ Janet Breadheid, do Coven de Auldearne, enfatiza a irregularidade das datas: “Depois desta, nós nos encontramos durante dez, doze ou vinte dias continuamente.”⁴¹⁴ Marie Lamont simplesmente nota que os encontros eram noturnos: “O Demônio aparecia na casa de Kathrein Scott no meio da noite... Quando ela esteve num encontro no último Zowle, com as outras bruxas durante a noite, o demônio a levou para casa de madrugada.”⁴¹⁵ As bruxas de Somerset não tinham uma noite especial: “Antes de cada reunião o espírito desaparecia e apontava o próximo local e horário de reunião”.⁴¹⁶ Mary Green participou de um encontro “na quinta-feira à noite, antes do último domingo”.⁴¹⁷ Em Paisley, o encontro ocorreu na quinta-feira, dia 4 de janeiro de 1678, durante a noite, na casa de John Stuart.⁴¹⁸ As bruxas suecas eram as que mais trabalhavam: ao passo que antigamente uma jornada semanal era suficiente para servi-lo de sua cidade até o local mencionado; agora elas eram forçadas a correr para outras cidades e lugares para levar as crianças e algumas delas levavam quinze, às vezes dezesseis crianças todas as noites”.⁴¹⁹

Os exemplos mais modernos sugerem que a data se tornou mais determinada: “*On croit que c'est toujours un vendredi soir que les sorciers et sorcières se réunissent.*”⁴²⁰ *Sorciers et sorcières vont au sabbat le vendredi, à travers les airs.*⁴²¹

413. Pleasant Treatise, p. 4.

414. Pitcairn, iii, p. 617.

415. Sharpe, pp. 131, 133.

416. Glanvil, pt. ii, p. 139.

417. Id., pt. ii, p. 164.

418. Id., pt. ii, pp. 293, 297.

419. Horneck, pt. ii, p. 318.

420. Monseur, p. 87.

421. Lemoine, *La Tradition*, 1897, vi, p. 106.

V. Os Ritos

1. Geral

A ordem exata das cerimônias não é fornecida e, provavelmente, ela variava entre as diferentes localidades; porém, a regra geral do ritual do Sabbath parece ter sido os procedimentos iniciados pelos devotos que prestavam honras ao demônio, que possuía e permanecia em uma posição conveniente. A homenagem consistia em renovar os votos de fidelidade e obediência, em beijar o demônio em qualquer parte que ele indicasse e algumas vezes se tornar, em muitos casos, seus servos. Depois, seguiam-se os registros de toda magia realizada desde o Sabbath anterior, fosse ela individual ou nos Esbats e, ao mesmo tempo, as bruxas se consultavam com seu mestre sobre seus casos e recebiam instruções dele sobre como proceder; posteriormente, vieram as admissões à sociedade ou os casamentos dos membros. Este encerrava a parte dos negócios da reunião. Imediatamente após toda a transação dos negócios, o serviço religioso era comemorado e as cerimônias variavam de acordo com as estações do ano; estas eram seguidas por ritos “obscenos” de fertilidade. A cerimônia toda se encerrava com danças e comemorações, e a assembléia durava até a madrugada.

Aparentemente, esta era a seqüência comum do ritual do Sabbath; o Esbat tinha menos comemorações e não havia qualquer serviço religioso. O próprio demônio, às vezes, participava e recebia a congregação; e não estando em suas “majestosas vestes”, ele aparecia como um homem vestido em roupas comuns. Em vez do serviço religioso com a adoração de Deus, as bruxas realizavam seus encantos e magias que enfeitiçavam e desfeitiçavam seus amigos e inimigos, ou exercitavam novos métodos aprendidos com seu mestre, ou recebiam instruções de como praticar a arte da cura e do envenenamento secreto, da causa e da destruição da fertilidade.

Existem poucos relatos a respeito da seqüência comum do ritual do Sabbath. Danaeus (1575) não distingue claramente as duas categorias de encontros, mas, ao mesmo tempo, ele parece ter notado a seguinte ordem: “Satã os reunia em uma sinagoga sinistra, e perguntava de que forma eles tinham prestado seus serviços e realizado suas maldades e quem eles cos-

tumam chamar sempre que se encontravam em lugares determinados... Quando eles se encontravam, ele aparecia visivelmente para eles em diversas formas, como o mandante e principal figura da congregação... Depois todos repetiam o juramento que lhes havia sido dado, em reconhecimento a ele como seu Deus, e daí todos dançavam... Quando a comemoração chegava ao fim, novamente ele exigia o que queria... Para alguns, ele dava veneno já pronto e, para outros, ele ensinava como os preparar... Finalmente, se alguém precisasse de sua presença e auxílio, ele prometia aparecer diante deles”.⁴²²

Boguet (1589) é mais exato, pois obtinha seus conhecimentos em primeira mão: “*Les Sorciers estans assemblez en leur Synagogue adorent premierement Satan... ils luy offrent des chandelles, & le baisent aux parties honteuses de derriere. Quelquefois encor il tient vne image noire, qu’il faut baiser aux Sorciers... Les Sorciers en second lieu dansent... Les danses finies, les Sorciers viennent à s’accoupler... Les Sorciers, apres s’estre veautrez parmy les plaisirs immondes de la chair, banquettent & se festoient... Les Sorciers rendent conte à Satan de ce qu’ils ont fait dès la derniere assemblée... Il fait renouner à ces miserables, Dieu, Chresme, & Baptisme. Il leur fait rafraischir le serment solennel qu’ils ont fait*”.⁴²³

O relato inglês foi reunido a partir de fontes estrangeiras com grande alcance em suas explicações: “Elas eram levadas para fora das casas pela janela, porta ou chaminé montadas em seus *Imps*... e ao chegarem ao lugar desejado, elas se encontravam com um grande número de outras bruxas que iam até lá com os mesmos objetivos; que antes de Lúcifer assumir o lugar em seu trono como Rei, elas realizavam suas homenagens costumeiras, adorando-o e proclamando-o seu Deus, prestando-lhe toda a homenagem. Ao término desta solenidade, elas se sentavam à mesa e esperavam poder comer mais do que simples pedaços de carne... Ao som de muitos instrumentos agradáveis a mesa era retirada e o consorte as convidava para dançar... no fim, as luzes eram apagadas. Os *Incubus* na forma de homens apropriados satisfaziam os desejos das bruxas, e as *Succubus* faziam o papel de prostitutas para os feiticeiros. Antes da aurora amanhecer o dia, cada um pegava seus espíritos e retornava a sua respectiva casa... Algumas vezes em suas assembléias solenes o demônio ordenava que cada um dissesse qual maldade tinha sido realizada... Quando a assembléia estava prestes a terminar, o demônio os despachava e anunciava a seguinte lei em voz alta: “Vinguem-se de todos, ou, senão, morrerão” e depois todos beijavam o demônio, retornando a seus veículos aéreos com destino a suas habitações.”⁴²⁴

422. Danaeus, ch. iv.

423. Boguet, pp. 131-9.

424. Pleasant Treatise, pp. 5-7.

2. Homenagem

Em alguns lugares, as bruxas saudavam seu mandante ajoelhando-se e realizando determinados gestos manuais; em outros lugares, por meio de reverências e obediências. Na Escócia, França e Bélgica um outro rito também estava em voga, que era o de beijar o demônio em qualquer parte que ele lhe direcionasse. Em Como e em Brescia as bruxas “quando prestavam suas reverências ao demônio, curvavam-se para trás e levantavam um de seus pés para o ar.”⁴²⁵

Remiguis, ao escrever sobre as bruxas de Lorraine em 1589, diz: “*Es erzehlte die Beatrix Bayona dass einer unter ihnen allen der Obserster wer, welcher in einer Zell auff einem lichen Stuhl sässe, sehr ernsthaftig und prächtig heraus, zu demselbigen trete je einer nach dem andern, mit Furcht und Zittern, falle ihm zum Zeichen seiner Ehrerbietung für die Füße, und umbfange ihn mit aller Demuth und Reverentz. — Erstlich fallen sie nieder auff ihre Knie; darnach legen sie die Hände ausswendig zusammen, als diejenigen pflegen zu thun, welche obstetiren, jedoch auff dem Rücken und verkehrter Weise, sie haben den Rücken zu ihm gewandt, bleiben so lang kniend, biss er selbsten zu ihnen sagt, class es genugsam sey*”.⁴²⁶

Em Somerset (1664), as bruxas sempre mencionavam a saudação.

Em seu primeiro encontro o homem de preto dava-lhes boas vindas e elas todas o obedeciam – Elizabeth Style, Alice Duke, Anne Bishop, Mary Penny. Elas se reuniam aproximadamente às nove horas da noite em Common, próximo ao Portão Trister, onde encontravam um homem vestido com roupas pretas com uma faixa pequena, a quem faziam cortesia e a devida observação. – Mary Green ia com as outras para Hussey’s Knap na floresta durante a noite, onde se encontravam com o demônio na forma de um homem pequeno com roupas pretas e uma faixa pequena e a ele realizavam todas as obediências. Na noite de quinta-feira, antes da última Whitsunday (ela se encontrou com as outras) e chamou por Robin. Logo em seguida apareceu um homem pequeno vestido com roupas pretas a quem elas obedeciam e ele colocava a mão em seu chapéu e perguntava: “Como você está?” com uma voz baixa, mas com grande poder. E depois, novamente, elas o obedeciam.⁴²⁷

No século XVIII, há um relato parecido.

Danaeus (1575) e Cooper (1617) são os únicos escritores a mencionar o beijo em seus relatos gerais das cerimônias. O mais antigo diz: “Ele pedia para que eles se abajassem e o venerassem e, depois, se satisfazia com os gestos corporais. Alguns caíam de joelhos a seus pés, outros lhe

425. Lea, iii, p. 501.

426. Remiguis, pt. i, pp. 89, 91.

427. Glanvil, pt. ii, pp. 137, 139, 163, 164.

ofereciam velas pretas acesas e outros o beijavam em determinadas partes do corpo”.⁴²⁸ Cooper menciona isso como parte da cerimônia de admissão: “Depois, quando seu reconhecimento era feito, em testemunha de sua submissão, Satã lhes oferecia suas partes íntimas para serem beijadas”.⁴²⁹

A cerimônia foi uma das primeiras a serem registradas. Em 1303, um Bispo do Convento foi acusado em Roma por um número de crimes, dentre os quais “quod diabolus homagium fecerat, et eum fuerit osculatus in tergo.”⁴³⁰ Guillaume Edeline foi julgado em 1453; ele era “docteur en théologie, prieur de S. Germain en Laye, et auparavant Augustin, et religieux de certaines aultres ordres. Confessa ledit sire Guillaume, de as bonne et franche volenté, avoir fait hommage audit ennemy en l’espèce et semblance d’ung mouton, en le baisant par le fondement en signe de révérence et d’hommage”.⁴³¹ Martin Tulouff, julgado em Guernsey em 1563, foi a um encontro “ou ly avoet chinq ou vi chatz, d’ou il y en avoet ung qui estoit noir, qui menoit la dance, et dt q il estoit sur ses pieds plat, et que ladite Collennette le besa p de derriere, et luy p la crysse. Et luy dist ladite vieillesse q ledit chat estoit le diable.”⁴³² Estebène de Cambrue, 1567, descreveu as cerimônias do Sabbath: “Ils se mettent à dancier à l’entour d’une pierre, sur laquelle est assis vn grand homme noir, qu’elles appellent Mōsieur, & chacun de l’assemblée luy va baiser le derriere.”⁴³³ As bruxas de Poitiers em 1574 “dansoyent à l’entour du bouc: puis un chacun luy baisoit le derriere.”⁴³⁴ A mesma cerimônia aconteceu em Berwick do Norte em 1590: “Quando o demônio encerrava suas admissões, ele saía do púlpito e fazia com que todos se aproximassem e beijassem suas orelhas, as quais eram ditas serem frias como gelo”.⁴³⁵ Jane Bosdeau confessou que nas reuniões em Puy de Dôme em 1594 “todas as bruxas tinham velas que eram acesas por ele e dançavam em um círculo de costas. Elas beijavam suas costas e rezavam para que ele as ajudassem.”⁴³⁶ Andro Man de Aberdeen, 1597, confessou que “todos os Covens e os outros beijavam Christsonday e a Rainha de Elphenis.”⁴³⁷ Rolande de Vernois, 1598, confessou que “le Diable se presenta pour lors au Sabbath en forme d’un gros chat noir. Que tous ceux, Qui estoient au Sabbath, alloient baiser ce gros chat noir au derriere.”⁴³⁸ Cornélie van Beverwyck, de 75 anos, em Ghent, 1598, foi

428. Danaeus, ch. ii.

429. Cooper, p. 90.

430. Glanvil, pt. ii, pp. 137, 139, 163, 164

431. Chartier, iii, p. 45.

432. De um julgamento em Guernsey Greffe.

433. De Lancre, Tableau, p. 123.

434. Bodin, p. 187.

435. Melville, p. 396; ver também Pitcairn, i, pt. ii, pp. 210-12, 239, 246.

436. F. Hutchinson, p. 43.

437. Clube Spalding Misc.; i, pp. 121, 125.

438. Bogue, p. 411.

acusado de “vous n’avez pas craint de vous agenouiller devant lui, de lui rendre hommage et de baiser son derriere en signe de soumission”.⁴³⁹ Claire Goessen em 1603, foi para “l’assemblée nocturne de Lembeke, où, après la danse, elle a, comme tous les assistans, baisé un bouc à l’endroit de as queue.”⁴⁴⁰ Jeannette d’Abadie, em 1609, em Basses-Pyrénées disse, considerando a renúncia feita na admissão, “il luy faisoit renouveler toutes les fois qu’elle alloit au sabbat, puis elle l’aloit baiser au derriere.”⁴⁴¹ No comemorado julgamento de Louis Gaufridy em Aix em 1610, Magdalene de Demandouls fez um relato detalhado da homenagem realizada pelas bruxas: “As primeiras feiticeiras e bruxas, que eram pessoas de condição desgraçada e humilde, foram as primeiras a adorar o Príncipe da Sinagoga, que era um servo de Lúcifer, e que agora escolhia o local que era usado como Lewes Gaufridy: depois elas adoravam a Princesa da Sinagoga, que era uma mulher que estava sentada ao seu lado direito. O próximo a ser adorado era o demônio, o qual ficava sentado no trono como um príncipe. Em segundo lugar, vinham os feiticeiros e feiticeiras, que eram pessoas de condição mediana e que realizavam o mesmo tipo de adoração dos anteriores, ajoelhando-se no chão, ainda que não prostrados quanto os outros, embora eles beijassem as mãos e os pés do demônio como os primeiros. Em terceiro lugar estavam os magos, que eram os cavaleiros e pessoas de posição superior.”⁴⁴²

Isobel Gowdie de Auldearne, em 1662, disse: “Satã era como um novilho, um touro, um veado, uma rã ou um cachorro e ele balançava seu rabo para que beijássemos seu traseiro.”⁴⁴³ A explicação deste rito é fornecida pelas autoridades francesas: “Le Diable estoit en forme du bouc, ayant vne queue, & au dessoubs un visage d’homme noir; où elle fut contrainte le baiser. — [Elle] depose, Que la premiere fois qu’elle luy fut presentee elle le baisa à ce visage de derriere au dessoubs d’une grande queue: qu’elle l’y a baisé pour trois fois, & qu’il avoit aussi ce visage faict comme le museau d’un bouc. — Il a vne grande queue au derriere, & une forme de visage au dessoubs: duquel visage il ne profere aucune parole, ains luy sert pour le donner à baiser à ceux qui bom luy semble. — Es festes solempnelles on baisoit le Diable au derriere, mais les notables sorcieres le baisoient au visage.”⁴⁴⁴ As duas faces eram distintas e ele as utilizava quando queria distinguir a posição da bruxa na sociedade. A máscara ou disfarce é claramente indicado no depoimento de Isaac de Queyron, que como os outros “le baisèrent à une fesse qui estoit blanche & rouge, & avoit la forme d’une grande cuisse d’un homme, & estoit velue.”⁴⁴⁵

439. De um julgamento no Guernsey Greffe.

440. Id., p. 50

441. De Lancre, Tableau, p. 131.

442. Michaelis, História, pp. 334-5.

443. Pitcairn, iii, p. 613.

444. De Lancre, Tableau, pp. 68, 126, 128.

445. Id. ib., p. 148.

O demônio também oferecia outras partes de seu corpo para serem beijadas. Marion Grant das bruxas de Aberdeen (1597) confessou que ele “fazia com que beijassem-lhe em diversas partes e venerassem-lhe de olhos como seu Senhor.”⁴⁴⁶ Algumas bruxas de Lyons “*le baisèrent aux parties honteuses de derriere: les autres le baisent sur l’espaule*”.⁴⁴⁷ Jeannette d’Abadie em Basses-Pyrénées (1609) confessou “*qu’il le Diable luy faisoit baiser son visage, puis le nombril, puis le membre viril, puis son derriere*.”⁴⁴⁸ Na conexão com sua última afirmação, é válido compararmos o relato de Doughty sobre um costume dos árabes: “Há um costume estranho (não somente das mulheres nômades, mas também nos países árabes entre os cristãos, que parece permanecer como idolatria entre eles) as fofocas das mães e até mesmo das donzelas, que visitam mulheres casadas para beijar com um tipo de devoção a *hamman* dos filhos homens.”⁴⁴⁹

3. As Danças

As danças, como uma parte importante dos ritos da fertilidade, são muito bem-conhecidas para precisarem de qualquer descrição. As danças das bruxas, junto com as datas dos quatro grande Sabbaths do ano, apontam para o fato de que elas também pretendiam promover a fertilidade. Havia diversas formas nos rituais que variavam, aparentemente, de acordo com a forma da fertilidade exigida, fosse das plantações, dos animais ou dos seres humanos. A dança do pulo parece ter o objetivo do crescimento das colheitas; quanto mais alto os dançarinos pulavam, mais alto as colheitas cresceriam. A tão chamada dança “obscena” ou “indecente” tratava mais do aumento da fertilidade nos animais e nas mulheres. Quando os dançarinos se disfarçavam de animais, a dança era para o aumento dos animais representados; quando não estavam disfarçados, era para a fertilidade dos seres humanos.

Embora as danças ocorressem nos encontros das bruxas inglesas, elas são meramente mencionadas e não são descritas. Os julgamentos escoceses fornecem relatos completos, porém, os principais detalhes são franceses.

As duas formas principais de dança eram a dança do anel e a dança de seguir o líder; mas havia também uma forma muito complicada que não era compreendida pelos inquisidores, o que era traduzido com as palavras “tudo é uma grande confusão”. Ela ainda sobrevive, contudo, em Basses-Pyrénées em alguns vilarejos que eram habitados por bruxas no século XVI — aquelas bruxas cujos procedimentos De Lancre descreve tão intensamente.⁴⁵⁰

446. Clube Spalding Misc., i, p. 171.

447. Boguet, p. 131.

448. De Lancre, Tableau, pp. 721-131.

449. Doughty, Viagens na Arabia Deserta, i, 89.

450. Moret, Mystères, Égyptiens, pp. 247 seq.

As danças do anel eram geralmente realizadas ao redor de algum objeto; algumas vezes usavam uma pedra, outras vezes o demônio permanecia em pé ou era retirado do trono no meio. Thomas Leyis, junto com um grande número de outras bruxas, veio ao Market e Fish Cross de Aberdeen, sob a conduta e orientação do demônio, também presente em sua companhia, tocando este tipo de instrumento perante ele: “Nós todos dançamos sobre as cruces no mercado de alimentos por bastante tempo; ali também dançava o demônio e Thomas conduzia o anel, e embalava Kathren Mitchell, porque ela estragava a dança e não era capaz de acompanhar nosso ritmo. Isso foi confirmado por ela própria, que esteve presente nas três danças com o demônio.”⁴⁵¹ Margaret Og foi indiciada por ir à Craigleauch no último Dia de Todos os Santos, e lá, acompanhada por suas duas filhas e outras com seus seguidores e companhias diabólicas, dançaram todas juntas, ao redor de uma pedra grande, conduzidas por Satã, seu mestre de longa data.⁴⁵² Jonet Lucas foi acusada de “participar da dança do anel na mesma ocasião.”⁴⁵³ Beatrice Robbie foi “indiciada por uma bruxa notória, por vir sob a conduta do demônio, seu mestre, com algumas outras bruxas e seus aderentes diabólicos a Craigleauche, dançaram todas juntas ao redor de uma pedra grande por bastante tempo, e o demônio, seu mestre, brincava na frente delas.”⁴⁵⁴ Em Basses-Pyrénées, “*Ils se mettent à danser à l’entour d’une pierre, qui est plantée audit lieu, sur laquelle est assis un grand homme noir*.”⁴⁵⁵ Jane Bosdeau, que “confessou livremente, sem qualquer tortura, e continuou inerte no meio das flamas onde foi queimada”, disse que ela esteve num encontro de bruxas, e dançou num círculo de costas.⁴⁵⁶

“*Les Sorciers dansent, & font leurs danses en rond, doz contre doz. Les boitieux y vont plus dispostement que les autres [et] incitoient les autres à sauter & danser.*”⁴⁵⁷ “*Quelquefois, mais rarement, ils dansent deux à deux, & par fois l’un çà & l’autre là, & tousiours en confusion: estans telles danses semblables à celles des Fées, vrais Diables incorporez, qui regnoient il n’y a pas lôg temps.*”⁴⁵⁸ “*On y dance tousiours le dos tourné au centre de la dance, qui faict que les filles sont si accoutumées à porter les mains en arriere en cette dâce ronde, qu’elles y trainent tout le corps, & luy donnent un ply courbé en arriere, ayant les bras à demy tourne: si bien que la plupart ont le vendre communement grand, enflé & avancé, & un peu penchant sur le deuant. On y dance fort peu souuent un à un, c’est à dire un homme seul avec une femme ou fille... On n’y dançoit que trois sortes de*

451. Clube Spalding Misc.; i, pp. 97-8. Ortografia corrigida.

452. Ib., i, p. 144. Ortografia corrigida.

453. Ib., p. 149.

454. Ib., p. 153. Ortografia corrigida.

455. De Lancre, Tableau, p. 123.

456. F. Hutchinson, Ensaio Histórico, p. 43.

457. Compare o relato da dança da bruxa de Forfar. Kinloch, p. 120.

458. Boguet, pp. 131-2.

bransles, communement se tournant les espauls l'un à l'autre, & le dos d'un chascun visant dans le rond de la dance, & le visage en dehors. La premiere c'est à la Bohemienne... La seconde c'est à sauts; ces deux sont en rond."⁴⁵⁹ "Ils apperçoivent à l'entrée [d'un bois], un rond, ou cerne, dans lequel il y avoit plusieurs vestiges de pieds d'hom[m]es, d'e[n]fans, & d'Ours, ou bien d'autres bestes semblables,⁴⁶⁰ lesquels estoient seulement enfoncés d'un demy doigt dans la neige, quoy que pour eux ils y entrassent jusques à la ceinture"⁴⁶¹

As bruxas suecas dançavam da mesma forma. "Nós costumávamos ir a uma ruína através de um caminho dificultoso e lá nós colocávamos um traje sobre nossas cabeças e dançávamos".⁴⁶² A dança em círculo era tão essencial para uma bruxa que More diz: "deve ser muito prazeroso penetrar a natureza destes anéis escuros e grandes na grama, os quais elas chamam de *Fairy Circles* (Círculos das Fadas), estivessem elas em seus encontros, ou nos lugares das danças dos pequenos espíritos de bonecas que elas denominavam *elves* (elfos) ou *fairies* (fadas)."⁴⁶³

Pode ser visto por meio das citações acima que havia muitas variedades da dança do anel: este também era o caso da dança do "siga o líder". Parece, ainda, haver uma combinação das duas danças ou, talvez, seja mais correto dizer que algumas vezes as figuras do anel ou de seguir o líder fossem utilizadas juntas para formar uma dança completa, como nos Lancers modernos. Em ambas as formas da dança, um dos membros principais da sociedade era o "líder-anel" ou o "líder da dança". Na dança de seguir o líder, este era freqüentemente o demônio; porém, na dança do anel, este lugar era normalmente tomado pelo segundo responsável pelo comando. Quando, entretanto, o demônio era o líder, o segundo no comando ficava para trás a fim de auxiliar aqueles que não se moviam tão rapidamente quanto os outros. Como o ritmo era aparentemente importante, parecia haver uma ofensa punível para aqueles que se atrasassem na dança e talvez esta fosse a origem da expressão "O demônio toma os últimos".

Em Berwick do Norte, Barbara Napier encontrou suas companheiras na igreja, "onde elas dançaram bastante no jardim de Kirk, enquanto Gelie Duncan tocava uma trombeta e John Fian conduzia o círculo; Agnes Sampson e suas filhas, com todo o resto, seguiram Barbara em direção às outras pessoas; Isobel Gowdie infelizmente não teve coragem de descrever as danças de que participou, então nossa informação, ao invés de ser completa e precisa, é muito escassa. Jean Martein é uma donzela do Coven de que eu participo; seu apelido é "*Over the dyke with it*" (sobre o dique

459. De Lancre, Tableau, p. 210.

460. Compare o relato contra Bessie Thom, que dançou ao redor de Primeira Cruz de Aberdeen com outras bruxas "na forma de gatos e lebres". Clube Spalding Misc., i, 167.

461. Boguet, p. 127.

462. Horneck, pt. ii, p. 316.

463. More, p. 232.

com ele) porque o demônio sempre a pegava pela mão e a levava próximo a ele, quando nós dançávamos em Gillatrypes; e quando ele dançava [as palavras se fragmentando aqui] eles diziam: "*Over the dyke with it.*"⁴⁶⁴ Um outro exemplo escocês é o do Sr. Gideon Penman, que foi ministro em Crichton. Ele geralmente ficava por último nas danças e vencida aquelas que eram lentos.⁴⁶⁵ A esposa de Barton "numa noite ao ir dançar em Pentland Hills, ele [o demônio] vindo anteriormente na forma de um cachorro, brincava com um par de pinheiros.⁴⁶⁶ De Lancre conclui sua descrição das danças com um relato de uma dança "eterna". "*La troisieme est aussi le dos tourné, mais se tenant tous en long, & sans se deprendre des mains, ils s'approchent de si près qu'ils se touchent, & se rencontrent dos à dos, un homme avec une femme; & à certaine cadance ils se choquent & frapent impudemment cul contre cul.*"⁴⁶⁷ Talvez fosse esta dança que o Demônio conduzia: "*Le Diable voit parfois dancier simplement comme spectateur; parfois il mene la dance, changeant souvent de main & se mettant à la main de celles qui lui plaisent le plus.*"⁴⁶⁸ Em Northumberland, em 1673, "seu demônio particular cuidava dos mais perversos e dançava com eles antes dos outros. O demônio, na forma de um homem negro pequeno vestido em roupas pretas, chamou Isabell Thompson de Slealy, viúva, pelo nome e perguntou qual serviço ela tinha executado para ele. Ela respondeu que havia adquirido poderes do corpo de Margaret Teasdale. E após ter dançado com ela, ele a despachou e chamou Thomasine, esposa de Edward Watson, de Slealy. Danaeus também nota que o demônio era o líder: "Todos caíram na dança que era conduzida pelo demônio, ou senão eles esperavam e dançavam muito pouco a seu lado."⁴⁶⁹ Talvez isso fosse aquilo que De Lancre queria dizer quando ele relata "apres la dance ils se mettent par fois à sauter."⁴⁷⁰ Uma variação curiosa da dança siga-meu-líder era praticada em Aberdeen no Dia de Rood, uma data que conforme mostrei anteriormente corresponde à *Walpurgis-Nacht* das bruxas alemãs. A reunião acontecia na montanha de St. Katherine e era conduzida por Satã, que estava presente e brincava diante dos outros em sua forma normal e, depois, todos dançavam um ritmo diabólico, andando nas árvores por todos os lugares."⁴⁷¹

464. Id., iii, p. 606. Ortografia corrigida.

465. Fountainhall, i, p. 14.

466. Sinclair, p. 163.

467. De Lancre, Tableau, p. 210.

468. De Lancre, Tableau, p. 212.

. Soc. Surtees., xl, pp. 195, 197.

469. Danaeus, ch. iv.

470. De Lancre, op. Cit., p. 211.

471. Clube Spalding Misc., i, pp. 165, 167. Ortografia corrigida. O relatos das bruxas árabes deve ser comparado com este. "Na época de Ibn Munkidh, as bruxas andavam nuas sobre uma vara entre os túmulos do cemitério de Shaizar." Welhausen, p. 159.

Outras variações também são fornecidas. “A dança é estranha e maravilhosa, bem como diabólica, todos viram de costas e seguram-se pelos braços, levantando-se do chão. Depois eles batem suas cabeças como os Anticks e voltam-se como se estivessem loucos.”⁴⁷² Reginald Scot, ao citar Bodin, afirma: “Nestas assembléias mágicas, as bruxas nunca deixavam de dançar; e em suas danças elas cantavam as seguintes palavras: ‘*Har bar, divell divell, danse here danse here, plaie here plaie here, Sabbath sabbath*’ “Har bar, demônio demônio, dance aqui dance aqui, reze aqui reze aqui, no Sabbath, no Sabbath”). E enquanto elas cantavam, dançavam e seguravam uma vassoura em suas mãos. Ele acrescentou que essas bruxas que andavam ou dançavam à noite trouxeram a dança chamada *La volta* da Itália para a França.”⁴⁷³ Há também uma descrição de uma dessas danças das bruxas italianas: “Em Como e Brescia muitas crianças de oito a doze anos freqüentavam o Sabbath e tiveram de ser convertidas pelos Inquisidores, fornecendo exibições em que suas habilidades eram provadas que não tinham sido ensinadas pela arte humana. A mulher ficava atrás de seu parceiro e eles dançavam de costas e quando tinham de prestar a reverência ao demônio eles se curvavam de costas e levantavam um pé em direção ao ar.”⁴⁷⁴

Em Lorraine, a dança em círculo movia-se para a esquerda. Como os dançarinos observavam o exterior, isso significava que eles moviam-se em uma determinada posição, isto é, contra o sol. “*Ferner, class sie ihre Tantz in einem ronden Kreiss rings umbher führen, und die Rücke zusammen gekehret haben, wie eine unter den dreyen Gratiis pfleget fürgerissen zu werden, und also zusammen tanzen. Sybilla Morelia sagt, dass der Reyhen allezeit auff der lincken Hand umbher gehe.*”⁴⁷⁵

Uma forma das danças das bruxas parece ter sobrevivido entre as crianças no distrito de Walloon, na Bélgica. Parece ser uma mistura de dança comum em círculo e a terceira dança de De Lancre; ela não tem uma personagem principal e a característica marcante é a dança das costas contra as costas. “*Les enfants font une ronde et répètent un couplet. Chaque fois, un joueur désigné fait demi-tour sur place et se remet à tourner avec les autres en faisant face à l’extérieur du cercle. Quand tous le joueurs sont retournés, ils se rapprochent et se heurtent le dos en cadence.*”⁴⁷⁶

472. Pleasant Treatise of Witches, p. 6.

473. Reg. Scot, Bk. Iii, p. 42. *La volta* é dita ser a origem da valsa.

474. Lea, iii, p. 501.

475. Remigius, p. 82.

476. E. Monseur, p. 102.

4. A Música

A música nas assembléias era de todos os tipos, tanto instrumental quanto vocal. Os julgamentos ingleses dificilmente mencionam música, provavelmente porque o Sabbath tinha perdido importância em uma sociedade decadente, mas os julgamentos escoceses e ingleses provam que se tratava de uma parte integral da celebração. O próprio demônio era o realizador comum, mas outros membros da sociedade também podiam fornecer a música e, ocasionalmente, uma pessoa era responsável pela música para o demônio. A música era sempre um acompanhamento da dança; o instrumento geralmente utilizado era a flauta, substituída na Inglaterra por uma cítara, na Escócia por uma trombeta ou harpa, que também era um instrumento de sopro.

As bruxas de Somerset diziam que “O homem de preto às vezes tocava flauta ou cítara para acompanhar a dança.”

As bruxas de Berwick do Norte (1590) quando estavam numa reunião especial, juntavam-se para o compasso da morte do rei, dançavam no jardim de Kirk e Geillis Duncan tocava trombeta.⁴⁷⁷ O instrumento do demônio de Aberdeen (1597), ainda que não fosse específico, era provavelmente uma flauta; ela era geralmente referida como “seu velho instrumento”, nos relatos. Isobel Cockie de Aberdeen foi acusada de estar em um Sabbath na véspera do Dia de Todos os Santos: embora fosse o condutor do anel, o próximo era Thomas Leyis; e pelo fato de o demônio não tocar tão melodiosamente, ele tirou o instrumento de sua boca, colocou-o em uma posição adequada e tocou para toda a assembléia”. Numa outra reunião, Jonet Lucas estava presente: “ainda que eles estivessem sob a conduta de seu mestre, o demônio, participando da dança do anel, ele tocava melodiosamente seu instrumento e aparecia visivelmente para todos.”⁴⁷⁸ Em Tranent (1659), oito mulheres e um homem chamado John Douglas confessaram “participar de reuniões alegres com o Satã, com músicas e danças. Douglas era quem tocava a flauta, e as duas melodias favoritas de sua majestade eram *Kilt thy coat, Maggie, and come thy way with me* e *Hulie the bed will fa.*⁴⁷⁹ Agnes Sparke em Forfar (1661) “viu aproximadamente doze pessoas dançando, e elas tinham músicas alegres em torno delas e, como ela imaginava, a música vinha de uma flauta”.⁴⁸⁰ A esposa de Barton estava numa reunião em Pentland Hills, onde o demônio “veio até nós na forma de um cachorro bravo que brincava entre um par de pinheiros. O spring que ele tocava (segundo ela) “*The silly bit Chiken, gar cast it a pickle and it will grow meikle.*”⁴⁸¹ Em Crook of Devon (1662), as duas bruxas Margaret

477. Clube Spalding Misc., i, pp. 114-15. Ortografia corrigida.

478. Id., i, p. 149. Ortografia corrigida.

479. Spottiswoode Miscellany, ii, p. 68.

480. Kinloch, p. 129. Ortografia corrigida.

481. Sinclair, p. 163.

Huggon e Janet Paton confessaram ter estado em uma reunião e uma mulher estava lá e todos dançaram e tocaram flauta.⁴⁸²

Na França, os instrumentos eram mais variados. Marie d'Aspilcouette, de dezenove anos, “voyoit dancier avec violons, trompettes, ou tabourins, Qui rendoyent une tres grande harmonie.”⁴⁸³ Isaac de Queyran, de vinte e cinco anos, disse que um demônio inferior (*diabloton*) tocava um tamborim, enquanto as bruxas dançavam.⁴⁸⁴ No entanto, De Lancre faz seu melhor quando nos dá um resumo geral: “Elles dancent au son du petit tabourin & de la fluste, & par fois avec ce long instrument qu'ils posent sur le col, puis s'allongeant iusqu'au près de la ceinture; ils le battent avec un petit baston: par fois avec un violon. Mais ce ne sont les seuls instrumens du sabbat, car nous auôs appris de plusieurs, qu'on y oyt toute sorte d'instrumens, avec une telle harmonie, quil ny a concert au monde qui le puisse esgaler.”⁴⁸⁵

A música vocal também era ouvida nas reuniões, algumas vezes como um acompanhamento da dança, outras vezes como pura diversão. Quando ela era cantada como parte da dança, as palavras eram geralmente endereçadas ao mestre, e tomava a forma de um hino de elogio. Tal hino dirigido ao deus da fertilidade era cheio de alusões e palavras para chocar as sensibilidades dos padres e ministros cristãos que presenciavam os julgamentos das bruxas. Danaeus faz um relato geral destas cenas: “Elas dançavam ao passo que ele conduzia a dança e elas esperavam e dançavam próximas a ele, cantando mais de cinquenta canções para seu elogio.”⁴⁸⁶ Sinclair fez seu relato por intermédio de um frade: “Um ministro reverendo me disse que uma era a flauta do demônio; um feiticeiro lhe confessou, que num baile de dança, o espirito lhe ensinou uma canção *bauddy* para cantar e tocar, e como era noite e havia passado dois dias, todas as senhoras e senhoritas da cidade estavam cantando-na na rua. Era considerado uma abominação praticá-la.”⁴⁸⁷ Em Forfar, Helen Guthrie disse à corte que Andrew Watson “causava grande alegria quando cantava suas velhas baladas, e Issobell Shyrie de fato cantava sua melodia chamada *Tinkletum Tankletum*.”⁴⁸⁸ Ocasionalmente, o próprio Demônio era quem realizava os trabalhos, como fazia em Innerkip, onde, de acordo com Marie Lamont, “ele cantava para nós e todos dançávamos”.⁴⁸⁹ Boguet observa que a música às vezes era vocal e às vezes instrumental: “*Les haubois ne manquent pas à ces esbats: car il y en a qui sont commis à faire le devoir de menestrier;*

482. Burns Begg, pp. 234, 235.

483. De Lancre, Tableau, p.127.

484. Id. ib., p. 150.

485. Id. ib., p. 211.

486. Danaeus, ch. iv.

487. Sinclair, p. 219.

488. Kinloch, p. 120.

489. Sharpe, p. 131.

Satan y ioiue mesme de la flutte le plus souuent; & à d'autrefois les Sorciers se contentent de chanter à la voix, disant toutefois leurs chansons peslemesle, & avec une confusion telle, qu'ils ne s'entendent pas les uns les autres.”⁴⁹⁰ Em Aix, em 1610, “os Magos e aqueles que sabiam ler, cantavam alguns salmos da mesma forma que se fazem nas igrejas, especialmente o *Laudate Dominum de Coelis: Confitemini domino quoniam bonus*, e o *Canticle Benedicte*, adaptando-os todos de forma a glorificar Lúcifer e os demônios: e os bruxos e feiticeiros clamavam e exaltavam com seus gritos diabólicos, entoando uma espécie de música maligna. Eles também dançavam ao som de violões e outros instrumentos, que eram trazidos por aqueles que sabiam tocá-los.”⁴⁹¹ Em um outro julgamento francês em 1652 as evidências mostraram que “on dansait sans musique, aux chansons.”⁴⁹²

5. A Festa

A festa, como todo o restante do ritual, variava em seus detalhes nos diferentes lugares onde era realizada. Ela acontecia tanto em locais fechados como ao ar livre, de acordo com o clima e a estação do ano; no sul da França, quase que invariavelmente acontecia ao ar livre, na Escócia e na Suécia quase sempre em lugares cobertos; na Inglaterra, às vezes em locais fechados e, às vezes, em lugares abertos. Sempre que a festa acontecia em um lugar aberto, mesas eram colocadas e a comida servida sobre elas; em lugares fechados, sempre se colocavam mesas também; porém nos registros ingleses sobre as festas ao ar livre dizem que toalhas eram abertas no chão antes de colocarem a comida, em um estilo de piquenique, sobre o chão. A comida era fornecida de maneiras diferentes; às vezes, toda ela era dada pelo demônio; às vezes, toda a comida era fornecida por um membro da comunidade e, às vezes – também como em um piquenique – todos traziam seus próprios alimentos. Conseqüentemente, a qualidade da comida variava consideravelmente; em algumas ocasiões ela era muito boa; em outras, muito modesta. Mas não importava quem era o responsável por trazer a comida, os agradecimentos dos festeiros eram solenemente e com reverência dados ao mestre, a quem se deve a capacidade da produção de toda a comida.

Em alguns casos, diz-se que o alimento ingerido nas festas era de natureza não satisfatória. Esta declaração é geralmente feita nas descrições gerais dadas por escritores contemporâneos; raramente a encontramos nas confissões pessoais. Quando ela aparece, é importante

490. Boguet, p. 132.

491. Michaelis, Hist., p. 336.

492. Van Elven, v (1891), p. 215.

observarmos que a bruxa era geralmente uma jovem garota. Se este era sempre o caso, é possível que, naquela época, como agora, as danças e a excitação causassem grande efeito no apetite, e que a quantidade comum de comida parecesse então insuficiente.

O tabu com relação ao sal é interessante, mas ele não parece ter sido de forma alguma um fator universal. Ele não parece ter ocorrido de forma alguma na Grã-Bretanha, onde a comida nas festas era bastante comum.

Parece que algumas autoridades pensavam que as bruxas comiam o melhor de tudo. “Elas se sentavam à mesa, onde não aceitavam qualquer tipo de carne para satisfazer seus apetites, sendo que tudo era consumido num piscar de olhos, por todos aqueles espíritos que participavam das assembléias”.⁴⁹³ Embora isso seja dramaticamente expressado, os fatos são confirmados pelas declarações das próprias bruxas. As bruxas de Lancashire prepararam uma grande festa quando elas se reuniram na Torre Malking para se consultar sobre o resgate da mãe Demdike.

“As pessoas, antes mencionadas, comiam em seus jantares bifes, bacon e carneiro assado; este carneiro (como o entrevistado disse) tinha sido trazido do depósito de Christopher Swyers de Barley, que tinha sido levado na noite anterior para dentro da casa da mãe do entrevistado por James Deuice, e o entrevistado disse ao seu irmão: e sob os olhos dele matou o animal e o comeu... E antes de partirem, eles todos combinaram de se encontrar na casa da esposa de Preston depois de doze meses; e foi então que a esposa de Preston prometeu que faria para eles uma grande festa”.⁴⁹⁴

A festa das bruxas de Faversham também acontecia em lugares fechados. Joan Cariden confessou que a dona de casa Hott disse a ela que naqueles dois dias tinha acontecido uma grande reunião na casa de Panterys, e que a dona de casa Dodson estava lá, e que a dona de casa Gardner deveria ter estado lá, mas não apareceu, e o demônio sentou-se na ponta da mesa.”⁴⁹⁵ Este era geralmente o lugar do demônio nas festas, e ao lado dele sentava-se o chefe das bruxas mulheres. Os julgamentos de Somerset nos dão mais detalhes do que quaisquer outros casos ingleses. Elizabeth Style disse que “em seu encontro eles geralmente bebiam vinho ou uma boa cerveja, comiam bolos, carne ou coisas desse tipo. Eles comiam e bebiam, dançavam e ouviam música. O homem vestido de preto se sentava na ponta mais alta, e Anne Bishop geralmente ficava ao seu lado. Ele dizia algumas palavras antes de comer, e nada dizia depois de feita sua refeição; sua voz era forte, mas muito suave.”⁴⁹⁶ Ela ainda fornece alguns outros detalhes sobre um outro lugar: “Eles tinham vinho, comiam bolos e carne assada (tudo trazido pelo homem de preto), que eles comiam e bebiam. Eles dan-

493. Pleasant Treatise das Bruxas, p. 5.

494. Potts, G 3, 13, P 3.

495. Exame de Joan Williford, p. 6.

496. Glanvil, pt. ii, pp. 134-40.

çavam e sentiam-se felizes, e estavam presentes materialmente, vestindo suas roupas especiais.”⁴⁹⁷ Alice Duke nos dá uma explanação semelhante: “Todos se sentavam, espalhavam uma grande toalha branca no chão, e bebíamos vinho e comíamos bolos e carne.”⁴⁹⁸ Os julgamentos escoceses mostram que eram geralmente as bruxas que divertiam o mestre e o restante do grupo. Alison Peirson, cujas aventuras entre as fadas são tanto interessantes, declarou que um homem vestido de verde apareceu para ela, um homem muito bonito, com muitos homens e mulheres juntos com ele. E que ela ajoelhou e rezou, e ficou com eles por bastante tempo, que ela nem se lembra; e com eles comeu, bebeu, dançou e foi levada a Lowtheane, e participou de suas festas”.⁴⁹⁹ Em uma outra ocasião, uma reunião muito importante aconteceu em uma velha casa perto da Castelo Semple, onde uma festa esplêndida fora preparada, o que encantou o visitante real de forma considerável, que ele elogiou seus anfitriões por sua hospitalidade, e com apreço parabenizou-os por “seus currais”.⁵⁰⁰ As bruxas de Forfar tinham muitas festas; Helen Guthrie comenta sobre uma ocasião:

“Eles foram até a casa de Mary Rynd e se sentaram juntos à mesa, estando presente o demônio na ponta da mesa; e alguns deles foram até a casa de John Benny, que era um cervejeiro, e de lá trouxeram cerveja... e outros foram até a casa de Alexander Hieche e trouxeram de lá *aqua vitae*, e assim prepararam sua festa; e o demônio falou com todos eles, mas de forma especial com Mary Rynd, e ele os beijou a todos com exceção da própria Helen, que foi a escolhida para receber o beijo em sua mão; e ela e Jonet Stout se sentaram em lados opostos uma à outra na mesa.”⁵⁰¹

Sobre o encontro de Muryknowes existem diversos relatos. O primeiro é de Jonet Howat, a jovem filha de Helen Guthrie: “Neste encontro havia cerca de vinte pessoas presentes com o demônio, e eles dançaram juntos e comeram juntos bife, pão e beberam cerveja, e ela bebeu e comeu com eles, mas não se sentiu satisfeita, e ela desfrutou da companhia dos demais.”⁵⁰² Elspet Alexander confirma esta declaração: “O demônio e as bruxas beberam juntos e comeram carne e pão”,⁵⁰³ e o mesmo vem de Jonet Stout, que se sentou do lado oposto a Helen Guthrie à mesa: “O Demônio e as bruxas comeram e beberam, tendo carne, pão e cerveja sobre a mesa, e Joanet Huit era quem lhes servia as bebidas”. Em uma ocasião elas tentaram destruir a Ponte de Cortaquhie: “quando o fizemos, Elspet [Bruxe] deu ao demônio algo para beber em sua própria casa, e ele gostava mais dela do que das demais, porque ela era uma linda mulher.”⁵⁰⁴ As bruxas

497. Id., p. 138.

498. Id., p. 149.

499. Pitcairn, i, pt. ii, p. 163.

500. Spottiswoode Misc., ii, p. 67.

501. Kinloch, p. 121.

502. Id., p. 124.

503. Id., p. 126.

504. Id., p. 133. Dated (gostava dela) = a acariciava.

de Kinross-shire conseguiam seus alimentos com o demônio, e este é um dos poucos exemplos de reclamações quanto à qualidade do ato. “Satã deu a você [Robert Wilson] carne e bebida muitas vezes, mas nunca lhe fizeram nenhum bem”;⁵⁰⁵ e Janet Brugh “confessou que havia recebido pão duro e leite azedo do Satã em Bents de Balruddrie.”⁵⁰⁶ De acordo com Marie Lamont, “o demônio, veio até a casa de Kattrein Scott, no meio da noite. Ele deu a ele vinho para beber, e pão de trigo para comer, e todos se sentiram muito felizes”.⁵⁰⁷ A confissão de Isobel Gowdie nos dá uma riqueza de detalhes como de costume: “Nós íamos a várias casas durante a noite. Nós estávamos em Candlemas, Grangehill, onde tínhamos carne e bebida suficientes. O demônio sentou-se à ponta da mesa, e todo o Coven ao redor dela. Naquela noite ele queria que Alexander Elder em Earlseat fizesse a oração antes da refeição, o que ele fez; e disse:⁵⁰⁸ “Comemos este alimento em nome do demônio”, etc. E então começamos a comer. E quando terminamos, olhamos firmemente para o demônio, e nos curvando diante dele, lhe dissemos: Nós lhe agradecemos, nosso Senhor, por isso. Matamos um boi, em Burgie, à madrugada do dia, e trouxemos o boi conosco para casa em Aulderne, e o comemos em nossa casa em Aulderne, e nos sentimos satisfeitos com ele”.⁵⁰⁹

Em Borrowstowness, as bruxas iam para casas diferentes para suas festividades, que parecem ter sido hospedadas em parte pela anfitriã, e em parte pelo demônio e os convidados.

“Nós e cada um de vocês estivemos presentes em vários encontros com o demônio nas redondezas de Borrowstowness, e em sua casa Bessie Vickar, e comemos e bebemos com ele, e uns com os outros, e com as bruxas em sua casa durante a noite; e o demônio e William Craw trouxeram a cerveja que bebemos, mais de sete garrafas, na casa de Elizabeth Hamilton.”⁵¹⁰

Em 1692, a dona de casa Foster, de Salem, deu uma descrição um tanto encantadora da festa de piquenique com o Coven de Andover: “Eu perguntei o que é que ela fazia para conseguir os alimentos nas reuniões; ela respondeu que trazia pão e queijo em seus bolsos, e que ela e a Companhia de Andover tinham vindo até a vila antes da reunião começar, e sentaram-se juntos sob uma árvore, e comeram sua comida, e que ela bebeu de um riacho para saciar sua sede.”⁵¹¹

As evidências continentais variam muito pouco das dos ingleses. Com exceção de alguns detalhes, os fatos mais importantes são praticamente os mesmos. De Lancre resume as evidências que ele próprio coletou, e colo-

505. Burns Begg, p. 227.

506. Id., p. 238.

507. Sharpe, p. 131.

508. A oração completa é mostrada na p. 167. É possível notarmos que ela se trata de uma versão corrompida de algumas antigas formas de palavras.

509. Piteairn, iii, pp. 612, 613. Ortografia atualizada.

510. Scots Magazine, 1814, p. 200. Ortografia atualizada.

511. Burr, p. 418.

ca-as em contraste com o que as outras autoridades disseram sobre o assunto: “*Les liures disent que les sorciers mangent au Sabbat de ce que le Diable leur a appresté: mais bien souue{nt} il ne s’y trouue que des viandes qu’ils ont porté eux mesmes. Parfois il y a plusieurs tables seruiés de bons viures, & d’autres fois de tres meschans: & à table on se sied selon as qualité, ayant chacun son Demon assis auprès, & parfois vis à vis. Ils benissent leur table inuoquant Beelzebub, & le tenant pour celui qui leur faict ce bien.*”⁵¹²

O jovem homem bruxo, Issac de Queyran, disse a De Lancre que as bruxas sentavam-se à mesa com o homem negro à ponta, e comiam pão e carne que ficavam espalhados por sobre a toalha.⁵¹³ As evidências no julgamento de Louis Gaufreidy, em Aix em 1610, nos dá outros detalhes, embora a menção quanto a comerem carne de crianças seja provavelmente um exagero: “Eles prepararam um banquete, arrumando três mesas, uma para cada grupo de pessoas acima mencionadas. Àqueles encarregados de trazer o pão, trazem pão de milho. A bebida servida é Malmsey. A carne que eles normalmente comem é a carne de crianças, que eles cozinham e preparam na Sinagoga, às vezes trazendo-as vivas após terem-nas roubado de suas casas, onde tiveram antes a oportunidade de ter estado. Eles não usam facas à mesa. Eles também não colocam sal na comida.”⁵¹⁴

Boguet também reuniu uma quantidade considerável de informações das bruxas sobre todo o material que passou por suas mãos: “*Les Sorciers, apres s’estre veautrez parmi les plaisirs immondes de la chair, banquettent & se festoient: leurs banquets estans composez de plusieurs sortes de viandes, selon les lieux, & qualitez des personnes. Par deçà la table estoit couverte de beurre, de fromage, & de chair. Clauda Ianguillaume, Iaquema Paget, & quelques autres adioustoient qu’il y auoit une grande chaudiere sur le feu, dans laquelle chacun alloit prendre de la chair. On y boit aussi du vin, & le plus souuent de l’eau... Antoine Tornier a confessé qu’elle en avoit beu [le vin] dans un goubelet de bois; les autres parloient seulement d’eau. Mais il n’y a iamais sel en ces repas... Les Sorciers avant que de prendre leur repas benissent la table, mais avec des parolles remplies de balsphemes, faisans, Beelzebub autheur & conseruateur de toutes choses... Ils accordent tous, qu’il n’y a point de gout aux viandes qu’ils mangent au Sabbat, & que la chair n’est austre chair que de cheual. Et adioustent en outre, que lors qu’ils sortent de table, ils sont aussi affamez que quand ils entrent. Antide Colas racontoit particulièrement que les viandes estoient froides... Toutesfois il faut croire que bien souuent l’on mange au Sabbat à bon escient, & non par fantaisie & imagination.*”⁵¹⁵

512. De Lancre, Tableau, p. 197.

513. Id., ib., p. 148.

514. Michaelis, Historie, pp. 335-6.

515. Boguet, pp. 135-9.

A comida fria aparece também na acusação contra uma bruxa Belga, Elizabeth Vlamynx, em 1595: “*Vous-même vous avez apporté aux convives un hochepot hutsepot froid, que vous aviez préparé de d’avance.*”⁵¹⁶

Na Suécia, as bruxas juntavam a comida e a enviavam ao demônio, que lhes dava depois a quantidade que julgasse ser o suficiente. A festa sempre acontecia dentro da casa conhecida como Blockula.

“Em uma enorme e espaçosa sala, eles diziam, havia uma mesa muito longa, onde as bruxas se sentavam... Elas se sentavam à mesa, e aquelas que o demônio mais estimava, eram colocadas próximas a ele, mas as crianças tinham que ficar à porta, onde ele mesmo ia para oferecer comida e bebida. O alimento que eles costumavam comer ali era, diziam, caldo de carne com *bacon* misturado, farinha de aveia, pão com manteiga, leite e queijo. E eles diziam que às vezes tudo tinha um gosto muito bom, mas às vezes tudo era muito ruim.”⁵¹⁷

6. Velas

À primeira vista, teríamos a impressão de que as velas eram naturalmente usadas apenas para iluminar as festividades da meia-noite; porém, as evidências indicam que as luzes com fogo eram, na verdade, parte de um ritual. Isso também é sugerido pela importância, no culto, do antigo festival da primavera que acontecia em Candlemas, um festival que há muito tempo fora reconhecido como sendo de origem pré-cristã.

A luz é particularmente mencionada em muitas ocasiões como sendo trazida pelo demônio, geralmente sobre sua cabeça; as bruxas com frequência acendiam suas tochas e velas em sua chama, embora às vezes pudessemos ter a impressão de que o demônio acendia a tocha e em seguida a entregava à bruxa. Para chamar o chefe do culto, Lúcifer era algo peculiarmente apropriado, especialmente no Sabbath de Candlemas.

Em 1574, as bruxas de Poitiers foram para um cruzamento de estradas: “*là se trouvoit un grand bouc noir, qui parloit comme une personne aux assistants, & dansoyent a l’entour du bouc: puis un chacun luy baisoit le derriere, avec une chandelle ardente*”.⁵¹⁸ As bruxas do norte de Berwick em 1590 falam de velas como parte do ritual: “Em seus encontros à noite nas redondezas de Northberick, o demônio vinha vestido com uma túnica preta e um chapéu em sua cabeça, pregava para um grande número de pessoas de seu púlpito, tendo muitas velas acesas ao seu redor”. John Fian abria as portas e soprava as velas; elas eram grandes e pretas, e um homem

516. Cannaert, p. 45.

517. Horneck, pp. 321-2, 327.

518. Bodin, Fléau, p. 187.

de idade as segurava ao redor do púlpito.⁵¹⁹ John Fian foi levado para a igreja em Berwick do Norte, onde Satã ordenou que ele se estabelecesse com os demais servos; foi quando ele achou que tinha visto a luz de uma vela no meio de seus servos, que parecia ter uma luminosidade azul.”⁵²⁰

Em 1594, em Puy-de-Dôme, Jane Bosdeau foi “à meia-noite na véspera de St. John para o campo, onde apareceu um grande bode preto com uma vela entre seus chifres”.⁵²¹ Em Aberdeen, em 1597, Marion Grant confessou que “o demônio apareceu para ela durante oito dias, e ela o chamou de deus, ele ficava com ela por volta de uma hora toda noite e vinha na forma de um homem corpulento, vestido com uma túnica de seda branca e com uma vela em sua mão”.⁵²² Em 1598, as bruxas que Boguet julgou disseram que: “*les Sorciers estans assemblez en leur Synagogue adorent premierement Satan, qui apparoit là, tantost en forme d’un grand homme noir, tantost en forme de bouc, & pour plus grand hommage, ils luy offrent des chandelles, qui rendent une flamme de couleur bleüe. Quelquefois encor il tient vne image noire, qu’il fait baiser aux Sorciers. Antide Colas & ses compagnes, en baisant ceste image, offroient une chandelle ou buche d’estrain ardente. Ces chandelles leur sont baillées par le Diable, & se perdent & esuanouissent dès lors qu’elles luy ont esté offertes. Il s’en est trouvé qui ont confessé qu’ils alloient allumer le plus soutient leurs chandelles à une autre chandelle, que le Demon, estant en forme de bouc, portoit au dessus de la este entre les deux cornes.*”⁵²³

Algumas das bruxas de Basses-Pyrénées, julgadas em 1609, disseram que o Demônio era “*comme un grand bouc, ayât deux cornes, deuant & deux en derriere. Mais le commun est qu’il a seulement trois cornes, & qu’il a quelque espece de lumiere en celle du milieu, de laquelle il a accoustumé au sabbat d’esclairer, & donner du feu & de la lumiere, mesmes à ces Sorcieres qui tiennent quelques chandelles alumées aux ceremonies de la Messe qu’ils veulent contrefaire. On luy voit aussi quelque espece de bonet ou chapeau au dessus de ses cornes.—Toute l’assemblée le vient adorer le baisant sous la queuë, & allumant des chandelles noires.*”⁵²⁴

Barthélemy Miguet de Brécy, um homem de vinte e cinco anos de idade, julgado em 1616, descreveu as cerimônias do Sabbath; após o sermão os fiéis “*vont à l’offerte, tenant en leurs mains des chandelles de poix noire qui leur sont données par le Diable.*” Em 1646, Elizabeth Weed de Great

519. Pitcairn, i, pt. ii, p. 246, O lavrador de Gray Meal, que representava uma grande parte nas cerimônias, era um senhor de idade.

520. Id., i, pt. ii, p. 210.

521. F. Hutchinson, Hist. Ensaio, p. 42.

522. Clube Spalding Misc., i, p. 172.

523. Boguet, p. 131.

524. De Lancre, Tableau, pp. 68, 401.

Catworth, Hunts, confessou que o Demônio veio até ela à noite, “e ao perguntar a ela que luzes ela via, ela respondeu, nenhuma luz exceto a luz do espírito”.⁵²⁵ Em 1652, uma bruxa francesa declarou que no Sabbath “*on dansait sans musique, aux chansons. Toutes les femmes y étoient tenues par les diables par lors il y avoit de la lumière une chandelle tenue au milieu par une femme que ne connoit... Au milieu il y avoit une femme masquée tenant une chandelle*”.⁵²⁶ A esposa de Barton estava em um encontro de bruxas nas Montanhas Pentland, “e enquanto descia a montanha conosco, o que era o melhor dos esportes, ele [o demônio] carregava a vela atrás de seu corpo abaixo de seu rabo, que se balançava de um lado para o outro.” Helen Guthrie, em 1661, não menciona expressamente velas ou tochas, mas sua descrição da luz acesa no chão indica o uso delas. Ela estava em um reunião no pátio de uma igreja de Forfar próxima às montanhas, e eles dançaram juntos, e o chão abaixo de seus pés estava todo iluminado com fogo”.⁵²⁷

As bruxas de Somerset declararam que, quando elas se encontravam, o homem vestido de preto as recebia, e elas todas se curvavam diante dele, ele entregava a elas algumas velas de cera que pareciam pequenas tochas, que eram devolvidas quando elas partiam.⁵²⁸ A luz parece em algumas vezes terem estado tão alinhadas, provavelmente desempenhando a função de uma lanterna, que precisavam estar espalhadas. Esse foi o caso em Torryburn, em que as pessoas estavam iluminadas por uma luz “que surgia no meio da escuridão, que era suficientemente forte para que os dançarinos pudessem enxergar os rostos uns dos outros, e que possibilitava que eles vissem que o demônio usava uma boina ou um capuz que cobria seu pescoço e suas orelhas”.⁵²⁹ O mais recente registro de um encontro de bruxas no século XVIII descreve como as bruxas de Strathdown foram para Polnain e que ali “ficavam indo de um lado para o outro na água usando seus remos, que eram suas vassouras, cantando e dançando, e cada uma delas segurando em sua mão esquerda uma tocha de fogo”.⁵³⁰

Existe um registro em que a vela era para uso e não parte do ritual. John Stuart de Paisley, em 1678, recebeu o demônio e algumas bruxas em seu quarto uma noite com o intuito de fazer uma imagem de barro de um inimigo. Ele diz que o homem negro fez a figura da cabeça e do rosto e dois braços da efígie. Diz ainda que o demônio colocou três alfinetes na

525. Davenport, p. 2.

526. Van Elven, *La Tradition*, v (1891), p. 215.

527. Sinclair, p. 163. A explicação dada pela esposa de Barton sobre a posição da vela na pessoa do demônio é um fato paralelo, considerando-se a peculiaridade de sua descrição das pessoas que carregavam as luzes nos Sabbaths das bruxas em Münster. Humborg, p. 120.

528. Glanvil, pt. ii, p. 139.

529. Chambers, iii, p. 298.

530. Stewart, p. 175.

imagem, nas duas laterais e um no seio. E que ele segurava a vela para eles durante todo o tempo em que a imagem estava sendo feita.”⁵³¹ John Stuart era a pessoa principal nesta ocasião, e por isso tinha a honra de segurar a luz. A descrição do evento sugere que o ditado “segurar a vela do demônio” representava algo importante.

O material com o qual as velas e as tochas eram feitas era o piche, de acordo com De Lancre, e em Berwick do Norte as luzes eram “como velas acesas” queimando com uma chama azul. A vela branca parece ter sido essencialmente o atributo do demônio, as velas pretas ou tochas eram mais direcionadas às bruxas. Que as luzes queimavam com a cor azul deve-se ao material com o qual as tochas eram feitas. O caráter evanescente da luz, quando uma espécie de palha era usada, pode ser observado nas evidências de Antide Colas.

7. O Sacramento

O exemplo mais antigo das práticas religiosas ocorreu em 1324, no julgamento da Senhora Alice Kyteler. Ao inspecionarem o armário da senhora, eles encontraram um pedaço de pão sacramental que tinha o nome do demônio estampado nele no lugar onde deveria estar o nome de Jesus Cristo.⁵³² De acordo com Boguet (1589), o demônio nem sempre realizava os serviços religiosos, mas a missa era celebrada por um padre entre seus seguidores; este costume é notado em todos os países e parece ter sido tão comum como o fato de o próprio demônio ter de realizar o serviço.

“*Celuy, qui est commis à faire l'office, est reuestu d'une chappe noire sans croix, & apres auoir mis de l'eau dans le callice, it tourne le doz à l'autel, & puis esleue un rond de raue teinte en noir, qu lieu de l'hostie, & lors tous les Sorciers crient à haute voix, Maistre, aide nous. Le Diable en mesme temps pisse dans un trou à terre, & fait de l'eau beniste de son vrine, de laquelle celuy, qui dit la messe, arrouse tous les assistans avec un asperges noir.*”⁵³³

O próprio demônio de Basses Pyrénées (1609) realizava a cerimônia de serviços religiosos: “*Il s'habille en Prestre pour dire Messe, laquelle it fait semblant de celebrer avec mille fourbes & souplesses, auprès d'un arbre, ou parfois d'un rocher, dressant quelque forme d'autel sur des coloñes infernales, & sur iceluy sans dire le Confiteor, ny l'Alleluya, tournant les feuilletts d'un certain liure qu'il a en main, it commence à marmoter quelques mots de la Messe, & arriuant à l'offertoire it s'assiet, & toute l'assemblee le*

531. Glanvil, pt. ii, p. 294.

532. Holinshed, Irlanda, p. 58.

533. Boguet, p. 141.

vient adorer le baisant sous la queuë, & allumant des chandelles noires: Puis luy baisent la main gauche, tremblans avec mille angoisses, & luy offrent du pain, des ceufs, & de l'argent: & la Royne du Sabbat les reçoit, laquelle est assise à son costé gauche, & en sa main gauche elle tient vne paix ou platine, dans laquelle est grauce l'effigie de Lucifer, laquelle on ne baise qu'après l'auoir premierement baisée à elle. Puis it se met à prescher, son subiect est communément de la vaine gloire... Il finit son sermon, & continue ses autres ceremonies, leuant une certaine Hostie laquelle est noire & ronde, avec sa figure imprimée au dessus: & disant ces paroles, Cecy est mon corps, it leue l'Hostie sur ses cornes & à cette esleuaiõ tous ceux de l'assemblee l'adore{n}t en disant ces mots, Aquerra Goity, Aquerra Beyty, Aquerra Goity, Aquerra Beyty, qui veut dire, Cabron arriba, Cabron abaro, de mesme en font its au Calice repetant ces mots, iusq' à ce qu'il a vuide toute ce qui est dans iceluy. Puis toute l'assemblee enuironnant l'autel en forme de croissant ou demy-lune, prosternez par terre, it leur fait vn autre sermon, puis leur baille à communier par ordre, donnant à chacun vn petit morceau de l'hostie, & pour leur donner moyen de l'aualer aisément, il leur donne deux gorges de quelque medicine infernale, & certain breuuage de si mauuais goust & odeur, que l'aualant its suent, & neantmoins it est si froid, ou'il leur gele le corps, les nerfs, & les moüelles. Puis il s'accouple avec elles, & leur commande d'en faire de mesme, si bien qu'ils commentent mille incestes & autres pechez contre nature. Puis it les inuite à se mettre à table."⁵³⁴

Em Aix, em 1610, Magdalene de Demandouls disse que aquele feiticeiro maldito Lewes [Gaufredy] foi o primeiro a realizar a missa nos Sabbaths, e que ele de fato consagrava e apresentava os sacrifícios à Lúcifer... Ela também relatou que o feiticeiro lançava o vinho consagrado por entre os fiéis, e neste momento todos gritavam: "*Sanguis eius super nos & filios nosotros*".⁵³⁵

O Lorde Fountainhall observa: "Em 1670, ouvimos dizer que o demônio apareceu em forma de um ministro, nas minas de cobre da Suécia, e tentou realizar a mesma façanha maldosa."⁵³⁶ As bruxas escocesas, como as suecas, realizavam o rito de acordo com os costumes das igrejas reformadas. Em 1678, o demônio teve um grande encontro de bruxas em Loudian, onde entre outros estava um bruxo que antes tinha sido admitido para o ministério nos tempos presbiterianos e quando os bispos entraram, ele foi ter com eles. Mas por considerarem-no mau e perverso, ele foi deposto, e então ele se transformou em um pregador sob a doutrina do inferno do demônio; porque nesta época o diabo pregava às bruxas (se é que posso citar isso) a doutrina de piedade do inferno, viz. Blasfêmias contra Deus e

534. De Lancre, Tableau, pp. 401-2.

535. Michaelis, Hist., p. 337. O uso desta frase indica que o lançamento do sangue era um rito de fertilidade.

536. Fountainhall, i, pp. 14, 15.

seu filho Cristo. Entre outras coisas, ele dizia a elas que seriam mais felizes com ele do que podiam ser com Deus; que podiam vê-lo, ao contrário de Deus que era invisível; e menosprezava Cristo e sua santa ordenação do sacramento de sua ceia; ele também dava-lhes o sacramento, convidando-as para comer e beber em sua homenagem. Este ato fortalecia o Satã em seus trabalhos e na sua pregação".⁵³⁷

Fountainhall, ao escrever sobre a mesma convenção das bruxas, diz que o demônio aventurava-se em distribuir a comunhão ou os sagrados sacramentos, o pão era como biscoitos, a bebida era, às vezes, sangue e, às vezes, água suja. Ele pregava e com muitas blasfêmias zombava deles, caso eles se oferecessem para confiar em Deus que os tornava infelizes neste mundo, e que nem ele ou seu filho Jesus Cristo jamais havia aparecido para eles quando por ele chamavam, da forma que o fazia, que jamais iria decepcioná-los.⁵³⁸

Abade Guibourg (1679), chefe das bruxas de Paris, "a fait chez la Voisin, revêtu d'aube, d'étole et de manipule, une conjuration."⁵³⁹ O mesmo Abade celebrou missas mais do que uma vez sobre o corpo de uma mulher e com o sangue de uma criança, sacrificada para a ocasião, no cálice (veja a seção sobre Sacrifícios). A mulher, que servia como o altar para essas celebrações, sempre ficava nua, e era a pessoa por cujo benefício a cerimônia era realizada. Marguerite Montvoisin deixa isso claro: "*It est vrai aussi qu'une sage-femme qui demeurait au coin de la rue des Deux-Portes, distilla aussi les entrailles d'un enfant dont la mère y avait accouché... Avant la distillation, les entrailles et l'arrière-faix de la mère avaient été portés à Saint-Denis, à Guibourg, par as mère, la sage-femme et la mère de l'enfant, sur le ventre de laquelle as mère, à son retour, lui dit que Guibourg avait dit la messe*".⁵⁴⁰

Guibourg reconheceu que, além daquele que foi citado, ele celebrou três missas da mesma forma. Na primeira ele usou uma conjuração. "*It dit la deuxième messe dans une mesure sur les remparts de Saint-Denis, sur la même femme, avec les mêmes cérémonies... Dit la troisième à Paris chez la Voisin sur la même femme*".⁵⁴¹ A mulher, mencionada na confissão de Guibourg, era a própria Madame de Montespan. A seguinte conjuração foi usada na primeira missa: "*sur le ventre d'une femme*": *Astaroth, Asmodée, princes d'amitié, je vous conjure d'accepter le sacrifice que je vous présente de cet enfant pour les choses que je vous demande, qui sont l'amitié du Roi, de Mgr le Dauphin me soit continuée et être honorée des princes et princesses de la cour, que rien ne me soit dénié de tout ce que je demanderai au Roi, tant pour mes parents que serviteurs*".⁵⁴²

537. Law, p. 145.

538. Fountainhall, i, p. 14.

539. Ravaisson, 1679-81, p. 336.

540. Id., p. 333.

541. Id., p. 335/

542. Ravaisson, p. 335.

Um caso muito interessante é o do Rev. George Burroughs na Nova Inglaterra (1692): Ele foi acusado por oito das bruxas confessas, como sendo um ator chefe em alguns de seus Hellish Rendezvous, e também era aquele que tinha a promessa de ser rei no reinado de Satã, que então seria erguido... Uma tal de Lacy testemunhou que ela e a prisioneira Martha Carrier estiveram uma vez presentes de corpo em uma reunião de bruxas no Vilarejo de Salem; e que ela sabia que a prisioneira era uma bruxa, e que tinham participado de um sacramento diabólico... Uma outra Lacy testemunhou que a prisioneira tinha estado na reunião das bruxas no Vilarejo de Salem, em que elas comeram pão e beberam vinho que lhes foram oferecidos... Deliverance Hobbs declarou que este Bispo tinha estado em um grande encontro de bruxas, em um campo no vilarejo de Salem, e lá participaram de um sacramento diabólico em que pão e vinho foram administrados”.⁵⁴³

Hutchinson teve acesso aos mesmos registros e nos dá as mesmas evidências, embora com muito mais firmeza: “Richard Carrier declarou ao júri que ele viu o Sr. George Burroughs no encontro das bruxas no vilarejo e que o viu administrar o sacramento. Mary Lacy, mãe, e sua filha Mary afirmaram que o Sr. George Burroughs estava nas reuniões das bruxas com os sacramentos das bruxas e que ela sabia que o Sr. Burroughs fazia parte do grupo das bruxas”.⁵⁴⁴ John Hale tem um registro semelhante: “Este D. H. [Deliverance Hobbs] confessou que ela tinha estado num encontro de bruxas no vilarejo de Salem... E que G.B. pregou para eles, e que essa mulher tinha sido sua diaconisa, e que ali receberam um sacramento.”⁵⁴⁵ Abigail Williams disse “que as bruxas receberam um sacramento naquele dia em uma casa no vilarejo, e que ali comeram pão e beberam vinho.”⁵⁴⁶ Com as provas diante dele, Mather parece ter como justificar quando diz que as bruxas recebiam “seus sacramentos diabólicos, imitando o batismo e a ceia de nosso Senhor”.⁵⁴⁷

8. Sacrifícios

Existem quatro formas de sacrifício: (1) o sacrifício de sangue, que era realizado por meio de uma oferta de sangue da própria bruxa; (2) o sacrifício de um animal; (3) o sacrifício de um ser humano, geralmente uma criança; (4) o sacrifício de um deus.

1. *O sacrifício do sangue* acontecia primeiro na admissão do neófito. Originalmente, um sacrifício, ele foi mais tarde incorporado à cerimônia

543. Cotton Mather, pp. 120, 131, 158.

544. Hutchinson, Hist. De Massachusetts Bay, ii, p. 55.

545. Burr, p. 417.

546. Increase Mather, p. 210.

547. Cotton Mather, p. 81.

da assinatura do pacto, sendo que o sangue servia como um fluido utilizado para escrever; ele também aparece de forma confusa no século XVII quando se menciona a fixação da marca; entretanto, a primeira evidência é mais certa. Um escritor que aplica de forma geral a religião da bruxaria e que reconhece a natureza dos sacrifícios do ato é Cooper; como ele escreveu em 1617, seu depoimento pertence praticamente ao século XVI. Ele diz: “Mais adiante o símbolo de sua participação e união com Satã ao se entregarem totalmente à sua devoção realizam ainda uma outra cerimônia costumeiramente: deixar que seu sangue vertesse em algum lugar aparente de seu corpo, deixando que ele fosse sugado pelo Satã, como uma forma de sacrifício para ele, e assim submetiam-se por completo de corpo e alma à sua devoção.”⁵⁴⁸

As menções mais antigas da cerimônia estão em Chelmsford, em 1556. Elizabeth Francis aprendeu sobre a arte da bruxaria com sua avó. Quando ela lhe ensinava tudo, pedia que desse seu sangue para o Satã (como ela o chamava) que aparecia para ela na forma de um gato branco manchado. Toda vez que ele (o gato) fazia alguma coisa por ela, dizia que ele pedia uma gota de seu sangue, que ela dava após furar alguma parte de seu corpo. Algum tempo depois, Elizabeth Francis apresentou o gato Satã para a mãe Waterhouse, passando para ela as instruções recebidas da avó de Elizabeth. A Mãe Waterhouse “entregou para ele uma galinha, que antes ele havia exigido dela junto com uma gota de seu sangue. E isso ela fazia todas as vezes que ele fazia algo por ela, furando sua mão ou seu rosto e colocando o sangue em sua boca, que ele chupava”.⁵⁴⁹ Em 1566, John Walsh, um bruxo de Dorset, confessou que “na primeira vez que recebeu o espírito, seu mestre o obrigou a dar-lhe um pouco de seu sangue, que o espírito bebeu sobre sua pata”.⁵⁵⁰ Na Bélgica, em 1603, Claire Goessen, “après avoir donné à boire de son sang à Satan, et avoir bu du sien, a fait avec lui un pacte”.⁵⁵¹

No caso da bruxa de Lancashire, Margaret Johnson, em 1633, é difícil dizermos se o ato de furar uma parte do corpo tinha o propósito de fazer uma marca ou se era referente ao sacrifício de sangue; as pequenas alterações verbais nas duas explicações MS de sua confissão mostram uma confusão entre as duas idéias; uma aparece sugerindo a marca, a outra (citada aqui) ao sacrifício: “Essas bruxas têm ossos afiados dados pelo demônio para espetarem-se, e entregam seu sangue sempre que o demônio lhes pede; o demônio sempre recebe o sangue que sai do lugar perfurado com o osso; e elas são bruxas muito mais importantes do que aquelas que apenas têm as marcas.”⁵⁵² Em Suffolk, em 1645 a viúva de Bush de Barton confessou que o demônio

548. Cooper, p. 91.

549. Bruxas de Chelmsford, pp. 24, 26, 29, 30. Philobiblon Society, viii.

550. Exame de John Walsh.

551. Canaert, p. 48.

552. Whitaker, p. 216.

apareceu para ela na forma de um jovem negro... e pediu seu sangue, que ele tirou de sua boca deixando cair em uma folha de papel".⁵⁵³ Em Auldearne, em 1662, o sangue era retirado para o batismo da bruxa; Isobel Gowdie disse: "O demônio me marcou no ombro, e dali sugou meu sangue, e colocou-o em sua mão, e espalhando-o em minha testa, disse: "Eu lhe batizo, Janet, em meu próprio nome". O depoimento de Janet Breadheid é praticamente o mesmo: "O demônio me marcou no ombro, e dali sugou meu sangue com sua boca; ele o espalhou em sua mão e em seguida em minha cabeça. Assim ele me batizou, em seu próprio nome, me chamando de Christian."⁵⁵⁴

2. O *sacrifício de animais* era geral, e os fatos nos dão uma grande quantidade de detalhes, mas a cerimônia em si não era necessariamente uma regra suficientemente dramática para ser considerada importante de ser registrada. O método pelo qual matavam os animais raramente é mostrado. O rito era geralmente realizado em segredo por um indivíduo; em raras ocasiões ele era celebrado por todo um Coven, mas ele não acontecia em uma Grande Assembléia, porque nesses casos o sacrifício era do próprio Deus. Os animais oferecidos eram geralmente um cachorro, um gato, uma galinha (*fowl*), e vale a pena destacarmos que estas eram formas nas quais o demônio geralmente aparecia a seus adoradores.

As principais autoridades, todas, concordam com as realizações dos sacrifícios de animais. Cotta os compara com os sacrifícios oferecidos pelos ateus:

"Alguns conquistam sua bruxaria amaldiçoada quando sacrificam em nome do demônio algumas criaturas vivas, como Serres testemunhou, da confissão das Bruxas em Henry o quarto da França mostrou, entre os quais confessou ter oferecido ao demônio o espírito de um animal. Isso não parece improvável, ao analisarmos as ofertas diabólicas (*sic*) e os sacrifícios sangüinários, não somente de criaturas, mas também de homens, que nos tempos antigos os ateus presenteavam seus deuses que eram os demônios."⁵⁵⁵

O número de sacrifícios no ano é exagerado pelos escritores do assunto; porém, as próprias bruxas são bastante firmes em suas informações, quando registradas. É possível vermos, pelas suas declarações, que o rito era realizado somente em algumas ocasiões, tanto para conseguirem ajuda, como para uma oferta de agradecimento. Danaeus, ao falar sobre as bruxas que tinham acabado de ser admitidas diz: "Portanto esta nova e desagradável serva de satã, todos os dias a partir de hoje irá oferecer algo de suas posses para seu patrono, seu cachorro, sua galinha, e seu gato."⁵⁵⁶ Scot, que está sempre aperfeiçoando seu trabalho original, declara que as bruxas partiam após o Sabbath, não se esquecendo de todos os dias a partir deste dia, de oferecer a eles cachorros, gatos, galinhas ou seu próprio sangue.⁵⁵⁷

553. Stearne, p. 29.

554. Pitcaim, iii, pp. 603, 617.

555. Cotta, p. 114.

556. Danaeus, ch. iv.

557. R. Scot, Bk. III, p. 44.

O mais antigo julgamento de bruxas nas Ilhas Britânicas mostra o sacrifício animal. Em 1324, na Irlanda, a senhora Alice Kyteler "foi acusada de ter encontros noturnos com um espírito chamado Robin Artisson, a quem ela sacrificava galos na madrugada."⁵⁵⁸ Em 1566, em Chelmsford a mãe Waterhouse deu a ele [isto é, o Satã em forma de gato] por seu trabalho uma galinha, que ele havia pedido a ela, e um pouco de seu sangue... Uma outra vez ela o recompensou como antes, com uma galinha e um pouco de seu sangue. A galinha, ele comeu até o fim como era de seu costume, e ela não encontrava restos de ossos ou penas.⁵⁵⁹ Joan Waterhouse, filha da matriarca Waterhouse, uma garota de dezoito anos de idade, disse que o demônio veio na forma de um grande cachorro, e então perguntou a ela o que lhe daria, e ela respondeu que lhe oferecia um galo.⁵⁶⁰ John Walsh de Dorset, em 1566, confessou que quando quando ele o chamava [o espírito], dizia que ele tinha de lhe dar alguma coisa viva, como uma galinha, um gato ou um cachorro. E depois dizia que ele tinha de lhe oferecer duas coisas vivas uma vez por ano.⁵⁶¹ Em Lorraine, em 1589, Beatrix Baonensis disse: "*Etliche geben junge Hüner, oder wohl alte Hüner, wie Desideria Pari iensis, und Cathelonia Vincentia gethan hatten: Etliche schneiden ihre Haar ab und lieffern dieselbe dahin, etliche geben Späher, etliche Vögel oder sonst nicht viel besonders, als da sein möchte gemüntz Geld aus Rindern Ledder, und wenn sie dergleichen nichts haben, so verschafft es ihnen ihr Geist, auff dass sie staffirt seyn.*"⁵⁶² Em Aberdeen, em 1597, Andro Man deu provas de que o demônio seu mestre, que ele chamava de Christunday... era invocado quando ele pronunciava a palavra Benedicte, e que vinha na forma de um cachorro trazendo um carneiro em sua mão esquerda, e comendo-o falava a palavra Maikpeblis.⁵⁶³ Em Lang Niddry, em 1608, todo o Coven realizou o rito, começando pelo "*irne zer of Seatoun*", onde eles batizavam um gato chamando-o pelo nome de Margaret, e em seguida todos voltavam para Deane-fute, onde ficava seu Coven, e entregavam o gato para o demônio.⁵⁶⁴ Em 1630, Alexander Hamilton fez consultas com o demônio próximo a Edinburgh e, após o demônio passar por ele, pediu que Alexr lhe desse um outro gato, um laif ou um cachorro ou qualquer outro animal que ele pudesse conseguir.⁵⁶⁵ Em Bute, 1622, Margaret McWilliam renunciou ao seu batismo e ele a batizou e como

558. Holinshed, Irlanda, p. 58.

559. Philobiblon Society, viii, Bruxas de Chelmsford, pp. 29, 30.

560. Id., ib., viii, p. 34.

561. Exame de John Walsh.

562. Remigius, pt. i, p. 54.

563. Clube Spalding Misc., i, p. 120; Burton, i, p. 252.

564. Pitcairn, ii, pp. 542-3.

565. De um julgamento não publicado na Corte de Justiça de Edinburgh. O significado da palavra laif não é claro. O Dicionário de Oxford nos dá a definição de animal com orelhas pequenas, o dicionário escocês nos dá cabeça pequena. Por analogia com as demais explicações, podemos esperar aqui uma palavra que signifique uma galinha.

presente ela lhe deu uma galinha ou um galo.⁵⁶⁶ Na França moderna, o sacrifício de uma galinha para o demônio ainda é considerado: “*Celui qui veut devenir sorcier doit aller à un quatre chemins avec une poule noire, ou bien encore au cimetière, sur une tombe et toujours à minuit. Il vient alors quelqu’un qui demande: “Que venez vous faire ici?” “J’ai une poule à vendre” répond-on. Ce quelqu’un [est] le Méchané”*.⁵⁶⁷

É possível que o costume de enterrar um animal vivo para curar doenças entre animais de fazendas, bem como o feitiço de lançar um gato vivo no mar para criar uma tempestade, sejam formas de sacrifício animal.

3. *Sacrifício de crianças* – A criança vítima era geralmente um bebê, podendo ser o filho de uma bruxa ou um não-batizado; em outras palavras, ela não pertencia à comunidade cristã. Este é um ponto importante, e era a razão pela qual as crianças não-batizadas serem consideradas como estando em grande perigo por causa das bruxas, comparadas àquelas que eram batizadas. Se houver qualquer criança não-batizada, ou não abençoada com o sinal da cruz, as bruxas podem tirá-las de suas mães durante a noite, levando-as de seus berços, e então matá-las com suas cerimônias.⁵⁶⁸ O mesmo autor cita das autoridades francesas, os crimes de que as bruxas eram acusadas, entre os quais estão os seguintes: elas sacrificam seus próprios filhos para o demônio antes do batismo, segurando-os no ar e oferecendo a criança a ele, e então fincam uma agulha em seus cérebros; e elas queimam seus filhos quando os sacrificam.⁵⁶⁹ Boguet diz, “*Les Matrones, & femmes sont accoustumé d’offrir à Satan les petits enfans qu’elles reçoivent, & puis les faire mourir auant qu’ils soient baptizez, par le moye{n} d’une grosse espingle qu’elles leur enfoncent dans le cerueu.*”⁵⁷⁰ As palavras de Boguet implicam que isto era feito a cada parto no qual uma bruxa realizava a cerimônia; mas é impossível que isso seja verdade; o sacrifício era provavelmente feito para algum propósito especial, em que o recém-nascido era a vítima apropriada.

O exemplo mais detalhado desses sacrifícios é dado no julgamento das bruxas de Paris (1679-81), que Madame de Montespan consultou. A cerimônia toda foi realizada com o intuito de fazer com que o amor de Louis XIV voltasse para Madame de Montespan, na época sua amada esquecida; parece que esse era um espécie de rito de fertilidade, por isso foi usado neste caso. O Abbé Guibourg era o sacerdote que fazia os sacrifícios, desta e outras indicações parece que ele foi o chefe ou o grande mestre que, diante de um tribunal menos educado, era chamado de demônio. Tanto ele quanto a garota Montvoisin tinham as mesmas intenções em

566. Highland Papers, iii, p. 18.

567. Lemoine, vi, p. 109.

568. Reg. Scot, Bk. III, p. 41.

569. ID., Bk. II, p.32.

570. Boguet, p. 205.

seus ritos, embora a partir das palavras da garota podemos notar que a criança já estava morta, enquanto que o depoimento de Guibourg implicava ela estar viva. Ambas as testemunhas prestaram seus depoimentos com sobriedade, sinceridade e sem tortura. Montvoisin, que tinha dezoito anos de idade, afirmou que ela havia participado de “*à la messe de Madame de Montespan, par l’ordre de as mère, un enfant paraissant né avant terme, le mit dans un bassin, Guibourg; égorgea, versa dans le calice, et consacra le sang avec hostie*”. O depoimento de Guibourg mostra que o sacrifício era tão incomum até então, que os assistentes eram bastante usados para completarem o trabalho, e faziam tudo o que lhes era exigido com a maior celeridade: “*Il avoit acheté un écu l’enfant qui fut sacrifié à cette messe qui lui fut présenté par une grande fille et ayant tiré du sang de l’enfant qu’il piqua à la gorge avec un canif, it en versa dans le calice, après quoi l’enfant fut retiré et emporté dans un autre lieu, dont ensuite on lui rapporta le coeur et les entrailles pour en faire une deuxième [oblação].*”⁵⁷¹

Na Escócia, acredita-se que os sacrifícios de crianças aconteciam em todas as classes da sociedade. Os oficiais de justiça da paz eram vistos conversando familiarmente com o demônio cruel, a quem alguém em Dumfries-shire, na verdade, oferecia seu primogênito imediatamente após seu nascimento, saindo de casa com ele em seus braços descendo as escadas, onde o demônio montava guarda esperando, como se suspeitava, para receber a inocente vítima.⁵⁷² Nos últimos julgamentos de bruxas, o sacrifício da criança parece que era feito após ela ser enterrada, como no caso da Bruxa de Calder, em 1720, que confessou ter dado ao Demônio o corpo de uma de suas crianças morta para que ele fizesse dela o que quer que tivesse vontade.⁵⁷³

É possível que a morte de crianças por envenenamento fosse um método de sacrifício quando o culto tornou-se decadente e as vítimas difíceis de serem conseguidas. As palavras de Reginald Scot, escritas em 1584, sugerem que este era o caso: “Esta deve ser uma regra infalível, que todas as noites, ou que ao menos todos os meses, cada bruxa tivesse de matar uma criança para honrar seu grupo.” Sinistrari d’Ameno, ao escrever sobre o assunto, um século mais tarde, diz o mesmo: “Elas prometem ao demônio sacrifícios e ofertas em ocasiões previamente combinadas: todas as noites ou pelo menos uma vez por mês, o assassinato de uma criança, ou um ato homicida de bruxaria.”⁵⁷⁴ É impossível acreditar-mos que este tipo de sacrifício acontecesse com frequência, porém há fundamentos consideráveis na declaração de que as crianças eram mortas, e como nenhum outro fato explica os assassinatos a sangue frio de

571. Raivasson, p. 334, 335.

572. Sharpe, p. 147.

573. Chambers, iii, p. 450.

574. Sinistrari de Ameno, p. 24.

crianças, crimes pelos quais as bruxas eram às vezes acusadas. As acusações parecem ter sido comprovadas em várias ocasiões, sendo o método do sacrifício feito por envenenamento.⁵⁷⁵

O sacrifício de uma criança era geralmente realizado como um meio de busca de certos poderes e materiais mágicos, que eram obtidos pela preparação dos corpos sacrificados de várias maneiras. Scot diz que a carne da criança era fervida e consumida pelas bruxas por duas razões. Com a parte mais grossa da mistura elas fazem poções, com as quais são capazes de voar pelos ares; porém as poções mais finas são colocadas nos *flaggons*, de onde, quem quer que delas bebam, por meio de determinadas cerimônias, tornam-se imediatamente mestres ou mestras naquela prática e faculdade.⁵⁷⁶ O Coven de Paris confessou que eles “destilaram” as tripas da criança sacrificada depois que Guibourg celebrou a missa para Madame de Montespan, sendo o método provavelmente o mesmo descrito por Scot. Uma variante está registrada tanto na França como na Escócia, e é bastante interessante analisarmos as razões de alguns dos ritos cruéis das bruxas: “*Pour ne confesser iamais le secret de l’escole, on faict au sabbat une paste de millet noir; avec de la poudre du foye de quelque enfant non baptisé qu’on faict secher; puis meslant cette poudre avec ladictte paste, elle a cette vertu taciturnité: si bien que qui en mange ne confesse iamais*”.⁵⁷⁷ Em Forfar, em 1661, Helen Guthrie e outras quatro pessoas exumaram o corpo de um bebê não batizado, que estava enterrado no pátio da igreja próximo à porta da ala do sul da igreja, e pegaram vários pedaços, como os pés, as mãos, uma parte da cabeça, e uma parte das nádegas, e com as partes prepararam uma torta que, ao comerem dela, fizeram um pacto de nunca confessarem (como acharam ser possível) seus trabalhos de bruxaria.⁵⁷⁸ Aqui, a idéia da magia em grupo fica bem evidente; ao comerem a carne de uma criança que nunca tinha antes pronunciado palavras articuladas, as próprias línguas das bruxas tornar-se-iam incapazes de se articular.

4. *Sacrifício do Deus* – O sacrifício do deus-bruxa era um costume decadente quando os registros foram feitos nos séculos dezesseis e dezessete. As explicações do rito vêm da França e da Bélgica, onde um bode foi substituído pela vítima humana. O sacrifício foi feito com fogo em ambos os países, e existem indicações de que o mesmo aconteceu na Grã-Bretanha. É incerto se o intervalo de tempo entre os sacrifícios foi de um, sete ou nove anos.

Bodin e Boguet, cada um escrevendo segundo seu próprio conhecimento sobre o assunto, nos dão explicações muito semelhantes, sendo que o trabalho de Bodin é mais detalhado. Ao descrever um julgamento

575. Veja, entre outras, a explicação de Mary Johnson (Essex, 1645), que foi acusada de envenenar duas crianças; os sintomas indicam o uso da beladona. Howell, iv,

576. Scot, Bk. III, p. 41.

577. De Lancre, Tableau, p. 128.

578. Kinlock, p. 121.

que aconteceu em Poitiers em 1574, ele diz: “*Là se trouuoit un grand bouc noir, qui parloit comme vne personne aux assistans, & dansoyent à l’entour du bouc: puis un chacun luy baisoit le derriere, avec une chandelle ardente: & celà faict, le bouc se consommoit en feu, & de la ce{f}dre chacun en pernoit pour faire mourir le baeuf [etc.]. Et en fin le Diable leur disoit d’une voix terrible des mots, Vengez vous on vous mourrez*”.⁵⁷⁹ Boguet diz que no distrito de Lyons em 1598 o Demônio celebrava a missa, e “*après avoir prins la figure d’un Bouc, se consume en feu, & reduit en cendre, laquelle les Sorciers recueillent, & cachent pour s’en seruir à l’execution de leurs desseins pernicious & abominables*”.⁵⁸⁰ Em 1603, um bruxa Belga, Claire Goessen, esteve presente em um sacrifício, e sua explicação é portanto a de alguém que de fato testemunhou o ato com seus próprios olhos. “*Elle s’est laissée transporter à l’assemblée nocturne de Lembeke, où, après la danse, elle a, comme tous les assistans, baisé un bouc à l’endroit de sa queue, lequel bouc fut ensuite brûlé et ses cendres distribuées et emportées par les convives*”.⁵⁸¹ Jeanne de Belloc em 1609 “*a veu le Grand maistre de l’assemblée se ietter dans les flammes au sabbat, se faire brusler iusques à ce qu’il estoit reduit en poudre, & insignes sorcieres prendre les dictes poudres pour ensorceler les petits enfants & les metier au sabbat, & en prenoient aussi dans la bouche pour ne reueler jamais*”.⁵⁸² Uma bruxa Francesa em 1652 declarou que no Sabbath “*le diable s’y at mis en feu et en donné des cendres lesquelles tous faisaient voler en l’air pour faire manquer les fruits de la terre*”.⁵⁸³ Em Lille, em 1661, as meninas do orfanato de Madame Bourignon declararam que “*on y adoroit une bête; & qu’on faisoit avec elle des infamies; & puis sur la fin on la buüloit, & chacun en prenoit des cendres, avec lesquelles on faisoit languir ou mourir des personnes, ou autres animaux*”.⁵⁸⁴

O recolhimento e o uso das cinzas pelos adoradores indicam que temos aqui um sacrifício do deus da fertilidade. Originalmente o espalhar das cinzas em campos ou animais ou em água corrente se tratava de um encanto de fertilidade; porém, quando o Cristianismo tornou-se suficientemente poderoso em sua tentativa de oprimir a religião antiga, tais práticas eram vistas como coisas do mal, e eram portanto consideradas “*pour faire manquer les fruits de la terre*”.

O animal-substituto da vítima divina é geralmente a última forma deste sacrifício; os estágios imprevisíveis vinham primeiro do voluntário, e depois do criminoso, sendo que ambos concordavam com o poder e posi-

579. Bodin, Fléau, pp. 187-8.

580. Boguet, p. 141.

581. Canaert, p. 50.

582. De Lancre, Tableau, p. 133.

583. La Tradition, 1891, V, p. 215. Nem o nome ou o local são indicados.

584. Bourignon, Parole, p. 87.

ção do ser divino que eles personificavam. O período de tempo durante o qual o substituto agia como o deus variava de lugar para lugar; da mesma forma acontecia com o intervalo entre os sacrifícios. Frazer mostrou que a vítima humana, fosse o próprio deus ou seu humano substituto, não se contentava com o simples fato de não tentar fugir de seus destinos, porém, em muitos casos eles se entregavam a seus fins e morriam por sua própria mão ou por uma submissão voluntária do sacrificador.

Por ser o culto às bruxas um aspecto sobrevivente de uma religião antiga, muitas das crenças e ritos dessas primeiras religiões podem ser encontrados nesse culto. Destes fundamentos, os principais são: o substituto voluntário, a transferência temporária de poder para o substituto e a autodevoção à morte. Com a mudança dos tempos e pelo fato das cerimônias não mais poderem ser realizadas abertamente, os sacrifícios assumiram outras formas. Eu já escrevi sobre os assassinatos de crianças, pelos quais as bruxas eram freqüentemente condenadas, indicando que em muitos casos se tratavam de ofertas feitas para o Deus. Da mesma forma, quando chegava o momento do Deus ou de seu substituto ser sacrificado, recorria-se aos métodos que escondiam o verdadeiro significado da cerimônia; e o sacrifício da divindade encarnada, embora acontecesse em público, era consumado pelas mãos do carrasco. Esta explicação mostra o fato de os corpos das bruxas, homens ou mulheres, serem sempre queimados e as cinzas jogadas ao vento; com relação ao forte preconceito que existia, até o final do século XVIII, contra qualquer outra forma de se desfazer dos corpos; e para algumas das outras ocorrências inexplicáveis com relação às mortes de certas vítimas.

Vemos nesta teoria muito do mistério que cerca o destino de Joana d'Arc sendo explicado. Ela foi condenada à morte como uma bruxa, e a conduta de seus associados durante sua carreira militar, bem como as evidências em seu julgamento, carregam o fato de que ela pertencia à religião antiga, e não à cristã. Nove anos após sua morte nas chamas, seu comandante, Gilles de Rais, foi julgado sob a mesma acusação e condenado para sofrer o mesmo destino. A sentença, entretanto, neste caso não foi realizada por completo; ele foi executado por enforcamento, e o corpo foi tirado do fogo e enterrado em solo cristão. Como a própria Joana, Gilles recebeu uma semicanonização após sua morte, e seu túmulo era visitado por mães em período de amamentação. Dois séculos mais tarde, o Major Weir se entregou e foi executado como um bruxo em Edinburgh, recusando-se até o fim diante de todas as tentativas de conversão para o ponto de vista cristão.

A crença de que a bruxa devia ser queimada e as cinzas espalhadas ao vento era algo tão latente na opinião popular que, quando a severidade das leis começou a abrandar-se, algumas demonstrações foram feitas por algumas autoridades e para elas mostrando sua desaprovação. Em 1649, a Assembléia Geral Escocesa fez um registro: "Com relação ao enterro da Senhora Pittadro que, por ter passado por grandes escândalos com relação

à bruxaria, e tendo sido incinerada no Tolbuith deste distrito durante seu julgamento diante da justiça, morreu na prisão. A Comissão da Assembléia Geral, tendo considerado o relatório do Comitê justificou seu propósito, dando seus conselhos para o Presbitério de Dumfermling para mostrar sua desaprovação quanto ao fato de o enterro da senhora Pittadro, com respeito à forma e ao local, e que o Presbitério poderia trabalhar para fazer com que as pessoas que a enterrariam não sofressem maiores constrangimentos com suas decisões; e algumas das pessoas que a enterraram, estando presentes, foram ordenadas pela Comissão para que se mostrassem diante do Presbitério e demonstrassem seus sentimentos."⁵⁸⁵

Em Maidstone, 1652, Anne Ashby, conhecida como Cobler, Anne Martyn, Mary Browne, Anne Wilson e Mildred Wright de Cranbrook, e Mary de Lenham, ao serem legalmente condenadas, estavam de acordo com as leis daquela nação, aceitaram ser enforcadas no mesmo local de execução. Algumas pessoas, entretanto, preferiram que elas fossem queimadas; alegando que esta era uma decisão tomada por muitas pessoas, dizendo que o corpo de uma bruxa ao ser queimado fazia com que seu sangue fosse impedido de tornar-se hereditário a seus progênios, que continham o mesmo mal.⁵⁸⁶ As próprias bruxas também tinham a crença de que elas deviam morrer pelo fogo. Anne Foster foi julgada por bruxaria em Northampton em 1674; após a sentença de morte ser declarada a ela, desejou com veemência ser queimada; porém, a Corte não deu ouvidos a ela e declarou que deveria ser enforcada no local reservado para a execução.⁵⁸⁷

9. As Palavras Mágicas

As palavras mágicas conhecidas pelas bruxas eram usadas somente para certos fins específicos, sendo o mais importante dos usos o de invocar o demônio. Eu omiti os encantos que são baseados nas orações e fórmulas cristãs, e cito aqui somente aquelas que parecem pertencer ao culto das bruxas.

Na seção sobre os familiares será visto como as bruxas eram divinizadas por meios de animais, os mesmos animais que eram a elas designados pelo chefe. Nos augúrios e profecias deste tipo, em toda parte do mundo, uma formação de palavras é sempre usada, e o augúrio é tirado do primeiro animal da espécie desejada que é vista depois que o feitiço é lançado.

Agnes Sampson, a bruxa chefe do Coven de Berwick do Norte, 1590, invocou a presença de seu familiar chamando por "Elva" o que, então,

585. Scot. Hist. Soc., xxv, p. 348. Veja também Ross, *Aberdour and Incheolme*, p. 339.

586. *Prod. and Trag. History*, p. 7.

587. *Julgamento de Ann Foster*, p. 8.

Pitcairn, i, pt. ii, 211, 235, 238.

surgiu, divinizado como um cachorro, que ela dispensou dizendo a ele que partisse pela lei na qual ele vivia. Ela também usou a fórmula “Haill, hola!”, e “Hola!” era também o chamado para quando um gato era lançado ao mar para criar uma tempestade. Um bruxo de Alest, 1593, deu o nome do demônio de Abiron: “*quand il le vouloit voir il disoit: vien Abiron, sinon ie te quitteray.*”⁵⁸⁸ Andro Man em Aberdeen, 1597, “confessou que o demônio, seu mestre, era invocado quando ele pronunciava a palavra *Benedicite*, e vinha na forma de um cachorro que obedecia os movimentos de sua mão direita, e com seus gestos abria sua boca dizendo a palavra *Maikpeblis*. Ele afirmava que esta palavra *Benedicite* chamava pelo demônio, e *Maikpeblis* reforçava o chamado, que o acertava na face com a mão esquerda”. Alexander Hamilton do Leste de Lothian, 1630, quando participava de um Coven com o demônio, e tendo um bastão de ferro em sua mão, o demônio o entregava a Alexr dando-lhe o comando para, por intermédio dele, lançá-lo sobre o chão quando achasse necessário, fazendo aquilo que era preciso; os animais divinizados neste caso eram as vacas, os gatos e os cachorros.⁵⁸⁹ Marie Lamont de Innerkip, 1662, era instruída para chamar o demônio de *Serpent* quando ela desejasse falar com ele.⁵⁹⁰

As bruxas de Somerset, 1664, chamavam por Robin em um local específico, e o mestre então aparecia em sua forma própria como um homem. Elizabeth Style e Alice Duke também o chamavam de Robin quando o invocavam em particular, e Elizabeth Style ainda dizia: “Ó Satã, faça-se cumprir meu desejo”, antes de dizer o que ela desejava que fosse feito.⁵⁹¹ As bruxas suecas, em 1669, chamavam por seu Chefe com a frase: “Antecessor, venha e nos leve para *Blockula*”; isso elas faziam em um local específico, e o demônio então aparecia como um homem.⁵⁹²

As palavras usadas antes de um encontro são raramente registradas; apenas algumas delas ainda existem. O exemplo mais antigo de Guernsey em 1563, quando Martin Tulouff ouviu uma velha bruxa gritar enquanto montava em um cabo de vassoura: “*Va au nom du diable et Luciffer p dessq {n} roches et espyñes.*” Ele, então, perdeu-a de vista, com a inferência de que ela voou pelo ar, embora tenha reconhecido que ele mesmo não tenha tido tanto sucesso em sua tentativa.⁵⁹³ As bruxas de Basses-Pyrénées, 1609, untavam-se antes de começar, e repetiam as palavras “*Emen hetan, emen hetan*”, que De Lancre traduz como “*Ici et là, ici et là*”. “*Quelquefois plus furieuses elles se batent entre elles memes, en disant, le suis le Diable, ie n'ay rien qui ne soit à toy, en ton nom Seigneur cette tien ne seruante*

588. De Lancre, *L'incredulité*, p. 772.

589. Dos registros do julgamento na Corte de Justiça de Edinburgh.

590. Sharpe, p. 132.

591. Glanvil, pt. ii, pp. 137, 164.

592. Horneck, pt. ii, p. 316.

593. Do registro do julgamento em Guernsey Greffe.

s'oiugt, & dois estre quelque iour Diable & maling Esprit comme toy.” Quando atravessavam água, elas diziam em voz alta, “*Haut la coude, Quillet,*” pela qual elas eram capazes de passarem para o outro sem se molharem; e quando tinham que percorrer uma longa distância, elas diziam: “*Pic suber hoeilhe, en ta la lane de bouc bien m'arrecueille.*”⁵⁹⁴ Isobel Gowdie, 1662, nos dá duas variantes das palavras mágicas usadas nestas ocasiões: a primeira, “Cavalo e hattock, em nome do demônio” não é diferente da forma dada por Martin Tulouff; a segunda é mais longa, “Cavalo e hattock, cavalo e Goe, Cavalo e pellattis, ho! ho!”⁵⁹⁵ As bruxas de Somerset, 1664, quando iniciavam um encontro, diziam, “*Thout, tout a tout, tout, throughout and about*”; e quando voltavam, “*Rentum tormentum*”. Ao partirem, gritavam: “Um garoto! Feliz na chegada, feliz na partida”.⁵⁹⁶ Elas também tinham uma longa forma de palavras que eram usadas quando aplicavam a poção de levitação, mas não se encontravam registradas.

Outras palavras mágicas eram usadas nos serviços religiosos das bruxas em Basses-Pyrénées (1609). Na elevação da hóstia, a congregação gritava: “*Aquerra goity, Aquerra beyty, Aquerra goity, Aquerra beyty, qui veut dire Cabron arriba Cabron abaro (sic)*”; na elevação do cálice em uma celebração cristã, eles diziam: “*Corbeau noir, corbeau noir.*” Havia duas formas de palavras para serem usadas quando faziam o sinal-da-cruz; a primeira era: “*In nomine Patrica, Aragueaco Petrica, Agora, Agora Valentia, Iouanda, goure gaitz goustia,*” traduzido como “*Au nom de Patrique, Petrique, d'Arragaon, à cette heure à cette heure Valence, tout nostre mal est passé.*” A segunda incitou o horror de De Lancre como algo particularmente blasfêmico: “*In, nomine patrica, Aragueaco Petrica, Gastalleaco Ianicot, Equidae ipordian pot,*” “*au nom de Patrique, petrique d'Arragon. Iannicot de Castille faictes moy un baiser au derriere.*”⁵⁹⁷ A menção do antigo deus Basco Janicot torna este feitiço peculiarmente interessante. Como as danças também eram um rito religioso, as palavras usadas na época devem ser aqui registradas. Bodin nos dá a fórmula: “*Har, har, diable, diable, saute icy, saute là, iouë icy, iouë là: Et les autres disoyent sabbath sabbath.*”⁵⁹⁸ A palavra *diable* é evidentemente a própria interpelação de Bodin para o nome do Deus, para a versão de Guernsey, que é atualmente relatada: “*Har, har, Hou, Hou, danse ici*”, etc.; Hou sendo o nome de um antigo deus Breton.⁵⁹⁹ Jean Weir (1670)

594. De Lancre, *Tableau*, pp. 123, 400.

595. Pitcaim, iii, pp. 604, 608.

596. Glanvil, pt. ii, pp. 139, 141. Eu observei que o chamado de um garoto é possivelmente o método de expressão do registrador Cristão Bacchic dizer “Evoe”. Veja *Jour. Man. Ou Soc.*, 1916-17, p. 65.

597. De Lancre, *Tableau*, pp. 401, 461, 462, 464.

598. Bodin, p. 190.

599. Os nomes das ilhas menores são geralmente formados pelo nome dessa divindade, por exemplo, Li-hou, Brecq-hou, &c.

declarou que na instigação de algumas mulheres sem nome ela colocava seu pé em um pano no chão com sua mão sobre a coroa de sua cabeça, e repetia três vezes: "Que toda a minha cruz e dificuldades saiam por aquela porta com você."⁶⁰⁰ Isso parece ter sido uma cerimônia de admissão, mas as palavras têm o mesmo sentimento daquelas registradas por De Lancre: "*tout notre mat est passé*".

Existiam também alguns efeitos mágicos que eram supostamente causados pelo uso de certas palavras. Martin Tulouff (1563) afirmou que ele podia enfeitiçar vacas fazendo com que elas dessem sangue em vez de leite, dizendo "*Butyrum* de armento", mas ele admitiu que também usava certos pós para realizar seu propósito.⁶⁰¹ Isobel Gowdie (1662) descreveu como as bruxas colocavam uma vassoura ou um escabelo em suas camas para representá-las durante sua ausência em um encontro. Na época em que este registro foi feito, as bruxas, evidentemente, acreditavam que o objeto assumia a exata aparência da mulher, que se esquecia de seu significado original como um sinal que demonstrava onde ela tinha ido. As palavras usadas nessas ocasiões não mostram nenhuma crença na mudança da aparência do objeto:

*"Eu coloco esta vassoura [escabelo] em nome do demônio,
Faça com que ela não se mexa até eu voltar."*

Suas afirmações com relação às transformações das bruxas em animais foram por mim examinadas na seção sobre os familiares. As palavras usadas para efetuar estas transformações são relatadas por completo. Quando uma bruxa desejava tomar a forma de uma lebre, ela dizia:

*"Eu irei até uma lebre qualquer,
Com pesar, ritmo e cuidado;
E eu me aproximarei em nome do demônio,
E nessa forma irei voltar para casa."*

Para se transformar em um gato ou um corvo as duas últimas linhas eram levemente alteradas, mas as duas primeiras eram, respectivamente,

*"Eu irei até um gato qualquer,
Com pesar, lamento e um raio negro."*

ou

*"Eu irei até um corvo qualquer,
Com pesar, lamento e um véu preto."*

600. Law, p. 27 nota.

601. De um julgamento em Greffe Guernsey.

Para voltar à forma humana, a bruxa dizia:

*"Lebre, lebre, Deus enviou-a aos meus cuidados.
Eu agora me encontro na forma de uma lebre neste exato
momento,
Mas devo reassumir a forma de uma mulher exatamente
agora."*

Quando eram gatos ou corvos, as palavras eram, "gato, gato, Deus lhe enviou um raio negro" ou "Corvo, corvo, Deus lhe enviou um véu preto", com as duas últimas linhas iguais. Quando a bruxa na forma animal entrava na casa de uma outra bruxa, ela dizia: "Eu lhe conjuro, venha comigo"; no que a segunda bruxa se transformava no mesmo animal que ela. Se, no entanto, elas se encontrassem em um lugar aberto, a fórmula era um pouco diferente: "O demônio te chama, venha comigo," sendo o resultado o mesmo.

Os julgamentos em Somerset registram as palavras usadas para amaldiçoar qualquer coisa. Elas eram simplesmente: "Que uma sífilis apodere-se de ti", sendo que a maldição acontecia instantaneamente. Se a maldição fosse pronunciada sobre uma imagem de uma pessoa, as palavras eram: "Que uma sífilis em você, tome conta de ti".⁶⁰²

As graças de Alexander Elder sobre os alimentos é provavelmente uma forma corrupta de algum rito antigo:

*"Nós comemos esta carne em nome do demônio,
Com pesar, lamento e vergonha;
Nós destruiremos casas e alojamentos;
Que as ovelhas e as cabras sequem.
Que pouca ajuda reste a elas
Que de todo o resto pouco permaneça."⁶⁰³*

A "conjuração de gatos" apresentava uma característica distinta, e ela é claramente derivada de uma forma antiga de sacrifício. Os detalhes estão registrados somente na Escócia, e é possível que seja o único país onde ela ocorreu, embora a santidade do gato em outros lugares indica que a omissão nos registros é acidental.

Na acusação contra John Fian, 1590, ele foi "*fylit, for the chaissing of ane catt in Tranent; en the quhilk chaise, he was careit heich aboue the ground, with gryt swyftnes, and as lychtlie as the catt hir self, ower ane heicher dyke, nor he was able to lay his hand to the heid off:—And being inquyrit, to quhat effect he chaissit the samin? Ansuerit, that in ane conversatioune haldin at Brumhoillis, Sathan commandit all that were present, to tak cattis; tyke as he, for obedience to Sathan, chaissit the said catt, purpoiselie to be cassin in the sea, to raise windis for distructioun of schippis and boitis."*⁶⁰⁴ Agnes Sampson

602. Glanvil, pt. ii, pp. 137, 139, 148, 149.

603. Pitcairn, iii, p. 612. Sych = suspiros, lamentação.

604. Id., i, pt. ii, p. 212.

do mesmo Coven que Fian confessou que na época em que sua Majestade estava na Dinamarca, ele estava acompanhado de seus grupos antes com um nome especial, tomou um gato e batizou-o, e mais tarde amarrou cada membro do gato, junto ao membro mais importante de um cadáver, a várias juntas de seu corpo; e que na noite seguinte, o gato foi levado para o meio do mar por todas as bruxas, navegando em suas redes, como foi dito anteriormente, e assim deixaram o gato bem em frente à torre de Leith, na Escócia. Isso feito, ali se formou uma tempestade no mar, algo tão grande e violento como jamais visto.⁶⁰⁵ O registro oficial deste acontecimento é mais cheio de detalhes e menos dramático; as redes nunca são mencionadas, as bruxas meramente caminhando até a beira do quebra-mar de uma forma comum e rotineira. O Coven em Prestonpans enviou uma carta para o Coven de Leith que eles tinham de fazer a tempestade correr por todo o mar. E num prazo de oito dias depois que Bill recebeu-a [a carta], Agnes Sampson, Jonett Campbell, Johnne Fian, Gelie Duncan e Meg Dyn batizaram um gato na casa da seguinte maneira: primeiro, duas delas seguraram um dedo em cada lado da saída da chaminé, e as demais fizeram o mesmo do outro lado, sendo que seus outros dedos se encontravam; em seguida fizeram com que o gato fosse colocado no local indicado na chaminé e ali o deixaram por alguns instantes. Mais tarde, na casa de Begie Todd, elas amarraram as quatro patas do gato, a quatro juntas de homens; isso feito, Jonet levou-o até Leith; e por volta da meia-noite, ela, os dois bruxos e as duas esposas chamaram Stobbeis, vieram até a frente do quebra-mar, e disseram as palavras: 'Faça com que se forme uma terrível tempestade', e lançaram o gato ao mar, que se debatia na água em desespero tentando nadar de volta para onde elas estavam; e elas que estavam no Panis, lançaram outros gatos ao mar à meia-noite. Depois disso, com seus encantos e feitiços, um barco aportou entre Leith e Kinghorne; o que fez o Demônio partir com orgulho."⁶⁰⁶

Beigis Tod estava preocupada com uma outra "conjuração de gatos", desta vez em Seaton.

"Depois de beberem juntos por algum tempo, eles, com suas brincadeiras maldosas, pegaram um gato e o giraram nove vezes até que Beigis chegou ao local indicado; e depois apressadamente foram a Seaton-thorne, ao norte de 3et... E ali ficaram junto com o demônio, caminhando até o interior do portão. E logo em seguida, chegaram ao celeiro, onde George Feudaris, batizando o gato, chamou Margaret. E depois todos voltaram para Deane-fute, onde ficava seu primeiro Coven, e entregaram o gato para o demônio."⁶⁰⁷

VI - Rituais de Fertilidade e Invocação de Chuva

1. Geral

Em comum com muitas outras religiões da Cultura Inferior, o culto à bruxaria na Europa Ocidental cumpria certos rituais de invocação da chuva e métodos causativos ou de maldição à fertilidade. Este fato foi reconhecido nas bulas papais formuladas contra as bruxas que foram denunciadas, não por ofensas morais, mas por causa da destruição da fertilidade. O tão celebrado Decreto de Inocêncio VIII, que em 1488 libertou a força total e absoluta da Igreja contra as bruxas, diz que "elas ressecam o leite matrimonial, destroem os partos das mulheres e prejudicam o aumento da criação de gado; elas amaldiçoam o milho plantado, as uvas dos vinhedos, as frutas das árvores, o capim e as ervas dos campos". Adrian VI perseguiu estes trabalhos em 1512 com um Decreto Epistolar, denunciando que as bruxas "como uma seita que desviou-se da fé católica, negando seu batismo e mostrando desprezo pelos sacramentos eclesiásticos, pisoteando cruces, tomando o demônio como sendo seu senhor, destruíram os frutos da terra por meio de seus encantos, feitiços e superstições".

Os encantos usados pelas bruxas, as danças, a queima do deus e o espalhar das cinzas ao vento conduzem à certeza de que isso se tratava de um culto da fertilidade; e esta é a visão dos escritores contemporâneos, que dão uma certa conotação à religião e ao ritual. Embora a maioria dos encantos a favor e contra a fertilidade tenha sido exposta pelas bruxas tanto para seu próprio benefício como para prejudicar seus inimigos, muito ainda existe que comprova que originalmente todos estes feitiços tinham a intenção de promover a fertilidade de forma geral e específica. Quando o encanto tinha como direcionamento a fertilidade em geral, ele era realizado por toda a congregação unida; porém, para a fertilidade de uma mulher em específico, animal ou campo, a cerimônia era realizada por somente uma bruxa ou por, no máximo, duas.

O poder pelo qual as bruxas se declaravam possuidoras de poderes sobre a fertilidade humana nos é mostrado em muitos dos julgamentos. Jonet

605. Notícias da Escócia, veja Pitcairn, i, pp. ii, p. 218.

606. Pitcairn, i, pt. ii, p. 237.

607. Id., ii, p. 542.

Clark foi julgada em Edinburgo, 1590, por ter concedido e tirado o poder de muitos homens em seus “membros genitais”,⁶⁰⁸ e no mesmo ano e local Bessie Roy foi acusada de provocar a secura do leite de uma mulher.⁶⁰⁹ O número de parteiras que praticavam bruxaria também levam a essa conclusão; elas afirmavam serem capazes de causar e evitar a gravidez, de causar e evitar um parto tranquilo, de sobrepujar as dores do parto em um animal ou em um ser humano (maridos que eram as vítimas sentem-se especialmente mais enfurecidos contra essas bruxas), e de todas as formas de terem poder sobre os órgãos reprodutivos de ambos os sexos. Em resumo, é possível dizer que, nos séculos XVI e XVII, quanto melhor a parteira, melhor a bruxa.

O *Livro Vermelho* de Appin,⁶¹⁰ que foi um presente do demônio por meio de uma fraude, é algo de grande interesse nesta conexão. Dizem que ele contém encantos para a cura de doenças do gado; entre elas, com certeza deviam estar alguns feitiços que promoviam a fertilidade dos rebanhos de forma geral e de animais individuais em específico. Não é improvável que os encantos, presentes no livro, foram resultados de muitos experimentos, pois sabemos que as bruxas estavam dispostas sempre a dar retorno ao demônio de todas as magias que realizavam nos intervalos entre os Sabbaths, e ele ou seu assistente registravam seus feitos. A partir desses registros, o demônio instruíra as bruxas. Fica claro, com base nas confissões e nas evidências das tentativas, que a ajuda das bruxas era frequentemente requisitada para promover a fertilidade, tanto em seres humanos como em animais. O número de parteiras que também eram bruxas era muito grande, e esse fato não pode ser considerado algo acidental.

As bruxas eram chamadas para realizar encantamentos durante os vários eventos e festividades que aconteciam nos currais. Margrat Og, de Aberdeen, 1597, era “de fato uma bruxa que num espaço de um a três anos estaria preparada”.

“James Farquhar, thy awin gude son haulding the kow, thow stuid on the ane syd of the kow, and thy dochter, Bartrix Robbie, on the vther syd, and quhen the bull was lowping the kow, thow tuik a knyff and keist ower the kow, and thy dochter keapit the sam, and keist it over to the agane, and this ye did thryiss, quilik thou can nocht deny”.⁶¹¹ At Auldearne the Coven, to which Isobel Gowdie belonged, performed a ceremony to obtain for themselves the benefit of a neighbour's crop. “Befor Candlemas, we went be-east Kinlosse, and ther we yoaked an plewghe. Paddokis did draw the plewgh as oxen; quickens wer sowmes, a riglen's horne was a cowter, and an piece of an riglen's horne was an sok. We went two seueral tymes abowt; and all we of the Coeven went still wp and downe wit the plewghe, prayeing

608. Pitcairn, i, pt. li, p. 206; Glanvil, pt. ii, p. 301.

609. Pitcairn, i, pt. ii, p. 207.

610. J. G. Campbell, pp. 293-4. O Livro estava em manuscrito, e a última informação recebida de seu paradeiro foi enquanto estava sob a posse dos não extintos Stewarts de Invernahyle.

611. Clube Spalding. Misc., i, p. 143.

to the Divell for the fruit of that land, and that thistles and brieris might grow ther”.⁶¹² Here the ploughing ceremony was to induce fertility for the benefit of the witches, while the draught animals and all the parts of the plough connoted barrenness for the owner of the soil”.

A observação mais detalhada de um encanto para a fertilidade humana nos é mostrada na confissão do Abade Guibourg, que parece ter sido o demônio das bruxas de Paris. A cerimônia aconteceu na casa de uma bruxa-parteira chamada Voisin ou Montvoisin e, de acordo com o editor, ela foi realizada para o benefício de Louis XIV ou Charles II, dois dos mais notórios libertinos de nossos tempos.

“Il a fait chez la Voisin, revêtu d'aube, d'étole et de manipule, une conjuration en présence de la Des Oeillets [criada de Madame de Montespan], qui prétendait faire un charme pour le (Roi) et qui était accompagnée d'un homme qui lui donna la conjuration, et comme il était nécessaire d'avoir du sperme des deux sexes, Des Oeillets ayant ses mois n'en put donner mais versa dans le calice de ses menstrues et l'homme qui l'accompagnait, ayant passé dans la ruelle du lit avec lui Guibourg, versa de son sperme dans le calice. Sur le tout, la Des Oeillets et l'homme mirent chacun d'une poudre de sang de chauve-souris et de la farine pour donner un corps plus ferme à toute la composition et après qu'il eut récité la conjuration il tira el tout du calice qui fut mis dans un petit vaisseau que la Des Oeillets ou l'homme emporta”.⁶¹³

As vestes eclesiásticas e o uso do cálice indicam que esta cerimônia possui caráter religioso, e deve ser comparada aos sacrifícios de crianças realizados pelo mesmo sacerdote ou demônio.

Um ritual antifertilidade, que em sua simplicidade pouco merece o nome de uma cerimônia, aconteceu em Crook of Devon, no distrito Kinross. Bessie Henderson confessou e declarou que Janet Paton estava com ela em uma reunião quando elas fizeram os serviços plantando o centeio dos brancos no início da colheita, 1661, e que ela tinha ferramentas e realizou encantos mais do que qualquer outra coisa.⁶¹⁴

2. A Invocação de Chuva

Os poderes das bruxas de criação de chuva ficaram quase que despercebidos por escritores do assunto, porque na época em que os registros foram feitos, as bruxas recebiam o crédito de amaldiçoar a fertilidade em vez de ajudá-la. Ainda assim, de tudo o que existe fica claro que o signifi-

612. Pitcairn, iii, p. 603. “Sapos sugavam a agricultura como os bois, a relva era o arreo e a corrente, o chifre de um animal castrado era o Coulter, e um pedaço de um chifre de um animal castrado era o golpe.”

613. Ravaisson, 1679-81, p. 336.

614. Burns Begg, p. 224.

cado original da maior parte do ritual era a produção de chuva fertilizante, embora tanto os juizes quanto as testemunhas acreditassem que ela era criada para causar tempestades e chuvas de pedras.

Uma das observações mais antigas de tais poderes é vista na estória citada por Reginald Scot dos *Malleus Maleficarum*, escrita em 1487, um século antes do próprio livro de Scot:

“Uma garotinha caminhando com seu pai em suas terras, ouvia-o reclamar da seca, desejando que chovesse, etc. ‘Por que, meu pai, – (disse a criança), – eu posso fazer chover quando e onde eu quiser?’ Ele perguntou onde ela havia aprendido aquilo. Ela disse que havia sido com sua mãe, que a proibiu de contar a qualquer outra pessoa. Ele perguntou como sua mãe havia ensinado a ela aquilo? Ela respondeu que sua mãe a tinha levado até um mestre que o tempo todo a guiava, fazendo tudo por ela. ‘Por que então, – (ele disse), – você não faz chover, mas somente em minhas terras? E, então, ela foi até o riacho, pegou um pouco de água em nome de seu mestre, e fez a chuva começar. E caminhando um pouco mais com seu pai, ela fez chover pedras em um outro campo, a pedido de seu pai. Com isso, ele acusou sua esposa, e como consequência ela foi levada à fogueira, e depois ele batizou novamente sua filha.”⁶¹⁵

Scot também nos mostra “algumas ações impossíveis” de bruxas quando ele ridiculariza a crença de que os elementos são obedientes às bruxas quando sob seu comando; ou que elas podem, de acordo com sua vontade, fazer chover pedras, tempestades, trovões, raios; quando ela se transforma em uma mulher cheia de virtudes, pode lançar uma pedra dura por sobre seu ombro esquerdo, em direção ao oeste, ou atirar um pouco de areia da praia sobre o elemento, ou umedecer uma vassoura e respingar a água pelo ar; ou cavar um pequeno buraco na terra, e colocando água nesse lugar, mexer com seus dedos; ou ferver pêlos de porcos; ou esparramar gravetos sobre uma bancada, onde não há nenhuma gota d’água; ou enterrar folhas secas até que elas apodreçam; todas as coisas que são confessadas pelas bruxas, e afirmadas por escritores como sendo os meios utilizados pelas bruxas, pelos quais elas causam extraordinárias tempestades e chuvas”⁶¹⁶.

Mais observações são feitas por Wierus com o mesmo efeito: “Lançar pedras por trás de suas costas em direção ao oeste, ou atirar um pouco de areia no ar, ou bater em um rio com uma vassoura, e assim respingar sua parte molhada na direção do céu, mexer na urina ou água com seus dedos em um buraco no chão, ou ferver pêlos de porcos em uma panela.”⁶¹⁷

O lançar de pedras como um ritual de fertilidade é encontrado no julgamento de Jonet Wishert, uma das bruxas chefes em Aberdeen, e é aí associado a um ritual de nudez. “*In hervest last bypass, Sr. William Raves huikes (viu thee at) the heid of thi awin gudmannis corft, and saw the tak*

615. Reg. Scot, Bk. III, p. 60.

616. Id., Bk. III, p. 60.

617. Mais, p. 168.

all thi claiiss about thi heid, and thow beand naikit from the middill down, tuik ane gryte number of steynis, and thi self gangand baklenis, keist ane pairt behind the our thi heid, and ane wther pairt forward”.⁶¹⁸

3. Fertilidade

Todos os escritores contemporâneos, que nos dão uma visão geral da religião e do ritual, observam os poderes das bruxas sobre a fertilidade humana. Boguet diz, “*Ils font encor cacher & retirer les parties viriles, et puis les font ressortir quand il leur plait. Ils empeschent aussi tantost la copulation charnelle de l’hom {m} e & de la femme, en retirant les nerfs, & ostant la roideur du membre; et tantost la procreation en destournant ou bouchant les conduicts de la semence, pour empescher qu’elle ne descende aux vases de la generation.*”⁶¹⁹ Scot, que afirma geralmente sem qualquer reconhecimento e quase sempre sem precisão, traduz esta declaração: “Elas também afirmam que a virtude da geração é impedida pelas bruxas, tanto no sentido interior como no exterior, porque intrinsecamente elas reprimem a coragem e impedem a passagem da semente do homem, para que ela não possa chegar até os canais da geração; além disso, elas ferem de forma externa, com imagens, ervas, etc.”⁶²⁰ Bodin também reforça que as bruxas, sejam do sexo masculino ou feminino, podem afetar somente os órgãos reprodutivos.⁶²¹ Madame Bourignon diz que as meninas, das quais ela se tornou amiga, “me disseram que as pessoas que estavam cometidas com o demônio por meio de um contrato minucioso, não irão aceitar nenhum outro Deus além dele, e assim oferecem a ele tudo o que lhes é de valor; além disso, são compelidas a oferecerem a ele seus filhos, ou então o demônio os sacrificaria, e são forçadas a jamais conseguirem alcançar seu estado de matrimônio, e assim não devem ter filhos, por razões pelas quais o demônio tem poderes vindos de seus partidários, impedindo ambos da mesma forma... Por isso, assim que tornam-se capazes de ter filhos, o Demônio faz com que elas ofereçam o desejo de casar que elas têm, em sua honra, e com isso todos os frutos que podem surgir deste matrimônio. Isso elas prometem de forma voluntária, com o objetivo de poderem realizar seus desígnios, o que ao contrário o demônio as ameaça de impedi-las de todas as formas e com todos os meios, que elas casem, e fazer que não tenham filhos”⁶²².

Glanvil, escrevendo sobre os julgamentos na Escócia de 1590, fala de alguns efeitos, espécies ou circunstâncias de bruxaria, tais como o de

618. Clube Spalding Misc., i, p. 93.

619. Boguet, p. 211.

620. R. Scot, p. 77.

621. Bodin, pp. 125-7.

622. Bourignon, Vie, pp. 222-3; Hale, pp. 37-8.

conceder e retirar o poder de vários membros genitais de homens, pelo que Jannet Clark foi acusada.⁶²³ No registro oficial, Jonet Clark foi julgada e condenada por “*gewing of ane secreit member to Iohnne Coutis; and gewing and taking of power fra sindrie mennis memberis. Item, fylit of taking Iohnne Wattis secreit member fra him*”.⁶²⁴

Rituais sexuais ocorrem em muitas religiões de cultura inferior, sempre aterrorizando os participantes das religiões superiores, tanto nos tempos antigos, como nos tempos modernos. Nos cultos de fertilidade eles são uma das principais características, não somente simbolizando o poder de fertilização em todo o mundo vivo, mas, na crença dos atores, na verdade auxiliando-os e promovendo seus efeitos.

Tais rituais de fertilidade são controlados por certas regras, que são variáveis em diferentes países, particularmente com relação à idade das meninas, isto é, se elas devem ser chamadas antes ou depois da puberdade. Entre as bruxas, parece haver uma regra definida de que nenhuma garota antes da puberdade tenha relações sexuais com o demônio. Isso é também declarado como um fato por uma autoridade tão importante como Bodin: “*Les diables ne font point de paction expresse avec les enfans, qui leurs sont vouëz, s'ils n'ont atteint l'age de puberté*”.⁶²⁵ Os detalhes dos julgamentos mostram que esta declaração é precisa. “*Magdalene de la Croix, Abbesse des Moniales de Cordotie en Espagne, confessa que Satan n'eust point copulation, ny cognoissance d'elle, qu'elle, n'eust douze ans*”.⁶²⁶ Tanto Bodin quanto De Lancre citam o caso de Jeanne Hervillier de Verbery em Compiègne; ela era uma mulher de cinquenta e dois anos na época de seu julgamento em 1578. Ela confessa “*qu'à l'age de douze ans as mere la presenta au diable, en forme d'un grand homme noir, & vestu de noir, botté, esperonné, avec une espée na costé, et un cheual noir à la porte, auquel la mere dit: Voicy ma fille que ie vous ay promise: Et à la fille, Voicy vostre amy, qui vous fera bien heureuse, et deslors qu'elle renonça à Dieu, & à la religion, & puis coucha avec elle charnellement, en la mesme sorte & maniere que font les hommes avec les femmes*”.⁶²⁷ De Lancre também enfatiza a idade: “*Ieanne Haruillier depose qu'encore as mere l'eust voüée à Satan dès as naissance, neantmoins qu'il ne la cognut charnellement qu'elle n'eust atteint l'age de douze ans*”.⁶²⁸ A própria experiência de De Lancre nos conduz à mesma direção; ele descobriu que as crianças não eram tratadas da mesma forma que os adultos, e que elas não tinham permissão de participar de todas as cerimônias até terem passado a infância.⁶²⁹

623. Glanvil, pt. ii, p. 301.

624. Pitcairn, i, pt. ii, p. 206.

625. Bodin, p. 465.

626. Id., p. 465. O julgamento foi em 1545, Magdalene estando na época com quarenta e dois anos de idade. Veja também Pleasant Treatise (União de Prazer), p. 6.

627. Id., p. 227.

628. De Lancre, Tableau, p. 183.

629. De Lancre, Tableau, pp. 145, 398. Kinloch, p. 124.

A mesma regra parece ter sido respeitada na Escócia, porque quando a pequena Jonet Howat foi apresentada ao demônio, ele disse: “O que devo eu fazer com uma criança como ela?”⁶³⁰ É algo raro, entretanto, encontrar crianças bruxas na Grã-Bretanha e, por isso, as regras a elas aplicadas são difíceis de serem descobertas. Uma outra regra parece ter sido a de não existir relação sexual com mulheres grávidas. No caso de Isobel Elliot, o demônio ofereceu-se para deitar-se com ela, mas deixou de fazê-lo por ela estar esperando um filho; e que após ela ser *kirked* o demônio com frequência a encontrava, e tinha com ela conjunção carnal.⁶³¹

Desde os tempos de Reginald Scot, tem sido um costume entre os escritores que desacreditavam dos poderes mágicos das bruxas mostrar detalhes das relações sexuais entre o demônio e as bruxas como prova positiva de histeria e alucinações. Esse era o comportamento dos responsáveis pelos registros que ouviam as evidências nos julgamentos. “*Les confessions des Sorciers, que i'ay eu en main, me font croire qu'il en est quelque chose: dautant qu'ils ont tous recogneu, qu'ils auoient esté couplez avec le Diable, et que la semence qu'il iettoit fort froide; Ce qui est conforme à ce qu'en rapporte Paul Grilland, et les Inquisiteurs de la foy*”.⁶³² É do agrado de seu novo mestre que com frequência ele se ofereça de forma familiar a elas, para flertar e deitar-se com elas, como prova de sua estimada ligação, e considerando isso um casamento com ele.⁶³³ “As bruxas confessavam com frequência, como era seu costume, que o demônio deitava-se com elas, e além disso queixavam-se de seu tédio e frieza ofensiva, dizendo tratar-se de uma perspicaz presunção de que ele, de fato, deitava-se com elas, e que isso não se tratava de um simples sonho”.

É esta declaração da frieza física do demônio que escritores modernos usam como exemplo para provar suas alegações de que as bruxas sofriam de alucinações. Eu mostrei que o demônio estava quase sempre mascarado e que toda sua pessoa se cobria com um disfarce, o que representa parte da evidência mas não ela toda, e certamente não revela o mais importante fato. Porque julgamento após julgamento, em lugares muito distantes um do outro e em tempos separados por mais de um século, o mesmo fato é atestado pela pequena variação de detalhes que mostram a realidade do acontecimento. Isso se trata do fato de que, quando a mulher, ao admitir ter tido relação sexual com o demônio, em uma grande proporção de casos, ainda dizia: “O demônio era frio e seu esperma era igual.” Essas eram mulheres de todas as classes e de todas as idades, daquelas que tinham acabado de deixar a puberdade a senhoras idosas com mais de setenta anos de idade, solteiras, casadas e viúvas. É algo

630. Arnot, p. 360.

631. Boguet, p. 68.

632. Cooper, p. 92.

633. Mais, p. 241.

não-científico desacreditar em tudo isso, como no caso de Scot, e é da mesma forma não-científico rotular todos os fenômenos como a imaginação de mulheres histéricas. Pela natureza das coisas e de todas estas evidências nos restam somente as palavras das mulheres, mas eu mostrei que houve casos em que os homens consideravam o demônio frio, e casos em que as mulheres consideraram outras partes da pessoa do demônio também frias. Tal abundância de evidências não pode ser ignorada, e em qualquer outro assunto o fato seria merecedor de crédito imediato. No entanto, a teoria das alucinações, sendo a mais fácil, parece ter dominado as idéias de muitos escritores, com a exclusão de qualquer tentativa de explicações a partir de um ponto de vista imparcial.

Estudantes das religiões comparativa e primitiva explicaram o costume de casamentos sagrados como uma tentativa de influenciar o curso da natureza pela magia, as pessoas que praticam a cerimônia acreditando que dessa forma todas as colheitas e rebanhos, assim como as mulheres, foram criadas férteis, e que a esterilidade era evitada. Isso explica muito bem a ocorrência de “ritos obscenos” entre as bruxas, mas falha quando esbarra na questão da frieza do demônio. Eu aqui ofereço uma explicação que acredito ser a verdadeira, porque elucida todos os fatos; aqueles fatos que as mulheres confessaram voluntariamente e sem tortura ou medo de represálias, como Isobel Gowdie, ou afirmavam ser a verdade até mesmo quando presas a estacas no meio das chamas, como Jane Bosdeau.

Nos tempos antigos, o casamento sagrado acontecia uma vez por ano; entretanto, além desta cerimônia, havia outros rituais sexuais que eram celebrados em uma época predeterminada, mas que podiam ser realizados nos recintos do templo de um deus ou deusa em qualquer época, os do sexo masculino sendo quase sempre os sacerdotes ou os oficiais dos templos. Estes são fatos estabelecidos, e não é demais presumirmos que as cerimônias das bruxas eram semelhantes. Mas se as mulheres acreditavam que a relação sexual com os sacerdotes aumentava a fertilidade, quanto mais elas acreditariam na eficácia de uma possível relação sexual com o próprio deus da fertilidade encarnado. Elas insistiam nisso como sendo seu direito, e tudo se tornava obrigatório em algumas ocasiões como, por exemplo, nos períodos de criação dos rebanhos ou de plantação e colheita das safras. Ainda assim, conforme a população, por consequência, o número de adoradores em cada uma das “congregações” aumentava, deixando tudo difícil e finalmente impossível para que um homem cumprisse com as exigências de tantas mulheres.⁶³⁴ O problema, então, era que de um lado havia um número de mulheres exigindo que ele estivesse em seus olhos, como sendo algo essencial para elas próprias e para suas famílias e, por outro lado, um homem fisicamente incapaz de atender todas as chamadas que lhe eram feitas. A solução óbvia para o problema é que a relação sexual entre o chefe e as mulheres fosse

634. The Deuill your maister, beand in likness of ane beist, carnall [deal] with ilk ane of you. – *Clube Spalding Misc.*, i, p. 149.

realizada por meios artificiais, e a evidência nos julgamentos mostra claramente que esta foi a solução tomada.

Órgãos sexuais masculinos artificiais são bem conhecidos nos resíduos das antigas civilizações. No antigo Egito, não era algo incomum terem estátuas nas quais o órgão sexual masculino era feito de um material diferente daquele usado na figura, e era de tal forma feito que podia ser removido de seu lugar e carregado em procissão. As primeiras estátuas são as colossais figuras de pedra calcária do deus da fertilidade Min encontrada em Koptos, datada da primeira dinastia, talvez 5500 a.C.⁶³⁵ Porém, figuras semelhantes são encontradas em todos os períodos da história egípcia, e existe uma lenda na época de Plutarco que explica esse uso assim como o festival da Phallegoria.⁶³⁶ A menos que o próprio órgão sexual masculino fosse o objeto de adoração, não haveria razão para carregá-lo em procissão como uma cerimônia religiosa, e é facilmente compreensível que tal culto fosse principalmente recomendado para as mulheres.⁶³⁷

O órgão sexual masculino de uma estátua divina não era sempre meramente para adoração e para ser carregado em procissões; a noiva romana sacrificava sua virgindade ao deus Priapus como um rito sagrado. Este é provavelmente o restante de um costume ainda mais antigo, quando o deus era personificado por um homem e não por uma imagem. O mesmo costume continuou em outras partes do mundo como o *jus primae noctis*, que era considerado como um direito inalienável por certos reis e outras pessoas divinas importantes. Como é de ser esperado, este costume era também cumprido entre as bruxas.

“Le Diable faict des mariages au Sabbat entre les Sorciers & Sorcieres, & leur joignant les mains, il leur dict hautement

Esta es buena parati

Esta parati lo toma.

*Mais avant qu'ils couchent ensemble, il s'accouple avec elles, oste la virginité des filles”.—Jeannette d'Abadie, aged sixteen, “s'accusoit elle mesme d'avoir esté depucellée par Satan”.*⁶³⁸

As descrições ocasionais do órgão sexual do demônio mostram sem sombra de dúvida seu caráter artificial.

Em 1598, in Lorraine *“es sagte die Alexia Dragaeta, ihre Bulschafft hätte einen [Glied] so starcken etc allezeit gehabt, wenn ihm gestanden, und so gross als ein Ofengabel-Stiel, dessgleichen sie zugegen zeigte, denn*

635. Petrie pp. 7-9, Capart, p. 223.

636. Plutarco, De Iside et Osiride, xviii, 5.

637. Por outro lado, os órgãos reprodutivos femininos também eram adorados e, presumivelmente, pelos homens. Esta sugestão é sustentada pelas figuras de mulheres com os órgãos sexuais externos expostos e freqüentemente exagerados no tamanho. Tais figuras são encontradas no Egito, onde eram chamadas de Baubo, e uma lenda foi inventada para explicar tal atitude. Figuras parecidas eram na verdade conhecidas nas Igrejas Cristãs antigas (Payne Knight, Dissertação sobre a Adoração de Priapus).

638. De Lancre, Tableau, pp. 132, 404.

ohngefehr eine Gabel zugegen war, sagte auch wie sie kein Geleuth weder Hoden noch Beutel daran gemerckt hat".⁶³⁹

"Jaquema Paget adioustoit, qu'elle avoit empoigné plusieurs fois avec la main le membre du Demon, qui la cognoissoit, et que le membre estoit froid comme glace, long d'un bom doigt, & moindre en grosseur que celui d'un homme. Tieuene Paget et Antoine Tornier adioustoient aussi, que le membre de leurs Demons estoit long et gros, comme l'un de leurs doigts".⁶⁴⁰ "Il a au deuant son membre tiré et pendant, & le monstre tousiours long d'un coudée.— Le membre du Demon est faict à escailles comme un poisson.— Le membre du Diables'il estoit estendu est long enuiron d'une aulne, mais il le tient entortillé et sinueux en forme de serpent.— Le Diable, soit qu'il ayt la forme d'homme, on qu'il soit en forme de Bouc, a tousiours vn membre de mulet, ayant choisy en imitation celui de cet animal comme le mieux pourueu. Il l'a long et gros comme le bras. — Le membre du Diable est long enuiron la moitié d'une aulne, de mediocre grosseur, rouge, obscur, & tortu, fort rude & comme piquant. — Ce mauvais Demon ait son membre myparty, moitié de fer, moitié de chair tout de son long, & de mesme les genitoires. Il tient tousiours son membre dehors. — Le Diable a le membre faict de corne, ou pour le moins il en a l'apparence: c'est pourquoy il faict tant crier les femmes. — Jeannette d'Abadie dit qu'elle n'a iamais senty, qu'il eust aucune semence, sauf quand il la depucella qu'elle la sentit froide, mais que celle des autres hommes qui l'ont cognue, est naturelle".

Sylvine de la Plaine, 1616, "confessed qu'il a le membre faict comme un cheual, en entrant est froid comme glace, iette la semence fort froide, & en sortant la brusle comme si c'estoit du feu".⁶⁴¹ Em 1662, Isobel Gowdie disse: "O membro dele é extremamente grande e longo; o membro de nenhum outro homem é tão grande como o dele".⁶⁴²

O órgão sexual masculino artificial explica como nenhuma outra coisa causava a dor oferecida a tantas mulheres; e que elas sofriam de forma voluntária, e até mesmo com alegria, o que só pode ser entendido ao percebermos que elas encaravam essa dor por outros motivos além da satisfação física e do prazer. "Foi então que surgiu um grande bode negro com uma vela entre seus chifres... Ele tinha um conhecimento carnal daquela que sofria uma grande dor." "Presque toutes les Sorcieres rapportent que cet accouplement leur est le plus souuent des-agreable, tant pour la laideur & deformité de Satan, que pour ce qu'elles y ont une extreme douleur".⁶⁴³ "Elle fuyoit l'accouplement du Diable, à cause qu'ayant son membre faict en escailles il fait souffrir vne extresme douleur".⁶⁴⁴ No Sabbath no Basses

639. Remigius, pt. i, p. 19.

640. Boguet, pp. 68-9.

641. De Lancre, Tableau, pp. 68, 224-6.

642. Pitcairn, iii, p. 610.

643. Boguet, p. 69.

644. De Lancre, Tableau, p. 132.

Pyrénées, o demônio levava as mulheres para trás de um espécie de tela, e as crianças "les oyent crier comme personnes qui souffrent une grande douleur, et ils les voyent aussi tost reuenir au Sabbath toutes sanglantes".⁶⁴⁵ Como observam as noivas, "En cet accouplement il leur faict perdre une infinité de sang, et leur faict souffrit mille douleurs".⁶⁴⁶ A viúva Bush de Barton disse que o demônio, que veio até ela como um jovem homem negro, "era mais frio do que um homem, e mais pesado, e não era capaz de agir com um homem normal".⁶⁴⁷

A frieza física do demônio é atestada em todas as partes da Europa".⁶⁴⁸

"Toutes les Sorcieres s'accordent en cela, que la semence, qu'elles reçoient du Diable, est froide comme glace: Spranger & les Inquisiteurs, qui en ont veu une infinité, l'escriuent ainsi. Remy, qui a fait le procez à plus de deux milles Sorciers, en porte un tesmoignage irrefragable, le puis assureur au semblable, que celles, qui me sont passées par les mains, en ont confessé tout avtant. Que si la semence est ainsi froide, il s'ensuit qu'elle est destituée de ses esprits vitaux, & ainsi qu'elle ne peut estre cause d'aucune generation".⁶⁴⁹

Tanto Isobel Gowdie quanto Janet Breadheid de Auldearne disseram que o demônio era "um homem bonito, negro, duro, muito frio; e pude senti-lo como uma fonte de água muito fria dentro de mim". Isobel continua: "Ele se apresenta a nós de tal forma que nenhum outro homem pode assumir, somente ele é tão pesado como um malte; com uma natureza forte, muito fria, como pude sentir".

Um outro ponto que existe para provar que a relação sexual era feita por meios artificiais era que a gravidez não acontecia em seguida, exceto quando existia uma permissão especial da mulher. Jeannete d'Abadie, com dezesseis anos de idade, disse: "Elle fuyoit l'accouplement du Diable, à cause qu'ayant son membre faict en escailles il fait souffrir une extreme douleur; outre que la semence est extremement froide, si bien qu'elle n'engrosse jamais, ni celle des autres hommes au sabbat, bien qu'elle soit naturelle".⁶⁵⁰ Boguet observa, "Il me souuinent, qu'Antoinette Tornier, & Antoinette Gandillon, estans interroguées, si elles craignoient point de deuenir enceintes des ceuures du Diable; l'une

645. De Lancre, Tableau, p.219.

646. Id. ib., p. 404.

647. Stearne, p. 29. As referências seguintes estão em ordem cronológica, e são apenas alguns dos muitos julgamentos nos quais essa frieza do demônio é observada: 1565, Canaert, p. 54; 1567, De Lancre, Tableau, p. 132; 1578, Bodin, Fléau, p. 227; 1590, Pitcairn, i. pt. ii, p. 219; 1598, Boguet, op. cit., pp. 8, 412, 1645, Stearne, p. 29; 1649, Pitcairn, iii, p. 599; 1652, Van Elven, La Tradition 1891, V, p. 215; 1661, Kinloch e Baxter, p. 132; 1662, Pitcairn, iii, pp. 603, 611, 617; 1662, Burns Begg, x, pp. 222, 224, 231-2, 234; 1678, Fountainhall, i, p. 14; 1682, Howell, Viii, 1032; 170r, Julgamentos de Elinor Shaw, p. 6.

648. Boguet, p. 92.

649. Pitcairn, iii, p. 603, 611, 617.

650. De Lancre, Tableau, p. 132.

respondit qu'elle estoit trop vieille; l'autre que Dieu ne le vouloit pas permettre".⁶⁵¹ De acordo com Jeanne Hervillier, o Demônio "*coucha avec elle charnellement, en la mesme sorte & maniere que font les hommes avec les femmes, horsmis que la semence estoit froide. Cele dit elle continua tous les huict ou quinze jours... Et un iour le diable luy demanda, si elle vouloit estre enceinte de luy, ce qu'elle ne voulut pas*".⁶⁵² Mas quando a bruxa estava disposta a ter um filho, é notado que não existe então nenhuma queixa com relação à frieza do demônio. Em Maidstone, em 1652, "Anne Ashby, Anne Martyn e uma de suas outras associadas, alegaram que estavam grávidas de um filho, mas confessaram que não era de nenhum homem, mas sim do demônio... Anne Ashby e Anne Martyn confessaram que o demônio as tinha conhecido carnalmente, e que elas não haviam sido machucadas por isso".⁶⁵³

Parece que o demônio se vestia e tirava seu disfarce na presença de seus adoradores, e isso acontecia com frequência no caso dos rituais sexuais, fossem eles públicos ou particulares:

*"Il cognoist les Sorcieres tantost en forme d'homme tout noir, & tantost en forme de beste, comme d'un chien, d'un chat, d'un bouc, d'un mouton. Il cognoissoit Thieuenne Paget, & Antoine Tornier en forme d'un homme noir: Et lors qu'il accouloit avec Iaquema Paget, & Antoine Gandillon, il prenoit la figure d'un mouton noir, portant des cornes. Françoise Secretain a dit que son Demon se mettoit tantost en chien, tantost en chat, et tantost en poule, quand il la vouloit cognoistre charnellement. Or tout cecy me fait de tant mieux assurer l'accouplement reel du Sorcier, & de la Sorciere avec le Demon."*⁶⁵⁴

Em Basses-Pyrénées Marie d'Aspilcouette "*disoit le mesme, pour ce qui est du membre en escailles, mais elle deposoit que lors qu'il les vouloit cognoistre, il quitoit la forme de Bouc, & prenoit celle d'homme*".⁶⁵⁵ "*Il entra dans as chambre en forme d'ung chat et se changea en la posture d'un home vestu de rouge*".⁶⁵⁶ Em uma tentativa de destruir um navio em uma grande tempestade "o demônio estava lá presente com todas elas, com a forma de um grande cavalo... Elas retornaram todas na mesma aparência de antes, com exceção de que o demônio tinha a forma de um homem".⁶⁵⁷ "O demônio apareceu diante dela, com a aparência de um rapaz com roupas bonitas... E naquele momento o demônio deu a ela suas marcas; e sumiu deixando-a atônita".⁶⁵⁸ "Ele se engajava em uma

651. Boguet, p. 78.

652. Bodin, p. 227.

653. Uma História Prodígia e Trágica, pp. 4, 5.

654. Boguet, p. 70.

655. De Lancre, Tableau, p. 225.

656. H. G. van Elveu, La Tradition, 1891, v. p. 215. Local e nomes não fornecidos.

657. Kinloch, pp. 122, 123.

658. Pitcairn, iii, p. 601.

relação carnal conosco tomando a forma de uma rena, ou em qualquer outra forma, de vez em quando. Às vezes, ele era como um touro, um elefante, um veado, um rato ou um cachorro, etc., e assim lidava conosco".⁶⁵⁹ "Como disse Margaret Hamilton, parente de James Pullwart... teve uma copulação carnal com o demônio na aparência de um homem, mas ele saiu dali com a aparência de um grande cachorro negro".⁶⁶⁰ O exemplo mais importante está na descrição de Boguet de uma cerimônia religiosa no Sabbath: "*Finalemment Satan après avoir prins la figure d'un Bouc, se consume en feu, & reduit en cendre*".⁶⁶¹

O costume das bruxas de falar de todas as pessoas do outro sexo com quem elas tinham relações sexuais no Sabbath como um "demônio" causava grandes confusões nos acontecimentos. A confusão era acentuada pelo fato de que ambos, bruxos do sexo masculino e feminino, frequentemente usavam um disfarce, ou se apresentavam no mínimo cobertos por um véu.

"Et pource que les hommes ne cedent guieres aux femmes en lubricité, c'est pourquoy le Demon se met aussi en femme ou Succube... Ce qu'il fait principalement au Sabbat, selon que l'ont rapporté Pierre Gandillon, & George Gandillon, pere & fils, & les autres, lesquels disent tout vnanimement, qu'en leurs assemblées il y a plusieurs Demons, & que les vns exercent le mestier de l'homme pour les femmes, & les autres le mestier des femmes pour les hommes".⁶⁶² "Os Incubus nas formas de homens apropriados satisfazem os desejos das bruxas, e os Succubus servem para as Meretrizes dos Magos".⁶⁶³ Margaret Johnson disse o mesmo: "Os seus espíritos geralmente têm conhecimento de seus corpos... Ela também disse que os bruxos normalmente têm espíritos de mulheres e as bruxas têm espíritos de homens".⁶⁶⁴ As meninas que estiveram sob a responsabilidade de Madame Bourignon "declararam que elas mantinham uma co-habitação carnal diária com o demônio; que elas participavam dos Sabbaths ou reuniões, em que elas comiam, bebiam, dançavam e desempenhavam outras atividades de prostituição e sensualidade. Todas tinham o seu demônio em forma de homem; e os homens tinham seus demônios em forma de uma mulher... Eles não tinham o menor sinal de mudança ou de deixar esses prazeres abomináveis, como uma delas que tinha vinte e dois anos de idade um dia me disse: "Não", ela disse, "eu não serei diferente do que sou; eu me sinto satisfeita com minha condição; eu sou sempre acariciada." Uma

659. Id., iii, pp. 611, 613.

660. Scots Magazine (Revista Scots), 1817, p. 201.

661. Boguet, p. 141.

662. Id., p. 65.

663. Pleasant Treatise of Witches (O Tesouro do Prazer das Bruxas), p. 6. A lembrança dos muitos demônios do sexo masculino no Sabbath sobrevive na dança Samalsain no Basses-Pyrénées, onde os servos do sexo masculino do Rei e da Rainha da dança são até hoje chamados de Satãs. Moret, Mystères Égyptiens, p. 247.

664. Baines, i, pp. 607-8, nota.
Bourignon, Parole, pp. 86, 87; Hale, pp. 26, 27.

garota de doze anos disse com certeza que ela conhecia muito bem o demônio, “que ele era um garoto um pouco maior do que ela; ele era o seu amor, e que se deitava com ela todas as noites”; e uma outra garota chamada Bellot, de quinze anos de idade, disse que “sua mãe a tinha levado consigo [ao Sabbath] quando ela era muito jovem, e que por ser ela muito nova, este demônio-homem era então um garotinho também, e cresceu da mesma forma que ela, tendo sempre sido o seu amor, e que ela o acariciava dia e noite”.⁶⁶⁵ Tais ligações às vezes resultavam em casamento. Gaule menciona este fato em sua explanação geral: “Com freqüência ele se casa com elas, por sua própria responsabilidade, ou às vezes com consentimento dos familiares; e por meio do *Livro da Oração Comum* (como um impostor da bruxaria mais tarde me contou na audiência de muitas bruxas)”.⁶⁶⁶ Esta declaração é levantada nos julgamentos: “*Agnes Theobalda sagte, sie sey selbst zugegen auff der Hochzeit gewesen, da Cathalina, und Engel von Hudlingen, ihren Beelzebub zur Ehe genommen haben.*”⁶⁶⁷ O Demônio do Coven de Isobel Ramsay foi evidentemente seu marido,⁶⁶⁸ mas não existe algo que prove que seu casamento tenha acontecido antes de ela se tornar uma bruxa, como no caso de Jane Breadheid de Auldearne, cujo marido “a instigou à bruxaria”.⁶⁶⁹ Eu citei anteriormente a cerimônia do casamento das bruxas em Basses-Pyrénées. Rebecca Weste, filha de uma bruxa, casou-se com o demônio pelo que pode ter sido um rito primitivo; ele veio até ela no momento em que estava indo se deitar, e disse que ela iria se casar com ele, e que ela não poderia negar-se a isso; disse que ele a beijou, mas parecia tão frio quanto argila, e se casou com ela naquela noite, dessa forma; ele a tomou pela mão e a levou até o quarto, e prometeu-lhe que seria seu amado esposo até a morte, e que a defenderia de seus inimigos; e que naquele momento ela prometeu a ele que seria sua obediente esposa até a morte, e a partir de então passou a negar Deus e Jesus Cristo.⁶⁷⁰ Em Edinburgh, 1658, uma jovem mulher chamada Anderson foi julgada: “sua confissão foi a de que ela de fato tinha se casado com o demônio”.⁶⁷¹ As bruxas suecas, em 1670, confessaram que em Blockula “o demônio tinha filhos e filhas que ele uniu em matrimônio”.⁶⁷² Giralduus Cambrensis nos dá uma explicação de um “espírito” na forma de um jovem homem ruivo, chamado Simon, que foi gerado por uma esposa de um camponês daquela comunidade, por um demônio, na forma de seu marido, levando o homem, e seu sogro, à morte, e sua mãe permitindo que vivesse; eis a verdade que a mulher sob interrogatório confessou.⁶⁷³

665. Id., *Vie*, p. 214, 211; Hale, pp. 29, 31.

666. Gaule, p. 63.

667. Remigius, p. 131.

668. Registro do Julgamento na Corte Justiciary em Edinburgh.

669. Pitcairn, iii, p. 616.

670. Howell, iv, 842.

671. O Diário de Nicoll, p. 212, Clube Bannatyne.

672. Horneck, pt. ii, p. 323.

673. Davies, p. 183. Cp. também o nascimento de Merlin. Giralduus Cambrensis, *Itinerary*, Bk. I, xii, 91 b.

VII. A Organização

O culto foi organizado de uma forma tão cuidadosa quanto se faria em qualquer outra comunidade religiosa; cada distrito, entretanto, era independente, e por isso a Mather é justificada quando dizemos que as bruxas “se formaram depois dos costumes da Igrejas Congregacionais”.⁶⁷⁴

1. O Oficial

O chefe ou responsável supremo de cada distrito era conhecido pelos registradores como o “Demônio”. Abaixo dele, em cada distrito, um ou mais oficiais — de acordo com o tamanho do distrito — eram nomeados pelo chefe. Os oficiais podiam ser homens ou mulheres; suas tarefas eram as de organizar as reuniões, despachar advertências, manter os registros do trabalho realizado, manejar os negócios da comunidade e apresentar novos membros. Evidentemente, estas pessoas também observavam quaisquer possíveis conversões, e até mesmo eles entravam em negociações ou se reportavam ao chefe, que, por sua vez, agia de acordo com a necessidade da situação. Durante os Esbats, o oficial assumia o comando na ausência do Grande Mestre; nos Sabbaths, os oficiais eram meramente os cabeças de seus próprios Covens, e eram conhecidos como demônios ou espíritos, embora reconhecidos como muito inferiores em relação aos chefes. O principal oficial agia como um secretário no Sabbath e registrava os relatórios das bruxas em seu livro: se ele era um padre ou um ministro ordenado, e geralmente realizava parte do serviço religioso; mas o próprio demônio sempre celebrava a missa ou o sacramento. Na falta de todas as informações diretas sobre o assunto, é muito provável que o homem, que agia como o principal oficial, se tornasse o Grão-Mestre no caso de morte do antigo chefe. Ocasionalmente, o demônio nomeava um servidor pessoal para si, que o servia durante todos os eventos solenes, mas parecia não ter assumido nenhum cargo oficial na comunidade.

674. Cotton Mather, p. 160.

Estebene de Cambrue (1567) disse que: “*elle a veu au Sabbat un Notaire qu'elle nomme, lequet a accoustumé de leuer les defauts de celles qui ont manqué de se trouver au Sabbat*”.⁶⁷⁵ Nas reuniões do Norte de Berwick (1590), havia vários oficiais, dos quais Fian era o chefe.

“*Robert Grierson being namit, they all ran hirdie-girdie and wer angrie: for it wes promisit he sould be callit 'Ro' the Comptroller, allias Rob the Rowar; for expreming of his name. Johnne Fiene wes ewer nerrest to the Devill, att his left elbok; Gray Meill kepit the dur.* A acusação dita por Geillis Duncan, já mencionado, que confessou que ele [Fian] era seu registrador, e que não havia sequer um homem que fosse capaz de enfrentar as leituras do demônio além dele. [A confissão de Fian] “Que nas reuniões gerais daquelas bruxas sempre estava presente; que ele era o secretário de todos aqueles que necessitavam dos serviços do demônio, usando o nome das bruxas; que ele sempre tomava seus juramentos para seu verdadeiro serviço para o demônio; e que ele escreveu para elas algumas questões de acordo com que o demônio o ordenava”.⁶⁷⁶

Elizabeth Southern, de outra forma conhecida como a velha Mãe Demdike (1613), “era uma agente real do demônio em todas essas festividades”.⁶⁷⁷ O “eminente bruxo” Robert Grieve de Lauder (1649) “foi trazido para uma confissão por ser ele o oficial do demônio naquele país, por avisar todos os vassallos dos satãs para que viessem às reuniões, onde e quando o demônio exigisse...”

O demônio deu a ele tal ordem, que fosse ele seu oficial para avisar a todos sobre os encontros: (como foi dito anteriormente) e com essa responsabilidade ele continuou por um espaço de mais de dezoito anos”.⁶⁷⁸ A evidência com relação a Issobell Shyrie, em Forfar (1661), é longa demais para ser citada, mas fica claro que ela agia como uma oficial.⁶⁷⁹ Isobel Gowdie (1662) diz com toda certeza “*Johne Young, em Mebestowne, nosso Oficial, did drywe the plewgh*”.⁶⁸⁰ A única indicação de uma troca de pessoal é dada por Janet Breadheid, do mesmo Coven a que pertencia Isobel Gowdie.

“*Johne Taylor, meu marido, era então o oficial, porém Johnne Young, de Mebestowne, é agora o oficial de meu Coven. Quando eu cheguei lá, o demônio chamou a todos pelo nome que estava no livro; e meu marido, então, chamou-os até a porta... Quando tínhamos grandes encontros, Walter Ledy, de Penick, meu marido, e Alexander Elder, junto com o demônio, eram os legisladores; e quando havia poucos presentes eu, o falecido Jean Suthirland, Bessie Hay, Bessie Wilson e Janet Burnet os orientávamos*”.⁶⁸¹

675. De Lancre, Tableau, p. 123.

676. Pitcairn, i, pt. ii, pp. 219, 220, 239, 240.

677. Potts, B 2.

678. Sinclair, pp. 46, 47.

679. Kinloch, pp. 124, 129.

680. Pitcairn, iii, pp. 603, 605.

681. Pitcairn, iii, p. 617.

Em Somerset (1664), Anne Bishop parece ter sido a chefe mais importante abaixo do demônio; em outras palavras, a oficial.⁶⁸² Em Paisley (1678), Bessie Weir “foi oficial em seus vários encontros. Bessie Weir declarou a ele [John Stewart], que havia uma reunião que deveria acontecer em sua casa no dia seguinte, e que o demônio sob a forma de um homem negro, Margaret Jackson, Margery Craige e a já mencionada Bessie Weir, deveriam estar presentes. E que Bessie Weir exigia que o declarante estivesse lá, ao que ele prometeu”.⁶⁸³ Na Nova Inglaterra (1692), parece que tanto Bridget Bishop quanto Martha Carrier possuíam alta posição, e foram provavelmente oficiais.

Um trabalho parece ter sido delegado a um indivíduo em específico, que talvez não tenha ocupado nenhum outro cargo, ou que pode, por outro lado, ser o chefe oficial; este era o gerente, quase sempre o líder da dança. Como o ritmo parece ter sido algo essencial para a dança, o líder era necessariamente ativo e geralmente jovem. Em Berwick do Norte (1590), “*John Fein Mussiled levou o anel*”.⁶⁸⁴ Em Aberdeen (1596), Thomas Leyis era o chefe na dança; “*Thomas era o responsável pelo círculo de dança, e embalava Kathren Mitchell, porque ela se perdia na dança e não conseguia acompanhar os demais*”.⁶⁸⁵ Isobel Cockie do mesmo Coven teve a mesma importância; “*na mesma dança, o líder do círculo estava sentado ao lado de Thomas Leys*”.⁶⁸⁶ O Sr. Gideon Penman (1678), que tinha sido antes Ministro em Crichton, foi aos Sabbaths, onde o demônio falava com ele como “*Sr. Gideon, meu capelão*”.⁶⁸⁷ As bruxas diziam que “*geralmente o Sr. Gideon era na parte de trás do lugar em todas as suas danças, e espancava aqueles que diminuam o passo*”. Este Sr. Gideon parece ser a mesma pessoa que o “*bruxo que anteriormente tinha sido admitido no ministério nos tempos presbiterianos, e agora ele se transforma em um pregador abaixo do demônio. — Este vilão era ajudante de satã em suas ações [dando o sacramento]*” e na pregação.”

O servo pessoal do demônio era surpreendente. Em Aberdeen (1596), Issobell Richie foi acusada de “*naquela época prestar honras ao demônio, seu mestre, e foi indiciada por estar presente em todos os encontros e servir como sua serva fiel*”.⁶⁸⁸ John McWilliam Sclater (1656) foi nomeado o portador do disfarce do demônio.⁶⁸⁹

O lautista do demônio também foi uma nomeação oficial na Escócia, mas que não ocorreu em nenhum outro lugar. John Douglas de Tranent

682. Glanvil, pt. ii, pp. 139, 147, 148.

683. Id., pt. ii, pp. 291, 293.

684. Pitcairn, i, pt. iii, p. 246.

685. Clube Spalding Misc., pp. 97, 98.

686. Ib., p. 115.

687. Fountainhall, i, p. 14.

688. Lei p. 145.

689. Spottiswoode Misc., ii, p. 67.

(1659) foi o flautista (aquele que assumia a culpa) do demônio⁶⁹⁰ e também foi um homem citado por Sinclair: “Um Ministro reverendo me disse que aquele que é o flautista do demônio, um mago lhe confessou, que em um baile de dança, o espírito vil ensinava a ele uma canção *Baudy* para que ele pudesse cantar e tocar”.⁶⁹¹

A Rainha do Sabbath pode talvez ser considerada como uma oficial durante os séculos XVI e XVII, embora nos tempos antigos ela tenha provavelmente sido a chefe principal no culto, como Pearson nos mostrou.⁶⁹² Não é improvável que ela tenha sido originalmente a mesma pessoa como a Rainha de Elfhame; na Escócia, no século XVII, existiu a Donzela do Coven, que era um cargo importante no Esbat mas totalmente distinta do cargo da Rainha de Faery, enquanto que em outros lugares uma mulher, que não a Rainha, fosse geralmente a oficial e ocupasse o lugar mais alto depois do Grão-Mestre.

Elizabeth Stile de Windsor (1579) disse que “a mãe Seidre que morava em Almeshouse, era a mestra Bruxa de todas as outras”.⁶⁹³ Marion Grant de Aberdeen (1597) confessou que “o demônio, seu mestre, chamava-as todas para dançar com ele e com a Rainha, que como diziam, era uma linda mulher vestida com seda branca”.⁶⁹⁴ Na França (1609), o costume parece que era algo universal, “*en chasque village trouuer une Royne du Sabbat*”, que estava sentado à esquerda do demônio durante a celebração da missa e recebia as ofertas dos fiéis.⁶⁹⁵ As bruxas chamavam o Grande Mestre e a Rainha do Sabbat.⁶⁹⁶ A confissão de Isobel Gowdie (1662) mostra que a Rainha de Elfhame não era a mesma que a mulher chefe do Coven, porque ela via a Rainha somente quando participava dos eventos imaginários, enquanto que a Donzela do Coven participava de todas as reuniões. “Nós não fazemos muita coisa sem nossa Mestra. – Quando estamos em uma ceia, ou em qualquer outro lugar assim, a senhora de cada Coven senta-se com os demais participantes ao lado do demônio”.⁶⁹⁷ Na Nova Inglaterra (1692), Deliverance Hobbs confessou que a famosa G.B. pregava a eles, e essa mulher era sua diaconisa”.⁶⁹⁸

690. *Ib.*, ii, p. 68.

691. Sinclair, p. 219.

692. Pearson, ii, p. 26.

693. Ensaio, par. 26.

694. Clube Spalding Misc., i, p. 171.

695. De Lancre, *L'Incredulité*, p. 36.

696. *Id.*, *Tableau*, p. 401.

697. Pitcairn, iii, pp. 610, 613.

698. Burr, p. 417.

2. Os Covens

A palavra coven é derivada de “convener” (reunião), e possui várias formas de ser escrita como coven, coeven, covine, cuwing, e até mesmo covey. O principal significado da palavra entre as bruxas é uma “associação” ou “companhia”, que foi estabelecida para a prática dos rituais da religião e para a realização das cerimônias mágicas; para resumir, uma espécie de sacerdócio.

O Coven era composto por homens e mulheres, que pertenciam a um distrito, embora não necessariamente todos moradores de um único povoado, e era governado por um oficial sob o comando do Grande Mestre. Os membros do Coven tinham, aparentemente, o costume de participar do Esbat semanal; e eram instruídos para a prática das artes mágicas, e realizavam todos os ritos e cerimônias do culto. O resto dos moradores do povoado assistiam os Esbats quando podiam ou quando tinham vontade, mas não necessariamente trabalhavam com magia, e eles participavam dos Sabbaths como uma questão de costume. Esta visão da organização da religião é sustentada pela crença comum na França moderna:

*“Il est de croyance générale qu’il faut un nombre fixe de sorciers et de sorcières dans chaque canton, Le nouvel initié reprend les vieux papiers de l’ancien. – Les mauvaises Gens forment une confrérie qui est dirigée par une sorcière. Celle-ci a la jarretière comme marque de sa dignité. Elles se la transmettent successivement par rang d’ancienneté. Il n’existe que cette différence de rang entre les sorciers et les sorcières. Ceux-là se recrutent aussi bien parmi les gens mariés que chez les célibataires”.*⁶⁹⁹

O “número fixo” entre as bruxas da Grã-Bretanha parece ter sido o treze: doze bruxas e a sua oficial. Os membros atuais poderiam ser obtidos, como via de regra, somente quando o registro completo do julgamento encontrava-se disponível; porque quando várias bruxas em um distrito eram levadas a julgamento de uma única vez, elas todas eram consideradas como sendo membros de um Coven, e geralmente os demais membros do Coven eram envolvidos ou, no mínimo, mencionados.

O mais antigo registro de um Coven é o do julgamento de Bessie Dunlop (1567); quando Thom Reid estava tentando induzi-la a unir-se à sociedade, ele a levou até o “*the kill-end, quhair he forbaid her to speik or feir for onye thing sche hard or saw; and quhene thai had gane ane lysfle pece fordwerd, sche saw twelf persounes, aucht wemene and four men: The men wer cled in gentilmennis clething, and the wemene had all plaiddis round about thame and wer verrie semelie lyke to se; and Thom was with thame*”.⁷⁰⁰ Evidentemente este era um Coven que tinha Thom por oficial, e

699. Lemoine, *La Tradition*, 1892, vi, pp. 108, 109. As letras em itálico estão no original.

700. Pitcairn, i, pt. ii, p. 52.

por treze pessoas em cada Covem. Em uma grande reunião em Allensford, onde um grande número de bruxas estiveram presentes, cada grupo de treze tinha com eles um demônio com várias formas diferentes. Também é possível deduzirmos que Ann Armstrong menciona vinte e seis pessoas pelo nome como tendo participado de muitos encontros de seu conhecimento.⁷¹³ Em Paisley (1692), treze pessoas de alto escalão trouxeram uma ação de difamação contra seis pessoas por dizer que eles, os treze, tinham bebido à saúde do demônio na casa de um deles; os difamadores foram punidos, mas o número de pessoas difamadas sugere que a acusação pode ter sido verdadeira”.

3. Tarefas

Uma parte importante da organização era o sistema de se reportar ao Grão-Mestre tudo o que tinha acontecido desde a última grande assembléia. O principal trabalho dos Covens era a realização dos ritos mágicos públicos nos Esbats, ou particulares nas casas das bruxas e seus vizinhos. Nesses ritos, especialmente quando realizados em locais privados, e que eram mais ou menos sobre a natureza dos experimentos, os resultados eram relatados e quando bem-sucedidos eram registrados por escrito para uso futuro.

O livro no qual os registros eram feitos ficava em poder do demônio, que, dessa forma, tinha sempre um arquivo de feitiços mágicos muito bem testados e receitas para matar ou curar, a partir dos quais ele podia instruir seus seguidores conforme a necessidade da ocasião.

A posição do demônio como o instrutor das bruxas pode ser percebida na maioria dos julgamentos na Grã-Bretanha. Cooper explica isso com clareza: “Ele *delivers* no seu Prosélito, e age da mesma forma com os demais, as regras de sua arte, instruindo-os sobre como ferir e ajudar, e tornando-os familiares com tais remédios e venenos, como era seu costume.”⁷¹⁴ Bessie Dunlop (1567) nunca tentou curar nenhuma doença sem antes consultar Thom Reid, quando várias pessoas vinham até ela procurando ajuda para seus problemas, seus animais ou amigos, ou para seus currais que tinham sido enfeitados com algum mal ou rajada de vento, ou ação de elfos, ela antes de qualquer coisa falava com Thom e perguntava: ‘O que posso fazer para ajudá-los?’ Ela nada podia fazer, sem antes falar com Thom”.⁷¹⁵ Alison Peirson (1588) aprendeu sua bruxaria com o Sr. William Simpson, com o filho do irmão de sua mãe, que morava com o povo das fadas. O Sr. William ensinou a ela sobre todas as doenças e sobre as ervas

713. Surtees Soc., xl, pp. 191, 192. *Denham Tracts*, ii, pp. 300-2, 304.

714. Cooper, *Mystery (Mistério)*, pp. 90-2.

715. Pitcairn, ii, pp. 53, 54.

que podiam curar, e como ela deveria usá-las; e sempre mostrava a ela novas direções e como devia proceder. Agnes Sampson, a sábia esposa de Keith (1590), sempre pedia o conselho do demônio nos casos mais sérios; ela tinha um espírito familiar que, sob suas chamadas, aparecia em uma forma visível, e tirava todas as suas dúvidas nos diversos assuntos, especialmente com relação à vida e à morte de pessoas que estavam adoecidas.⁷¹⁶ Grissel Gairdner de Newburgh (1610) foi executada por ter consultado o [demônio], e por ter aceitado suas respostas todas as vezes que precisava de ajuda e assim praticava suas intenções malignas.⁷¹⁷ Elspeth Reoch em Orkney (1616), confessou que o homem imaginário, que ela tinha conhecido, disse a ela que a tinha ensinado a aprender e entender tudo o que ela desejasse.⁷¹⁸ Isobel Haldane de Perth (1623) também obteve todas as suas informações com relação à vida e à morte do homem que tinha a “barba grisalha”, que ela encontrava no meio do povo das fadas.⁷¹⁹ Jonet Rendall, uma outra bruxa de Orkney (1629), declarou que aparecia a ela um homem que ela chamava de Walliman, vestido com roupas brancas com um chapéu branco e que tinha uma barba cinza grisalha. E dizia que iria ensiná-la como fazer curas em seus amigos”.⁷²⁰ Sandie Hunter foi moderadamente bem-sucedido na cura do gado até que ele se uniu ao demônio, que veio até ele em forma de um médico, e disse: Sandie, você tem por muito tempo seguido meu caminho, e nunca me reconheceu como seu mestre. Você deve agora juntar-se a mim, e ser meu servo, e eu o tornarei mais perfeito em seu “chamado”. Assim o homem se entregou ao demônio. Depois disso, ele tornou-se muito famoso por todo o país, por seus feitiços e poder de cura de doenças nos homens e nos animais.” Reginald Scot diz que as bruxas eram instruídas pelo demônio para realizar poções mágicas, e que ele “fornecia a ela todos os pós e raízes de que precisavam para intoxicar o que desejassem”.⁷²¹ Era o demônio que determinava quais túmulos deviam ser abertos para se obter o material para trabalharem com a magia; e quando os corpos tinham sido exumados e desmembrados, ele ensinava as bruxas como usar os fragmentos.⁷²² Era o demônio quem fazia⁷²³ ou batizava⁷²⁴ as imagens de cera e de argila, e enfiava o primeiro espinho ou agulha nelas.⁷²⁵ Era o demônio quem comandava a destruição da agricultura em Auldearne, e ensinava às bruxas daquele lugar todos os feitiços que elas conheciam. “Nós conseguimos todo este poder com o demônio”, dizia Isobell Gowdie.⁷²⁶

716. Id., ii, p. 230.

717. Id., iii, p. 96.

718. *County Folklore*, iii, p. 112. *Mait. Ct. Misc.*, ii, p. 188.

719. Pitcairn, ii, p. 537.

720. *County Folklore*, iii, p. 103.

721. Scot, Bk. III, p. 43.

722. Pitcairn, i, pt. ii, pp. 211, 2-39, 245-6.

723. Glanvil, pt. ii, pp. 293-5.

724. Id., pt. ii, pp. 137-8.

725. Id., pt. ii, pp. 293-5.

726. Pitcairn, iii, pp. 603, 605 seq.

Era o demônio que instigava e supervisionava a destruição da ponte em Cortaquhie, com relação ao que Helen Guthrie disse: “ela própria, Jonnet Stout, e outras delas forçavam seus ombros contra a ponte”, e Isobel Smith confessou: “Nós todos tentamos participar e assim acabamos nos ferindo com nosso esforço”.⁷²⁷

O livro no qual as receitas mágicas foram registradas deve ter sido de grande valor para seu proprietário, o que ele não permitia de bom grado fosse tirado de seu poder. Soube-se que um volume deste trabalho existiu até o início do último século; ele era chamado de *Livro Vermelho de Appin*. Existem duas histórias sobre como ele foi tirado do demônio, porém ambas histórias concordam quando dizem que ele foi tomado por meio de um truque. Ele vinha escrito à mão e continha feitiços para a cura do gado, e era consultado quando as vacas estavam enfeitiçadas e se recusavam a dar leite. Ele também devia conferir poderes mágicos ao seu dono, que diziam saber qual era o desejo do inquisidor antes mesmo de abrir a boca; e ele era em si tão mágico que seu dono tinha de usar uma roda de ferro em sua cabeça quando girava suas páginas.⁷²⁸ Um outro livro do demônio foi pego, aparentemente como uma brincadeira, pelo Sr. Williamson de Cardrona, que o pegou das bruxas enquanto elas dançavam em Minchmoor, mas elas o seguiram e ele o devolveu.

O sistema de reportarem tudo ao chefe da comunidade nos dá a certeza de que ele recebia tantas informações que fazia com que o seu conhecimento de assuntos públicos e particulares parecesse de certa forma algo miraculoso diante dos não-iniciados. Até mesmo aqueles que passavam-lhe as informações tinham uma forte crença em seu poder sobrenatural de matar ou curar, e acreditavam com o mesmo ardor nos encantamentos que ele ensinava a eles como fazer e usar.

Ao reanalisarmos a evidência, parece que as bruxas dos Covens eram obrigadas a exercer seus poderes nos intervalos entre as reuniões; obrigadas a participarem desses encontros, a menos que fossem absolutamente impedidas, com o intuito de aprenderem novos métodos, bem como fazer seus relatórios; obrigadas a obedecer as ordens do Grão-Mestre e tratá-lo com deferência e respeito por causa de sua posição elevada.

4. Disciplina

A disciplina era mantida por um sistema de recompensas e castigos, reforçada ou aliviada de acordo com o caráter pessoal do chefe. Como

727. Kinloch, pp. 122, 133.

728. Campbell, pp. 293-4.

regra, somente os castigos mais severos estão registrados, porém, ocasionalmente, há indicações de punições menores.

Os escritores contemporâneos deixam o sistema de recompensas e castigos muito claro:

“Satã os reunia em uma sinagoga diabólica, e dizia que ela sabia da forma prestativa com que eles tinham realizado seus trabalhos demonstrando sua fidelidade e compromisso, e sabia a quem eles tinham prejudicado”.⁷²⁹ “*Such as are absent, and have no care to be assoygned, are amerced to this paenalty, so to be beaten on the palms of their feete, to be whipt with iron rods, to be pincht and suckt by their Familiars till their heart blood come, till they repent them of their sloath, and promise more attendance and diligence for the future*”.⁷³⁰ “Responsabilizar-se também pelos procedimentos de seus outros alunos, e assim aprová-los ou condená-los de acordo com seus atos”.⁷³¹ Às vezes, em suas assembléias solenes, o demônio ordena que cada um deles conte quais perversidades foram cometidas, e de acordo como a atrocidade e maldade das ações, ele sente-se honrado e respeitado ao receber uma salva de aplausos. Aqueles que se sentem contrários, que não tenham realizado nenhum mal, são espancados e punidos”.⁷³²

O castigo de costume era o espancamento, que era imposto por causa de várias ofensas, principalmente pelo desrespeito ou pela negligência de suas tarefas. Em Arras, 1460, Jean Tacquet, um rico *eschevin*, tinha a audácia de retirar sua lealdade do Satã que lhe tinha forçado a continuar fazendo com que ele fosse espancado cruelmente com uma pata de touro”.⁷³³ Em Lorraine, (1589), o Grão-Mestre parece ter sido peculiarmente brutal:

“*Jana Gerardina, Catharina Russa, e Francisca Fellaea bezeugten, dass sie mehr als einmal schwerlich mit harten Streichen hätten büssen müssen, wenn sie keinen Schaden oder Unglück angestift hätten. Und wie Nicolaea Morelia sagt, hat er sie dermassen zerschlagen, dass ihr der Athem davon ausgeblieben, und sie bey nahe gestorben wäre; Uber welches sich damn nicht zu verwundern sey, sintemahl er eiserne Hände habe, mit denen er ihnen so unbarmhertizg die Köpffe zerschlagen, dass sie deren nicht mehr empfinden*”.⁷³⁴

No distrito de Lyons (1598) “*les Sorciers rendent conte à Satan de ce qu'ils ont fait dès la dernière assemblée, estans ceux là les mieux venus qui ont commis le plus de meschancetez. Les autres sont sifflez & mocquez de tous; l'on les fait mettre à l'escart, & sont encor le plus soutient battus & maltraitez de leur Maistre*”.⁷³⁵ De acordo com Bodin,

729. Danaeus, ch. iv.

730. Gaule, p. 65.

731. Cooper, p. 91.

732. Pleasant Treatise (Tesouro do Prazer), pp. 6-7.

733. Lea, iii, p. 525.

734. Remigius, pt. i, cap. Xiii, p. 59.

735. Bogue, p. 139.

“chacun Sorcier doit rendre compte du mal qu’il a faict sur peine d’estre bien battu.”⁷³⁶ De Lancre diz, “Les Sorciers le vont adorer trois nuicts durant. Ceux qui par nonchalance, ou autre petit empeschment ne s’y trouvent, sont foüietez & battus à l’outrance.”⁷³⁷ Alexander Hamilton (1630) declarou que “thair was ane new tryst appointed be him to be keipit wt thame altogidder within xiii days thereftir upon the cauldbit mure Quhilk meitting was nocht keipit be the said Alexr for the quhilk caus and breking of that tryst the said Alexr was maist rigorously strukin be the devill wt ane battoun at ane meitting keipti betuix thame schortlie thereftir upone gairnetoune hillis.” Na França (1652), duas irmãs foram julgadas por bruxaria: “Icelle confesse n’avoir faict mourir qu’un vaulx et d’avoir été battu par le diable, deux fois, parce qu’elle ne vouloit faire mourir aultres personnes et bestiault”. A outra irmã foi “interrogée sy le diable ne luy avoit conseillé de cracher la Sainte Hostie hors de sa bouche, ou bien ne la point recevoir, dist que non, mais bien que le diable l’at une fois battue fort parce qu’elle l’avait receu”.⁷³⁸ As meninas em Lille (1661) informaram Madame Bourignon que as bruxas eram “forçadas a oferecer-lhe seus filhos, caso contrário o Demônio as espancaria”.⁷³⁹ A explicação de Isobel Gowdie é, como sempre, muito completa:

“Som tymis, among owr felwis, we wold be calling him ‘Blak Johne’, or the lyk, and he wold ken it, and heir ws weill aneughe; and he ewin then com to ws, and say, “I ken weill aneughe what 3e wer sayeing of me!” And then he vold beat and buffet ws werie sor. We wold be beattin if ve wer absent any tyme, or neglect any thing that wold be appointit to be done. Allexr Elder, em Earlseat, vold be werie often beattin. He is bot soft, and cowlid never defend him self in the leist, bot greitt and cry, quhan he vold be scourging him. Bot Margret Wilson, em Auldearne, wold defend hir selfe fynelie, and cast wp hir handis to keip the stroakis off from hir; and Bessie Wilson wold speak crustie with hir townge, and wold be belling again to him stowlie. He wold be beattin and scourging ws all wp and downe with cardis [cordas] and vther sharp scurges, like naked gwhastis; and we wold still be cryeing, “Pittie! pittie! Mercie! mercie, owr Lord!” Bot he vold haue neither pittie nor mercie. When he vold be angrie at ws, he wold girne at ws lyk a dowge, as iff he wold swallow ws up”.⁷⁴⁰

As bruxas suecas (1669) também tiveram razões para se queixarem da crueldade de seu Grão-Mestre: “Até agora tinha sido o suficiente levar apenas um de seus filhos [à reunião] ou o filho de um estranho com elas,

736. Bodin, p. 189.

737. De Lancre, Tableau, p. 398.

738. Do registro do julgamento na Corte de Justiça de Edinburgh.

. Van Elven, La Tradition, v (1891), p. 215. Os nomes das bruxas; e o local não são fornecidos.

739. Bourignon, Vie, p. 222 Hale, p. 37.

740. Pitcairn, iii, p. 613.

mas agora ele havia lhes rogado uma praga e as açoitava caso não o procurassem com as crianças”.⁷⁴¹ Entre as bruxas de Northumberland (1673):

“Todas aquelas que haviam causado mal a alguém tinham que dar explicações a seu protetor, que exaltava aquelas que tinham causado mais injúrias e espancava aquelas que nada tinham feito. – Na reunião mencionada o demônio, em específico, tomava pela mão as que tinham causado mais maldades, e dançava com elas primeiro, e chamava todas para dar explicações, e aquelas que tinham sido más eram elogiadas. O demônio, na forma de um homem negro vestindo roupas pretas, chamou pelo nome Isabell Thompson, de Slealy, viúva, e perguntou a ela quais serviços tinha prestado em sua honra. Ela respondeu que tinha adquirido o poder do corpo de Margaret Teasdale. E depois de ter dançado com ela, dispensou-a e chamou Thomasine, esposa de Edward Watson, de Slealy”.⁷⁴²

Os castigos para as pequenas ofensas eram raramente registrados. Em North Berwick (1590), quando as bruxas voltavam após terem afundado um navio, ao ver que elas tinham se demorado demais, ele após sua chegada lhes aplicou uma punição, que envolvia elas terem de beijar suas nádegas, em sinal de obediência a ele.⁷⁴³ Em Aberdeen (1597), Christen Mitchell confessou que quando o demônio pediu que ela se unisse a ele, respondeu: “Eu me entrego a vossas mãos, mas não irei aqui permanecer; “e então o demônio lhe estendeu suas mãos e ela caiu a seus pés olhando para o chão.”⁷⁴⁴ Beigis Tod, que pertencia a um dos Covens do Norte de Berwick, e que não foi julgado até 1608, se atrasou para chegar em um encontro, “onde o demônio apareceu a eles, e reprovou Beigis Tod com aspereza, por ter se atrasado tanto; ao que obteve a seguinte resposta: “Senhor, não tive como chegar antes,”⁷⁴⁵ Em Lille se quaisquer bruxas desjassem deixar a religião, “o demônio as reprovava com mais severidade, e as obrigava a fazer novas promessas”.⁷⁴⁶ De vez em quando, as bruxas mantinham a disciplina entre elas; esse parece que era o caso somente quando o acusado se negava a realizar de forma correta as performances mágicas. Em Aberdeen, Thomas Leyis “conduzia o círculo e embalava Kathren Mitchell, porque ela não conseguia acompanhar a dança por não ter o ritmo dos outros”.⁷⁴⁷ Em Auldearne, Isobel Gowdie descreveu como as bruxas usavam duras cabeças de flechas: “Eu atirei no Laird de Park, enquanto ele atravessava o Burn de Boath; mas, graças a Deus, ele foi capaz de escapar. Bessie Hay me deu uma grande chamada porque eu errei a pontaria”.⁷⁴⁸ E o ex-ministro de Crighton, Sr. Gideon Penman, agia como o capelão do

741. Horneck, pt. ii, p. 318.

742. Surtees Soc., xl, pp. 191, 195, 197.

743. Pitcairn, i, pt. ii, p. 217.

744. Clube Spalding Misc., i, p. 165.

745. Pitcairn, ii, p. 542.

746. Bourignon, Vie, p. 223 Hale, p. 38.

747. Clube Spalding Misc., i, p. 97.

748. Pitcairn, iii, p. 615.

demônio; “geralmente o Sr. Gideon ficava nos fundos do local durante todos os bailes, e espancava todos aqueles que diminuíam o ritmo”.⁷⁴⁹ Entretanto, uma desculpa razoável para divertir-se com brincadeiras podia ser aceita: “O demônio perguntou a Kathrine Moore por que seu marido não tinha vindo e ela respondeu dizendo que havia uma adolescente em sua casa e que eles não podiam ambos estarem presentes de uma só vez”.⁷⁵⁰

A pena de morte era reservada para os traidores, os de fato e aqueles em potencial. Ela deve ter sido colocada em uso somente depois do culto ter passado a viver seus dias sombrios e, então, somente quando o próprio chefe estava em perigo. Espancamento até a morte, força e envenenamento eram os meios mais comuns de execução.

O exemplo mais antigo ocorreu em 1450, quando a Igreja tinha começado a usar seu poder sistematicamente contra as bruxas. “O inquisidor de Como, Bartolomeo de Homate, o *podestà* Lorenzo de Carorezzo, e o notório Giovanni da Fossato, por mera curiosidade ou porque duvidavam das bruxas que estavam julgando, foram até um local para uma assembléia em Mendrisio e testemunharam a cena escondidos em um lugar previamente preparado. O demônio dirigente fingiu que não sabia da presença deles, e em seu ritmo normal dispensou a assembléia mas, de repente, chamou de volta seus seguidores e os fez atacar os oficiais, que foram muito espancados e morreram depois de quinze dias”.⁷⁵¹ Alesoun Peirson (1588) foi queimada como uma bruxa, depois de ter recebido seu conhecimento das fadas, que ameaçaram que “*gif scho wald speik and tell of thame and thair doingis, thay sould martir hir*”.⁷⁵² As bruxas de Lorraine (1589) fizeram um juramento de silêncio: “*welchen Eyd sie so hoch und heilig halten, dass wenn sie Eydrüchig werden, so darffir halten, also ob sie ewig darumb musten verdampft und gestrafft seyn*”.⁷⁵³ Alice Gooderidge, a bruxa de Derbyshire (1598), foi julgada por bruxaria, ela deveria ter sido executada, mas seu espírito a matou na prisão”.⁷⁵⁴ Jeannette d’Abadie (1609) teve mais sorte do que a maioria porque não foi morta, “*elle a esté battue au sabbat reellement & corporelleme {n}t par deux sorcieres qu’elle nomme, par ce qu’elle avoit reuelé les mysteres du sabbat*”.⁷⁵⁵ John Stewart, o “juglour” de Irvine (1618) – *por his better preferring to the day of the assys, was put in ane lockfast buith, quhair no maner of persoun might haif access to him quhil the doun sitting of the justice court, and for avoyding of putting violent handis on himself, was verie strictly gairdit and flitherit be the airms, as us is, and*

upon that same day of the assys, about half ane hour befor the doun sitting of the doun sitting of the justice court, Mr. David Dickson, minister at Irving; and Mr. George Dunbar, minister of Air, having went to him to exhort him to call on his God for mecie for his bygane wicked and evil lyf and that God wold of his infinite mercie, lowis him out of the handis of the devil quhom he had servit thir mony years by gane. He acquiescit to their prayer and godlie exhortation, and utterit thir words—I am so straithe gairdit that it lyis not in my hand to tak off my bonnett, nor to gett bread to my mouth. And immediately after the departing of the two ministers from him, the Juglour being sent for at the desyr of my Lord of Eglintoune, to be confrontit with ane woman of the burgh of Irvine, purposlie for that effer. He was fund be the burrow officers, quha went about him stranglit and hangit be the cruik of the dur, with ane tait of hemp (or a string maide of hemp, supposed to haif been his garten, or string of his bonnett) not above the lenght of twa span long, his kneis not being from the grund half ane span, and was brocht out of the hous, his lyf not being so layt expellit: but notwithstanding of quahatsomever meines usit to the contrair for remeid of his lyf, he revieit not, but so endit his lyf miserable by the help of the devill his maister”.⁷⁵⁶

Rebecca West, uma jovem bruxa de Essex (1645), confessou a Matthew Hopkins que se ela tivesse de descobrir algo, eles todos tinham dito a Rebecca, que ela deveria suportar mais tormentos na terra do que seria capaz no inferno; e Rebecca disse a este informante que ela havia prometido guardar todos os seus segredos; e, além disso, todos disseram a ela, que jamais deveria confessar qualquer coisa, mesmo que a corda estivesse ao redor de seu pescoço, e ela estivesse prestes a ser enforcada. Em Fifeshire (1640), “Ane Mistres Hendersone (irmã de Fordell Hendersone, no presbitério de Dumfermling) conta que uma vez a senhora de Pittahro, ao ter sido delatada por muitos como sendo uma bruxa, foi presa e levada até Edenbrough, onde foi amarrada; e depois de ter ficado na prisão por algum tempo, estando bem durante a noite, foi encontrada morta na manhã seguinte. Muitos acharam e disseram que ela havia sido enganada e foi estrangulada ou envenenada”.⁷⁵⁷ As crianças suecas (1670) não foram poupadas: “se em algum momento as crianças dessem os nomes daqueles que as tinham levado, elas eram novamente forçadas a irem para Blockula, ou para o caminho da Cruz, e ali eram fortemente espancadas, com tanta violência que algumas delas morriam”.⁷⁵⁸ Se Deliverance Hobbs (1692) foi na verdade espancada, ou se sua declaração foi feita a partir de seu conhecimento do que podia vir a acontecer com ela, não podemos saber com certeza sem referência aos registros

756. Julgamento de Isobel Inch, p. 11.

. Howell, iv, 842.

757. Lamont, p. 12. Para mais informações sobre esta senhora, veja Ross, Aberdour e Inchcolme, p. 339.

758. Horneck, pt. ii, p. 319.

. Cotton Mather, p. 131.

749. Fountainhall, i, p. 14.

750. Highland Papers, iii, p. 26.

751. Lea, iii, p. 501.

752. Pitcairn, i, pt. ii, p. 163.

753. Remigius, ch. xviii, p. 83.

754. Alse Gooderidge, p. 43.

755. De Lancre, Tableau, p. 91.

do julgamento em si, caso Mather esteja disposta a distorcer a evidência: “Ela então testemunhou que este Bispo a havia incitado a assinar o *Libro* novamente, e a negar o que ela havia confessado. Ela afirmou que havia sido a forma deste prisioneiro, que a havia açoitado com rodas de ferro, para forçá-la a fazer aquilo”.⁷⁵⁹ Elizabeth Anderson em Renfrewshire (1696) foi com seu pai para um encontro de bruxas, “muitos deles com receio de que o declarante iria confessar, e que tivessem contado a ela como tinham feito com sua avó, eles a ameaçaram de que iriam dilacerá-la em pedaços se ela se recusasse a fazer o que deveria ser feito”.⁷⁶⁰ John Reid, do mesmo Coven, depois de sua confissão tinha gritado de sua janela na prisão, desejando que Baily Scott mantivesse aquele velho amigo Angus Forrester, que tinha sido seu colega de cela; com isso a companhia perguntou a John quando eles estavam deixando-o na sexta-feira à noite, no dia 21 de maio, se ele desejava ter uma companhia ou se teria medo de ficar sozinho, ele disse que não tinha medo de nada. Então, foi deixado ali até o sábado de manhã e foi encontrado na seguinte posição *viz*: sentado em banco que estava na casa da chaminé, com seus pés no chão e seu corpo esticado para cima, seus ombros encostando na verga da chaminé, ao que sua companhia, especialmente John Campbel um cirurgião que foi chamado, pensou a princípio que se tratava aquela de uma posição comum de estar sentado, e seu colarinho não tendo sido desapertado (ou *run loup*) mas tendo recebido um laço não muito certo, e a presilha não sendo forte o suficiente para agüentar o peso de seu corpo ou da luta, pela qual ele não não foi completamente morto; mas por outro lado, sabia-se que ele estava em uma situação que não podia ter sido ele a agir sobre ele mesmo, concluiu que um extraordinário agente tinha feito isso por ele, especialmente considerando-se que a porta da sala estava trancada, e que havia uma bancada na janela, que não tinha estado ali na noite anterior quando ele foi naquele lugar deixado”.

Um destino semelhante caiu sobre o bruxo Playfair em 1597. Ele foi encontrado estrangulado em sua prisão, em Dalkeith, com as “pontas” de suas calças amarradas ao redor de seu pescoço.⁷⁶¹

759. Narr. Of the Sufferings of a Yong Girle, p. xl.

760. Narr. Of the Sufferings of a Yong Girle, p. xlv; Sadducismus Debellatus, pp. 43-4.

761. Sharpe, p. 46.

VIII. Os Familiares e as Transformações

A questão dos familiares é algo que sempre confundiu o aluno pesquisador dos julgamentos das bruxas, e quase mais que tudo tem sido a causa da crença de que a histeria e a alucinação foram as causas das confissões das bruxas. Ainda assim, quando as explicações são cuidadosamente examinadas, o detalhe circunstancial dado na evidência mostra que aqui, como em qualquer outro lugar, um fundamento baseado em fatos sustenta as declarações dos acusados. Estas declarações são geralmente mal interpretadas e por isso mal representadas pelos registradores, e mais ainda pelos comentaristas modernos, mas pela comparação de detalhes uma quantidade considerável de informações pode ser obtida.

Os familiares podem ser divididos em dois tipos: 1) aqueles pelos quais as bruxas eram descobertas; 2) aqueles que cuidavam das bruxas, obedecendo aos seus comandos.

1. O Familiar da Revelação

A essência deste familiar é que ele não pertence à bruxa, mas, era um animal que aparecia acidentalmente depois da realização de certas cerimônias mágicas. Forbes deixa isso bem claro quando descreve o contrato: “O demônio por sua parte articula com tais prosélitos, com relação à forma em que ele irá aparecer para elas nos serviços que elas devem esperar deles, sobre a realização de certos encantamentos ou ritos cerimoniais”.⁷⁶²

A partir desta declaração e dos fatos revelados nos julgamentos, pareceria que o demônio reservava para a bruxa, em sua admissão, algum tipo de animal ou animais pelos quais ela deveria se revelar, e o que, portanto, o representaria naquele momento, por ele afirmar seu poder, como

762. Forbes, ii, p. 33.

Deus, de conhecer e revelar o futuro. Esta explicação representa o fato de que as bruxas sempre falavam de tais animais como o demônio e acreditavam que eles podiam prever o futuro por seus meios. O método atual de divinização não é preservado; tudo o que resta da cerimônia são as palavras e os gestos que eram usados antes da aparição do animal, e estes somente em alguns casos. O método foi provavelmente obtido em outros lugares onde presságios de animais e pássaros eram praticados, isto é, pela direção e ritmo do animal, por suas ações, por sua voz se ele emitisse qualquer som, e assim por diante. O método de fazer tais observações e de traduzi-los, quando feito, era parte da instrução dada à bruxa pelo demônio; e era geralmente um tarefa descobrir se a pessoa estava ou não enfeitada, o resultado final de uma doença e o tempo de vida de uma determinada pessoa.

Em 1556, John Walsh, de Netherberry, em Dorset, que é capaz de dizer quando um homem está enfeitado; disse, sob juramento, que seu familiar viria até ele em algum momento na forma de um *Culuer* negro acinzentado, e em um outro momento como um cachorro castrado e, às vezes como um homem”.⁷⁶³ Em 1590, Agnes Sampson, a “sábua esposa” de Keith, era “*fylit and convict, that the Devill apperit to hir in likness of ane dog, att quhom she socht her haill responsis that quhene sche wes send for to haill the auld Lady Edmestoune, quhene sche lay seik, befoir the said Agnes departit, sche tauld to the gentilwemene, that che sould tell thame that nycht quhidder the Lady wald haill or nocht; and appointit thame to be in the gardin efter supper, betuix fyve and sax att ewin. Sche passit to the gairdene, to devyise vpoun hir prayer, one quhat tyme sche chargeit the Dewill, calling him ‘Elva’, to cum and speik to hir; quha come in owir the dyke, in liknes of ane dog, and come as neir to hir, that sche wes effrayit, and chargeit him ‘on the law that he lewit on’, to cum na neirar; bot to ansuer hir; and sche demandit, Quhidder the lady wald leif or nocht. Ele disse, ‘Seus dias terminaram.’ Than he demandit, ‘Gif the gentilwemen hir dochteres, quhair thay wer?’ And sche said, that ‘the gentilwemen said, that thay war to be thair.’ He ansuerit, ‘Ane of thame sould be in perrell, and that he sould haif ane of thame.’ Sche ansuerit, ‘It sould nocht be as’, and swa departit fra hir zowling. Fra this tyme qhuill eftir supper, he remanit in the wall [well]. Quhen the gentilwemen come in, the dog come out of the wall, and apperit to thame; quhairatt thay wer effrayit. In the mene tyme, ane of the said gentilwemen, the Lady Torsenze, ran to the wall, being forceit and drawin by the Devill, quha wald haif drownit hir; war nocht the said Agnes and the rest of the gentilwemen gatt ane gryp of hir, and with all hir [their?] forceis drew hir abak agane, quhilk maid thame all effrayd. The dog passit away thaireftir with ane zowle”.⁷⁶⁴*

763. Exame de John Walsh.

764. Pitcairn, i, pt. li, p. 236.

Margerat Clarke, como Agnes Sampson, uma parteira de grande reputação, foi julgada em Aberdeen em 1597 por bruxaria, sendo em seguida enviada para um caso “*and ane Androw Mar cuming for the, the Devill thy maister, quhome thow seruis, and quha techis te all this vytechcraft and sorcerie, apperit to the, in the lickness of ane horss, in ane how and den, and spak and conferrit with the a lang speace. Sendo enviada para um outro caso “and the said guidman of Kincragie sedand his awin best horss, with ane boy of his awin, to bring the to his wyiff; and the said boy on horse cuming to the, and thow beand on the horss behind the boy, att thy awin dure, thy maister Satane, the Dewill, apperit in the licknes of ane gray staig, and convoyit the and the boy fra thy awin hous to Kincragie, and keipit cumpanie all the way with you, with quhome thow haid thy secreitt conference.—Vpone Nwris (Ano Novo) day, thow was att the loche syid besyid Boigloche, and thair thow pudlit be ane lang speace, thy self alane, in ane deip holl amongis the watter; castand watter, erd and stone oure thi schowlderis, and thair was besyid the thy maister the Deuill, quhome thow seruis, in the licknes of ane hen flichteringcg, with quhome thow was thane consultand, and quhais directiounis than thow was taikand”.*⁷⁶⁵

Em Derbyshire, em 1597, “Enquanto que Alice Gooderige disse que seu familiar era como o cachorro de William Gregories de Stapenhill, um boato surgiu de que seu cachorro era seu familiar: Com isso, ele, com seu vizinho mestre Coxe, foram no dia seguinte examiná-la com relação a seu relatório; e ela disse: meu demônio (Eu digo) era como seu cachorro. Assim sendo o fato (disse Gregorie), e partiu: ela sendo mais cuidadosamente examinada, disse que tinha recebido seu familiar de sua mãe”.⁷⁶⁶ Alexander Hamilton, julgado em Edinburgh em 1630, confessou que — “*haifing ane battoun of fir in his hand the devill than gave the said Alexr command to tak that battoun quhan evir he had ado with him and thairwt to strek thruse upone the ground and to nhairge him to ruse up foule theiff Conforme to the whilk directioun and be streking of the said battone thyrse upone the ground the devill was in use sumtymes to appeir to the said Alex in the licknes of ane corbie at uther tymes in the schape of ane katt and at uther tymes in the schape of ane dog and thereby the said Alexr did ressave reponsis frome him.—The said Alexr Hamiltoun coming to the said Thomas Homes house and seing him visseit with the said seiknes declairit to him that he was bewitched and promeist to cure him thereof Lykas for this effect the said Alexr schortlie thereftir past to clarkingtoun burne besyde the rottoneraw haifing ane katt under his okister and thair wt his said battoun raisit Sathan his maister quha than apperit to him in the liknes of ane corbie and thair instructit him be quhat meanis he sould cure the said Thomas of his said seiknes and he haifing ressauit that respons fra the devill the said Alexr thereftir cuist to him the kat quha therewt vanischet away”.*⁷⁶⁷

765. Clube Spalding Misc., i, pp. 157-60.

766. Alse Goodridge, p. 27.

767. De um julgamento não publicado na Corte de Justiça em Edinburgh.

Duas das bruxas de Somerset em 1664 tinham familiares; para Elizabeth Style, o familiar veio como um cachorro preto, “e quando ela sente necessidade de praticar alguma coisa má, ela chama o espírito pelo nome de Robin, a quem, quando ele aparece, usa estas palavras: “Ó, Satã, conceda-me meu propósito”. Ela, então, conta a ele o que ela teria feito. E que ele deveria assim aparecer para ela como parte de seu acordo com ele. Alice Duke disse: “que quando o demônio faz qualquer coisa com ela, ela o chama pelo nome de Robin, ao que ele aparece, e quando na forma de um homem, ela consegue ouvir a voz dele”.⁷⁶⁸ Isso mostra que o familiar, ou demônio como ela o chamou, não vinha sempre na forma de um homem. O julgamento de Margaret Nin-Gilbert, em Thurso, aconteceu no final do ano de 1719. Ao ser interrogada para saber se o demônio alguma vez apareceu para ela, confessou que, às vezes, ele aparecia na forma de um grande cavalo negro, e outras vezes vinha cavalgando em um cavalo negro, e que, às vezes, ele aparecia na forma de uma nuvem negra e, noutras, como uma galinha preta.⁷⁶⁹

2. O Familiar Doméstico

Forbes, o grande advogado escocês, diz que para alguns ele [o demônio] dá certos espíritos ou demônios para se corresponderem, e os serve como seus familiares, conhecidos deles por alguns estranhos nomes, pelos quais eles respondem quando chamados. Dizem que estes Imps ficam guardados em panelas ou outros recipientes.⁷⁷⁰ Embora o familiar doméstico seja assim mencionado na lei da Escócia, ele nunca é referido nos julgamentos. Ele ficou tão fortemente restrito na Inglaterra, que Hutchinson pode dizer que: “Eu encontro com pouca menção os Imps em qualquer país que não o nosso, onde a lei torna um crime, o fato de alimentá-los, amamentá-los ou recompensá-los”.⁷⁷¹ Ele não é encontrado ao norte de Lancashire, e os registros do chefe estão em Essex, Suffolk e nos outros condados do oriente.

O familiar doméstico era sempre um animal doméstico, alimentado de forma especial com pão, leite e sangue, e ele era mantido, como Forbes explica, em uma caixa ou em uma panela de barro em uma cama de lã. Ele era usado para trabalhos mágicos nas pessoas e propriedades de outras pessoas, nunca para adoração. Giffard registra a crença geral: “As bruxas têm seus espíritos, algumas têm um, outras mais, como dois, três, quatro ou cinco, às vezes em uma única forma e, às vezes em uma outra, como gatos, doninhas, sapos ou ratos, de quem elas cuidam e alimentam com

768. Glanvil, pt. II, pp. 136, 137, 152.

769. Sharpe, p. 191.

770. Forbes, ii, pp. 33.

771. F. Hutchinson. Hist. Essay, p. 77.

leite ou com uma galinha, ou deixando que eles recebam de vez em quando uma gota de sangue”.⁷⁷²

Nos julgamentos mais antigos, as bruxas confessavam ter picado as mãos ou o rosto e oferecer as gotas de sangue ao familiar. Nos julgamentos posteriores, nota-se que este costume desenvolveu-se para o ato de o familiar sugar o sangue da bruxa, e o mamilo superveniente, que era uma marca característica das bruxas inglesas, era acreditado como tendo sido causado por tal ato de sucção. É mais provável, no entanto, que a bruxa que possuía o mamilo superveniente o considerasse como sendo algo supernatural, e o utilizava para amamentar o animal sobrenatural.

Elizabeth Francis, julgada em Chelmsford em 1556, aprendeu sua arte de bruxaria com sua avó, que se chamava Eve. Quando ela a instruiu, ela convenceu-a de que deveria renunciar a Deus e sua palavra, e dar seu sangue a Satã (como ela o chamava), o que surgiu a ela na forma de um gato manchado de branco e ensinou-lhe que deveria alimentá-lo com pão e leite, e ela assim o fez, e também ela lhe ensinou como chamá-lo pelo nome de Satã e mantê-lo em um cesto. Sempre que ele fazia qualquer coisa por ela, ela dizia que ele exigia uma gota de sangue, ao que ela lhe dava ao picar seu próprio corpo; às vezes, em um determinado lugar e, às vezes em outros. Quando ela já tinha mantido aquele gato pelo tempo de 15 a 16 anos, e como alguns disseram (embora não fosse verdade), estando cansada dele, ela foi até a mãe de sua vizinha Waterhouse e levou a ela aquele gato enrolado em seu avental e ensinou a ela da mesma forma que sua avó Eve havia ensinado, dizendo que ela deveria chamá-lo pelo nome de Satã e dar a ele de seu sangue, pão e leite como era seu costume. A mãe Waterhouse recebeu aquele gato da esposa de Frances. Ela (para ver o que ele era capaz de fazer) ordenou que ele matasse um de seus porcos, o que ele fez, e por seu trabalho ela lhe ofereceu uma galinha, o que ele exigiu dela antes de receber uma gota de seu sangue. E isso ela lhe oferecia todas as vezes quando ele fazia algo por ela, perfurando sua mão ou seu rosto e colocando o sangue na boca dele, o que ele sugava e em seguida ia deitar-se em seu lugar novamente, onde ela o mantinha. Em uma outra vez, ela o recompensou como antes, com uma galinha e uma gota de seu sangue. Ele comeu toda a galinha, e ela não encontrou seus restos de ossos ou penas. Ela também disse que quando ela pedia que ele fizesse algo para ela, ela dizia o seu Pai-Nosso em latim. Depois de algum tempo, a mãe Waterhouse confessou que ela transformou aquele gato em um sapo com o que havia aprendido. Ela manteve o gato por bastante tempo em uma panela e depois de algum tempo, devido à pobreza, ela rezou em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, pedindo que ele se transformasse em um sapo, o que aconteceu, mantendo-o também na panela”.⁷⁷³

772. Giffard, p. 18.

773. Bruxas de Chelmsford, pp. 24-32; Philobiblon Soc., viii.

Em 1579, em Windsor, a mãe Dutton, que morava em Cleworthe Parishes mantinha um espírito na forma de um sapo, e alimentava-o com ervas verdes de seu jardim e com sangue que ela tirava de sua própria carne. A mãe Deuell, que morava próximo ao lago em Windesore, tinha um espírito na forma de um gato preto, e o chamava de Gille, que a ajudava com sua bruxaria, e diariamente o alimentava com leite, misturado com seu próprio sangue. A mãe Margaret, que morava em Almeshouse em Windesore, tinha um filhote de gato que ela chamava de Ginnie, e o alimentava com migalhas de pão e seu próprio sangue. A famosa Elizabeth Stile confessou que ela também tinha um rato, sendo ele um espírito muito mau, chamado Philip, e que ela alimentava esse rato com sangue que tirava do seu pulso direito, cujas marcas demonstravam com evidência.⁷⁷⁴

Em St. Osyth, Essex em 1582, Thomas Rabbet, com oito anos de idade, disse que sua mãe Ursely Kemp “possuía quatro espíritos, o primeiro chamado Tyffin, o segundo Titty, o terceiro Pigine e o quarto Jacke: e ao perguntar de que cor eles eram, disse que Titty é como um gato de cor cinza,⁷⁷⁵ Tyffin como um carneiro branco, Pigine um sapo preto, e Jacke um gato preto. E ele disse que chegou a ver sua mãe algumas vezes dar cerveja para eles beberem, e pão branco ou bolo para comerem e disse que, durante a noite, os espíritos vinham até sua mãe e sugavam sangue de seus braços e de outras partes de seu corpo. Febey Hunt, enteada de Ales Hunt das bruxas acusadas, declarou que ela viu sua mãe com dois pequenos animais parecidos com cavalos,⁷⁷⁶ um branco e o outro preto, que ela mantinha em um pequeno recipiente feito de barro assentado com lã de cor branca e preta, e que eles ficavam ao lado de sua cama em seu quarto, e disse que chegou a ver sua mãe dando leite a eles. A própria Ales Hunt disse que ela teve em um prazo de seis dias antes de seu exame dois espíritos, que pareciam pequenos potros, um preto e o outro branco. E disse que os chamava pelos nomes de Jacke e Robbyn. O exame provou que sua irmã (chamada Margerie Sammon) também tinha dois espíritos em forma de sapos, um chamado Tom, e o outro Robbyn. Ursley Kemp confessou que depois de mais ou menos três meses, ela foi até a casa da mãe Bennets pedir um pouco de leite que a bruxa havia lhe prometido. Porém, ao ser examinada, disse que bateu à porta e ninguém atendeu, e então ela foi até a janela de seu quarto e bateu chamando a mãe Bennet para descobrir se ela estava em casa. E olhando para o lado, viu de relance um espírito levantando um pano, que cobria uma panela, que parecia um furão. E quando perguntaram a ela sobre o espírito e o porquê cuidar dele, ela simplesmente

774. Ensaio, par. 2-5.

775. Também chamado de Tissey. Compare o nome do gato mágico dado a Frances Moore pela dona de casa Weed, p. 219.

776. Na confissão da própria Ales Hunt (q.v.) os animais em questão são chamados de potros. Eu sugeriria que ela estava querendo dizer cotes em inglês arcaico que pode significar gatos; porém o registrador entendeu a palavra como potros e mais tarde trocou-a por cavalos.

respondeu que ele sentia fome. Elizabeth Bennet reconheceu que tinha dois espíritos, um chamado Suckin, que era um cachorro preto, e o outro chamado Lierd, que era um leão vermelho. Ao serem examinados, descobriram que o cachorro Suckin era macho e o leão, na verdade, era uma fêmea. Por muitas vezes eles beberam leite de sua tigela. E sempre bebiam de seu leite: este exame provou que eles ficavam no recipiente de barro, e que se deitavam na lã. Ursley Kemp também nos deu algumas evidências com relação aos familiares de Ales Hunt: “Por volta do dia quatorze ou quinze de janeiro, ela foi até a casa de William Hunt para ver como estava sua esposa, e ela sendo muito amiga da casa, foi pela janela do quarto chamá-la e olhou para dentro; e pôde ver um espírito olhando por debaixo de uma vasilha embaixo de um pano, e notou que o focinho era marrom como o de um furão”.⁷⁷⁷ Em 1588, em Essex, uma senhora, cujo nome não é mencionado, confessou tudo e, como resultado, apresentou o seguinte: um em forma de gato, o qual ela chamava de Lightfoot, um outro em forma de sapo, ela chamava de Lurch, e o terceiro um porco cujo nome era Makeshift. Lightfoot, ela disse, a Mãe Barlie de W. tinha vendido a ela seis anos antes, em troca de um bolo de forno, e disse-lhe que aquele gato a ajudaria com muitas coisas de que ela precisasse, e que podia pedir o que quisesse: este gato ficou com ela por pouco tempo, mas o porco e o sapo vieram e lhe ofereceram seus serviços. O gato matava galinhas e o porco matava cavalos, o sapo causava pragas nos corpos dos homens. Havia uma velha mãe W. do grande T. a qual tinha um espírito em forma de porco: ela sentiu-se profundamente ofendida com H. M. na casa onde tinha ido e invocou seu espírito, que estava deitado em uma panela forrada com lã embaixo de sua cama e fez com que ele ferisse o homem; ele perguntou o que ganharia em troca. Ela disse que daria a ele um galo, e ela cumpriu. Uma outra mãe, W., “disse possuir um espírito em forma de gato amarelo.”⁷⁷⁸

Em Lancashire, 1613, a velha mãe Demdike confessou que em um dia de sábado de manhã, tendo esta Examinadora uma pequena criança em seu joelho, e estando no escuro, o espírito surgiu diante dela na forma de cachorro marrom, forçando seu peso sobre seu joelho, para receber sangue debaixo de seu braço esquerdo; e ela não tendo como esquivar-se, o demônio conseguiu o que queria.⁷⁷⁹ Das bruxas que rogaram pragas na família Fairfax em Fewstone, 1621, cinco delas tinham familiares domésticos: O gato de Margaret Waite era algo deformado com vários pés, preto e tinha pelos grossos; a filha de Margaret Waite tinha como “seu espírito”, um gato branco manchado de preto que se chamava Inges; Jennet Dibble tinha “seu espírito” na forma de um grande gato preto chamado Gibbe, que a

777. Bruxas levadas para St. Oses, A 3, A 5, C 3 e 4, B 2, B 5 e C 1, B 3.

778. Giffard, pp. 19, 27, 39.

779. Potts, B 3.

tinha servido por mais de quarenta anos; a filha de Dibble, Margaret Thorpe, tinha um familiar em forma de um pássaro que tinha a parte de cima de sua cabeça com penas amarelas—o seu nome era Tewhit. O espírito de Elizabeth Dickenson tinha a forma de um gato branco, que ela chamava de Fillie, e ela o teve por vinte anos.⁷⁸⁰ A bruxa de Edmonton, Elizabeth Sawyer, em 1621, disse: “Faz oito anos, desde que nos conhecemos, e três vezes por semana, o demônio vinha me ver; às vezes, ele vinha pela manhã e, às vezes, no final da tarde. Sempre na forma de um cachorro, com duas coleiras, às vezes preto, às vezes branco. Eu deixava que ele sugasse do meu sangue, que era o que ele me pedia. Quando chegava latindo diante de mim, ele tinha realizado algo para ela. Eu chamava o demônio pelo nome de Tom. Eu acariciava suas costas e ele se deitava ao meu lado, e balançava seu rabo para demonstrar que estava satisfeito”.⁷⁸¹ Margaret Johnson, uma outra bruxa de Lancashire, em 1633, também disse que, sempre que seu demônio vinha comer de sua comida, ele geralmente aparecia na forma de um gato, às vezes de uma cor e às vezes de outra (*sic*). E desde que aquele mal havia caído sobre ela, seu espírito partiu e ela nunca mais o viu”.⁷⁸²

De 1645 a 1647, foram captados os registros mais importantes dos julgamentos das bruxas de Essex e dos países do oriente, que estão detalhados no trabalho de Matthew Hopkins. Os julgamentos de Essex aconteceram em 1645: John Sterne, ajudante de Hopkins, declarou quando viu Elizabeth Clarke: “a conhecida Elizabeth pediu que seu informante, e os demais que estavam na sala com ela, se sentassem e disse que iria mostrar para seu informante e para os demais alguns de seus demônios: e num prazo de meia hora apareceu uma coisa branca na forma de um gato que não era muito grande: e ao perguntarem se ela não tinha medo de seus demônios, Elizabeth respondeu: “O quê? Você acha que tenho medo de meus filhos?” E então ela chamou o nome daquele demônio branco, Hoult. E seu informante disse que logo em seguida surgiu um outro demônio branco, com manchas vermelhas, do tamanho de um cachorro, que ela chamou de Jarmara: que imediatamente, apareceu próximo ao batente da porta um outro demônio que tinha aproximadamente o mesmo tamanho do primeiro, mas que rapidamente sumiu. E então perguntaram a Elizabeth se outros demônios viriam. Ela respondeu: “Vinegar Tom irá aparecer de vez em quando”. E logo depois surgiu um outro na forma de um cachorro mudo, de alguma forma maior do que os outros. E Elizabeth também disse ao seu informante que ela tinha recebido três demônios de sua mãe, que tinham a cor marrom, e dois deles do velho amigo Weste; e então cinco [quatro?] demônios apareceram, mas que ela tinha mais um, chamado Sack e Sugar.

780, Fairfax, pp. 32, 33, 34 79, 82.

781. A Maravilhosa Descoberta de Elizabeth Sawyer.

782. Withaker, p. 216.

E Elizabeth, mais tarde, confessou a seu informante, que ela tinha um demônio pelo qual lutaria dando seu sangue para não perdê-lo; e que seus demônios freqüentemente sugavam do sangue do velho Weste, e que também sugavam de seu sangue da mesma forma. Anne Leach disse que teve um demônio cinza que lhe foi enviado, e que ao examiná-lo, com Elizabeth Clark e Elizabeth, a esposa de Edward Gooding, ficou com ele por quase um ano, e enviou seus demônios para matarem uma vaca preta e uma vaca branca do Sr. Edwards, o que foi atendido. E depois ficaram sabendo que ela havia enviado seu demônio cinza, Elizabeth Clark um demônio preto e Elizabeth Gooding, um branco. E o examinador confessou que ela e Elizabeth Gooding enviaram seus demônios para matarem o filho do Sr. Edwards; o demônio deste examinador era branco e o de Elizabeth Gooding era preto; e durante trinta anos o examinador manteve seu demônio branco e mais dois, um cinza e um preto que pertencia a Anne, a esposa de Robert Pearce de Stoak em Suffolk, sendo irmão dela; estes demônios passavam naturalmente de um para outro, e causavam mal onde quer que fossem; quando este examinador não os enviava ou os incitava a causar danos fora dali, ela não tinha sua saúde em boas condições, mas quando, do contrário, ela se sentia bem, e estes demônios geralmente sugavam nos bicos dos peitos que foram descobertos nas partes privadas de seu corpo. Hellen Clark confessou, seis semanas antes de o demônio aparecer para ela, na forma de um cachorro branco, que ela o chamou de seu familiar Elimanzer; e seu examinador o alimentava sempre com leite. Rebecca West disse, cerca de um mês antes, que a famosa Anne Leach, Elizabeth Gooding, Helen Clark, Anne West e seu examinador se reuniram na casa de Elizabeth Clark em Mannintree, onde elas ficaram algum tempo em oração para seus familiares, e todas fizeram suas preces; depois disso algumas delas leram um livro, que pertencia a Elizabeth Clark; e seu examinador disse que assim seus familiares apareceram e cada uma delas fez suas propostas aos familiares, pedindo tudo que desejavam que acontecesse. As informações de Matthew Hopkins, Gent, foram adquiridas sob juramento diante dos oficiais de justiça. Este informante disse que, estando em Colchester, foi até o castelo onde Rebecca Weste, com as outras cinco, ficaram protegidas até o próximo acontecimento: e este informante, indo até Rebecca Weste e perguntando a ela como tinha se tornado uma bruxa, Rebecca respondeu que, uns anos antes, mais ou menos meia hora antes do pôr-do-sol, Anne West (sua mãe) carregou Rebecca Weste até Mannintree (que ficava a uma milha do lugar onde Anne morava) e Rebecca contou ao seu informante como sua mãe e ela caminhavam juntas, Anne disse a Rebecca para guardar segredo do que iria ver no lugar para onde estavam indo, e Rebecca, então, prometeu que assim o faria; e Rebecca disse ao seu informante que sua mãe e ela foram até a casa de Elizabeth Clarke, e ao chegarem, encontraram Anne Leach, viúva, Elizabeth Gooding, Hellen Clarke e a dona da casa Elizabeth Clarke, e que logo em seguida apareceu o demônio na for-

ma de um cachorro; depois na forma de dois filhotes de gato; mais tarde, na forma de dois cachorros; e que os familiares se sentiam à vontade na casa de Elizabeth Clarke, e subiam em seu colo e a beijavam; e depois foram até as demais e beijaram todas as que estavam na sala, com exceção de Rebecca. Rebecca contou ao seu informante que, imediatamente, uma das presentes perguntou a Anne, sua mãe, se ela já tinha contado a verdade a sua filha (Rebecca) sobre os acontecimentos. [Rebecca então fez um juramento de segredo]; depois de ter aceitado tudo aquilo, o demônio, veio em seu colo e a beijou e prometeu que faria por ela o que desejasse. – As informações de Elizabeth Otley de Wyvenhoe foram coletadas sob juramento, diante dos oficiais de justiça. Este informante disse que Alice Dixon, que hoje é tida como uma possível bruxa, na presença de Mary Johnson da mesma cidade, julgou e fez com que Mary Johnson condenasse à morte o filho deste informante, dizendo que Mary Johnson levou consigo um demônio em seu bolso até a casa do informante e o instalou na casa por meio de um buraco na porta, fazendo com que ele fosse balançar o berço e realizar o que deveria. As informações de Joseph Long, Ministro de Clacton, do Condado de Essex, foram coletadas diante dos oficiais de justiça. Este informante disse que Anne, a esposa de John Couper de Clacton, foi acusada por uma bruxa. Confessou a ele que Anne tinha três demônios pretos, os quais sugavam pelas partes baixas privadas de seu corpo; chamados pelos nomes de Wynowe, Jeso e Panu. E Anne mais tarde confessou a seu informante que ela (Anne) ofereceu para dar a sua filha Sarah Cooper um demônio na forma de um gato cinza, para mamar em Sarah; com isso, o demônio recebeu o nome de Tom; e disse a Sarah que havia um gato para ela. Este informante Henry Cornwall falou que Margaret [Moone] confessou a ele que ela tinha doze demônios, e os chamava por seus nomes; dos quais se lembra somente os seguintes: Jesus, Jockey, Sandy, Mrit. Elizabeth e Collyn. As informações de Francis Milles foram tomadas sob juramento diante dos oficiais de justiça. Este informante disse que ao perguntar a Margaret [Moone] sobre seus demônios, aqueles que sugavam de seus mamilos, ela disse que toda vez que tinha disponível pão e cerveja, chamava seus demônios; quando eles chegavam ela colocava o pão na cerveja e punha-os em um buraco na parede e fazia um círculo ao redor da panela, e então chamava: “Venha Cristo, venha Cristo, venha Monsenhor”, e nenhum demônio aparecendo, ela gritava ainda mais alto e dizia que tinha filhas diabólicas, traziam seus demônios em uma mala branca, e pedia que eles fossem procurados. As informações de Francis Stock e de John Felgate foram tomadas sob juramento diante dos oficiais de justiça. Francis e John disseram que Sarah Barton disse a eles que Marian [Hocket] tinha entregue a Sarah três demônios, e que Marian chamava-os pelos nomes de Littleman, Pretty-man e Dainty. – A este examinador, Elizabeth Harvie disse que há mais ou menos meio ano antes, Marian Hocket tinha trazido três coisas para sua casa, duas delas que eram menores do que

ratos, e a outra de alguma forma maior e mais longa; e que Marian disse ao seu examinador que eram figuras bonitas, e que fariam coisas boas por ela e por este examinador se eles os mantivessem. Rose Hallybread disse que há quinze ou dezesseis anos antes fora trazido um demônio para sua casa pela dona de casa Hagtree, que este examinador o entreteu, alimentou com farinha de aveia, e que sugou de seu corpo, por um período de um ano e meio, ou mais, e então perdeu-o. E este examinador mais tarde disse que, cerca de seis meses antes, Joyce Boanes (que é hoje também acusada de bruxaria), trouxe até a casa deste examinador um outro demônio, na forma de um pequeno pássaro cinza, que ele recebeu. E ele mais tarde disse que cerca de oito dias antes, Susan Cock, Margaret Landish e Joyce Boanes (todas hoje suspeitas de bruxaria) trouxeram cada uma delas até a casa deste examinador um demônio (três no total), ao que ele juntou um de seus demônios; e então Joyce Boanes levou os quatro demônios à casa de Robert Turner, para atormentar seu criado. Joyce Boanes disse que, cerca de treze anos antes, ela tinha tido dois demônios que iam para a cama com ela na forma de ratos, e que eles sugavam de seu corpo. E este examinador também disse que ela havia levado um de seus demônios, chamado Rug, até a casa de Rose Hallybread; e Rug, com os três demônios de Rose Hallybread, Susan Cock e Margaret Landish, cada uma com um, foram levados por este examinador da casa de Rose Hallybread até a casa de Robert Turner, para assassinar o criado de Robert. Susan Cock disse que cerca de três ou quatro anos antes, Margery Stoakes, a mãe da examinadora, em seu leito de morte, e a examinadora vindo visitá-la, Margery pediu em particular que a examinadora divertisse seus dois demônios, e ainda disse que eles lhe fariam bem. E ela afirmou que na mesma noite em que sua mãe havia morrido os dois demônios tinham ido até ela e sugado de seu sangue. E a examinadora falou que um dos demônios era como um rato e seu nome era Susan; o outro era do tamanho de um gato de cor amarelada, e o nome daquele demônio era Besse. Rebecca Jones disse que quando ia para St. Osyth (onde esta examinadora hoje reside) para vender a manteiga de seu mestre, um homem encontrou-se com ela, vestido com um terno velho, com olhos muito grandes, e a examinadora sentiu medo; ele veio até ela e lhe deu três coisas semelhantes a mulas, pois tinham quatro pés cada uma, mas sem rabos, e de cor negra, e pediu para ela cuidar deles até que ele os quisesse de volta. E a examinadora perguntou ao homem o que ela deveria dar para eles comerem, e ele respondeu que leite seria o suficiente, e eles não iriam feri-la, e pediu-lhe para não ter medo deles. E o homem ponderou que aquelas três coisas que ele estava dando a ela iriam defendê-la de seus inimigos, e iria às vezes mordê-la mas sem ferir, e deste modo ele a perdoaria; e então partiu. E a examinadora disse que os nomes de seus três demônios eram Margaret, Amie e Susan. E que pouco tempo depois, a examinadora e Joyce Boanes, então presa, enviaram cada uma um demônio para matar Thomas Bumstead de St. Osyth. E o demônio que Joyce Boanes enviou era como

um rato. Johan Cooper disse que era uma bruxa há vinte anos, e que tinha três familiares, dois em forma de ratos, e o terceiro em forma de rã; os nomes dos dois ratos eram Jacke e Prickeare, e o nome do terceiro era Frog. Anne Cate disse que tinha quatro familiares, que tinha recebido de sua mãe, cerca de vinte de dois anos antes, e os nomes dos demônios eram James, Prickare, Robyn e Sparrow; e três destes demônios eram como ratos, e o quarto como um pardal, o qual ela chamava de Sparrow”⁷⁸³.

Em 1646, as bruxas de Huntingdonshire foram julgadas. Elizabeth Weed, de Great Catworth, confessou que cerca de vinte e um anos antes de ela começar a fazer suas orações no final do dia, perto do horário de dormir, apareceram diante dela três espíritos, um em forma de um jovem homem ou garoto, e os outros dois em forma de dois filhotes de cachorro, um branco e o outro preto. Quando indagada sobre os nomes dos espíritos inferiores, ela disse que o nome do cachorro branco era Lilly, e o preto Priscill; e que o trabalho de Lilly era ferir homens, mulheres e crianças, e o de Priscill era ferir gado, quando ela desejasse. Francis Moore falou que cerca de oito anos antes ela havia recebido um pequeno cachorro preto de Margaret Simson de Great Catworth, que era o cachorro que Margaret tinha em sua cama, e havia adquirido quando ele tinha sido dado à examinadora. Ela, mais tarde, comentou que Margaret tinha lhe dito que deveria ficar com o cachorro por toda sua vida; e que se amaldiçoasse qualquer gado, e enviasse o cachorro até eles, eles morreriam imediatamente, e Margaret disse a ela que já tinha dado um nome a ele, que era Pretty. E a examinadora mais tarde falou que, na mesma época, a dona de casa Weed tinha lhe dado um gato branco, dizendo-lhe que se negasse Deus, e fizesse o mesmo em seu sangue, então, qualquer pessoa que ela amaldiçoasse e a ele enviasse seu gato, morreria pouco tempo depois. Com isso, a examinadora disse que negaria Deus, e para confirmar o que dizia furou seu dedo com um espinho, o que fez o sangue jorrar e que foi dado ao gato para lambar, e a dona da casa (*sic*) Weed colocou no gato o nome de Tissy. Mais tarde, ela disse que havia matado o gato e o cachorro um ano antes. Joan Wallis, de Keiston, disse que o demônio veio até ela e ela perguntou qual era seu nome, e ele disse que se chamava Blackeman, e perguntou se ela era pobre, e ela disse que sim; então ele falou que iria enviar a ela um Grissel e um Greedigut os quais fariam tudo por ela. E depois de Blackeman ter partido, dentro de três ou quatro dias, Grissel e Greedigut vieram até ela, na forma de cachorros com grandes focinhos com pêlos de javalis sobre suas costas. “As observações dadas por John Winnick, Ellen Shephard e Anne Desborough sugerem que eles se tratam de ampliações confusas do ritual observado na hora de aceitar um familiar, o ritual que evidentemente

783. Howell, iv, 834 et seq.

foi dado na confissão de Francis Moore quando ela foi presenteada com o gato Tissy. John Winnick disse: “Em uma sexta-feira quando eu estava no celeiro [onde ele perdeu sua bolsa] apareceu diante dele um espírito, negro e despenteado, que tinha patas como as de um urso, mas em volume não tão maior do que um coelho. O espírito perguntou a ele o que o tinha feito se sentir tão aflito, ao que ele respondeu que havia perdido uma bolsa com seu dinheiro, e não sabia o que fazer para recuperá-la. O espírito respondeu que, “se você desertar a Deus e ao Cristo, e cair de joelhos e me adorar como seu Deus, eu lhe ajudarei a reencontrar sua bolsa e seu dinheiro”. Ele aceitou a proposta e assim caiu de joelhos e levantou suas mãos. Então, o espírito disse: “amanhã por volta desta hora do dia, você irá encontrar sua bolsa”. Foi, então, que, no horário dito, o sujeito voltou para o lugar e achou sua bolsa no chão e a pegou, e ao olhar dentro dela, achou todo seu dinheiro que estava perdido: mas antes mesmo de contar, o mesmo espírito apareceu diante dele, e disse: “Aí está a sua bolsa e o seu dinheiro”; e, assim, ele caiu de joelhos e disse: “Meu Senhor e Deus, eu lhe agradeço”. O espírito tinha trazido com ele dois outros espíritos que tinham a forma, o tamanho e a cor que lembrava de um gato, o outro era um coelho cinza; e enquanto ele estava de joelhos, o espírito em forma de urso falou com ele, dizendo que deveria adorar estes dois espíritos como o tinha adorado, e aceitá-los também como seus deuses; assim o homem voltou seu corpo em direção a eles e chamou-os de senhores e deuses. Em seguida, o espírito urso disse a ele que quando morresse, receberia a sua alma. Ele disse então que teria de sugar seu corpo, o que fez com que o homem ficasse com medo. Ellen Shephard disse que, cerca de cinco anos antes, quando ela estava em sua cidade natal Molesworth, ali surgiu diante dela um espírito, de alguma forma parecido com um rato, mas não tão grande, que apresentava uma coloração cinza chumbo e disse: “Você deve vir comigo”, e ela disse: “Isso eu não farei”, evitando Satã, e logo em seguida ele partiu. Ela disse que pouco tempo depois enquanto estava em um campo, amaldiçoando de forma irritada e blasfemando, surgiram ali três espíritos como o anterior na forma de ratos cinza chumbo, e Satã disse que ela deveria abandonar a Deus e ao Cristo e ir com ele e aceitar aqueles espíritos como seus deuses, o que lhe garantiria toda a felicidade, com o que ela concordou. E, além disso, eles disseram a ela que quando ela morresse, eles tomariam seu corpo e alma e disseram que deveriam receber o sangue dela, o que lhes foi concedido, e assim eles foram amamentados por seus mamilos. Anne Desborough confessou que, cerca de trinta anos antes, a primeira semana de Cleane Lent, surgiu diante dela algo um pouco maior do que um rato, que tinha uma cor marrom. Isso aconteceu enquanto ela morava em Tichmarsh no Condado de Northampton: estando ela na cama, envolvida com um sonho, o rato lhe deu um beliscão, o que a fez despertar de seu sonho e então disse a ela (quando ela já estava acordada) que ele deveria ter parte de sua alma; com isso ela se sentiu muito temerosa e não lhe deu

resposta alguma, mas somente rezou a Deus e, assim, ele desapareceu. Aproximadamente cinco dias depois, o mesmo rato apareceu para ela novamente, trazendo consigo um outro rato, que tinha o tamanho de um rato comum sendo um pouquinho maior e mais marron como o anterior, com exceção de que aquele tinha um pouco de cor branca em sua barriga, ao passo que este era totalmente marrom. Então, o rato que apareceu pela primeira vez, disse que deveria sugar de seu sangue. Ela, assustada, disse que eles poderiam fazê-lo; apesar do medo que ela apresentava, eles foram até ela e sugaram de seu corpo, o que deixou marcas. O rato maior ela chamou de Tib, e o menor, Jone. Tib disse-lhe que deveria abandonar a Deus e a Cristo, e aceitá-los como seus deuses, dizendo a ela que quando morresse, eles tomariam sua alma.⁷⁸⁴

Em Cambridgeshire, em 1647, Dorothy Ellis disse que cerca de trinta anos antes, estando muito incomodada com seus pensamentos, surgiu diante dela o demônio na forma de um grande gato e falou com ela exigindo seu sangue, o que ela concedeu, aceitando que o espírito em forma de gato sugasse de seu corpo, pedindo em troca que ela pudesse se tornar uma bruxa.⁷⁸⁵ John Palmer de St. Albans, em 1649, após seu pacto com o demônio, recebeu uma pele nova, com uma marca em sua lateral que possibilitava amamentar os dois familiares, o primeiro em forma de cachorro, que ela chamava de George, e o outro na forma de uma mulher, chamada Jezebell.⁷⁸⁶ Das bruxas de Somerset, em 1664, Alice Duke “confessou que seu familiar costumeiramente é amamentado por seu seio direito por volta das sete da noite, na forma de um pequeno gato de cor parda, e quando ela o amamentava, ficava em estado de transe. Christian Green disse que o demônio geralmente se alimenta de seu seio esquerdo, por volta das cinco horas da manhã, aparecendo na forma de um ouriço, curvando-se como havia acontecido na última quarta-feira de manhã.

Ela disse que isso era doloroso para ela e que geralmente ficava em transe enquanto era sugada.⁷⁸⁷ Em 1665, Abre Grinset de Dunwich em Suffolk confessou que o demônio apareceu na forma de um atraente jovem na primeira vez; e depois aparecia na forma de um gato ou gatinho cinza escuro, que sugava de seu seio e também de seu sangue.⁷⁸⁸

O único trabalho do animal familiar publicado na França mostra uma combinação das duas classes, porque a criatura tratava-se de um sapo mantido na casa, alimentado de uma forma peculiar, e usado para a realização das profecias.

784. Davenport, pp. 1-12.

785. Gibbons, p-113.

786. Gerish, *As Ilusões do Demônio*, p. 12.

787. Glanvil, pt. ii, pp. 151, 157.

788. Petto, p. 18.

Silvain Nevillon e Gentien le Clerc foram julgadas em Orleans em 1614. Silvain confessou “*qu'il y a des Sorciers qui nourrissent des Marionettes, qui sont de petits Diabeteaux en forme de Crapaux, & leur font manger de la bouillie composée de lait & de farine, & leur donnent le premier morceau, & n'oseroient s'absenter de leur maison sans leur demander congé, & luy faut dire combien de temps ils seront absents, comme trois ou quatre iours, & si elles disent que c'est trop, ceux qui les gardent, n'osent faire leur voyage ny outre-passer leur volonté. Et quand ils veulent aller en marchandise ou ioüier: mais si elles sont maussades & tristes, ils ne bougent de la mansion.—Gentil ou Gentie{n} le Clerc dit qu'il y avoit plus d'acquest en sa Marionette qu'en Dieu. Et auoit veu souuent la Marionette dudit Neuillon, qui est comme un gros crapaut tout noir, comme d'une fourrure noire, & estoit dans une boëte caché soubz un carreau, qui sautoit & leuoit quand on vouloit donner a manger audit crapaut. Qu'il l'a veu encore puis six sepmaines en la ruelle du lict dudict Neuillon, & qu'il a veu qu'il l'apportoit vne autre fois dans son manteau, qu'il luy a dit une douzaine de fois, que s'il vouloit it luy en feroit auoir une. Qu'il y avoit plus profit en icelle qu'en Dieu, & qu'il gagneroit rien à regarder Dieu: mais que sa Marionette luy apportoit tousiours quelque chose”.*[1] Isso pode ser comparado com o trabalho de um familiar Lapp em 1653: “*Dans chaque maison it y a un gros chat noir, duquel its font grand estime, parlant à luy comme s'il avoit de la raison, ne font rien qu'il ne luy communique, croyans qu'il leur aide en leurs entreprises, ne manquans tous les soirs de sortir de leurs cabannes pour le consulter, & les suit par tout oh its vont, tant à la pesche qu'à la chasse. Quoy que cet animal ait la figure d'un chat par son regard, qui est épouvantable, j'ay creu & croy encore que c'est un Diable familier”.*

3. Métodos para se Conseguir Familiares

Parece ter havido quatro métodos para a obtenção de familiares: 1. Como presente do demônio; 2. Como presente de uma bruxa amiga; 3. Por herança; 4. Por meio de cerimônias mágicas. Destes, os de número 2 e 3 parecem estar restritos aos familiares domésticos; conseqüentemente, eles são verificados principalmente nos condados do leste da Inglaterra.

O presente do Demônio era, às vezes, um familiar de profecias, às vezes, um familiar doméstico, costumeiramente dado como presente na cerimônia de admissão. Como o familiar de profecias é representado pelo próprio demônio, acredita-se que as “respostas” recebidas das perguntas vinham dele. Como ponto essencial desta classe de familiares está o fato de que eles devem ser de uma espécie de animais e não um animal específico; o demônio meramente indicava à bruxa que espécie ela deveria obser-

var na profecia. O familiar doméstico, sendo um animal pequeno, podia ser, na verdade, dado em mãos à bruxa, com instruções sobre como alimentá-lo e usá-lo. Era, às vezes, mas não sempre, identificado como o demônio, e era geralmente chamado de “*imp*”,⁷⁸⁹ talvez com a idéia de um demônio pequeno ou miniatura como a marionete de Silvain Nevillon. Ele funcionava como o substituto do demônio quando ele próprio não estava presente, e era favorecido com um pouco, embora não todo, de seu poder; por esta razão, a bruxa geralmente tinha mais de um familiar, cada um para servir a um propósito diferente. Em 1645, Ipswich, a Mãe Lakeland confessou que após ter assinado o pacto como o demônio, ele a presenteou com três *imps*, dois pequenos cachorros e uma mula.⁷⁹⁰ No mesmo ano, Rebecca Jones, uma bruxa de Essex, disse que quando estava indo a trabalho até St. Osyth vender a manteiga de seus mestres, ela encontrou um homem vestido com roupas velhas e que tinha olhos grandes, que ela assustou-se; ele veio até ela e lhe deu três animais parecidos com mulas, que tinham quatro pés cada, mas que não tinham rabos e possuíam uma coloração preta, e pediu que ela cuidasse dos animais até quando ele os quisesse de volta. E o homem disse-lhe que os três a defenderiam de seus inimigos, e em seguida partiu.⁷⁹¹

Em 1646, a bruxa de Huntingdonshire, Joane Wallis, disse que Blackman falou que lhe enviaria Grissel e Greedigut, que fariam tudo por ela. E depois que Blackman partiu, três ou quatro dias mais tarde, Grissel e Greedigut vieram até ela, na forma de cachorros.⁷⁹² Uma outra bruxa do mesmo Coven, Elizabeth Weed, confessou que apareceram para ela três espíritos, um na forma de um jovem homem ou garoto, e os outros dois na forma de cachorrinhos, um branco e o outro preto.⁷⁹³

O presente de uma bruxa amiga era sempre um familiar doméstico, visto que ficava reservado somente ao demônio o poder de indicar familiares de profecias; assim, este método de obter um familiar é visto somente nos condados do leste e alguns outros lugares onde os familiares domésticos ou sugadores foram registrados. Em 1556, Elizabeth Francis, cuja evidência foi corroborada pela mãe Waterhouse, disse que ela foi até a vizinha de sua mãe Waterhouse, e levou para ela um gato enrolado em um avental e ensinou a ela da mesma forma como sua avó Eve lhe havia ensinado, dizendo que deveria chamá-lo de Satã e dar a ele de seu sangue, além de pão e leite, como era seu costume. A mãe Waterhouse disse que tinha

789. De Lancre, L'Incredulité, p. 801, 803.

790. La Martinière, pp. 42-3 (ed. 1671).

1. *Imp*. = um rebento, garoto, filho; aqui usado para se referir à pessoas com o significado de criança, rapaz, garoto.

2. Leis contra Bruxas, p. 7.

791. Howell, iv, 855.

792. Davenport, p. 12.

793. *Id.*, p. 1.

ganhado aquele gato da esposa de Francis”.⁷⁹⁴ Em 1566 John Walsh, o bruxo de Dorset, quando lhe perguntaram se ele possuía algum familiar ou não, ele respondeu que tinha recebido um de seu mestre. Ao perguntarem por quanto tempo tinha aquele familiar, ele disse que o tinha recebido um ano depois de ter conhecido seu mestre e mais quatro anos depois de sua morte.⁷⁹⁵ Uma bruxa de Essex, em 1588, tinha três familiares, um como um gato, que ela chamava de Lightfoot. Este animal, segundo conta a Mãe Barlie, de W., vendeu a ela cerca de dezesseis anos antes, em troca de um bolo de forno, e disse a ela que o gato seria de grande valia, e que se ela quisesse poderia pedir a ele o que desejasse.⁷⁹⁶ Em Orleans, em 1614, Gentil le Clerc disse que tinha visto o familiar de Nevillon, e que Nevillon “*luy a dit one douzaine de fois, que s'il vouloit il luy en feroit avoir une*”.⁷⁹⁷ Elizabeth Clarke, em Essex 1645 disse que ela “ganhou três *imps* de sua mãe, que tinham a cor marron, sendo que dois deles tinham sido dados por sua amiga West. Anne West parecia sentir pena dela por suas deficiências (por ter somente uma perna) e por sua pobreza. E disse a ela que existiam meios e formas pelos quais poderia viver em melhores condições do que tinha até então. E disse que lhe enviaria um presente na forma de um gatinho, que levaria para ela em sua casa alguns mantimentos, e que ele não causaria nenhum mal a ela.”⁷⁹⁸ A bruxa de Huntingdonshire, Francis Moore, em 1646, disse que, cerca de oito anos antes, tinha recebido um pequeno filhote de cachorro preto de Margaret Simson de Catworh. Ela mais tarde disse que Margaret falou que deveria cuidar do cachorro por toda sua vida; e que se ela amaldiçoasse qualquer gado, e enviasse até lá seu cachorro, eles com certeza morreriam. E ela mais tarde também disse que por volta da mesma época que a dona de casa Weed lhe deu um gato branco, dizendo que se ela negasse a Deus, e fizesse um pacto de sangue, então, quem quer que ela amaldiçoasse e enviasse seu gato, eles em pouco tempo morreriam.⁷⁹⁹

A profissão da religião das bruxas sendo hereditária, não é incomum descobrirmos que o familiar foi passado de mãe para filha. Este, como o familiar dado de uma bruxa para outra, era o familiar doméstico. Ele era, às vezes, dado durante o tempo de vida da mãe ou era deixado para a filha como seu legado após sua morte. Elizabeth Francis, em 1556, declarou que “ela aprendeu esta arte da bruxaria quando tinha doze anos com sua avó, que se chamava Eve de Hatfyelde Peuerell. Quando ela ensinou tudo a Elizabeth, também lhe aconselhou a renunciar a Deus e a sua palavra e dar seu sangue a Satã (como ela o chamava), que surgiu para ela na forma de um gato manchado de bran-

794. Bruxas de Chelmsford, pp. 20, 29.

795. Exame de John Walsh. Seu mestre foi Sir Robert Draiton.

796. Giffard, p. C., veja Percy Soc., viii.

797. De Lancre, L'Incredulité p. 803.

798. Howell, iv, 834, 836.

799. Davenport, p. 5.

co”.⁸⁰⁰ Em 1582, Ales Hunt de St. Osyth confessou que tinha dois espíritos, e disse que sua irmã (chamada Margerie Sammon) tinha também dois espíritos em forma de sapos, um chamado Tom e o outro Robbyn. E ela disse também que sua irmã e ela tinham ganhado aqueles espíritos de sua mãe, Barnes”.⁸⁰¹ Em 1597, a bruxa de Derbyshire, Alse Gooderidge, declarou que “o demônio surgiu para ela na forma de um pequeno cachorro de duas cores, vermelho e branco, que ela deu o nome de Minny. Ela disse que o tinha ganhado de sua mãe...”⁸⁰² As bruxas de Essex, julgadas em 1645, também herdaram familiares de suas mães. Anne Cooper confessou “que ela ofereceu para dar a sua filha Sarah Cooper um *imp* na forma de um *kite* cinza (isto é, *kit* – em inglês, gatinho), para sugar do sangue de Sarah. Susan Cock disse que cerca de três ou quatro anos antes, Margerie pediu que ela em segredo cuidasse de seus dois *imps* e, além disso, disse-lhe também que eles iriam cuidar dela. E ela disse que na mesma noite em que sua mãe morreu, os dois *imps* vieram até ela, como era esperado, e se alimentaram em seu corpo. Anne Cate disse que ela tinha quatro familiares, ganhados de sua mãe vinte e dois anos antes”.⁸⁰³ Em 1667, em Liverpool, “Margaret Loy sendo denunciada como bruxa, confessou sê-lo de fato; e quando lhe perguntaram há quanto tempo, ela respondeu que desde a morte de sua mãe, que tinha morrido trinta anos antes; em sua morte ela não tinha nada para deixar para suas filhas, e a viúva Bridge, deixou para elas dois espíritos; e deu nomes a eles, sendo que o mais velho tinha ficado para ela e o outro espírito para Margaret Loy”.⁸⁰⁴ Esta herança de um familiar pode ser comparada com o costume em Lapp: os moradores deixavam por herança seus demônios como parte de seu legado, o que é a razão pela qual uma família sobrepuja a outra nesta arte mágicka.⁸⁰⁵

O método de se obter um familiar por meio de trabalhos ou ações mágickas está claramente descrito em dois exemplos atuais. Em um determinado momento do início do século passado, duas velhas senhoras participaram da missa da manhã na Igreja de Llandaewi Brefi, e partilharam da Santa Comunhão; porém, em vez de comerem do pão sagrado como os demais comungados, elas o guardaram em sua boca e saíram da igreja. Então elas caminharam ao redor da igreja nove vezes, e na nona vez o espírito maligno saiu de dentro da parede da Igreja na forma de um sapo, para quem elas deram o pão de suas bocas, e ao fazerem essa coisa perversa elas estavam se vendendo a Satã e se tornando bruxas. Havia um senhor de idade no norte de Pembrokeshire que costumava dizer que ele tinha adquirido seu poder de enfeitiçar da seguinte maneira: o pão de sua Pri-

meira Comunhão ele guardou em seu bolso; ele fez de conta que o tinha engolido e depois colocou-o em seu bolso; quando ele saiu da missa havia um cachorro esperando por ele próximo a um portão, para quem ele deu o pão, assim vendendo sua alma ao demônio. Desde então, ele passou a ter o poder de enfeitiçar”.⁸⁰⁶

Na analogia destes dois exemplos, sugiro que, com relação aos familiares se oferecendo aos bruxos, acontecia, antes da aparição, alguma fórmula de palavras ou ação mágica que não estão registradas. O animal, que apareceu depois destas palavras ou ações, era considerado como sendo o demônio, como nos dois casos citados anteriormente. Esta explicação corresponde às declarações de algumas das bruxas que, na aparição do animal elas renunciaram à religião cristã e juraram obediência ao novo Deus. Podemos notar que em muitos casos o acusado reconheceu que, antes da aparição do animal, eles vinham “excomungando e amaldiçoando”, em outras palavras, chamando pelo demônio; a aparição do animal, depois dessas chamadas, não causava surpresa nem alarme e, na verdade, parece ter sido considerada como o efeito de suas palavras.

Em 1556, Joan Waterhouse, a filha de dezoito anos da bruxa mãe Waterhouse, de Hatfield Peveril, estando brava com uma outra menina, ao ir para casa fez o que tinha visto sua mãe fazer, chamando Satã, que veio até ela (como ela disse) na forma de um grande cachorro.⁸⁰⁷ Em Aberdeen, 1597, Agnes Wobster disse que o demônio surgiu na forma de um cordeiro, que ela chamou de Deus, e conversou com ele.⁸⁰⁸ James Device, um dos chefes das bruxas de Lancashire, em 1613, confessou que, depois de dois anos, sua Avó Elizabeth Sothernes, que tinha o apelido de Dembdike, fez com que ele fosse até a igreja para receber a comunhão (um dia depois da Sexta-feira Santa) e que não deveria comer o pão que o ministro iria lhe dar, e que deveria trazê-lo e entregá-lo para um animal que iria encontrar no caminho de volta para casa. Apesar de suas persuasões, ele comeu o pão; e enquanto ele caminhava para casa, cerca de quarenta milhas da igreja, deparou-se com algo na forma de uma lebre, que falou com ele e perguntou se ele havia trazido o pão.⁸⁰⁹ Em 1621, Elizabeth Sawyer, a bruxa de Edmonton, disse que a primeira vez que o demônio veio até ela, enquanto ela amaldiçoava, xingava e blasfemava.⁸¹⁰ A evidência das bruxas de Huntingdonshire, John Winnick e Ellen Shepheard, em 1646, e de Dorothy Ellis de Cambridgeshire, em 1647, também mostra que o animal que apareceu para a bruxa depois de um acesso de emoção foi rapidamente reconhecido como Deus e aceito na forma do familiar. Mary Osgood de

800. Bruxas em Chelmsford, p. 24. Philobiblon Soc., viii.

801. Bruxas levadas para St. Oses, p. C 4.

802. Alse Gooderidge, pp. 26, 27.

803. Hiwell, iv, 845, 853, 856.

804. Moore Rental, Sociedade Chentam, xii, p. 59.

805. Scheffer, citando Tornaeus.

806. Davies, p. 231. Para uma prática semelhante na Inglaterra moderna, veja trasações de Associação Devonshire. (1874), p. 201.

807. Bruxas em Chelmsford, p. 34. Philobiblon Soc., viii.

808. Clube Spalding Misc., i, p. 129.

809. Potts, H 3.

810. Goodcole, A Descoberta Maravilhosa, p. C.

Andorver, em 1692, “confessou que, cerca de dois anos antes, quando ela estava em estado de melancolia, costumava caminhar ao ar livre em seu pomar; e uma vez ela viu um gato aparecer no final da propriedade, que ela pensou que fosse um gato comum. Entretanto, naquele instante, ele impediu que ela rezasse a Deus e, ao invés disso, ela rezou ao demônio.”⁸¹¹

Os familiares na forma humana eram seres humanos do sexo oposto ao da bruxa. Como estes familiares eram geralmente chamados de “demônios”, fica às vezes difícil distingui-los do Grão-Mestre;⁸¹² mas a evidência, vista como um todo, sugere que em certas partes dos rituais todos os indivíduos da companhia eram conhecidos como um demônio. Esta sugestão surgiu na sobrevivência moderna de uma dança antiga em Basses-Pyrénées, na qual os dançarinos neste dia eram chamados de Satãs.⁸¹³

Lady Alice Kyteler, em 1324, foi acusada de que o demônio veio até ela “*quandoque in specie cujusdam aethiopis cum duobus sociis*”.⁸¹⁴ Em 1598, as bruxas de Lyons, Thievenne Paget e Antoine Tornier, falavam de “*leurs Demons*” como sendo diferentes do grande demônio, e a evidência de todas as outras bruxas mostra que “*il y a encor des Demons, qui assistent à ces danses*”.⁸¹⁵ De Lancre diz que havia mais de um demônio: o grandioso, que era chamado de Mestre Leonard, e um menor, chamado Maître Jean Mullin. Era este demônio menor que sediava os encontros na ausência do Chefe: “*en la place du Grãd maistre, il n’y auoit qu’un petit Diable ou Demon qui n’auoti point de cornes, lequel ne contentoit pas la compagnie comme son maistre. Qu’elles n’auoient tant de confiance en toute la troupe de mauuais Anges qu’en celuy seul qu’il auoient accostumé d’adorer & seruir. – A table on se sied selon sa qualité, ayant chacun son Demon assis auprès, & parfois vis à vis. Et quand ils ont mangé, chaque Demon pre{n}d sa disciple par la main, & danse avec elle*”.⁸¹⁶

Em 1618, Joan Willimott de Leicester confessou “que tinha um espírito que ela chamava de Pretty, o qual lhe fora dado por William Berry, a quem ela serviu por três anos; o espírito estava diante dela na forma de uma mulher, que pediu por sua alma, ao que ela prometeu, estando disposta a entregar-se a seu mestre”.⁸¹⁷ Em 1633, Margaret Johnson, a bruxa de Lancashire, declarou que além de seus familiares ou espíritos particulares, havia um grandioso demônio, ou espírito, mais forte do que os outros. Ela também disse que se uma bruxa possui uma marca, ela tem um espírito; se tiver duas marcas, possui dois espíritos; três marcas, ainda assim dois espíritos. Ela também disse que os bruxos geralmente possuem espíritos femininos

811. J. Hutchinson, ii, p. 31; Howell, vi, 659.

812. Nos sorciers tiennent la plus-part de ces Demons pour leurs Dieux.”De Lancre, Tableau, p. 23.

813. Moret, pp. 247 seq.

814. Camden Soc., Dame Alice Kyteler, p. 3.

815. Bogue, pp. 69, 132.

816. De Lancre, Tableau, pp. 67, 197.

817. A Maravilhosa Descoberta de Margaret e Philip Flower, E 3.

e as bruxas espíritos masculinos.⁸¹⁸ Em 1649, em St. Albans, um bruxo tinha “dois familiares, um em forma de cachorro, que ele chamava de George e o outro na forma de uma mulher chamada Jezebell”.⁸¹⁹ Em 1662 em Auldearne, Isobell Gowdie confessou: “Existem treze pessoas em cada Coven; e cada uma delas possui um espírito para cuidar delas. Eu não me lembro dos nomes de todos os espíritos; porém existe um chamado Swein, que servia Margret Wilson em Aulderne; ele [sempre] aparece vestido de verde-capim. O outro espírito é chamado de Rorie, que cuidava de Bessie Wilson, em Aulderne; ele sempre aparecia vestido de amarelo. O terceiro espírito chamava-se The Roring Lyon (O Leão Ruggedor), que cuidava de Issobell Nicoll, em Lochlow, que sempre aparecia vestido de verde-marinheiro. O quarto espírito chamava-se Mak Hector, que cuidava de Jean Martein, filha de Margret Wilson; ele era um demônio jovem, também vestido de verde-capim... O nome do quinto espírito era Robert o Dominador, que sempre aparecia vestido de marrom-claro e que parecia ser o comandante dos outros espíritos; e ele cuidava de Margret Brodie, em Aulderne. O nome do sexto espírito era Thief of Hell (Ladrão do Inferno), que cuidava dela; e também cuidava de Bessie Wilson. O nome do sétimo espírito era The Read Reiver (O Rio Vermelho); e trata-se de o meu próprio espírito, que cuida de mim e sempre aparece vestido de preto. O oitavo espírito chamava-se Robert the Jackis, que sempre aparecia vestido de cor de areia, que parecia ser idoso. O nono espírito chamava-se Laing. O décimo espírito chamava-se Thomas a Fearie, etc.”⁸²⁰ Havia muitos outros demônios, que cuidavam do nosso mestre, que é maior e mais terrível do que os demais demônios que o reverenciam. Eu reconheci todos eles, um a um, inclusive aqueles que apareceram em forma de homens”.

Em uma das últimas confissões, Isobell deu os nomes de forma mais completa: “Os nomes de nossos demônios que nos serviam, são os seguintes. Primeiro, Robert, o Valete; Sanderis, o Rio Vermelho; Thomas, o Terrível; Swein, o Leão Ruggedor; Ladrão do Inferno, que cuidava dela; Makhectour; Robert, o Dominador; Hendrie Laing; e Rorie”.⁸²¹ Em Connecticut, 1662, Robert Sterne testemunhou o que segue: “Eu vi esta mulher dona de casa, Seager, na floresta com mais três mulheres e com elas vi duas criaturas negras como dois índios, só que mais altos. Eu vi as mulheres dançando ao redor dessas criaturas negras e enquanto olhava para elas uma das mulheres, G. Greensmith, disse: ‘Olhem quem está ali’, e elas correram montanha acima. Eu fiquei imóvel e as criaturas vieram em minha direção e saí dali assustado”.⁸²²

818. Whitaker, p. 216.

819. Gerish, As Ilusões do Demônio, p. 12.

820. Pitcairn observa: “Isobell, como de costume, parece ter sido impedida de dar maiores explicações aqui por seus interrogadores, quando indagada a respeito de tais assuntos.” Isto é, as fadas.

821. Pitcairn, iii, pp. 606, 614.

822. Taylor, p. 81.

4. As Transformações em Animais

A crença de que os seres humanos podem transformar-se, ou serem transformados em animais, traz consigo a conclusão de que feridas recebidas pelas pessoas quando assumem o semblante de um animal irão permanecer no corpo depois de reassumirem a forma humana. Esta crença parece estar relacionada com a adoração de animais-deuses ou animais sagrados, os adoradores transformam-se assim em um animal pelo fato de serem revestidos com a pele da criatura, pela expressão de palavras mágicas, gestos mágicos, pelo uso de um objeto mágico ou pela realização de cerimônias mágicas. As bruxas dos séculos XVI e XVII parecem ter dado continuidade à tradição dos cultos pré-cristãos; e as histórias de suas transformações, quando analisadas à luz de exemplos antigos, são capazes de nos transmitir as mesmas explicações. Muita confusão, entretanto, tem sido observada pelas explanações religiosas e as chamadas científicas dos comentaristas contemporâneos, bem como pela crença desafortunada dos escritores modernos sobre a capacidade das mulheres para controlarem sua histeria. Em ambos os períodos, a pseudociência tem evitado as análises imparciais desses materiais.

Não existem registros dos animais considerados sagrados pelos primeiros habitantes da Grã-Bretanha, mas é impressionante como a variedade de transformações das bruxas era tão limitada; gatos e lebres eram os animais mais comuns, sendo que ocasionalmente, mas de forma rara, havia alguns cachorros, ratos, corvos, gralhas e abelhas. Na França, onde o sacrifício solene de uma cabra no Sabbath nos mostra o animal como sendo sagrado, torna-se algo não surpreendente o fato de observarmos homens e mulheres bruxos aparecendo como cabras e ovelhas. A menos que houvesse um significado definitivo que explicasse a mudança da forma, não há razão para impedir que as bruxas se transformassem em animais de qualquer espécie. É possível que as bruxas, naquela época, como os adoradores dos deuses animais nos tempos antigos, tentassem tornar-se um de seus deuses ou animais sagrados, tomando sua forma; a mudança sendo induzida pelos mesmos métodos e sendo tão real para a bruxa como para Sigmund o Volsung⁸²³ ou o adorador de Lycaean Zeus.⁸²⁴

Nos cultos mais antigos, o adorador, ao se transformar em um animal, mudava sua forma exterior para o olho da fé somente, embora suas ações e provavelmente sua voz proclamassem a transformação. A abran-

823. Volsung Saga, Bks. I, II; Wm. Morris, Trabalhos Coletados, xii, pp. 32, 77.

824. Pausanias, vii, 2, 3, 6, ed. Frazer. Cp. Também os nomes dos animais usados nos sacerdotes e sacerdotisas, por exemplo, o Rei das abelhas de Ephesus; as sacerdotisas das abelhas de Deméter, de Delphi, de Prosérpua e da Grande Mãe; os pombos de Dodona; os ursos na dança sagrada de Artêmis; os touros na festa de Poseidon em Ephesus; os Lobos em Lupercalia, &c.

gência mais comum para uma mudança exterior acontecia ao cobrir o corpo com a pele do animal, ou quando usavam uma parte da pele como uma máscara. As próprias bruxas admitiam estar mascaradas e cobertas por um véu, e os depoimentos de outras testemunhas provam a mesma coisa. Boguet sugere que o disfarce era usado para ocultar sua identidade, e isso era possivelmente o que às vezes acontecia, porém, parece ser mais provável, ao julgarmos pelas evidências, que a máscara e o véu eram usados para os eventos dos rituais.

Em Lorraine, 1589, uma testemunha do sexo masculino declarou que “*indem wird er eine Höle, welche sie nennen die Morelianische Klippe, gewahr, darinnen sechs Weiber mit Larven umb ein Tisch, voll guldernen und silbernen Geschieren herumb tanzten*”.—Bernhardt’s Nicolaea disse que tinha visto em um campo aberto “*mitten am hellen Tage, einen Tantz von Männern und Weibern, und weil dieselben auff eine besondere Weise und hinterücks tanzten, kam es ihr frembd für, stunde derhalben still, und sahe mit allein Fleiss zu da ward sic gewahr, das etliche in dem Reyhen waren so Geiss und Kuhfuss hatten*”⁸²⁵ Em Berwick do Norte em 1590 sete bruxas “dançaram pelo jardim Kirk. John Fian, em sua posição [camuflado, mascarado] conduziu o anel”⁸²⁶ As bruxas que Boguet examinou em 1598 confessaram usar máscaras: “*Les Sorciers dansent doz cõtre doz, pour ne pas estre recogneus; pour la mesme raison its se masquent encor*” *aujourd’huy pour la plus part—Ils se masquent pour le iour d’huy, selon que Clauda Paget l’a confessé, & avec elle plusieurs autres—Estienne Poicheux rapportoit que partie des femmes, qu’elle avoit veuës au Sabbath, estaient voilées. Et pour cela aussi les Lombards par leurs loix les appellent Mascas*”⁸²⁷ Em 1609, De Lancre ressaltou que em Basses-Pyrénées existiam duas classes de bruxas: “*Il y en a de deux sortes. Aucuñs sont voilez pour doñer opinion aux pauvres que ce sont des Princes & grãds seigneurs. Les autres sont decouverts & tout ouuertemeñt dãcent, & ceux cy ne sont si près du maistre, si fauoris ne si employez*”⁸²⁸ Em 1613, Barbe, a esposa de Jean-Remy Colin de Moyemont, disse que “*elle a veu dancier les assistans en nombre de sept à huict personnes, partie desquelles elle ne cognoissoit ad cause des masques hideux qu’elles auoient de noire*”⁸²⁹

Perguntaram a Josine Deblicq em Hainault (1616), “*Que savez vous de la troisième danse? R. Elle eut lieu an Rond-Chêneau, sur le chemin de Nivelles, près d’unc fontaine. Il y avait bien 21 ou 22 femmes, toutes masquées, chacune avec son amoureux accoutré d’un déguisement bleu, jaune ou noir*”⁸³⁰ Em 1652, uma bruxa francesa “*dist qu’elles dansoient*

825. Remigius, pt. i, pp. 65, 67.

826. Pitcairn, i, pt. ii, pp. 245-6.

827. Boguet, pp. 120, 132-3.

828. De Lancre, Tableau, p. 129.

829. Fournier, p. 16.

830. Monoyer, p. 30.

les dots l'une à l'autre et qu'au milieu it y avoit vne feme masquée tenant une chandelle".⁸³¹

Podemos ver que as bruxas apareciam freqüentemente disfarçadas nos bailes, um fato que fortemente sugere que a máscara era exigência de um ritual completo. Como os julgamentos de bruxas na Grã-Bretanha raramente mencionam, e menos ainda descrevem o baile, podemos notar que o maior número dos casos de máscaras são encontrados na França, embora alguns deles tenham ocorrido na Escócia, ainda assim em menor número que na Inglaterra.

A transformação pelo uso da pele ou da cabeça de um animal é mencionada no Liber Poenitentialis de Theodore em 668. Ela continuou entre as bruxas e, em 1598, no distrito de Lyons "*il y a encor des Demons, qui assistent à ces danses en forme de boucs, on de moutons. Antoine Tornier dit, que lors qu'elle dansoit, vn mouton noir la tenoit par la main avec ses pieds bien haires, c'est à dire rudes & reuesches*".⁸³²

Em muitos casos é certo que a transformação tratava-se de um ritual e não um fato; isso significa que as bruxas não tentavam mudar suas formas presentes mas que, na verdade, se chamavam de gatos, lebres ou outros animais. Nos julgamentos de Aberdeen em 1596-7, dizem que os acusados chegaram ao distrito de Fish Cross, sob a condução de Satã, onde todos dançaram sobre a cruz e sobre o mercado de alimentos por muito tempo. Aqui não existe nenhuma indicação de mudança de forma, ainda assim, na acusação contra Bessie Thom, que foi julgado pela mesma ofensa, o envolvimento afirma que, ao acompanhar os companheiros demoníacos e suas facções, eram transformados em outras coisas: alguns em lebres, outros em gatos, e outros em coisas semelhantes, sendo que todos dançaram em Fish Cross.⁸³³ Em 1617, em Guernsey, Marie Becquet disse que "toda vez que ela ia ao Sabbath, o demônio vinha até ela e parecia como se ele tivesse se transformado em uma cadela".⁸³⁴ Novamente em Alloa, em 1658, Margret Duchall, ao descrever o assassinato dos filhos de Cowdan, disse que depois de todos serem transformados em gatos, eles foram até a casa de Jean Lindsayis Zaird Dyk em Coudans, onde ela declarou que o demônio, estando com eles, subiu as escadas com Margret Tailzeor Besse Paton e viu Blak. Por outro lado, Jonet Blak e Kathren Renny, que também estavam presentes e descreveram a mesma cena, não disseram nada com relação à forma do gato, embora elas tenham mencionado com detalhes as roupas das outras bruxas. Jonet Blak disse: "o demônio, Margaret Tailzeour, com uma pedra grande, e Kathren Renny, com uma pedra pequena, todos subiram as escadas juntos, enquanto Kathren Renny disse que não havia ninguém com um animal preto que tenha ido diante de Jean Lindsayis Zaird

831. Van Elven, v. p. 215.

832. Boguet, p. 132.

833. Clube Spalding Misc., i, pp. 97, 114-15, 165; Bessie Thom, p. 167. Com escrita atualizada.

834. Goldsmid, p. 110.

Dyk e Margret Tailzeor com ela.⁸³⁵ As evidências de Marie Lamont (1662) sugerem a mesma idéia de um ritual, embora não falem sobre uma mudança de fato; confessou que ela, Kettie Scot, e Margrat Holm foram até a casa de Allan Orr na forma de gatos e seguiram sua esposa até o quarto; e em uma outra ocasião "o demônio transformou-as em gatos, balançando suas mãos sobre suas cabeças".⁸³⁶ Em Northumberland (1673), o mesmo fato parece reforçar as evidências. Ann Armstrong declarou que em um encontro de bruxas Ann Baites assumiu várias vezes a forma de um gato e de uma lebre, e na forma de um cachorro de caça e uma abelha, deixando que o demônio pudesse ver em quantas formas ela poderia se transformar. Elas [as bruxas] se posicionaram sobre um lugar descampado no solo e pediram ao seu informante para cantar enquanto elas dançavam assumindo várias formas, primeiro a de uma lebre, depois voltando a ser elas mais uma vez, depois em gato, às vezes em rato, e várias outras formas. Ela viu todas as pessoas acima mencionadas dançando, algumas em forma de lebres, algumas em forma de gatos, outras na forma de abelhas, e algumas em sua própria forma".⁸³⁷

O método de realizar o ritual de mudança por meio de palavras mágicas está registrado nos julgamentos de Auldearne, em que Isobel Gowdie, cujo testemunho foi puramente voluntário, revela as palavras reais para a transformação em um animal e para a reversão em forma humana. Para se transformar em uma lebre:

*"I sall goe intill ane haire, (eu irei até a uma das lebres),
With sorrow, and sych, and meikle caire, (com pesar, dor, e cuidado),
And I sall goe in the Divellis nam, (e farei isso em nome do Demônio),
Ay whill I coin hom againe. (eu irei, então, de volta para casa.)"*

Para se transformar em um gato ou um corvo o mesmo verso era usado, com uma alteração na segunda linha para reforçar a rima; em vez de "*meikle care*", as palavras eram "*blak shot*" (raio negro) para um gato, e um "*blak thraw*" (véu preto) para um corvo ou outra ave. Para reverter-se à forma humana as palavras eram:

*"Hare, hare, God send thee care. (Lebre, lebre, Deus lhe enviou até aqui.)
I am in na hare's likeness just now, (eu estou em forma de lebre agora),
But I shall be in a woman's likeness even now." (mas estarei da mesma*

*maneira na forma de uma mulher".) com a mesma variação de um "*black shot*" (raio negro) ou um "*balck thraw*" (véu preto) para um gato ou para um corvo. As bruxas de Auldearne também eram capazes de transformar-se em animais:*

"Se nós, na forma de um gato, um corvo, uma lebre, ou qualquer outra, etc., formos até uma das casas de nossa vizinhança, sendo bruxas,

835. Antiguidade Escocesa, ix, pp. 50-2.

836. Sharpe, pp. 132, 134.

837. Surtees Soc., xl, pp. 191, 193, 194.

diremos, eu ou nós conjuramos e exigimos que venham conosco (ou comigo). E rapidamente eles se transformam, como nós, em gatos, lebres, corvos, etc. e vão conosco para onde quer que vamos. Quando uma de nós ou mais estão na forma de gatos, e nos encontramos com as outras nossas vizinhas, pedimos que o demônio faça com que você venha comigo. E imediatamente elas assumem a forma de um gato, e vêm conosco”.⁸³⁸

Toda a simplicidade do método nos mostra que a transformação era um ritual; a bruxa anunciava à sua companheira que ela era um animal, um fato que a segunda bruxa não tinha como prever de forma alguma; a segunda bruxa rapidamente se transformava em um animal semelhante e ia com a primeira bruxa realizar os atos do ritual que devia seguir. As bruxas agiam de acordo com sua própria estima e na confiança de todos os seus companheiros, para quem elas comunicavam os fatos, na verdade animais, embora, para os olhos do leigo, suas formas naturais jamais fossem alteradas. Esta é provavelmente a explanação das evidências de Marie d’Aspilcouette, que De Lancre registrou em 1609:

“Elle a veu aussi les sorcieres insignes se changer en plusieurs sortes de bestes, pour faire à ceux qu’elles rencontroient: Mais celles qui se transformoyent ainsi, disoyent qu’elles n’estoyent veritablement transformees, mais seulement qu’elles sembloient l’estre & neantmoins pendant qu’elles sont ainsi en apparences bestes, elles ne parlent du tout point”.⁸³⁹

O melhor exemplo de transformação, por meios de objetos mágicos creditados a pessoas, vem de Northumberland (1673), onde Ann Armstrong declarou que Anne Foster chegou com uma mula e montou nela com as pernas cruzadas, e cavalgou até chegar aos seus demais companheiros. E quando ela desceu da mula, puxou-a pela cabeça, que então transformou-se em um cavalo; porém, quando a mula sumiu, ela assumiu sua própria forma... Esta informante chegou com uma mula encantada que trazia Michael Aynsly e Margaret sua esposa, que enfeitiçou a mula quando a tomou pela cabeça, e que assumiu sua própria forma... Jane Baites de Corbridge veio na forma de um gato cinza com uma mula ao lado, montou nela e cavalgou-a em nome do demônio.⁸⁴⁰ Esta é mais uma explicação da própria bruxa e de suas companheiras quanto ao fato de acreditarem na mudança de forma causada por objetos mágicos da mesma maneira que os sacerdotes xamãs acreditam em suas próprias transformações por meios parecidos.

Naturalmente o demônio tinha o mesmo poder que as bruxas, em grau muito maior. As evidências de Marie Lamont, aqui citadas, mostram que ele os transformava em animais somente com um gesto. Parece possível que isso também foi o caso de Issobell Shyrie, em Forfar (1661), que

838. Pitcairn, iii, pp. 607, 608, 611. Escrita atualizada.

839. De Lancre, Tableau, p. 128.

840. Surtees Soc., x1, pp. 192, 194, 197

era chamada de “cavalo” e “o cavalo do demônio”. O nome parece dar margem à idéia de que ela era tratada como uma égua ou um cavalo; ela era, na verdade, a oficial ou mensageira que levava seus companheiros às reuniões. Ela nunca foi vista na forma de um cavalo, sendo que provavelmente sua transformação acontecia por intermédio do demônio, para que ela pudesse “carregar” as bruxas até a reunião e de volta para suas casas; Agnes Sparke disse que Isobel a levou até Littlemiln, [e] a levou de volta para casa.

Há também um outro método de transformação, que é o mais simplificado. As próprias bruxas, como seus contemporâneos, geralmente acreditam que os animais que elas viram eram seres humanos na forma de animais. Jeannette de Belloc, vinte e quatro anos de idade, em Basses-Pyrénées (1609), descreveu o Sabbath como *“une foire celebre de toutes sortes de choses, en laquelle aucuns se promene{n}t en leur propre forme, & d’autres sont transformez ne scayt pourquoy, en animaux. Elle n’a jamais veu aucune d’elles se trāsformer en beste en as presence, mais seulement certaines bestes courir par le Sabbat”*.⁸⁴¹ Helen Guthrie de Forfar (1661) fala do caso com ainda mais simplicidade: “Em um verão antes do último, ela conta que viu John Tailzeour na forma de um sapo e, às vezes, na forma de um cisne, e que John Tailzeour nessas formas subiu e desceu por entre os campos de milho de William Millne, em Hetherstokes, com a intenção de destruí-los, porque William tinha tomado-o pela cabeça; e por isso o demônio veio até ela e indicou John Tailzeour nas formas mencionadas e disse a ela que aquele era John Tailzeour”.

841. De Lancre, Tableau, pp. 129, 130.

Apêndice I — Fadas e Bruxas

A raça dos anões que outrora habitou a Europa deixou poucos vestígios, mas ela sobreviveu em inúmeras histórias de fadas e elfos. Nada, no entanto, é conhecido pelas crenças religiosas e pelos cultos dessas pessoas do passado, com exceção do fato de que a cada sete anos elas faziam um sacrifício humano para o seu deus. “É a cada sete anos eles se ocupavam com o inferno” – e que como os Khonds eles roubavam as crianças de suas raças vizinhas e as levavam até as vítimas.

Que havia uma forte ligação entre as bruxas e as fadas é um fato conhecido de todos os estudantes da doutrina das fadas. Eu creio que o culto das fadas ou das raças primitivas sobreviveram até pouco menos de trezentos anos atrás, e que as pessoas que a praticavam eram conhecidas das bruxas. Eu já observei que muitas das crenças e práticas das bruxas coincidem com as da raça de anões existente, *viz.* os *Lapps*. O demônio e as bruxas entravam livremente pelos montes das fadas, e o demônio é frequentemente mencionado como sendo um homem das fadas, comparado à rainha dos Elfos; o ouro das fadas que se transforma em lixo é costumeiramente dado pelo demônio às bruxas; e o nome Robin é quase um nome genérico para o demônio, tanto como um homem, quanto como seu substituto familiar. O outro nome para o companheiro Robin imaginário é Puck, que deriva de Gaelic Bouca de Slavic Bog, que significa Deus.

As evidências, dadas a seguir, mostram a íntima ligação entre as fadas e as bruxas, e mostra também a crença das bruxas na superioridade das fadas em relação a elas no campo da magia e dos poderes de cura.

1431 – Joana d’Arc. Não muito longe de Domremy existe uma certa árvore que é chamada de a Árvore das Senhoras [*Arbor Dominarum*], que outros chamam de a Árvore das Fadas [*Arbor Fatalium, gallice des Faées*], ao lado da qual existe um primaveril [que curava febres]. Trata-se de uma grande árvore, uma faia [*fagus*], da qual vem o *may*, que é um tipo de planta [*unde venit mayum, gallice le beau may*]. Ela pertence ao Senhor Pierre de Bourlemont. Pessoas idosas, não de sua linhagem, diziam que as

senhoras fadas assombravam o local [*conversabantur*]; que tinha ouvido sua madrinha Jeanne, esposa do Prefeito, dizer que ela tinha visto ali mulheres-fadas. Ela própria nunca tinha visto fadas na árvore, de que pudesse se lembrar. Ela fazia grinaldas na árvore, às vezes ela as deixava ali, às vezes ela as levava embora. Ela havia dançado ali com as outras crianças, mas não o fazia desde sua infância. Ela havia cantado ali mais do que havia dançado. Ela tinha ouvido dizer que sabia-se que Jeanne tinha recebido sua missão na árvore das senhoras fadas. As santas [Katharine e Margaret] vieram e falaram com ela na primavera ao lado da árvore das fadas, mas ela não dizia se elas haviam vindo até a árvore.⁸⁴²

Negou que tinha uma mandrágora, mas sabia que existia uma próxima à árvore das fadas.⁸⁴³

Minha madrinha, que viu as senhoras fadas, era vista como uma boa mulher, e não uma adivinhadora ou uma bruxa.⁸⁴⁴

Recusou-se a dizer se ela acreditava que as fadas eram espíritos maus.⁸⁴⁵

Ela não colocava rosários na árvore das fadas em honra à santas. Katharine e Margaret.⁸⁴⁶

Nunca tinha feito nada com, ou sabia qualquer coisa sobre aqueles que vinham pelo ar com as fadas [*gallice en l'erre avec les faées*]. Tinha ouvido dizer que elas vinham nas quintas-feiras, mas consideravam aquilo como sendo bruxaria.⁸⁴⁷

4º Artigo de Acusação. — Jeanne não foi instruída em sua juventude na crença e na fé primitiva, mas foi incentivada por certas senhoras de idade para o uso da bruxaria, da adivinhação e outros trabalhos supersticiosos ou artes mágicas; muitos habitantes daqueles vilarejos foram relacionados com a antiguidade dos maus feitos antes mencionados. A própria Jeanne disse que ela tinha ouvido de sua madrinha, e de muitas outras pessoas, sobre visões e aparições de fadas ou espíritos imaginários [*gallice faées*]; por outros, ela também recebeu instruções e foi levada a erros maldosos e perniciosos por tais espíritos, tanto que no julgamento, diante dele, ela confessou que até aquela época, não sabia que as fadas eram espíritos ruins. Resposta: com relação às senhoras fadas, ela não sabia do que se tratava. Com relação aos conhecimentos que ela aprendeu a acreditar e que foram bem e a tempo ensinadas para fazer tudo o que uma boa criança deve. Com relação à sua madrinha, ela se referiu ao que havia dito anteriormente.⁸⁴⁸

842. Id., i, p. 87; M., p. 42.

843. Id., i, pp. 88-9; M., p. 43.

844. Id., i, p. 177; M., p. 80.

845. Id., i, p. 178; M., 80.

846. Id., i, p. 186; M., p. 84.

847. Id., i, p. 187; M., p. 84.

848. Id., i, p. 209; M., p. 91.

5º Artigo. Próximo ao vilarejo de Domremy, existe uma certa árvore maravilhosa, grande e antiga, vulgarmente chamada de The Charmed Fairy-tree (A Árvore Encantada das Fadas) de Bourlemont⁸⁴⁹ [*l'arbre charmé faée de Bourlemont*]; ao lado da árvore existe um primaveril; e diz-se que espíritos maus, chamados de fadas, com os quais aqueles que se utilizam de bruxaria estão acostumados a dançar à noite, caminham ao redor da árvore e do primaveril. Resposta: com relação à árvore e ao primaveril, se referiu às suas respostas anteriores; negou o resto.⁸⁵⁰

6º Artigo. Jeanne freqüentava a dita árvore e o primaveril sozinha, principalmente à noite, às vezes durante o dia, e na maioria das vezes na hora em que os trabalhos de adoração eram celebrados na igreja, para que estivessem sozinhos; e iam todos dançar ao redor da árvore e do primaveril; depois disso, penduravam várias grinaldas de várias ervas e flores nos galhos da árvore, que eram feitas com suas próprias mãos, dizendo e cantando antes e depois, certos encantamentos e canções com algumas invocações que mencionavam feitiços e outros pecados; e as grinaldas não eram mais encontradas na manhã seguinte. Resposta: referiu-se à parte das outras respostas, negou o restante.⁸⁵¹

23º Artigo. Suas cartas mostraram que ela tinha se consultado com espíritos do mal. Negou ter alguma vez feito algo por inspiração de espíritos malignos.⁸⁵²

1566. John Walsh, de Netherberry, Dorset. Ao ser questionado sobre como ele sabia quando algum homem estava enfeitiçado, ele disse que sabia em parte por causa das fadas, e disse que existiam três tipos de fadas: as brancas, as verdes e as negras. O que, quando está disposto a usá-las, fala com elas nas montanhas, porque existem grandes montes de terra, principalmente em Dorsetshire. E entre as sete horas, meio-dia e meia-noite, ele tem acesso a elas. Assim (ele disse) as fadas negras são as piores.⁸⁵³

1576. Bessie Dunlop de Lyne, Ayrshire. Thom Reid apareceu a ela em sua casa, aproximadamente na sétima hora do dia, quando ali estavam sentadas três pessoas além de seu padrinho; e ele pegou seu avental e fez com que ela o desafiasse e o seguisse, e então foi para a montanha onde ele a proibiu de falar ou temer qualquer coisa que ela visse ou ouvisse; e depois de terem caminhado por alguns instantes, ela viu doze pessoas, oito mulheres e quatro homens. Os homens estavam vestidos com roupas elegantes e as mulheres estavam todas ao redor deles e eram muito parecidas; e Thorne estava com eles. E perguntou se ela conhecia algum deles; ao que respondeu: “Nenhum, com exceção de Thom”; que perguntou: “O que eles

849. *Bour-le-mont*, cp. *Bour-jo*, uma palavra de derivação desconhecida. Veja Walter Scott, *Bruxaria e Demonologia*.

850. Q., i, p. 2; M., p. 91.

851. Q., i, pp. 211-12; M., pp. 91-2.

852. Id., i, p. 242; M., pp. 96-7.

853. Exame de John Walsh.

tinham dito a ela?” “Que respondeu que pediram que ela se sentasse” e disse: “Seja bem-vinda, Bessie, perguntando se ela iria com eles.” Mas ela respondeu que não, porque Thom a tinha proibido. E ainda declarou que propósito ele tinha para eles, e que ela apenas tinha visto seus lábios se mexendo; e depois de algum tempo todos partiram; e que depois uma terrível rajada de vento os acompanhou; o que fez ela cair doente, o que fez com que Thom viesse mais de uma vez até ela. [À margem, “*Confessit and fylit.*”] Ainda perguntaram a ela: “Considerando os espíritos de Thom, quem são estas pessoas?” Ela respondeu que eram as bruxas boas que controlavam a área dos Elfos; o que a fez decidir ir com eles. E, mais tarde, Thom pediu a ela que fizesse o mesmo; e ela respondeu: “*Sche sau na proffreit to gang thai kynd of gaittis, vnles in persoun, and [ele] suld make hir far better nor euer sche was?*” *Sche ansuerit, “That sche duelt with hir awin husband and bairnis, and culd nocht leif thame.”* E viu Thom ficar muito bravo com ela e disse: “*Gif swa sche thocht, sche wald get lytill gude of him.*” *Interrogat, Gif sche neur askit the questioun at him, Quhairfoir he com to hir mair [than] ane vthir bodye? Ansuerit, Remembring hir, quhen sche was lyand in chyld-bed-lair, with ane of hir laiddis, that ane stout woman com in to hir, and sat down on the forme besyde hir, and askit ane drink at hir, and sche gaif hir; quha alsua tauld hir, that that barne wald de, and that hir husband suld mend of his seiknes. The said Bessie ansuerit, that sche remembrit wele thairof*”; e Thom disse que ela era a Rainha dos Elfos, que tinha-no enviado para cuidar deles. “*Confessit and fylit*”.⁸⁵⁴

1588. Alesoun Peirsoun de Byrehill, Fifeshire. “*Was conuict for hanting and repairing with the gude nichtbouris and Quene of Elfame, thir diners 3eiris bypast, as scho had confesst be hir depositiounis, declaring that scho could nocht say reddelie how lang scho wes with thame; and that scho had friendis in that court quhilk wes of hir awin blude, quha had gude acquaintance of the Quene of Elphame... And that scho was nocht the Quene thir sewin 3eir: And that scho had mony guid friendis thair, bot had na will to visseit thame eftir the end... In Grange-mure thair come ane man to hir, cled in grene clothis, quha said to hir, Gif scho wald be faithfull, he wald do hir gud. He gaid away thane, and apperit to hir att ane vthir tyme, ane lustie mane, with mony mene and wemen with him: And that scho sanit hir and prayit, and past with thame forder nor scho could tell; and saw with thame pypeing and mirrynes and good scheir*”.⁸⁵⁵

1589. Beatrix Baonensis, “*in Loraine, Etliche geben Späher, etliche Vögel oder sonst nicht viel besonders, als da sein möchte gemüntzt Geld aus Rindern Ledder, und wenn sie dergleichen nichts haben, so verschafft es ihnen ihr Geist, auf dass sie staffirt seyn*”.

854. Pitcairn, i, pt. ii, pp. 52-3, 56-7.

855. Remigijs, pt. i, p. 55

1593. Um outro vizinho meu viu sua esposa cheia de problemas, e foi até ela [a bruxa branca], e ela disse a ele que sua esposa estava sendo assombrada por uma fada.⁸⁵⁶

1593. Ela tinha três ou quatro *imps*, alguns os chamavam de *puckrels*, um em forma de um gato cinza, o outro como uma doninha, e um outro como um rato.⁸⁵⁷

1597. Christian Livingston de Leith. “*Scho afferinit that hir dochter was tane away with Farie-folk, and declarit to Gothrayis wyff, than being with barne, that it was a man chyld scho was with; as it provit in deid: And that all the knowlege scho had was be hir dochter, wha met with the Fairie*”.⁸⁵⁸

1597. Isobell Strathaquhin e sua filha, de Aberdeen. *Theye depone that hir self confessis that quhat skill so ever scho lies, scho hed it of hir mother; and hir mother learnit at ane elf man quha lay with hir*.⁸⁵⁹

1597. Andro Man, de Aberdeen. “*Thriescoir yeris sensyne or thairby, the Devill, thy maister, com to thy motheris hous, in the liknes and scheap of a woman, quhom thow callis the Quene of Elphen, and was delyverit of a barne, as apperit to the their... Thou confessis that be the space of threttie twa yeris sensyn or thairby, thow begud to have carnall deall with that devilsche spreit, the Quene of Elphen, on quhon, thow begat dyveris bairnis, quhom thow hes sene sensyn... Vpon the Ruidday in harvest, in tis present yeir, quhilk fell on ane Wadinsday, thow confessis and affermir, thow saw Christsonday cum owt of the snaw in liknes of a staig, and that the Quene of Elpehn was their, and vtheris with hir, rydand vpon quhyt haiknays, and that thay com to the Binhill, and Binloch, quhair thay vse commonlie to convene, and that thay quha convenis with thame kissis Christsonday and the Quene of Elphenis airss, as thow did thy selff. Item, thow affermis that the elphis hes schapes and claythis lyk men, and that thay will have fair coverit taiblis, and that thay ar bot schaddowis, bot ar starker nor men, and that thay have playing and dansing quhen thya pleas; and als that the quene is verray plesand, and wilbe auld and young quhen scho pleissis: scho mackis any kyng quhom scho pleisis, and lysis with any scho lykis... the said Andro confessis that Chrystsonday rydis all the tyme that he is in thair cumpanie, and lies carnall deall wth thaim; also, that the men that cumis with thame, hes do with the Quene of Elfaine*.⁸⁶⁰... *Thou confesses that the devil thy master, whom thou terms Christsonday, and supposes to be an angel and God’s godson—albeit he has a thraw by God, and sways to the Quene of Elphin*”— que é celebrada pelo pronunciamento da pala-

856. Giffard, p. 10; Percy Soc. Viii.

857. Id., ib., p. 9.

858. Pitcairn, ii, p. 25.

859. Clube Spalding Misc., i, p. 177.

860. Clube Spalding Misc., i, pp. 119, 121, 125.

vra benedicite. Dessa forma, vós afirmais que a Rainha dos Elfos possui controle sob toda a forma de bruxaria, porém ChristSunday é o o pai da família, e tem todo o poder abaixo de Deus.⁸⁶¹

1608. Distrito de Lyons. “*Ils dansent deux à deus, & par fois l'un çà & l'autre là; 'estans telles danses semblables à celles des Fées, vrais Diables incorporez, qui regnoient il n'y a pas long temps*”.⁸⁶²

1015. Jonet Drever, de Orkney. Para ser condenada e culpada pelo estímulo de qualquer criança de ir até o monte de Westray juntar-se ao povo das fadas. E por ter tido relação carnal com ela e ter conversado com a fada *xxvj 3eiris* de acordo com sua própria confissão.⁸⁶³

1616. Katherine Caray, de Orkney. Na madrugada, próximo ao nascer do sol, um grande número de fadas do sexo masculino a encontraram junto com seu mestre e senhor.⁸⁶⁴

1616. Elspeth Reoch, de Orkney. Ela confessou que quando era uma garota de apenas doze anos de idade e saiu da cidade onde tinha nascido em Lochquhaber, foi até a esposa de Allane McKeldowies, que era sua tia que voltou para o Lago Loch, e esperou até que o barco viesse buscá-la. Então vieram até ela dois homens, um vestido de preto e o outro com uma túnica cinza e um dos homens disse que ela era bonita e que ele a iria ensinar como conquistar e conseguir algo que desejasse... E depois disso, dois anos mais tarde, ela deu à luz a seu primeiro filho, quando estava na casa de sua irmã, e o homem negro veio até ela, o mesmo que tinha vindo em Lochquhaber e disse que ele era do mundo das fadas, e neste mesmo dia ela confessou que chamou o homem das fadas para se deitar junto dela, e foi quando ele pediu que saísse da Orkney.⁸⁶⁵

1618. Joan William, de Leicester. Ela disse que possuía um espírito que se chamava Pretty, que tinha sido dado por William Berry de Langholme em Rutlandshire, a quem ela serviu por três anos; e que seu mestre, quando lhe contemplou com o presente, fez com que ela abrisse sua boca e soprou para dentro dela uma fada que iria protegê-la; e que ao abrir sua boca, soprou; e depois de alguns instantes, saiu de dentro da boca dele um espírito, que ficou em pé na forma de uma mulher, e pediu que ela lhe desse sua alma, o que ela prontamente prometeu fazer.⁸⁶⁶

1633. Isobel Sinclair, de Orkney. Seis vezes durante anos. Era o tempo no qual ela foi controlada pelas fadas.⁸⁶⁷

1653. Yorkshire. “Aconteceu (ele disse), como eu tinha ouvido, aquela história naquele país onde um homem, preso por suspeita de bruxaria, per-

tência à facção que chamamos de bruxas brancas, que realizam curas além de nossas razões e deduções comuns de nossos praticantes conhecidos, e devem (e a maioria deles verdadeiramente) fazer o mesmo por meio da administração de espíritos (que a partir de seus nobres conselhos, nascem a maioria das Ciências) e assim são por vontade de Deus considerados contrário às nossas leis civis, como sendo formas cheias de perigo e engano, e de forma irreal obtidas por meio de pactos diabólicos pela venda da alma ao espírito auxiliar, para a honra de seu Mountebankery. O que este homem fazia era com um pó branco, que ele dizia ter recebido das fadas e que, quando tinha ido até a montanha, bateu três vezes, e a montanha se abriu, e ele pôde entrar, e conversou com pessoas invisíveis; e ofereceu-se para, se alguns dos senhores presentes aparecesse diante dele como pessoa, ou que enviasse um de seus servos, que ele os conduzisse, ou que lhes mostraria o lugar e as pessoas de quem ele havia adquirido suas habilidades.” [O depoimento de Hotham termina aqui; Webster continuou primeiramente com suas próprias palavras, e então com aspas em um diálogo mencionado, que não demonstra autoridade.] A isso, somente devo acrescentar o suficiente, que o homem foi acusado por invocar e chamar os espíritos do mal, e que era uma pessoa muito simples e ignorante sob o julgamento de qualquer pessoa, e tinha sido antes muito pobre, mas que tinha conseguido ótimos meios para manter a si mesmo, a sua esposa e a várias crianças pequenas, por meio das curas que realizava com seu pó branco, do qual não foi possível obter provas suficientes; e o juiz, ao perguntar sobre como tinha conseguido aquele pó, ele contou uma história. Que uma noite antes do dia terminar, enquanto ele estava indo para casa, voltando do trabalho, estando muito triste e cheio de pensamentos pesados, não sabendo como conseguir comida e bebida para sua esposa e filhos, encontrou uma justa mulher vestida com roupas finas, que lhe perguntou por que estava triste, e ele respondeu que era por causa de sua pobreza, ao que ela disse, que se ele seguisse seus conselhos, ela o ajudaria a encontrar uma forma de conseguir sustentar-se de modo satisfatório: ele respondeu que faria isso de todo seu coração, e que não o faria de maneira enganosa: ela disse a ele que não deveria ser assim, mas na verdade fazendo o bem e curando as pessoas doentes; e assim o avisou de forma bastante específica que ele deveria encontrá-la ali, naquele lugar, no dia seguinte, naquela mesma hora, e assim ela partiu e ele foi para casa. E na noite seguinte, no horário previsto, ele a esperou conforme o combinado, e ela (de acordo com sua promessa) veio e disse que ele tinha feito o certo por ter chegado na hora certa, ou do contrário teria perdido seus benefícios, que era o que ela tinha planejado para ele, e foi assim que ela pediu que ele a seguisse e que nada temesse. Então, ela o levou até uma montanha e ali bateu três vezes, e a montanha se abriu, e eles entraram, e chegaram a uma sala bonita, onde estava uma rainha sentada, cheia de esplendor, com muitas pessoas à sua frente, e aquela gentil senhora que o havia conduzido até lá o apresentou à rainha, e ela disse que ele era ali bem-vindo e pediu que a gentil senhora

861. Burton, i, p. 253.

862. Boguet, p. 132.

863. Clube Maitland Misc., li, p. 167.

864. Dalyell, p. 536.

865. Folclore do Condado, iii, Orkney, pp. 112-14; Clube Maitland Misc., ii, pp. 188-9.

866. A Maravilhosa Descoberta de Margaret e Phillip Flower, E 3.

867. Dalyell, p. 470.

desse a ele um pouco do pó branco, e que o ensinasse a usá-lo, o que fez entregando a ele uma caixa de madeira cheia do pó branco, e pediu a ele que desse dois ou três grãos dele para qualquer pessoa que estivesse doente, e que ele a iria curar, e assim ela o levou para fora da montanha e partiram. E quando o juiz lhe perguntou se o lugar dentro da montanha, que ele chamou de “uma sala”, era claro ou escuro, ele de forma indiferente respondeu que o lugar parecia iluminado como por um crepúsculo; e quando lhe perguntaram de que forma ele conseguia mais daquele pó, ele disse que quando ele o queria ele ia até a montanha e batia três vezes, e disse que toda vez que ali chegava era conduzido pela mesma senhora até a rainha, e assim recebia mais do pó. Esta foi a pura e simples história (embora possam considerá-la de forma diferente) que ele contou para o juiz, para toda a corte e, sem prova além das curas que ele tinha feito com tantas pessoas, o júri de fato o absolveu”.⁸⁶⁸

1655. Parece bastante adequado aqui investigarmos a natureza daqueles grandes anéis escuros na grama, que eles chamam de Círculos de Fadas, sejam eles os Rendezvous de Bruxas, ou o local de dança daqueles pequenos espíritos bonecos que eles chamam de elfos ou fadas.⁸⁶⁹

1661. Jonet Watson de Dalkeith. Ela confessou que, três meses antes, o demônio apareceu para ela na forma de um lindo garoto vestido com roupas verdes.

Da mesma forma, na noite do último *Baille-fyre*, ela estava em um encontro em Newtoundein com o demônio, que vestia roupas verdes, e um chapéu preto em sua cabeça, que foi quando ela renegou Cristo, e decidiu tornar-se uma serva do demônio.⁸⁷⁰

1662. Isobel Gowdie de Auldearne. Eu estava ao pé da montanha, recebi da rainha mais carne do que podia consumir. A rainha das fadas estava vestida com linho branco além de outras vestes brancas e marrom, etc; e o rei das fadas era uma figura bonita, encorpado, com um rosto vistoso, etc. Havia elfos caminhando, subindo e descendo por todos os lados, o que me assustou... Com relação às flechas dos elfos, o demônio dava-lhes as formas com suas próprias mãos, e as entregava para os meninos elfos, que as afiavam e as preparavam com um objeto pontiagudo como uma agulha... Nós fomos até a parte baixa da montanha; a montanha se abriu, e entramos em uma sala grande ainda à luz do dia. Ali havia pessoas caminhando, subindo e descendo para todos os lados, o que me assustou... O demônio então nos deu as moedas mais bem-cunhadas; depois de vinte e quatro horas o dinheiro se transformou em fezes de cavalo.⁸⁷¹

868. Webster, pp. 300.

869. Mais, p. 232.

870. Pitcairn, iii, p. 601.

871. Pitcairn, iii, pp. 604, 607, 611, 613.

1662. Janet Breadheld de Auldearne. “Ele me deu dinheiro em forma de moedas... e me deu também um outro tipo de moeda, porém ambas ficaram vermelhas e não pude fazer uso nenhum delas”.⁸⁷²

1662. Bute. [O demônio] deu a ela uma flecha de pedra de elfo para que atirasse nele [uma criança de sete anos], o que fez com que dez dias depois o menino morresse. Jonet Morison disse que o demônio contou a ela que tinham sido as fadas que haviam tirado a vida do filho de John Glas. O médico de Mcfersone em Keretoule caiu doente com uma enfermidade não-natural. A doença tinha vindo das fadas e ela a curou com ervas. Quando lhe perguntaram sobre a cura de Alester Bannatyne, que estava doente, respondeu que ela havia vindo das fadas e que o tinha curado com ervas, e quando lhe perguntaram sobre a cura de Patrick Glas, a médica Barbara Glas respondeu que ela também havia vindo das fadas. Ao ser questionada sobre que diferença havia entre a flecha ser atirada ou fincada, ela disse que, quando elas eram atiradas, não havia recuperação e que se atingissem o coração a pessoa morria imediatamente, mas que, se não atingisse o coração, demorava algum tempo até morrer; que através da inserção da flecha se tratava de um lançamento dela sobre a pessoa em quem elas tinham a intenção de causar algo e que podia ser curada dois dias depois, utilizando-se de ervas ou de feitiços”.⁸⁷³

1664. Alice Duke, de Wincanton, Somerset. Quando o demônio fazia algo por ela, ela o chamava pelo nome de Robin, que fazia com que ele aparecesse.⁸⁷⁴

1664. Elizabeth Style, de Wincanton, Somerset. Quando ela sentia necessidade de fazer algum mal, ela chamava o espírito pelo nome de Robin.⁸⁷⁵

1670. Jean Weir, de Edinburgh. Quando ela trabalhava em uma escola em Dalkeith, e ensinava crianças, uma mulher alta vinha até a casa dela quando as crianças estavam lá; ela tinha, como aparecia para ela, uma criança em suas costas, e uma ou duas a seus pés; e a mulher pedia que ela falasse com a rainha das fadas e intercedesse por ela com a rainha (sendo estas suas próprias palavras).⁸⁷⁶

1677. Inveraray. Donald McIlmichall foi julgado “por aquele crime horrível de se comunicar com o demônio”; todas as evidências eram de que ele entrava em uma montanha de fadas onde encontrava muitos homens e mulheres “e tocava trombetas para eles enquanto todos dançavam”.

1697. Margaret Fulton em Renfrewshire. Ela foi considerada uma bruxa, e tinha sua marca, e reconheceu que seu marido a tinha trazido de volta das fadas.⁸⁷⁷

872. Id., iii, p. 617.

873. Highland Papers, iii, pp. 19, 23, 27.

874. Glanvil, pt. ii, p. 152.

875. Id., ii, p. 137.

876. Lei, p. 27 nota. *Highland Papers*, iii, pp. 36-8.

877. *Sadducismus Debellatus*, p. 50.

1697. James Lindsay, que tinha o nome falso de Curat, em Renfrewshire. Ele era chamado de o Gleid, ou Squint-Ey'd Elf (Elfo do Olho Estrábico).⁸⁷⁸

Século XIX. Havia um boato geral de que o elfo Iving não tinha vindo para o mundo como as demais criaturas pecadoras da terra, mas que era um dos filhos Kane das fadas, que elas tinham de preparar para o inimigo da salvação dos homens, a cada sete anos. A pobre dama-fada – a mãe de uma mãe, fosse ela feita da carne de um elfo ou da carne de Eva – teve seu filho elfo batizado no berço de Marion Irving e o inimigo perdeu sua presa por algum tempo... E, ao tocar este garoto, viu sua mãe agir como um falcão que cuida de seu ninho, um segundo parente de Kate Kimmer, de Barflosan, que era considerada como uma bruxa que sempre passeia naquele lugar.⁸⁷⁹

Apêndice II — O Julgamento de Silvain Nevillon e Gentien Le Clerc em Orleans, 1614-15

[Este julgamento está incluído aqui como um exemplo de puro ritual de bruxaria, sem mudança na escrita.]

Arrest & procedure faicte par le Lieutenant Criminel d Orleans, contre Silvain Neuillon, Gentien le Clerc dit Niuelle, & Mathurin Ferrand du village de Nouan en Sologne, conuaincus de sortilege le 20 Juin 1614.

Le Vendredy 20 Iuin 1614 ledit Lieutenant procedant à l'audition dudit Neuillon comireur & Masson, aagé de 77 ans.

Ledit Lieutenant Criminel luy ayant dit qu'il luy vouloit faire raire on razer le poil & changer d'habits: afin qu'il dict verité. L'accusé s'escria en ces mots, Comment me veut-on faire mourir, Messieurs, si ie vous confesse la verité, vous ne me ferez pas razer.

A confessé auoir esté an Sabbat prez Nouan, en vn lieu nommé Oliuet, Det que le Sabbat se tenoit dans une maison, où il vit à la cheminée com{m}e ledit Sabbat se faisoit, un homme noir duquel on ne voyoit point la teste, & deux cheures on boucs en la mesme maison ayant grand poil noir. Il y auoit 200. Personnes tons masquez, excepté un nominé Ferrand. Qu'allant à l'offrande aucuns baillent de l'argent comme à l'Eglise.

Vit aussi un grand homme noir à l'opposite de celui de la cheminée, qui regardoit dans un liure, dont les feuillets estoient noirs & bleuds, & marmotoit entre ses dents sans entendre ce qu'il disoit, leuoit une hostie noire, puis un calice de meschant estain tout crasseux. Vit que tons les assistans dançoient en bransles dos à dos, & deux boucs ou cheures avec eux. Il y avoit des viandes si fades qu'il n'en peut aualler, & croit que c'estoit de la chair de cheual, & que ledit hom{m}e noir parloit comme si

878. Id., p. 25.

879. Cunningham, pp. 246, 251.

la voix fut sortie d'un poinson: Et vit enuiron douze enfans portez par des femmes, & que le Diable batit une femme avec un baston, de ce qu'elle n'auoit pas apporté son enfant comme elle auoit promis, bailloit ledit homme noir des gasteaux auxdits petits enfans.

Dit que ceux qui ne vont au Sabbat, payent huict sols, qu'il y a des processions où il a veu par fois six cens personnes, que les deux Diabes qui estoient au Sabbat, l'un s'appelloit l'Orthon, & l'autre Trainsnesac, & qu'ils se baissoient enuers ceux qui leur emmenoient leurs enfans comme pour les remercier, & baisoient leursdits enfans au cul.

Dir qu'il a veu le Diable en plusieurs façons, tantost comme vn bouc, ayant vn visage deuant & un autre derrière, ores comme un gros mouton.

Qu'on baptise des enfans au Sabbat avec du Cresme, que des femmes apportent, & frottent la verge de quelque homme, & en font sortir de la sentence qu'elles amassent, & la meslent avec le Cresme, puis mettent cela sur la teste de l'enfant en prononçant quelques paroles en Latin.

Dit aussi auoir veu des Sorciers & Sorcieres qui apportent des Hosties au Sabbat, lesquelles elles auoient gardé lors, qu'on leur auoit baillé à communier à l'Eglise, & que le Diable faisoit des gestes comme en depitant sur icelles Hosties, desquelles on faisoit de lit poudre, & quelque fois on les mettoit dans l'eau, & que le Diable estoit fort ayse quand on luy apportoit lesdites Hosties.

Dit auoir ouy dire à Guilleaunne le Clerc dit Nitelle, que pour auoir fait mourir un homme le Diable donnoit de recompence huict sols, & pour vne femme cinq. Sols.

Dit que le Diable les bat ail Sabbat, quand ils ne sçauent rendre compte d'auoir fait quelque mal, & qu'il leur dit en se separant vengez vous, autrement vous mourrez.

Dit que le iour qu'on a esté à la Messe, on ne peut estre ensorcellé, on qu'on a un Agnus Dei sur soy, que bien souuent ils appellent l'Hostie lean le blanc, que les femmes chantent des châsons en l'honneur du Diable, & qu'à l'entree & sortie de table qu Sabbat, on dit au Diable nous vous reconnissons pour nostre maistre, nostre Dieu, nostre Createur.

Que le Diable dit le Semō au Sabbat, mais qu'on n'entend ce qu'il dit, parce qu'il parle com{m}e en grōdant, & qu'il iette de la poudre par toute l'assemblée, com{m}e on fait de l'eau beniste.

Vit qu'on frappoit dans l'eau d'une baguette, & aussi tost vit comme il luy sembloit que c'estoit de la gresle.

Dit estre allé souuent au Sabbat de son pied touto esueillé, & ne se grassoit point, d'autant que c'estoit folie de se graisser quand on tie va pas loing.

Dit que le Diable monstre une forme de membre viril au Sabbat, ong comme une chandelle, & qu'il vit vne femme qui le baisa par là.

Dit que les Sorciers ne peuuent faire mal le Vendredy, à cause que Dieu y auoit souffert la mort, & estoit venu au monde ledit iour.

Dit qu'il y a des Sorciers qui nourrissent des Marionettes, qui sont de petits Diabeteaux en forme de Crapaux, & leur font manger de la bouillie composée de laict & de farine, & leur donnent le premier morceau, & n'oseroient s'absenter de leur maison sans leur demander congé, & luy faut dire combien de temps ils seront absens, comme trois ou quatre iours, & si elles disent que c'est trop, ceux qui les gardent, n'osent faire leur voyage ny outre-passer leur volonté.

Et quand ils veulent aller en marchandise ou ioüer, & sçauoir s'il y fera bon, ils regardent si lesdites Marionettes sont ioyeuses, en ce cas ils vont en marchandise, ou ioüer: mais si elles sont maussades & tristes, ils ne bougent de la maison, & le plus souuent lesdites Marionettes vsent enuers eux de grandes menaces.

Interrogé ledit Neillon par ledit Lieutenant Criminel, si à son aduis vn Iuge pourroit faire prendre lesdites Marionettes, veu que ce sont Demons familiers.

Respond qu'un bon Iuge pourroit bien faire emporter lesdites Marionettes, d'autant qu'elles craignent for les bons Iuges: mais qu'un Iuge qui ne feroit pas bien la Iustice, ny gagneroit rien, & que les Sorciers peuuent ensorceller vn meschant Iuge, parce que Dieu l'a abandonné.

Dit qu'il a veu bailler au Sabbat du pain benist, & de l'encens, mais il ne sentoit bon comme celuy de l'Eglise, & que c'estoit un des Diabes nommé Orthon qui le donnoit, lors que Tramesabot disoit la Messe, & qu'auant la commencer il iettoit de l'eau beniste qui estoit faicte de pissat, & faisoit la reuerence de l'espaule, & disoit, Asperges Diaboli.

Ledit Neillon estoit conuaincu par le procez, d'auoir empoisoné & fait mourir plusieurs personnes & bestiaux, & d'auoir fait d'autres maux.

Gentil ou Gentie{n} le Clerc dit, que as mère le presenta (dit-on) ell l'agge de trois ans au Sabbat, à un bouc, qu'on appelloit l'Aspic. Dit qu'il fut baptisé au Sabbat, au Carroir d'Oliuet, avec quatorze ou quinze autres, & que leanne Geraut porta du Chresme qui estoit jaune dans un pot, & que ledit Neillon ietta de la semence dans ledit pot, & un nommé Semelle, & broüilloient cela avec une petite cuilliere de bois, & puis leur en mirent à tous sur la teste.

Il vit marquer plusieurs personnes, mais les femmes principalement entre les tetins.

Qu'on baille à baiser la paix comme l'Eglise, & que cela semble une tuille, & qu'on y baille un denier ou un double allant à l'offrande, l'eau beniste est iaune comme du pissat d'asne, & qu'apres qu'on la iettée on dit la Messe, & que c'est le Diable qui la dit, qu'il a une Chasuble qui a une croix: mais qu'elle n'a que trois barres: & tourne le dos à l'Autel quand il veut leuer l'Hostie & le Calice, qui sont noirs, & marmote dans un liure, duquel la couerture est toute veluë comme d'une peau de loup, avec des feuillets blancs & rouges, d'autres noirs.

Et quand ledit homme noir a ietté, ou iette de l'eau beniste, chacun des assistans, se iette en terre comme on faict à l'Eglise sur la fosse des trespassez, avec un morceau de hou qui a trois feuilles au bout. Après la Messe on dance, puis on couche ensemble, hommes avec hommes, & femmes avec des femmes. Puis on se met à table, où il n'a iamais veu de sel. Et n'y a autre viande que grenouille & anguilles, & point de vin ains de l'eau.

Dit qu'il a cognu des hommes & s'est accouplé avec eux; qu'il avoit une couppe ou gondolle par le moyen de laquelle toutes les femmes le suiivoient pour y boire.

Qu'au Sabbat on y blasphemoit souuent, disant chardieu, c'est une belle chose qu'ils font blanchir pour qu'on la voye de plus loing, & puis la mangent, & quand Ils l'ont mangé il n'y en a plus, que les Prestres font cela pour amuser le monde, & que c'est un beau Ianicot, qu'il y avoit plus d'acquest en sa Marionette qu'en Dieu. Et auoit veu souvent la Marionette dudit Neuillon, qui est comme un gros crapaut tout noir, comme d'une fourrure noire, & estoit dans vne boëtte caché soubz un carreau, qui sautoit & leuoit quand on vouloit dormir à manger audit crapaut. Qu'il l'a veu encore puis six semaines en la ruelle du lict dudict Neuillon, & qu'il a veu qu'il l'apportoit une autre fois dans son manteau, qu'il luy a dit une douzaine de fois, que s'il vouloit il luy en feroit auoir une. Qu'il y avoit plus profit en icelle qu'en Dieu, & qu'il ne gaignoit rien à regarder Dieu: mais que as Marionette luy apportoit tousiours quelque chose.

Confesse auoir fait mourir plusieurs personnes, & qu'il sçait faire dancier les boeufs dans un cercle qu'il fait, & qu'une vieille luy apprins.

Ils furent condamnez par sentence a estre pendus & bruslez. Appel en la Cour, ou au rapport de Monsieur Berulle, Conseiller en la seconde Chambre des Enquestes, deux Sorciers moururent. Cependant Gentien le Clerc seul, fut condamné par Arrest du 4 Feurier 1615.

Apêndice III — Os Nomes das Bruxas em seus Covens

1. 1440. Machecoul

[Três foram executadas; de quatro delas que foram igualmente culpadas, duas fugiram, e duas morreram antes da execução.]

Antonio Prelati
Bertrand Poulein
Etienne Corrillaut [executada]
Etiennette Blanchu
Eustache Blanchet
Gilles de Rais [executada]
Gilles de Sillé [fugiu]
Henri Griart [executado]
Jean Rossignol [morto]
Lenano Ceva
Perrine Martin
Robin Romulart [morto]
Roger de Bricqueville [fugiu]

2. 1582. Essex. St. Osyth

Ales Hunt
Ales Manfield
Ales Newman
Annis Glascocke
Anny Heade

Cysley Celles
 Elizabeth Bennet
 Elizabeth Ewstace
 Joan Pechey
 Joan Robinson
 Margaret Grevell
 Margery Sanmmon
 Ursley Kemp

3. 1590. Berwick do Norte

[Os que aparecem marcados com um asterisco são os nove que participaram do grande atentado contra a vida de James VI. Destes, quatro foram julgados e executados. Dos demais Covens, Christian Tod, Donald Robson e Robert Grierson foram executados como bruxos em 1594; e Beigis Tod em 1608. Os outros podem ter fugido todos juntos.]

Agnes Sampson e sua filha
 Agnes Stratton
 Alexander Quhytelaw
 Annie Richardson
 Barbara Napier*
 Beigis Tod
 Bessie Broune
 Bessie Gwlene [Cowan]
 Bessie Robson
 Bessie Thomson
 Bessie Wright
 Catherine Campbell
 Catherine Duncan
 Catherene McGill
 Christian Carrington
 Christian Tod
 Donald Robson*
 Duncan Buchanan*
 Euphemia McCalyan
 Geillis Duncan
 Gilbert McGill
 Helen Lauder
 Helen Quhyte
 Issobell Gylour [Gylloun]
 Issobell Lauder
 Jannet Blandilands

Jonnet Campbell
 Jonet Gaw [Gall]
 Jonet Logan
 Jonet Nicholson
 Jonet Stratton
 John Couper
 John Fian [oficial]
 John Gordon [Gray-meill]
 John McGill
 Kaet Gray
 Kait Wallace
 Malie Geddie
 Margrett Aitchison
 Meg Begton
 Meg Dunn
 Meg Stillcart
 Margret Thomsoun*
 Marion Bailzie
 Marion Congilton
 Marion Linkup e sua irmã
 Marion Nicholson
 Marion Paterson
 Marion Scheill [Shaw]
 Marion... [Marion da Irlanda]
 Masie Aitchison
 Michael Clark
 Richard Graham
 Robert Grierson
 Thomas Burnhill e sua esposa
 Stobbeis [duas mulheres]
 A esposa de Archie Henillis
 A esposa de George Mott
 A esposa de John Ramsay
 A esposa de Nicoll Murray

4. 1597. Aberdeen

[Os seguintes foram executados.]
 Andro Man
 Christen Reid
 Issobell Oige
 Issobell Richie

Helen Rogie
 Jonet Grant
 Jonet Spaldarg
 Jonet Wishert
 Katherine Gerard
 Margrat Bean
 Margrat Og
 Marion Grant
 Thomas Leyis (oficial)

[Os seguintes agiram como protagonistas nas cerimônias e foram julgados; sete deles foram banidos; não há nenhum registro com relação ao destino dos demais.]

Agnes Wobster
 Beatrice Robbie [banida]
 Bessie Thom
 Christen Mitchell
 Ellen Gray
 Elspet Leyis [banido]
 Issobell Coky
 Helen Fraser
 John Leyis [banido]
 Jonet Davidson [banida]
 Jonet Leyis [banida]
 Jonet Lucas [banida]
 Violet Lucas [banida]

5. 1613. Lancashire

[Dez deles foram executados; Elizabeth Demdike morreu na prisão; Jennet Preston foi absolvida, mas foi executada mais tarde. Eu imagino Jennet Hargreaves como a décima terceira, porque ela foi a única a ser enviada para a Torre Malking e mais tarde para a prisão.]

Alice Nutter
 Alizon Device
 Anne Redferne
 Anne Whittle
 Elizabeth Demdike [oficial]
 Elizabeth Device
 Isobel Robey
 James Device
 Jane Bulcock

Jennet Hargreaves
 Jennet Preston
 John Bulcock
 Katherine Hewit

6. 1617. Guernsey

Collas Becquet
 Collette du Mont [oficial]
 Isabel Becquet
 Marie Becquet
 A mulher Fallaise
 A mulher Hardie
 Uma mulher que ela não conhecia
 Outras seis que ela não conhecia

7. 1644. Queensferry

[Sete delas foram executadas.]
 Catherine Logie
 Catherine Thomson
 Elspet Cant
 Helen Hill
 Helen Thomson
 Isobel Young
 Janet Lowrie
 Janet Mowbray
 Margaret Brown
 Margaret Dauline
 Marion Dauline
 Marion Little
 Marion Stein

8. 1649. Herts. St. Albans

Anne Smith
 John Lamén, Pai

John Lamén, Filho
 John [?] Joan] Lamén
 John Palmer
 John Salmon, Pai
 Joseph Salmon
 Judeth Salmon
 Mary Bychance
 Mary Lamén, Mãe
 Mary Lamén, Filha
 Sarah Smith
 Widow Palmer

9. 1658. Alloa

Barbara Erskin
 Bessie Paton
 Elspet Black
 James Hudston
 James Kirk
 Jonet Millar
 Jonet Paterson
 Jonet Reid
 Kathren Black
 Kathren Renny
 Margret Demperstoun
 Margret Duchall
 Margret Tailzeour

10. 1661. Forfar

[Os dois Covens eram conduzidos, um por Helen Guthrie, e o outro por Helen Cothills. Eu coloquei no primeiro Coven os nomes que aparecem com mais frequência juntos.]

1º Coven

Agnes Sparke
 Andrew Watson
 Elspet Alexander
 Elspet Bruce

Helen Alexander
 Helen Guthrie [oficial]
 Isobel Dorward
 Issobell Shyrie
 John Tailzeour
 Jonet Howit
 Jonet Stout
 Katherene Portour
 Mary Rynd

2º Coven

Bessie Croket
 Christen Whyte
 George Ellies
 Helen Cothills [oficial]
 Isobel Smith
 Jonet Barrie
 Katharene Wallace
 Margaret Nicholl
 Marjorie Ritchie
 Finlason
 Hebrone
 Duas mulheres sem nomes mencionadas por Katharene Portour

11. 1662. Auldearne

Barbara Ronald
 Bessie Hay
 Bessie Wilson
 Elspet Nishie
 Issobell Gowdie
 Issobell Nicoll
 Janet Breadheid
 Janet Burnet
 John Taylor
 John Young [oficial]
 Jean Marten [a Virgem]
 Margret Brodie
 Margret Wilson

12. 1662. Kinross-shire. Crook of Devon

Agnes Brugh
 Agnes Murie
 Agnes Pittendreich
 Bessie Henderson
 Bessie Nell
 Christian Grieve
 Isabel Rutherford
 Janet Brugh
 Janet Paton (de Crook)
 Janet Paton (de Kilduff)
 Margaret Huggon
 Margaret Litster
 Robert Wilson

13. 1662. Hartford, Conn.

[Embora os registros publicados sejam incompletos, o número de nomes dos que sobreviveram indica que existiu um Coven nesta cidade.]

Andrew Sanford
 Elizabeth Seager
 James Walkley
 Judith Varlet
 Mary Sanford
 Nathaniel Greensmith
 Rebbeca Greensmith
 William Ayres
 A dona de casa Ayres
 A dona de casa Grant
 A dona de casa Palmer
 A dona de casa Sanford

14. 1662. Bute

Agnes... em Gortenis
 Annie Heyman [A Virgem]
 Cirstine Ballantyne [A Virgem]
 Donald McCartour
 Elspet Galie
 Elspet Gray
 Elspet NeWilliam
 Elspeth Spence

Issobell More McKaw
 Issobell NeNeill
 Issobell NeNicoll
 Jonet McConachie
 Jonet McNeill
 Jonet McNickell
 Jonet Isack
 Jonet Moriosn
 Jonet Nicoll
 John Galy
 Kathrine Cristell
 Kathrine Frissell
 Kathrine McWilliam
 Kathrine Moore
 Kathrine Stewart
 Margaret McNeill
 Margaret McNickell
 Margaret Neilduy
 Margaret NeLevin
 Margaret McWilliam
 Margaret Simth
 Marie McKaw
 Marie More NeCuill
 Marie Stewart
 Patrick McKaw

[Além de outros onze nomes incompletos, dos quais cinco podem ser identificados como os já mencionados acima, deixamos seis por adicionarmos a este número, o que dá um total de trinta e nove.]

15. 1664. Somerset

[No primeiro Coven eu coloquei os nomes que aparecem com maior frequência juntos nas provas coletadas.]

1^o Coven

Alice Duke
 Alice Green
 Anne Bishop [oficial],
 Catharine Green
 Christian Green
 Dinah Warberton
 Dorothy Warberton

Elizabeth Stile
Henry Walter
Jone Syms
Mary Green
Mary Penny
Mary Warberton

2º Coven

Christopher Ellen
James Bush
John Combes
John Vining
Julian Cox
Margaret Agar [oficial?]
Margaret Clarke
Rachel King
Richard Dickes
Richard Larmen
Thomas Bolster
Thomas Dunning
Durnford

16. 1673. Northumberland

Anne Driden
Anne Foster
Anne Usher
Elizabeth Pickering
John Crauforth
Lucy Thompson
Margaret Aynsley
Margarett (cujo sobrenome ela desconhece)
Michael Aynsley
William Wright
E mais três, cujos nomes elas desconhecem.

17. 1697. Renfrewshire. Bargarran

Agnes Naismith
Alexander Anderson
James Lindsay
Janet Rodgers
Janet Wagh
Jean Fulton [oficial]
John Lindsay
John Reid
Katherine Campbel
Margaret Fulton
Margaret Laing
Margaret Rodgers
Martha Semple

B. Os Nomes das Bruxas

[Guernsey agindo como lei sobre si mesma com relação aos nomes, as observações seguintes se referem somente à Inglaterra e à Escócia.]

As listas com os nomes de bruxas trazem à tona vários fatos com relação às mulheres. Um deles é a ausência de nomes saxões, como por exemplo Gertrude, Edith, Hilda; nomes do Velho Testamento são tão poucos em número que podemos considerá-los insignificantes; nomes escandinavos não são encontrados; os nomes essencialmente puritanos, tais como Temperance (Temperança) raramente aparecem; porém, a grande quantidade de nomes caem sobre oito cabeças com suas diferenças dialéticas: 1. Ann (Annis, Agnes, Annabel); 2. Alice (Alison); 3. Christian (Christen, Cirstine) 4. Elizabeth (Elspe, Isobel, Bessie); 5. Ellen (Elinor, Helen) 6. Joan (Jane, Janet, Jonet) 7. Margaret (Marget, Meg, Marjorie); 8. Marion (Mary).

À primeira vista, a listagem sugere influências vindas do Novo Testamento e da Grécia, embora eu não esteja preparada para discutir isso, eu diria: (1) que existiu uma deusa inglesa chamada Anna, o que pode justificar não somente todas as formas de Ann mas também as terminações nos nomes Alison e Marion; (2) que o nome Christian evidentemente indica a presença de uma outra religião; (3) que no momento presente não existe nada que prove que Isobel seja uma variante de Elizabeth—é muito provável que Isobel seja o nome original e que os missionários o tenham “cristianizado” tornando-o Elizabeth; (4) que Helen seja um nome pré-cristão na Grã-Bretanha; (5) que Margaret pode ter sido o originalmente Marget, sendo que a ortografia e a pronúncia teriam sido influenciadas pela forma

do grego; e (6) pelo fato de as letras g e y serem trocáveis, Marget poderia ser o mesmo que, ou muito próximo, do nome finlandês Marjatta.

Se o Cristianismo tivesse conseguido controlar as pessoas nas quais os escritores eclesiásticos acreditavam, o nome Mary certamente teria sido o mais comum, mas ele dificilmente apareceu na Grã-Bretanha antes de 1645, enquanto que Marion é raramente usado depois desta data. Isso indica que Marion foi a forma mais antiga, e que Mary pode assim ser meramente a contrapartida do nome mais longo.

Com relação ao nome Joan, não posso oferecer explicações ou hipóteses. Eu posso somente chamar a atenção para sua impressionante preponderância em comparação aos demais.

Nas listagens, os nomes estão organizados sem relação com as diferenças de ortografia. Os sobrenomes estão em ordem alfabética.

Abre Grinset	Dunwich	1663
Agnes Allene	Crook of Devon	1662
Agnes Beveridge	Crook of Devon	1662
Agnes Brodie	Auldearne	1662
Agnes Brown	Northampton	1612
Agnes Brugh	Crook of Devon	1662
Agnes Finnie	Edinburgh	1644
Agnes Forbes	Aberdeen	1597
Agnes Frame	Aberdeen	1597
Agnes Grant	Auldearne	1662
Agnes Murie	Crook of Devon	1662
Agnes Naismith	Bargarran	1697
Agnes Pittendreich	Crook of Devon	1662
Agnes Rawsterne	Lancs	1613
Agnes Sampson	Berwick do Norte	1590
Agnes Sharp	Crook of Devon	1662
Agnes Sparke	Forfar	1661
Agnes Stratton	Berwick do Norte	1590
Agnes Torrie	Auldearne	1662
Agnes Williamson	Samuelston	1662
Agnes Wobster	Aberdeen	1597
Agnes...	em Gortenis Bute	1662
Alester McNivan	Bute	1642
Alexander Bell	Auldearne	1662
Alexander Elder	Auldearne	1662
Alexander Hamilton	Edinburgh	1630
Alexander Hunter	Lothian do Leste	1649
Alexander Ledy	Auldearne	1662
Alexander Quhytelaw	N. Berwick	1590
Alexander Shepherd	Auldearne	1662

Alexander Sussums	Suffolk	1646
Alice Dixon	Essex	1645
Alice Dixon	Northumberland	1673
Alice Duke	Somerset	1664
Alice Gooderidge	Burton-on-Trent	1597
Alice Gray	Lancs	1613
Alice Green	Somerset	1664
Ales Hunt	St. Osyth	1582
Alice Huson	Burton Agnes	1664
Alice Kyteler	Irlanda	1324
Ales Manfield	St. Osyth	1582
Ales Newman	St. Osyth	1582
Alice Nutter	Lancs	1613
Alice Priestley	Lancs	1613
Else Young	Connecticut	1647
Alizon Device	Lancs	1613
Alison Dick	Kirkcaldy	1636
Alesoun Peirsoun	Fifeshire	1588
Allan McKeldowie	Orkney	1616
Amy Duny	Essex	1645
Amie Hyndman, Mãe	Bute	1662
Amie Hyndman, Filha	Bute	1662
Andro Man	Aberdeen	1597
Andrew Sanford	Conn.	1662
Andrew Watson	Forfar	1661
Anne Ashby	Maidstone	1652
Ann Baites	Northumberland	1673
Anne Baker	Leicester	1619
Anne Bishop	Somerset	1664
Anne Blampied	Guernsey	1629
Anne Bodenham	Salisbury	1633
Anne Cate Much	Holland, Essex	1645
Anne Cooper	Clacton Essex	1645
Annas Craigie	Crook of Devon	1662
Anne Crunkshey	Lancs	1673
Anne Desborough	Hunts	1646
Anne Driden	Northumberland	1673
Anne Foster	Northumberland	1673
Ann Foster	Northampton	1674
Annis Glascocke	St. Osyth	1582
Anne Grut	Guernsey	1614
Annis Heade	St. Osyth	1582
Annie Heyman	Bute	1662
Anne Hunnam	Scarborough	1651

Anne Leach	Misley, Essex	1645
Anne Martyn	Maidstone	1652
Anne Massq	Guernsey	1617
Ane Parker	Suffolk	1645
Anne Parteis	Northumberland	1673
Anne Pearce	Suffolk	1645
Anne Redferne	Lancs	1613
Annie Richardson	N. Berwick	1590
Anne Smith	St. Albans	1649
Annabil Stuart	Paisley	1678
Anie Tailzeour	Orkney	1633
Annapple Thomson	Borrowstowness	1679
Anne Usher	Northumberland	1673
Anne West	Lawford, Essex	1645
Anne Whitfield	Northumberland	1673
Anne Whittle	Lancs	1613
Anthony Hunter	Northumberland	1673
Archibald Man	Auldearne	1662
Arthur Bill	Northampton	1612
Barbara Erskeine	Alloa	1658
Barbara Friece	Auldearne	1662
Barbara Napier	N. Berwick	1590
Barbara Ronald	Auldearne	1662
Beak Taiss	Aberdeen	1597
Beigis Tod	N. Berwick	1598
Beatrice Laing	Pittenweem	1704
Beatrice Robbie	Aberdeen	1597
Cirstine Ballantyne	Bute	1662
Christian Carington	N. Berwick	1597
Christian Carrington	N. Berwick	1590
Christian Graham	Glasgow	1622
Christian Green	Somerset	1664
Christian Grieve	Crook of Devon	1662
Christine Harnon	Guernsey	1617
Christiane Lewingstone	Leith	1597
Christen Miller	Aberdeen	1597
Christen Mitchell	Aberdeen	1597
Christen Reid	Aberdeen	1597
Christian Saidler	Edinburgh	1597
Christian Tod	N. Berwick	1590
Christen Whyte	Forfar	1661
Christiane Wilson	Dalkeith	1661
Christian Young	Crook of Devon	1662
Christopher Dixon	Northumberland	1673

Christopher Ellen	Somerset	1664
Christopher Hargreaves	Lancs	1613
Christopher Howgate	Lancs	1613
Cysley Celles	St. Osyth	1582
Cecile Vaultier	Guernsey	1610
Collas Becquet	Guernsey	1617
Collette Becquet	Guernsey	1617
Collette de l'Estal	Guernsey	1622
Collette Dumont	Guernsey	1617
Collette Gascoing	Guernsey	1563
Collette la Gelée	Guernsey	1624
Collette Robin	Guernsey	1622
Collette Salmon	Guernsey	1563
Collette Sauvage	Guernsey	1639
Collette Tourtel	Guernsey	1576
Deliverance Hobbs	Salem	1692
Dinah Warberton	Somerset	1664
Donald McCartour	Bute	1662
Donald Robesoune	N. Berwick	1590
Doll Bilby Burton	Agnes	1664
Dorothy Green	Northumberland	1673
Dorothy Warberton	Somerset	1664
Duncan Buchquhannane	N. Berwick	1590
Bessie Aiken	Edinburgh	1597
Elspet Alexander	Forfar	1661
Elizabeth Astley	Lancs	1613
Elizabeth Atchinson	Northumberland	1673
Bessie Bathgate	Eymouth	1634
Elizabeth Bennet	St. Osyth	1582
Elspet Blak	Alloa	1658
Bessie Browne	N. Berwick	1590
Elspet Bruce	Forfar	1661
Elspet Cant	Queensferry	1644
Elizabeth Chandler	Hunts	1646
Elspet Chisholme	Auldearne	1662
Elizabeth Clark	Manningtree	1645
Elizabeth Clawson	Conn.	1692
Bessie Croket	Forfar	1661
Elizabeth Demdike	Lancs	1613
Elizabeth Dempster	Crook of Devon	1662
Elizabeth Device	Lancs	1613
Elizabeth Dickenson	Knaresborough	1621
Bessie Dunlop	Ayrshire	1576
Elizabeth Duquenin	Guernsey	1610

Elizabeth Ewstace	St. Osyth	1582
Elspet Falconer	Auldearne	1662
Elspet Findlay	Aberdeen	1597
Elizabeth Fletcher	Knaresborough	1621
Elspett Forbes	Aberdeen	1597
Elizabeth Francis	Chelmsford	1556
Bessie Friece	Auldearne	1662
Elspet Galie	Bute	1662
Elizabeth Garlick	Conn.	1657
Elizabeth Gauvein	Guernsey	1639
Elspet Gilbert	Auldearne	1662
Elizabeth Godman	Conn.	1653
Elizabeth Gooding	Manningtree	1645
Bessie Graham	Kilwinning	1649
Elspet Graham	Dalkeith	1661
Elspet Gray	Bute	1662
Bessie Gulene	N. Berwick	1590
Elizabeth Hare	Essex	1645
Elizabeth Hargraves	Lancs	1613
Elizabeth Harvy	Ramsey, Essex	1645
Bessie Hay	Auldearne	1662
Bessie Henderson	Crook of Devon	1662
Elizabeth Howgate	Lancs	1613
Bessie Hucheons	Auldearne	1662
Elizabeth Knap	Groton	1671
Elspet Laird	Auldearne	1662
Elizabeth le Hardy	Guernsey	1631
Elspet Leyis	Aberdeen	1597
Elspet Macbeith	Auldearne	1662
Elspet Makhomie	Auldearne	1662
Bessie Moffat	Dalkeith	1661
Elspet Moinness	Aberdeen	1597
Elspet NcWilliam	Bute	1662
Bessie Neil	Crook of Devon	1662
Elspet Nishie	Auldearne	1662
Bessie Paton	Alloa	1658
Bessie Paul	Aberdeen	1597
Bessie Peterkin	Auldearne	1662
Elizabeth Pickering	Northumberland	1673
Elspeth Reoch	Orkney	1616
Bessie Robson	N. Berwick	1590
Elizabeth Sawyer	Edmonton	1621
Elizabeth Seager	Conn.	1662
Elspet Smyth	Aberdeen	1597

Elspeth Spence	Bute	1662
Elizabeth Stile	Somerset	1664
Elizabeth Stile	Windsor	1579
Elspet Strathaquin	Aberdeen	1597
Bessie Thom	Aberdeen	1597
Bessie Thomson	N. Berwick	1590
Bessie Vickar	Borrowstowness	1679
Elizabeth Weed	Hunts	1646
Bessie Weir	Paisley	1678
Bessie Wilson	Auldearne	1662
Bessie Wright	N. Berwick	1590
Elizabeth Wright	Burton-on-Trent	1597
Bessie Young	Auldearne	1662
Ellen Bierley	Lancs	1613
Ellen Gray	Aberdeen	1597
Ellen Green	Leicester	1619
Elinor Shaw	Northampton	1705
Euphemia McCalyan	N. Berwick	1590
Frances Dicconson	Lancs	1613
Frances Moore	Hunts	1646
George Ellies	Forfar	1661
Gideon Penman	Crichton	1678
Gilbert Fidler	Aberdeen	1597
Gilbert McGill	N. Berwick	1590
Giles Fenderlin	Leaven Heath	1652
Gellis Duncan	N. Berwick	1590
Gilles Hutton	Crook of Devon	1662
Girette le Parmentier	Guernsey	1620
Gracyenne Gousset	Guernsey	1563
Grace Hay	Lancs	1613
Grissell Gairdner	Newburgh	1610
Grissall Sinklar	Auldearne	1662
Guillemine la Bousse	Guernsey	1622
Guillemine Vaultier	Guernsey	1610
Hellen Alexander	Forfar	1661
Hellen Clark	Manningtree	1645
Helen Cothills	Forfar	1661
Helen Fraser	Aberdeen	1597
Helen Guthrie	Forfar	1661
Helen Hill	Queensferry	1644
Helen Inglis	Auldearne	1661
Hellen Jenkinson	Northampton	1612
Helen Lauder	N. Berwick	1590
Helène le Brun	Guernsey	1609

Helen Makkie	Aberdeen	1597
Hellen Pennie	Aberdeen	1597
Helen Rogie	Aberdeen	1597
Helen Thomson	Queensferry	1644
Helen White	N. Berwick	1590
Henry Graver	Knarborough	1621
Henry Walter	Somerset	1665
Hugh Crosia	Conn.	1693
Isobel Adams	Pittenweem	1704
Issabel Andrews	Northumberland	1673
Isobel Bairdie	Edinburgh	1649
Issobell Barroun	Aberdeen	1597
Isabel Becquet	Guernsey	1617
Isobel Black	Crook of Devon	1662
Issobell Burnett	Aberdeen	1597
Issobell Coky	Aberdeen	1597
Isabel Condie	Crook of Devon	1662
Issobell Crawford	Irvine	1618
Isobel Dorward	Forfar	1661
Issobell Forbes	Aberdeen	1597
Isobel Friece	Auldearne	1662
Isobel Gairdner	Edinburgh	1649
Isabel Gibson	Crook of Devon	1662
Issobell Gowdie	Auldearne	1662
Issobell Griersoune	Edinburgh	1607
Issobell Gylour	N. Berwick	1590
Isobel Haldane	Perth	1607
Isobel Inch	Irvine	1618
Issabell Johnson	Northumberland	1673
Issobell Lauder	N. Berwick	1590
Issobell Menteithe	Aberdeen	1597
Isobel More	NcKaw Bute	1662
Isobel More	Auldearne	1662
Issobell McNeill	Bute	1662
Issobell McNicoll	Bute	1662
Issobell Nicoll	Auldearne	1662
Issobell Oige	Aberdeen	1597
Isobel Ramsay	Edinburgh	1661
Issobell Richie	Aberdeen	1597
Issobell Robbie	Aberdeen	1597
Isobel Robey	Lancs	1613
Isabel Rutherford	Crook of Devon	1662
Issobell Shyrie	Forfar	1661
Isabel Sidegraves	Lancs	1613

Issobell Smith	Forfar	1661
Issobell Strathaquin	Aberdeen	1597
Issabell Thompson	Northumberland	1673
Isobel Young	Queensferry	1644
James Bush	Somerset	1664
James Devise	Lancs	1613
James Hudston	Alloa	1658
James Kirk	Alloa	1658
James Og	Aberdeen	1597
James Walkley	Conn.	1662
Jonet Anderson	Edinburgh	1657
Jane Baites	Northumberland	1673
Jonet Barrie	Forfar	1661
Jeanne Bichot	Guernsey	1619
Jennet Bierley	Lancs	1613
Jannet Blandilands	Edinburgh	1590
Janet Breadheid	Auldearne	1662
Janet Brown	Edinburgh	1649
Janet Brugh	Crook of Devon	1662
Jane Bulcock	Lancs	1613
Janet Burnet	Auldearne	1662
Jonet Campbell	Edinburgh	1590
Jonet Campbell	N. Berwick	1590
Joan Cariden	Faversham	1645
Joan Carrington	Conn.	1651
Jonett Clark	Edinburgh	1590
Jonet Cleracht	Aberdeen	1597
Jennot Cooke	Dalkeith	1661
Johan Cooper Much	Holland, Essex	1645
Jonet Corset	Pittenweem	1704
Jennet Cronkshaw	Lancs	1613
Janet Cunningham	Edinburgh	1590
Jonet Davidson	Aberdeen	1597
Jeanne de Bertran	Guernsey	1626
Jenette de Garis	Guernsey	1631
Jonet Degeddes	Aberdeen	1597
Jennet Devise	Lancs	1613
Jennit Dibble	Knarborough	1621
Jonet Drever	Orkney	1615
Jeannette Dumaresq	Guernsey	1570
Janet Finlay	Auldearne	1662
Jean Fulton	Bargarran	1697
Jonet Gaw (Gall)	N. Berwick	1590
Jonet Grant	Aberdeen	1597

Jonett Grant	Edinburgh	1590
Jeanne Guignon	Guernsey	1570
Jonet Guissett	Aberdeen	1597
Jennet Hargraves	Lancs	1613
Jonet Hird	Crook of Devon	1662
Jonet Hood	Crook of Devon	1662
Jane Hopper	Northumberland	1673
Jane Hott	Faversham	1645
Jonet Howit	Forfar	1661
Jonet Hunter	Ayrshire	1605
Jonet Isack	Bute	1662
Jonat Kaw	Perth	1607
Jean King	Innerkip	1662
Jeanne le Cornu	Guernsey	1620
Jeannette le Gallées	Guernsey	1570
Jonet Leisk	Aberdeen	1597
Jonet Leyis	Aberdeen	1597
Jonet Logan	N. Berwick	1590
Janet Lowry	Queensferry	1644
Jonet Lucas	Aberdeen	1597
Joane Lucus	Northampton	1612
Jane Makepiece	Northumberland	1673
Janet Man	Auldearne	1662
Janet Mathie	Paisley	1678
Jonet McConachie	Bute	1662
Jonet Mcilmertine	Bute	1642
Jonet McNeill	Bute	1662
Jonet McNickell	Bute	1662
Jonet Mctyre	Bute	1642
Jenot Meiklejohn	Dalkeith	1661
Jonet Millar	Alloa	1658
Jonet Morison	Bute	1662
Janet Mowbray	Queensferry	1644
Jonet Nctyre	Bute	1642
Jonet Nicholson	N. Berwick	1590
Jonet Nicoll	Bute	1662
Jonet Paiston	Dalkeith	1661
Jonet Paterson	Alloa	1659
Janet Paton	Crook of Devon	1662
Janet Paton	Kilduff	1662
Joan Pechey	St. Osyth	1582
Joan Peterson	Wapping	1652
Jennet Preston	Lancs	1613
Jonet Reid	Alloa	1658

Jonet Reid	Orkney	1633
Jonet Rendall	Orkney	1629
Joan Robinson	St. Osyth	1582
Janet Rodgers	Bargarran	1697
Janet Scot	Innerkip	1662
Janet Smith	Auldearne	1662
Jonet Smyth	Aberdeen	1597
Jane Southworth	Lancs	1613
Jonet Spaldarg	Aberdeen	1597
Jonet Stewart	Edinburgh	1597
Jonet Stout	Forfar	1661
Jonet Stratton	N. Berwick	1590
Jean Sutherland	Auldearne	1662
Jone Syms	Somerset	1664
Janet Thomson	Edinburgh	1649
Jeanne Tourgis	Guernsey	1622
Joanne Vaughan	Northampton	1612
Janet Wagh	Bargarran	1697
Joan Walliford	Faversham	1645
Joane Wallis	Hunts	1646
Joan Waterhouse	Chelmsford	1556
Jonet Watson	Dalkeith	1661
Jean Weir	Edinburgh	1670
Jennet Wilkinson	Lancs	1613
Joane Willimot	Leicester	1619
Jonet Wishert	Aberdeen	1597
John Brugh	Edinburgh	1643
John Bulcock	Lancs	1613
John Carington	Conn.	1651
John Clarke	Hunts	1646
John Combes	Somerset	1664
John Couper	N. Berwick	1590
John Crauforth	Northumberland	1673
Johnne Damiet	Edinburgh	1597
John Douglas	Tranent	1659
John Fian	N. Berwick	1590
John Galie	Bute	1662
John Gordon (Gray-meill)	N. Berwick	1590
John Lamén, Pai	St. Albans	1649
John Lamén, Filho	St. Albans	1649
John Leyis	Aberdeen	1597
John Lindsay	Bargarran	1697
John McGill	N. Berwick	1590
John Palmer	St. Albans	1649

John Ramsden	Lancs	1613
John Reid	Bargarran	1697
John Robertson	Auldearne	1662
John Salmon	St. Albans	1649
John McWilliam Sclater	Edinburgh	1656
John Stewart	Irving	1618
John Stuart	Paisley	1678
John Tailzeour	Forfar	1661
John Taylor	Auldearne	1662
John Vining	Somerset	1664
John Whitfield	Northumberland	1673
John Winnick	Hunts	1646
John Young	Auldearne	1662
Joseph Salmon	St. Albans	1649
Josine Deblicq	Hainault	1616
Joyce Boanes	St. Osyth	1645
Judith Moone	Thorp, Essex	1645
Judeth Salmon	St. Albans	1649
Judith Varlet	Conn.	1662
Julian Cox	Somerset	1665
Katherine Blair	Glasgow	1622
Kathren Blak	Alloa	1658
Katherine Campbell	N. Berwick	1590
Katherine Campbell	Bargarran	1697
Katherine Carruthers	N. Berwick	1590
Katherine Craige	Orkney	1633
Katherine Cristell	Bute	1662
Katherine Duncan	N. Berwick	1590
Katherine Earle	Yorks	1654
Catherine Elliot	Northumberland	1673
Katherine Eustache	Guernsey	1581
Katherine Fernsche	Aberdeen	1597
Katherine Ferris	Aberdeen	1597
Katherine Frissell	Bute	1662
Katherine Gerard	Aberdeen	1597
Kait Gray	N. Berwick	1590
Catherine Green	Somerset	1665
Catherine Halloudis	Guernsey	1622
Katherine Harrison	Conn.	1662
Katherine Heirst	Lancs	1613
Catherine Logie	Queensferry	1644
Katherine McGill	N. Berwick	1590
Katherine McTeir	Ayrshire	1605
Katherine McWilliam	Bute	1662

Katherine Miller	Orkney	1633
Kathren Mitchell	Aberdeen	1597
Kathrin Moore	Bute	1662
Katherine Oswald	Edinburgh	1629
Katharene Portour	Forfar	1661
Catherine Prays	Guernsey	1563
Kathren Renny	Alloa	1658
Catherine Robert	Guernsey	1639
Katherine Scott	Innerkip	1662
Kathren Sowter	Auldearne	1662
Katherine Stewart	Bute	1662
Catherine Thomson	Queensferry	1644
Kait Wallace	N. Berwick	1590
Katharene Wallace	Forfar	1661
Lawrence Hay	Lancs	1613
Laurenche Jehan	Guernsey	1570
Laurence l'Eustache	Guernsey	1617
Lilias Adie	Torryburn	1704
Lillie Wallace	Pittenweem	1704
Lucy Thompson	Northumberland	1673
Lydia Gilbert	Conn.	1654
Malie Geddie	N. Berwick	1590
Manie Haliburton	Dirlton	1649
Marable Cooper	Orkney	1633
Margaret Agar	Somerset	1664
Margaret Aitchison	N. Berwick	1590
Margaret Aynsley	Northumberland	1673
Margaret Irvine	Irvine	1618
Margret Bean	Aberdeen	1597
Meg Begtoun	N. Berwick	1590
Marget Beveridge	Crook of Devon	1662
Margret Brodie	Auldearne	1662
Margaret Brown	Queensferry	1644
Margaret Clarke	Somerset	1664
Margrat Cleraucht	Aberdeen	1597
Margaret Craige	Paisley	1678
Margaret Dauline	Queensferry	1644
Margret Demperstoun	Alloa	1658
Margret Duchall	Alloa	1658
Margaret Duncane	Ayrshire	1605
Margaret Duncane	Crook of Devon	1662
Margaret Dwn	N. Berwick	1590
Margaret Fulton	Bargarran	1697
Margaret Grevell	St. Osyth	1582

Margaret Hamilton (Mitchell)	Borrowstowness	1679
Margaret Hamilton (Pullwart)	Borrowstowness	1679
Margrat Holm	Innerkip	1662
Margret Hucheons	Auldearne	1662
Margaret Huggon	Crook of Devon	1662
Maget Hutton	Crook of Devon	1662
Margrat Innes	Aberdeen	1597
Margaret Jackson	Paisley	1678
Margaret Jennings	Conn.	1661
Margaret Johnson	Lancs	1633
Margaret Keltie	Crook of Devon	1662
Margaret Kyllie	Auldearne	1662
Margaret Laing	Bargarran	1697
Margaret Landish	St. Osyth	1645
Margaret Litster	Crook of Devon	1662
Margaret Loy	Liverpool	1667
Margaret McGuffok	Ayrshire	1605
Margret McKenzie	Innerkip	1662
Margaret McNeill	Bute	1662
Margaret McNickell	Bute	1662
Margaret McNish	Crook of Devon	1662
Margaret McWilliam	Bute	1662
Margaret Moone	Thorp, Esses	1645
Margaret Morton	Yorks	1650
Margaret Ncilduy	Bute	1662
Margaret NcLevin	Bute	1662
Margaret Nicoll	Forfar	1661
Margaret Nin-Gilbert	Thurso	1719
Margret Og	Aberdeen	1597
Margaret Pearson	Lancs	1613
Marguerite Picot	Guernsey	1629
Margaret Pringle	Borrowstowness	1679
Margrat Reauch	Aberdeen	1597
Margaret Rodgers	Bargarran	1697
Margrat Scherar	Aberdeen	1597
Margaret Simson	Hunts	1646
Margaret Smith	Bute	1662
Margrat Smyth	Aberdeen	1597
Meg Stillcart	N. Berwick	1590
Margret Tailzeour	Alloa	1658
Marguerite Tardif	Guernsey	1624
Margaret Thomson	N. Berwick	1590
Margaret Waite, Mãe	Knareborough	1621
Margaret Waite, Filha	Knareborough	1621

Margaret Wallace	Glasgow	1622
Margret Wilson	Auldearne	1662
Margaret Young	Crook of Devon	1662
Margarett (sobrenome desconhecido)	Northumberland	1673
Marion Bailzie	N. Berwick	1590
Marion Congilton	N. Berwick	1590
Marion Dauline	Queensferry	1644
Marion Frissell	Bute	1642
Marrion Fyfe	Crook of Devon	1662
Marion Grant	Aberdeen	1597
Marion Hocket	Ramsey, Essex	1645
Marion Linkup	Leith	1590
Marion Little	Queensferry	1644
Marion Nicholson	N. Berwick	1590
Marion Paterson	N. Berwick	1590
Marion Richart	Orkney	1633
Marion Scheill (Shaw)	N. Berwick	1590
Marion Stein	Queensferry	1644
Marrion Thomson	Crook of Devon	1662
Marion Wod	Aberdeen	1597
Marion (Marion da Irlanda)	N. Berwick	1590
Marjorie Dunbar	Auldearne	1662
Marjorie Man	Auldearne	1662
Marjorie Mutch	Aberdeen	1597
Marjorie Ritchie	Forfar	1661
Margery Sammon	St. Osyth	1582
Margery Stoakes	St. Osyth	1645
Marjorie Taylor	Auldearne	1662
Martha Semple	Bargarran	1697
Martin Tulouff	Guernsey	1563
Mary Barber	Northampton	1612
Mary Barnes	Conn.	1662
Marie Becquet	Guernsey	1617
Mary Bychance	St. Albans	1649
Marie Clouet	Guernsey	1631
Marie de Calais	Guernsey	1617
Marie de Calais	Guernsey	1631
Marie du Mont	Guernsey	1617
Marie Gauvein	Guernsey	1570
Mary Green	Somerset	1664
Mary Greenleife	Alresford, Essex	1645
Marie Guilbert	Guernsey	1639
Marie Guillemotte	Guernsey	1634
Mary Hunter	Northumberland	1673

Mary Johnson	Wyvenhoe, Essex	1645
Mary Johnson	Conn.	1647
Mary Lamén, Mãe	St. Albans	1649
Mary Lamén, Filha	St. Albans	1649
Marie Lamont	Innerkip	1662
Marie Mabile	Guernsey	1631
Marie Martin	Guernsey	1588
Marie McKaw	Bute	1662
Mary McNiven	Bute	1662
Marie Mortimer	Guernsey	1631
Marie More NcCuill	Bute	1662
Marie Paterson	N. Berwick	1590
Mary Penny	Somerset	1664
Mary Phillips	Northampton	1705
Mary Read	Lenham	1652
Marie Roland	Guernsey	1601
Marie Roland	Guernsey	1634
Mary Rynd	Forfar	1661
Mary Sanford	Conn.	1662
Marie Shuttleworth	Lancs	1613
Mary Sikes	Yorks	1649
Marie Sohier	Guernsey	1626
Marie Spencer	Lancs	1613
Marie Stewart	Bute	1662
Mary Trembles	Bideford	1682
Mary Warberton	Somerset	1665
Masie Aitchison	N. Berwick	1590
Mercy Disborough	Conn.	1692
Meslie Hirdall	Auldearne	1662
Michael Aynsley	Northumberland	1673
Michael Clark	N. Berwick	1590
Mildred Wright	Maidstone	1652
Nathaniel Greensmith	Conn.	1662
Nicholas Jennings	Conn.	1661
Patrick Lowrie	Ayrshire	1605
Patrick McKaw	Bute	1662
Patrik Watson	Dirlton	1649
Perine Marest	Guernsey	1622
Philippine le Parmentier	Guernsey	1617
Rachel King	Somerset	1665
Rebecca Greensmith	Conn.	1662
Rebecca Jones	St. Osyth	1645
Rebecca Weste	Lawford, Essex	1645
Richard Dickes	Somerset	1665

Richard Graham	Edinburgh	1590
Richard Larmen	Somerset	1665
Robert Grierson	N. Berwick	1590
Robert Grieve	Lauder	1649
Robert Wilkinson	Lancs	1613
Robert Wilson	Crook of Devon	1662
Rose Cullender	Bury	1664
Rose Hallybread	St. Osyth	1645
Sarah Barton	Harwich	1645
Sarah Cooper	Essex	1645
Sarah Hating	Ramsey, Essex	1645
Sarah Smith	St. Albans	1649
Susan Cock	St. Osyth	1645
Susanna Edwards	Bideford	1682
Susanne Prudhomme	Guernsey	1629
Susanne Rouanne	Guernsey	1631
Temperance Lloyd	Bideford	1682
Thomas Bolster	Somerset	1665
Thomas Burnhill	N. Berwick	1590
Thomas Durning	Somerset	1665
Thomas Leyis	Aberdeen	1597
Thomas Weir	Edinburgh	1670
Thomasse de Calais	Guernsey	1617
Thomazine Ratcliffe	Suffolk	1645
Thomasse Salmon	Guernsey	1570
Thomasine Watson	Northumberland	1673
Ursley Kemp	St. Osyth	1582
Vyolett Leyis	Aberdeen	1597
Walter Ledy	Auldearne	1662
William Ayres	Conn.	1662
William Barton	Queensferry	1655
William Berry	Rutland	1619
William Coke	Kirkcaldy	1636
William Craw	Borrowstowness	1679
William Wright	Northumberland	1673

Apêndice IV — Joana d'Arc e Gilles de Rais

Estes dois personagens — tão intimamente relacionados na vida e morrendo de forma tão semelhante, porém com grandes diferenças de caráter — foram minuciosamente estudados a partir dos pontos de vista histórico e médico e, no caso de Joana, também do ponto de vista religioso. No entanto, até agora o aspecto antropológico foi desconsiderado. Isso em sua maior parte se deve ao fato de estes extensos estudos terem sido realizados sobre cada um deles separadamente; entretanto, para obtermos uma verdadeira perspectiva, os dois devem ser analisados juntos. Este tratamento individual deve-se provavelmente às amplas divergências entre essas duas pessoas importantes; a simplicidade e a pureza de um apresenta um contraste marcante com relação aos atributos repulsivos do outro. Contudo, olhando pelo lado antropológico, a ligação entre os dois é tão fortemente marcante como os contrastes de caráter.

O caso de Joana é facilmente estudado, embora os documentos não sejam de fácil acesso.⁸⁸⁰ Anatole France percebeu que por trás de Joana existia alguma espécie de poder oculto, o que Charles VII temia e do qual ele, contra sua vontade, aceitou ajuda. Sr. France vê neste poder um partido da Igreja e, sob sua análise, a Igreja era em si uma casa dividida contra si mesma. Embora de acordo com a idéia de que Joana era o ponto de partida de uma grande e poderosa organização, observo que nesta organização a religião principal permeava as ordens mais inferiores das pessoas na França, assim como na Inglaterra, a mesma religião que eu apresento nos capítulos anteriores. Os soldados, subtraídos das ordens inferiores, seguiam sem hesitação aqueles que eles acreditavam terem sido os enviados por seu Deus, enquanto que o exército como um todo era comandado pelo Marshall Gilles de Rais que, aparentemente, tentava fazer parte de ambas as religiões ao mesmo tempo.

880. É aconselhável ler o julgamento registrado nos idiomas originais do latim e do francês, visto que as traduções geralmente têm adaptações cristãs, como por exemplo "o Rei do Céu" sendo referido como "nosso Senhor" e "meu Senhor" como "nosso Salvador". Isso não é uma prática justa, mas sim, equivocada.

1. Joana d'Arc

As perguntas feitas pelos juizes a Joana em seu julgamento mostram que eles estavam bastante cientes de uma organização de base que os enchia de temor. Os juizes eram eclesiásticos, e a acusação contra a prisioneira era baseada nos aspectos da fé e da doutrina cristãs, bem como da observância eclesiástica. Este foi o primeiro grande julgamento de força entre as religiões nova e antiga, e as condições políticas deram vitória à nova que, por conseqüência, triunfou. “Agora nós a pegamos”, disse o Bispo de Beauvais, e ela foi queimada sem qualquer formalidade que lhe garantisse o direito de ser levada até as autoridades seculares. Após a execução, os juizes e conselheiros que julgaram Joana receberam cartas de condolências do Grande Conselho; o Chanceler da Inglaterra enviou cartas ao Imperador, aos reis e príncipes de Christendom, para todos os nobres e cidades da França, explicando que o Rei Henry e seus Conselheiros tinham condenado Joana à morte para preservar a fé cristã, e a Universidade de Paris enviou cartas semelhantes para o Papa, o Imperador e o Colégio dos Cardeais. Tal ação mal pode ser explicada se Joana tivesse sido apenas uma simples herege ou uma mera prisioneira política. Porém, se diante dos olhos da grande massa da população ela não era vista meramente como uma líder religiosa, mas sim como o próprio Deus encarnado, é natural que as autoridades, que tinham urgência de sua morte, tenham se apoiado na necessidade de zelo para com a religião cristã, que foi a explicação dada por eles com relação às suas razões para o cumprimento da execução. Por outro lado, a crença de que Joana era a encarnação de Deus explica, como nenhum outro fato o faz, o motivo da extraordinária indiferença dos franceses, que jamais levantaram um dedo para resgatar ou salvar Joana das mãos dos burgueses ou dos ingleses. Como o próprio Deus ou sua voluntária substituta, ela estava fadada a sofrer com um sacrifício no lugar de seu povo, e ninguém podia sequer tentar salvá-la.

Ao compararmos os fatos, extraídos do julgamento com o Culto Diânico como foi abordado nos capítulos anteriores, as coincidências são numerosas demais para serem meramente acidentais. Eu não proponho entrarmos em uma discussão detalhada sobre o julgamento, mas sim chamar a atenção do leitor para alguns pontos nesta relação.

As perguntas feitas a Joana com relação às fadas parecem ao leitor moderno serem totalmente irrelevantes, embora muita importância esteja evidentemente relacionada às respostas dadas. Ela não foi capaz de refutar, embora tenha negado, o boato popular de que “Joana recebeu sua missão na árvore das Senhoras Fadas” (*Iohanna ceperat factum suum apud arborem Dominarum Fatalium*), e ela foi finalmente forçada a admitir que ouviu pela primeira vez as “vozes” próximo daquele lugar. A ligação com as fadas era um fato tão condenável aos olhos do Bispo de Beauvais e seus

colegas como foram mais tarde para os olhos dos juizes que julgaram John Walsh e Aleson Peirson.

Os nomes dos santos cristãos, dados às pessoas que Joana chamava como sendo os de suas “vozes”, têm confundido os escritores modernos; mas as perguntas despejadas sobre ela mostram que os juizes tinham suspeitas astutas sobre a identidade daquelas pessoas. Que as “vozes” eram de seres humanos fica claro ao analisarmos o depoimento da própria Joana: “Aqueles que sabem que a voz me foi enviada por Deus, são aqueles que já a ouviram antes. O meu rei e muitas outras pessoas já viram e ouviram as vozes que chegam até mim... Eu o vi [São Miguel] com meus próprios olhos da mesma forma que posso ver você diante de mim.” Ela se recusou a descrever São Miguel; e levando em consideração algumas das descrições do demônio em outros julgamentos, é interessante percebermos que os juizes colocaram a ela as perguntas de tal forma que causaram a impressão de que São Miguel tinha vindo até ela nu, ao que ela não deu uma resposta direta. Mais tarde, o diálogo seguinte foi sobre o fato de o demônio ter se apresentado na forma de um anjo; perguntaram-lhe que meios ela teria para saber se ele se tratava de um anjo bom ou um anjo ruim. Mais uma vez a resposta de Joana não foi direta: “Eu saberia com toda certeza se ele era São Miguel ou um falsário”. Ela então declarou que o tinha visto muitas vezes antes de saber que ele era São Miguel; quando criança, ela o tinha visto e se lembrava de ter sentido medo. Quando a pressionaram para obter uma descrição, ela respondeu que ele vinha “na forma de um verdadeiro homem honesto” [*tres vray preudomme, forma unius verissimi probi hominis*].⁸⁸¹ As considerações do julgamento provam que Joana continuamente recebia conselhos dos “santos”. A pessoa que ela chamava de “Santa Catarina” estava obviamente no castelo e era capaz de se comunicar com a prisioneira; isso não era difícil, pois as evidências mostram que existia uma passagem escondida entre o quarto de Joana e o vizinho. Era no quarto conjugado, próximo à abertura, que os escrivãos se sentaram para anotar as palavras de Joana quando o espião Loyseleur fazia com que ela se dispusesse a conversar com ele; e foi certamente por meio deste buraco que “Santa Catarina” falava quando acordava Joana sem ter que tocá-la”, e também quando Joana não conseguia escutar claramente o que ela dizia “com relação aos baralhos no castelo”. Uma observação de Joana era a de que “ela sempre as ouvia [as vozes] entre os cristãos, sendo que não podia vê-los”, é digno de atenção o uso da palavra cristão, sugerindo que as “vozes” eram de uma religião diferente. A observação também deve ser comparada com a explicação dada por Bessie Dunlop com relação ao fato de ela ter reconhecido Thom Reid quando aqueles que sempre estiveram a seu lado não foram capazes de reconhecê-lo; e com a declaração de Danaeus

881. Compare a descrição mais grosseira de Thom Reid feita por Bessie Dunlop: “Um homem idoso e feio”.

que entre um grande número de homens, o bruxo somente conhecia Satã, que está presente, quando outros não o reconhecem, embora eles vejam outro homem, mas o que ou quem ele é, eles não sabem dizer.

Os pontos do pecado mortal, dos quais Joana finalmente foi acusada, foram os seguintes: 1. o ataque a Paris em um dia de festa; 2. roubar o cavalo do Bispo de Senlis; 3. saltar da torre de Beaurevoir; 4. usar roupas masculinas; 5. consentir a morte de Franquet d'Arras, em Lagny.

Destas acusações, a mais surpreendente para as idéias modernas é a que se refere às roupas; contudo, foi a ela que os juízes creditaram maior importância. Nem mesmo a mais severa das normas de conduta tinha, até então, condenado alguém pelo uso de roupas masculinas considerando isso um crime capital; ainda assim, embora Joana tivesse desmentido o fato e tivesse sido recebida pela Igreja, no momento em que ela vestiu suas roupas de homem, foi condenada. Se ela vestiu ou não as roupas por acidente, por traição, ou por simples vanglória, este extraordinário fato de usar tais vestimentas masculinas foi o sinal para sua morte sem sequer necessidade de mais julgamentos. No domingo ela usava o vestido, na segunda ela foi condenada, na terça a sentença foi comunicada a ela, na quarta ela foi queimada como uma "idólatra, desertora, herege, falsa". Se, como eu imagino, ela fazia parte do Culto Diânico, o fato de usar roupas masculinas deve ter sido, para ela, um sinal externo de sua fé e por ela ter insistido nisso, teve sua condenação cumprida; a inscrição na capa que cobria sua frente, que ela usou em sua execução, mostra que os juízes pelo menos tinham tal opinião. Durante o julgamento, foram feitas a ela várias perguntas sobre o porquê das roupas, e ela reconheceu que as usava não por causa dos conselhos de um ser humano [*per consilium hominis mundi*]... "*Totum quod feci est per praeceptum Domini, et si aliam praeciperet assumere ego assumerem, postquam hoc esset per praeceptum Dei*". Ao perguntarem se ela achava que estava cometendo pecados capitais se usasse roupas femininas, ela respondeu que ela fazia melhor por estar obedecendo e servindo seu Senhor supremo, que era Deus. Ela se recusava a usar um vestido de mulher se não fosse esta uma ordem de Deus: "Eu prefiro morrer a contrariar o que Deus me pede".

Em suas cartas, às vezes eram colocadas as palavras Jhesus Maria ou uma cruz. "Às vezes eu coloco uma cruz como um sinal para os que fazem parte do meu grupo, para quem escrevo, para que eles não façam aquilo que lêem na carta." Embora a marca se tratasse meramente de um sinal como código para o destinatário da carta, parece pouco provável que um cristão daquela época teria usado o símbolo da fé para tal propósito. Ela também consistentemente se recusava a fazer um juramento sobre o Novo Testamento, e era dificilmente persuadida a fazer votos sobre o Missal. Quando lhe perguntaram se ela alguma vez tinha blasfemado [*blasphemaverit*] contra Deus, ela respondeu que nunca havia amaldiçoado os santos [*maldixit Sanctum vel Sanctam*]. Quando pressionada para responder se havia ne-

gado [*denegaverit*] a Deus, ela mais uma vez se recusou a dar uma resposta direta, dizendo que não havia renegado os santos [*denegaverit nec Sanctam*].

O sentimento geral com relação a ela entre os sacerdotes cristãos é mostrado pela ação do Irmão Richard. Quando ele esteve pela primeira vez na presença dela "ele fez o sinal-da-cruz e respingou água benta, e eu disse a ele: aproxime-se sem medo, eu não irei fugir voando".

Um outro ponto a ser observado é quanto à sua resposta sobre ela ter aprendido o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o credo com sua mãe, assim provando que ela não vinha de uma família de bruxas. De acordo com Reginald Scot, era prova suficiente para condenar uma mulher à morte como sendo uma bruxa se sua mãe tivesse sido uma bruxa antes dela. Ao mesmo tempo, entretanto, Joana se recusou a rezar o Pai-Nosso, exceto quando estivesse se confessando, quando os lábios do padre estavam comprometidos com o silêncio, caso ela revelasse não ser uma cristã. Ela aceitou prontamente a se confessar com o Bispo de Beauvais, mas ele se fez muito cauteloso tentando surpreendê-la.

Ela ouviu pela primeira vez as "vozes" quando tinha treze anos de idade, o momento de costume do demônio e a bruxa selarem um "pacto". Uma de suas seguidoras, Pierronne, foi queimada como bruxa, confessando que ela tinha conversado com Deus como de amiga para amigo, e descreveu as vestes de sua divindade com muito detalhe, o que prova a realidade da ocorrência. Ainda, se existe algum peso a ser relacionado com certos nomes — o que parece comum após a análise das listas dadas acima — então, temos nesta história quatro dos principais nomes de bruxas: Joan, a filha de Isabel, as duas santas Katherine e Margaret. Estas coincidências podem parecer pequenas, mas existem coisas demais para serem ignoradas.

Existem provas nas próprias palavras de Joana de que ela sentia uma presença divina e também de que ela sabia que seu tempo era limitado, porém ela nunca percebeu até o fim que o final significava sua morte; isso, entretanto, as "vozes" sabiam e era por esse motivo que elas a estavam preparando. No início do julgamento, "ela disse que tinha vindo de Deus e que não tinha nada para fazer ali, pedindo que fosse enviada de volta para Deus de onde tinha vindo [*dixit quod venit ex parte Dei, et non habet quid negotiari quidquam, petens ut remitteretur ad Deum a quo venerat*]. "Muitas vezes ela disse a ele [o Rei]: eu irei viver por um ano, ou pouco mais que isso. Durante este ano, espero que seja feito tudo o que for possível." As "vozes" diziam a ela que seria levada antes da festa de St. John, e que assim deveria ser, e que ela não deveria se sentir incomodada, mas aceitar de boa vontade a ajuda de Deus. Eles também disseram que era necessário que ela fosse capturada: "Aceite tudo de boa vontade, não se importe com seu sofrimento, porque você irá finalmente alcançar o paraíso". Na terça-feira fatal, quando ela recebeu sua sentença, sua carne e seu espírito cede-

ram à idéia do sofrimento que estava por vir, e ela gritou dizendo que suas “vozes” a tinham enganado, porque ela imaginava que em sua prisão, já tivesse sofrido a crueldade prometida. Contudo, num prazo de vinte e quatro horas ela foi para a fogueira com uma coragem insaciada, reconhecendo que suas “vozes” eram de Deus. Como John Fian, quase dois séculos mais tarde, seu espírito tinha morrido, porém mais tarde como Fian ela resistiu até o fim, morrendo como uma mártir para o Deus que havia explorado sua confiança e simplicidade e a quem tinha tão bem servido. Para ela, as palavras de De Lancre são bastante apropriadas: “As bruxas são tão devotas a servi-lo que nem a tortura nem a morte podem amedrontá-las, e elas enfrentam o sofrimento e a morte por amor a ele com tanta alegria como se participassem de um festival de prazer e regozijo público.”

As cinzas foram recolhidas e jogadas em água corrente; um ritual comum nas religiões da cultura inferior, após o sacrifício do Deus encarnado. Também vale a pena observar que Rouen foi uma das cidades francesas onde ainda existia uma tradição viva do sacrifício humano.

2. Gilles de Rais

Como Joana d’Arc, Gilles de Rais foi julgado e executado como um bruxo e, da mesma forma, muito do que é um mistério neste julgamento pode também ser explicado pelo Culto Diânico.

Por parte de mãe ele descendia de Tiphaine de Champtocé, e por parte de pai, de Tiphaine de Husson; esta última era a sobrinha de Bertrand du Guesclin, e recebeu seu nome da esposa de Guesclin, que era uma fada. O nome Tiphaine parece vir da mesma raiz que Fein, Finn e Fian, todos os quais significam “fada” na Grã-Bretanha, e provavelmente também na Bretanha. Existe, portanto, uma forte indicação de uma descendência de sangue de fadas, e com este sangue também pode ter descendido sobre Gilles muitas das crenças e costumes da raça dos anões.

A ligação entre Gilles e Joana foi algo muito íntimo. Ela obteve permissão do Rei para escolher quem ela queria que fosse seu acompanhante; sua escolha de forma imediata foi Gilles, pelo fato de ela naturalmente preferir aqueles que possuíam sua própria fé. Ele já possuía uma posição de alto comando na liberação e força, e cuidou da proteção de Joana como uma parte especial de suas obrigações.

Mais tarde, mesmo depois de ele ter conquistado a posição de Marshall da França, ainda deu seqüência àqueles trabalhos, ficando com ela o dia todo quando ela foi ferida no ataque a Paris. É interessante notarmos que Charles VII concedeu permissão para estes dois grandes líderes possuírem as armas reais em seus brasões. Parece incrível que um soldado com a personalidade e

a posição de Gilles não tenha feito nenhum movimento para salvar Joana com um resgate ou com o uso de força, quando ela foi capturada. Ela não era apenas uma companheira, mas também se encontrava sob sua proteção especial, e é natural para nós pensarmos que esta honra estivesse envolvida. Mas se ele a considerasse como a designada vítima, escolhida e separada para a morte, como era a exigência da religião para aquele grupo de que tanto ela quanto ele participavam, ele nada podia fazer além de permanecer inerte e deixar que seu destino fosse cumprido. Se isso é verdade, então o “Mistério de Orleans”, do qual ele foi o autor, teria sido uma peça teatral religiosa da mesma classe das peças de mistério dos cristãos.

A extraordinária prodigalidade e extravagância de Gilles devem ter sido causadas, como é geralmente indicado, por conta da libertinagem ou da loucura, porém podem ter sido também pelo fato de ele ter seriamente acreditado que como a encarnação de Deus – ou de qualquer forma como uma candidata a tal honra – ele deveria ter aceitado tudo. Ele tinha um cavalo negro, igual ao de Joana e os dos demônios dos séculos seguintes; e em duas ocasiões diferentes ele tentou fazer um pacto com o demônio. Ele não conseguia se decidir sobre qual religião devia adotar, a antiga ou a nova, e sua vida neste sentido não foi nada além de uma constante luta interior. A antiga religião exigia sacrifícios humanos e ele os cumpria, a nova religião considerava os assassinatos como pecados mortais e ele tentava oferecer reparação por seus atos; de forma aberta ele participava de missas e orações cristãs com as maiores pompas e, secretamente, ele seguia os cultos antigos; quando estava prestes a retirar os cadáveres das vítimas do castelo de Champtocé, ele fez um voto de segredo com seus cúmplices ao fazerem juramentos para ambas as religiões; por outro lado, membros da fé antiga, que ele consultava quando se encontrava em dificuldades, o avisaram de que enquanto ele professasse o cristianismo e praticasse seus ritos nada podiam fazer por ele.

Uma transgressão das normas da Igreja o levou à justiça eclesiástica, e a Igreja não demorou a tirar vantagem de sua posição. Se ele tivesse decidido resistir, sua elevada posição o teria protegido, mas ele preferiu render-se e, como Joana, enfrentou seu julgamento sob a acusação de heresia. O julgamento não demorou muito; ele foi preso no dia 14 de setembro e executado no dia 26 de outubro. Junto com ele também foram presas outras oito pessoas, das quais duas foram executadas no mesmo dia que ele. Lembrando que treze era sempre o número de bruxas em um Coven, esta é certamente mais do que uma mera coincidência que nove homens e mulheres, incluindo Gilles, tenham sido presos, dois conseguiram se salvar escapando, e outros dois, que tinham participado ativamente da celebração dos ritos da antiga religião já tivessem morrido. Assim vemos que, já no meio do século XV, o Coven de treze já existia.

Gilles foi acusado de heresia diante da Corte que era formada somente por padres e, como Joana, ele estava disposto a ser julgado por sua fé.

Ele declarou que tinha sempre sido um cristão, o que pode ser considerado como um elemento a causar dúvida quanto ao fato de ele ser um pagão ou não. De forma repentina teve um ataque nervoso contra a autoridade da Corte, dizendo que ele preferia ser enforcado pelo pescoço com uma correia a submeter-se diante daqueles juizes. Isso só pode ser entendido se compararmos sua referência a “ser enforcado com uma correia” com o método pelo qual Playfair em 1597, John Stewart em 1618, e John Reid em 1697 tiveram suas mortes executadas.

A mudança repentina na frente deste nobre arrogante pode ser explicada pela excomunhão que foi decretada contra ele, mas isso não explica sua pressa entusiástica em confessar tudo e, acima de tudo, da que ele foi acusado, nem tampouco seu desejo e necessidade de morrer. Quanto desta confissão foi verdadeira não pode ser agora determinado, mas fica claro que ele estava decidido a executar sua própria morte. Sua ação neste caso pode ser comparada com a do Major Weir em 1670, que também foi executado por sua própria confissão voluntária de bruxaria e crimes. As últimas palavras de Gilles, embora formuladas na fraseologia cristã, mostram que não tinha se dado conta da enormidade dos crimes que ele confessou. “Nós pecamos, nós três”, ele disse para seus dois companheiros. “Mas assim que nossas almas deixarem seus corpos nós todos veremos a Deus em sua glória no paraíso. Ele foi enforcado em um cadafalso sobre uma fogueira, porém, quando o fogo queimou a corda, o corpo foi arrebatado das chamas por várias mulheres de sua família, que o prepararam para ser enterrado com suas próprias mãos, e foi assim sepultado na igreja carmelita da redondeza. Seus dois companheiros também foram enforcados, seus corpos foram queimados, e as cinzas jogadas ao vento.

No local onde Gilles foi executado, sua filha ergueu um monumento, para qual se dirigiam todas as mães em seu período de gestação rezar, pedindo para ter abundância de leite. Aqui, mais uma vez há a indicação de que ele era visto como a encarnação do Deus da fertilidade. Um outro fator sugerido é a duração de tempo de nove anos que se passou entre a morte de Joana e a de Gilles. Este é um intervalo comum quando o Deus encarnado recebe um tempo limite.

Teriam sido necessários vinte e cinco anos antes de uma ação de reabilitação ter sido tomada para Joana. No caso de Gilles, dois anos após a execução, o Rei escreveu cartas de reabilitação dizendo que “Gilles, indevidamente e sem causa, foi condenado e morto”.

Um estudo detalhado deste período pode desvendar a organização das bruxas na corte real, e possivelmente até mesmo o grande mestre a quem Joana prestava lealdade, o “Deus” que a tinha enviado. Giac, a favorita do Rei, foi executada como uma bruxa, como também o *beau duc* de Joana, o Duque d’Alençon, que também fazia parte da fraternidade.

Adendo

1324, Kilkenny, Irlanda

[Este é o registro mais antigo o qual pode dar os nomes de todos aqueles que participaram das cerimônias. Duas mulheres mais pobres foram queimadas; Dame Alice Kyteler voltou para a Inglaterra; William Outlaw, seu filho, ficou preso por algum tempo. Nada mais se sabe quanto ao destino dos demais.]

Alice Kyteler

Alice, esposa de Henry the Smith

Annota Lange (Annie Lange)

Eva de Brounstoun (Evy)

Helena Galrussyn

John Galrussyn

Petronilla de Meath

Robert de Bristol

Robin, filho de Artis (o Demônio)

Sarah, filha de Petronilla

Sysok Galrussyn

William Payn de Boly (Artison)

William Outlaw (filho de Kyteler)

Este livro foi composto em Times New Roman, corpo 11/12.

Papel Offset 75g – Bahia Sul

Impressão e Acabamento

Prol Editora Gráfica – Av. Papaiz, 581 – Jd. das Nações – Diadema/SP
CEP 09931-610 – Tel.: (0__11) 4091-6199 – e-mail: prol@prolgrafica.com.br

perseguição da bruxas na Europa foi um ataque do governo patriarcal antigo, religiões centradas em mulheres. Com este trabalho, Murray deixou sua contribuição aos seguidores do paganismo, da bruxaria e da wicca. Para a sua realização, ela foi em busca de fontes reais que serviram de subsídios para a fidelidade da obra. Em 1926, ela se tornou membro do Instituto Britânico Real Antropológico (*Britain's Royal Anthropological Institute*). Em 1931, publicou um livro sobre arqueologia egípcia, intitulado *The Splendor That Was Egypt*. De 1953 a 1955, Margaret Murray foi presidente da Sociedade Britânica de Folclore (*Britain's Folklore Society*). Em 1963, com 100 anos de idade, ela publicou sua autobiografia *Centenary and The Genesis of Religion*. Margaret Murray morreu em 1963.

